

Encontro 1. Projeto Popular para o Brasil e Agroecologia e Reforma Agrária

Popular Project for Brazil and Agroecology and Agrarian Reform

Kelly

Boa tarde companheiros e companheiras, é um prazer enorme estar aqui nesse curso. Obrigada. Amei a introdução. A apresentação inicial e como já foi dito então pelo Ney, nós vamos abordar dois temas hoje, né? Nós gostaríamos que tivesse também aqui conosco compartilhando o companheiro Geraldo, mas de alguma maneira ele não estará, porque...

O companheiro Geraldo, ele se preparou anteriormente, fez uma apresentação... Eu terei o cuidado de também mostrar a apresentação e comentar um pouco a partir dos elementos organizados pelo Geraldo, que estão muito bons para a nossa sistematização então, nesses minutos que nós temos aí pela frente eu vou primeiro apresentar o roteiro, o nosso plano de voo aqui, para essa uma hora, talvez até consiga fazer em menos tempo, para deixar mais tempo para o debate, então eu pensei da gente abordar um pouco a questão da crise do Capital, especialmente tentando caracterizar alguns aspectos da crise, né?

E pensando o quanto que isso implica, pegando o ponto de vista da agricultura, mas também da própria luta por reforma agrária popular na atualidade, depois eu vou abordar esse tema, dos fundamentos do projeto Popular para o Brasil e também vou dar uma indicação de onde que a gente pode continuar aprofundando. Esse estudo, esse debate tão necessário É nesse segundo. Eu vou fazer também algumas rápidas considerações sobre a estratégia porque o projeto Ele tá é inscrito né no âmbito do programa, no entanto, para a gente conseguir implantar e executar o programa a gente depende de uma elaboração estratégica e, mais do que isso, de uma ação estratégica. Então, vamos fazer algumas

considerações sobre isso e depois o terceiro ponto é a gente conversar um pouco sobre a questão histórica da luta pela reforma agrária mas aí, chegando na reforma agrária popular, os fundamentos da reforma agrária popular, eu sei que vocês vão ter uma aula específica sobre esses assuntos então, enfim, não posso também me demorar muito aqui e, por fim, o tema da reforma agrária popular e agroecologia.

Bom, então são esses quatro pontos, espero que vocês venham comigo neste voo aí de pouco tempo, só uma hora, mas que a gente consiga juntos e juntas dialogar um pouco sobre esse espelho. Esse é um primeiro aspecto, primeiro ponto que eu gostaria de trabalhar, é justamente como é que a gente vai caracterizando a crise atual, sempre quando a gente vai fazer uma análise de conjuntura em que vai dialogar sobre os problemas do Brasil, a gente tem partido já há algum tempo do elemento da análise da crise e o porquê de ele ser tão central.

Porque de fato é, a análise sobre a crise, a sua natureza, ela perpassa as relações sociais, ela perpassa a disputa de hegemonia que existe hoje no mundo, ela perpassa as tarefas que estão colocadas para nós, países dependentes a relação disso, ou uma atualização necessária que a gente só fazer sobre imperialismo né então a questão do aprofundamento sobre a crise, a sua natureza e seus desdobramentos, é fundamental para a gente poder o cansar no estudo dos outros temas, né?

E falar em crise no capitalismo, não é nenhuma novidade, né? Porque a gente sabe que desde o capitalismo existe, ele libera crises para se reorganizar, é da natureza do capitalismo provocar crises, até como um processo, um mecanismo interno de reorganização entre os capitalistas e também de concentração entre esses capitalistas, né? É só que o que a gente tem visto, de alguns anos para cá, é que cada vez mais a gente não está enfrentando uma crise que é própria do capitalismo, uma crise que a gente poderia caracterizar, como alguns autores fazem, uma crise cíclica que acontece de tempos em tempos e que o capital inclusive se prevalece em cima dessas crises. O que a gente está vivendo, é uma crise do sistema do Capital e é por isso que é muito importante caracterizar

essa crise, por uma crise estrutural do Capital, uma crise de dimensão política, econômica, social, ambiental e sanitária.

Como a pandemia explicitou, muitas vezes no próprio campo popular e de esquerda, a gente acabava secundarizando um pouco o aspecto ambiental, e a gente percebeu agora com a pandemia, o quanto é um grande equívoco fazer isso, porque as questões políticas, econômicas e sociais, elas estão muito ligadas com o aspecto ambiental, é uma relação orgânica entre seres humanos e natureza, e não seres humanos fora da natureza mas nós, como parte da natureza com esse desequilíbrio, colocado pela lógica do Capital, ele traz consequências e consequências muito sérias, como a gente tem visto na pandemia, essa crise estrutural do Capital revela também o novo padrão de acumulação capitalista, porque desde a história do capitalismo, a acumulação sempre ocorreu mas ela não ocorre sempre da mesma forma, e o que a gente vive desde de os anos 70 para cá, é o fortalecimento de uma esfera do capitalismo que não tá separada, é orgânica, tudo capital, nós temos convivido cada vez mais com uma predominância da financeirização, né? E esse padrão de acumulação capitalista já é demonizado, ou uma predominância da financeirização, e ele também provoca, de fato o capitalismo não consegue se reinventar e o capitalismo, ele tem um impulso por expansão, ele tem a natureza expansiva, ele é colonizador, ele é do impulso

Elétrico da natureza do Capital a expansão, então é essa a crise do Capital, ela também coloca freio já nessa expansão e ele é de fato não consegue e se Reinventar e isso já muitíssimos anos né E essa predominância também da financeirização ela gera uma grande massa de Capital, mas sem base na economia real e isso é um grande problema para o próprio capital, né? Porque isso acaba gerando, é algo que é fundamental para o capital que é.

Uma crise na própria valorização do Capital, haja vista, como a gente já aprendeu lá com velho Marx, o capital se valoriza através dos processos de... e não do trabalho especialmente, de extração da mais-valia, ocorre que esta loja e esse padrão de acumulação capitalista predominância da financeirização vai gerando um processo cada

vez mais impulsionado pelo desenvolvimento tecnológico. É por isso a importância também da gente ver a movimentação em torno da indústria 4.0, pensando na agricultura 4.0 e o quanto que isso vai aumentando, né? A dimensão da existência de trabalho morto, em detrimento a uma diminuição significativa de trabalho vivo, o que vai trazendo consequências para a valorização do capital, e essa é uma das raízes centrais da crise do Capital, que é uma crise é uma crise de superprodução, uma crise de refração mas também é.

Principalmente uma crise, a utilização do capital, e nesse processo então, a gente vê um aumento de um desemprego, de uma forma violenta esse desemprego, ele não se realoca, não é uma questão efêmera, né? Dá uma melhoria na economia, mas ele vai se repetindo, obviamente que em países independentes como o nosso, a gente sente as marcas do desemprego estrutural de uma maneira mais rápida e de uma maneira também mais devastadora, né? Nós não temos muito acúmulo de renda, pensando na grande massa de trabalhadores e esse desemprego estrutural, ele vem junto com o processo do “Não Há Vagas” mas, ao mesmo tempo também, de precarização do trabalho, por isso que não é à toa que uma das primeiras medidas do golpe aqui no Brasil, é de aprovar legislações trabalhistas que intensificam esse processo de precarização. E aí, antes a gente conseguia localizar a precarização do trabalho a determinados setores, né? O do telemarketing, ao processo da organização dos motoristas a aplicativos empregadores, mas hoje há um processo de generalização da precarização, inclusive em algumas categorias de trabalhadores que não aparentam, mas isso ocorre principalmente através de mudanças na legislação trabalhista, como foi no nosso caso aqui, a Reforma Trabalhista, mas depois outras tantas medidas que foram tomadas e generalizam a precarização, né? Então esse emprego é com sem direitos, né?

Cada vez mais vai se colocando e vai exercendo uma pressão muito grande para aqueles trabalhadores. Trabalhadores que estão empregados, quem tá empregado hoje com carteira assinada, também passou Bill a depressão porque a pressão para cortar qualquer negócio porque há uma massa de desempregados muito grande e também a gente vê uma intensificação do processo de proletarização, no qual aquela separação radical dos

trabalhadores dos meios de produção, ela ocorre de maneira mais intensa, isso vai pressionando até mesmo nós, agricultores e agricultoras que temos uma parte, temos acesso a uma parte dos meios de produção, mas essa pressão de proletarização no sentido de perda de autonomia do processo de trabalho, vai se tornando muito significativa.

Com isso então vai se multiplicando, especialmente nos países dependentes, uma massa sobrando, uma massa que pode morrer, né? Isso sendo que a gente poderia colocar do ponto de vista, como uma análise alarmista, catastrófica a pandemia veio para dizer, né? Qual que é o plano, né? Porque é impressionante como é a relativização, o pobre os cuidados, a proteção, o fica em casa, formas de segurança, né? De renda, elas foram sendo relativizadas.

Justamente no período em que deixou de morrer tantas pessoas na classe média e também entre os mais ricos e poderosos, é como hoje né, quem está morrendo são os mais pobres, é o povo negro, né? Então este deixou de ser um assunto preponderante do ponto de vista dos cuidados, e é assim que o capital mata a massa sobrando, né? Porque é como diziam os mesários, né? Nós seres humanos, somos ao mesmo tempo indispensáveis para a reprodução do Capital, mas também somos dispensáveis.

Por um lado, indispensáveis, porque não há como o Capital se valorizar se não for através do trabalhador, e ao mesmo tempo, uma parte de nós, uma massa sobrando pode deixar de existir, né? E aqui no Brasil, a gente vê dado bastante preocupantes né do ponto de vista que a gente tem há milhões de pessoas no Brasil, de brasileiros e brasileiras, 105 milhões buscaram auxílio emergencial, né? Só uma parte disso conseguiu, 65 milhões de pessoas acessaram esse auxílio emergencial que o governo não queria dar de jeito nenhum, foi obrigado a fazê-lo, e hoje a gente tem apenas 37 milhões de pessoas com carteira assinada. Então, a gente tem aí pelo menos 60 milhões de pessoas que estão na modalidade do “se vira” estão se virando, e de papo já tá dado bastante preocupante. Mostra o quanto a miséria, a fome, fazem parte da vida dos brasileiros e brasileiras.

E uma pesquisa realizada pelo IBGE, é que foi divulgado esses dias e notem, não era ainda, pediu da pandemia, né? Mas mostra que 2013/2018 a minha apenas cinco anos a gente ou ouvir uma há três milhões o número de pessoas que estão em segurança alimentar e o significa que hoje nós temos no Brasil 10,3 milhões de pessoas que não têm garantia de se alimentar todos os dias, fazer todas as refeições.

E, nesse número assim, não está por exemplo as pessoas em situação de rua, a gente está falando de pessoas que têm casa, tem fogão, tem panela, mas não tem o gás para poder cozinhar, comida, não tem dinheiro para comprar comida, né? E aí enfim envolvido como todo uma processo de especulação e sempre importante quando a gente Olha esses números a gente fazer o recorte também do ponto de vista racial e de gênero, porque vejo que são essas pessoas que mais estão atingidas por essa insegurança alimentar.

A gente tem 51,9 por cento de famílias que são chefiadas por mulheres, ou seja tem as mulheres como na sustentação Econômica uma das suas casas a gente sabe que grande parte desse número não é de mulheres que chefiam famílias no qual o homem está lá, mas são famílias e o homem já não existe mais lá e que são chefiadas por mulheres, né? E a outra coisa também, do recorte racial, né? Porque é grande o contingente de pessoas pretas e pardas que são atingidos diretamente pela pobreza, então esse processo que a gente está vivendo, dessa massa sobrando, ele também coloca uma contradição para o capital, do ponto de vista de que sem salário, sem renda, não há consumo. Não havendo o consumo, o capital não se realiza, então é lógico que isso traz problemas, também não polícia do Capital mas é muito importante que também a gente para aqueles a crise estrutural do Capital

Ela tem uma faceta de incontabilidade, então é muito difícil a gente e é freio e regras né aí esta esse impulso do Capital, por isso que é tão dramática essa situação, que é uma situação que vai se deteriorando rapidamente do ponto de vista social, econômico, político, e também do ponto de vista político, né? A crise do Capital ela provoca né ainda né nos anos 70, a ascensão do neoliberalismo e as suas medidas são privatizantes entrevistas né mas também

Com uma forte retirada de direitos, e vejam os nossos movimentos, as nossas organizações, sejam elas movimento popular sindical, os partidos de esquerda não só aqui no Brasil, mas no mundo todo, eles surgiram para organizar a luta por direitos né E a gente não aprendeu muito a organizar uma massa sobrando que luta para se manter viva, a viver, a gente não aprendeu direito a organizar essa forma. Isso também decorre de uma certa organização e

Debilidade nos nossos instrumentos políticos organizativos, no sentido de organizar os efeitos dessa crise, do polícia, da massa e fazer as transformações, a crise estrutural do Capital também ela provoca né mudanças na natureza do Estado. Isso é muito importante, a gente está cada vez mais a teorizar sobre isso, no sentido de que esse padrão de acumulação é no Paulo é a financeirização ela hegemonia das relações ele também faz com que o estado.

Seja um organizador da vida social, para transferir riquezas da sociedade para os bancos cada vez mais mas, ao mesmo tempo, que a gente poderia destacar esse papel de um estado empresarial, também é um estado repressor, ele é um estado policial, esse estado cada vez mais caracterizado por processo de militarização. E isso obviamente tem de novo uma questão impacto sobre os mais pobres, sobre o povo negro, por isso que a gente vê que o racismo ele.

Não é só uma questão moral, ainda que isso já fosse bastante, mas o racismo ele é uma necessidade para este momento atual de crise do Capital. E porque ele também é uma manifestação econômica e o capital, ele precisa ter e cultivar diferenças entre os trabalhadores e trabalhadoras, para poder ter um tratamento também diferenciado e, portanto, mais explorador se outro aspecto importante também das mudanças do estado né que daí a gente tá falando dos governos, mas também tá falando de toda a estrutura do estado, é cada vez mais o processo de ir a realização da política né através de lá o Sesi né como a gente viu e o quanto que isso também vai cedo a tipo lado.

Outro fator, que é o fator fim das Guerras da atualidade, que estão cada vez mais guerras de caráter híbrido como já muito bem teorizou aquele companheiro, no livro que tá lá da expressão Popular guerra Síria, disse que nos ajuda a compreender em que medida que as revoluções coloridas que combinam com a guerra não convencional E provoca né desestabilizações políticas e todo o estabelecimento da agenda do golpe, como nós estamos vendo aqui no Brasil, na Bolívia nem filho a nossa região tá muito né é a mercê desse processo de guerras, mas não podemos ter dúvida de que a gente tá numa guerra, tem que entender que tipo de guerra e como é que a gente combate, se organiza para ela.

Um outro aspecto importante desses impactos da crise do Capital, falei um pouquinho aqui da questão do trabalho, é o aspecto também vinculado a questão dos impactos sobre a natureza e isso tem relação direta com esse impulso destrutivo do Capital, a gente pode quase afirmar que hoje eu desenvolvimento das forças produtivas sob a crise do capital é praticamente uma conversão desenvolvimento das forças destrutivas né porque a um impulso só. Que essa destruição, ela tem um plano, ela tem um método.

É por isso que tem um cartaz aí das lutas argentinas que fala “não é fogo, é capitalismo” é isso que a gente tem que dizer em relação a tudo que tá acontecendo no Pantanal, Amazônia. Mas enfim, todos os biomas estão queimando e isso obviamente tem relação direta com a expansão da fronteira agrícola e mineral e toda essa questão de exportação de bom né e a gente vê também o quanto que este modelo de sistema do capital, da sua própria incontrolabilidade.

Ele é liberador de pandemias, então agora covid-19 nós estamos aí né tomara é Prestes né a poder ter uma vacina e nas descobertas as vacinas e dos Remédios também, há toda uma disputa geopolítica mas é a covid-19 é muito provavelmente a gente vai conseguir derrotar através da ciência principalmente, mas esse modelo ele é liberador de muitas pandemias, porque o seu impulso, destruição das florestas tropicais. E com isso, liberando os trilhões de vírus e vivem nas florestas e as suas várias conexões que a gente há pouco tempo começou a entender e conhecer então, isso traz um enorme prejuízo para a humanidade, mas especialmente para os mais pobres, aqueles que menos têm condições.

Um outro aspecto ainda da crise do capital, é a questão da mercantilização da natureza, enfim são vários exemplos...

Mas aqui, destacar na questão da água, dos ventos né através das eólicas nem assim por dia né Tá bom então esse imperativo da lógica da especulação financeira sobre os bens naturais, é obviamente que ele vai ter consequências do ponto de vista da alimentação e todo o complexo agroalimentar, a gente viu recentemente o exemplo do arroz, alta do preço do arroz, que tem a ver com a diminuição da área plantada de arroz ou no processo da alta do dólar, mas é e também uma enorme diminuição e mudança no papel do estado, porque isso não é a primeira vez que acontece, um aumento de preços, do processo de especulação mas sim outros tempos né o estado exercício e papel regulador ou liberava estoques né, que antes eram preservados, hoje a gente vê cada vez menos está atuação por parte do Estado.

Bom, então isso vai ajudando a gente a pensar um pouco sobre a natureza do estado que a gente tem hoje, e que tipo de estado que a gente precisa construir. Isso já dando alguns elementos importantes para a construção do projeto Popular para o Brasil né é bom então avançando um pouquinho poeirada né E aqui também preocupado com tempo né a gente pode afirmar que hoje né a gente é esse é na agricultura né na mineração é essa é a as operações nelas são feitas principalmente né, editadas pelos conglomerados das transnacionais.

Mas isso acontece em Associação com os fundos de investimento, e muitas vezes esses fundos de investimentos são fundos de trabalhadores de classe média de outros países e não fazem a menor ideia da onde estão aplicando o seu rico dinheirinho né e a gente vê o quanto que os fundos de investimento, eles são fundamentais e tem sido fundamental hoje na aquisição de terras aqui no Brasil né e na própria questão da estrangeirização na prática, das terras no Brasil, mas também em certa medida ele ocorre em consonância das plantações mais juntos ou uma pressão sobre Agricultura Familiar e aqui é bastante

importante a gente Recordar que agricultura familiar, quando ela foi criada né isso muito antes no lado do governo Lula mas a composição sobre a criação da Agricultura Familiar, ela tá dentro de uma recomendação do Banco Mundial ainda no final dos anos 90.

Aqui para o Brasil é dentro de um receituário neoliberal e aplicação dessas medidas que a gente pudesse desenvolver o capital no campo mas, ao mesmo tempo, desenvolver um tipo de Agricultura Familiar que pudesse e é relacionada a cor relacionado também a essa lógica. É por isso que a gente tem que cada vez mais libertar os pequenos agricultores e agricultoras desta lógica para que a gente não seja consumidores desses insumos e mais do que isso, para que a gente vá cada vez mais afirmando também é a lógica deste modelo né e achei essa lógica toda da crise do capital, da crise estrutural do Capital, cada vez mais ela se distancia, ela vai ignorando as necessidades humanas então, portanto, vai reproduzir indo trabalho abstrato em grande escala ela vai intensificando.

Essa exploração sobre os bens naturais e sobre os processos de trabalho e também provocando uma enorme crise climática, que já nem fala mais de crise climática, mais um processo mesmo de colapso climático, no qual se desenvolve também do pão desse do capital é subterfúgios as respostas, no qual o capital quer lucrar com tudo, até com a própria crise que libera, que aí toda a importância em relação à questão da economia verde tem muito a ver, muitas vezes se coloca como uma resposta porque na realidade que vocês conosco um problema, que é sistema com um problema que tá na natureza do capital.

Eu queria entrar agora então, é para discussão do projeto, porque nós somos muito bons em diagnosticar os problemas, né? E aí, ao diagnosticar a crise do capital, dá até uma certa depressão, porque a gente fala “nossa, são tantos inúmeros os problemas” que a cada vez que a gente vai estudando, a gente vai se sentindo mais impotentes de poder enfrentar essa situação.

Só que nós sabemos que nessa quadra histórica, neste momento da história, cada vez mais está colocado para nós a tarefa de nos movimentarmos, de colocar as forças do Trabalho

em movimento antagônico contra essas coisas do capital, é porque aqui nós não estamos falando só de uma mudança no modo de produção, quando isso econômico Malhação falando de uma existência da humanidade.

Isso não é exagero e a pandemia mostra isso, então é muito importante que a gente discuta e se debruce sobre a questão do projeto é popularizar no Brasil, obviamente que o projeto Popular para o Brasil ele tem relação direta com uma necessidade histórica da gente se recolocar enquanto classe trabalhadora no mundo para poder contra por este modelo né por isso que eu falava no início a gente está as vésperas aqui de uma jornada anti-imperialista a gente tem que ver significar o imperialismo centro a gente conseguiu localizar imperialismo vinculada a uma aos Estados Unidos né a uma nação.

É preciso que a gente também coloca em novos elementos né nessa configuração do imperialismo e o quanto que também esse conglomerado né de empresas do Capital estão vinculados a isso né e a gente está justamente no processo né no qual os Estados Unidos estão numa disputa hegemônica não é.

Muito grande né no mundo e estão cada vez mais se apropriando né da América Latina é como um espaço para aprofundar os nossos pro a dependência por isso que é tão relevante a gente discutir um projeto Popular para o Brasil não no sentido nacionalista porque o nacionalismo ele só nos leva para um lugar se chama fascismo né então nacionalismo é coisa de fascismo para nós é muito importante a gente discutiu um projeto que seja um Projeto de fato que leva em consideração a soberania nacional e Popular, porque só soberania Nacional também é um grande risco é um grande risco porque a gente não consegue trazer à tona as necessidades humanas e isso é o mais importante né então passando aqui rapidamente por esse tema né a gente sabe que é a a organização dos trabalhadores dos movimentos para poder construir um projeto Popular para o Brasil ela não é nova mas já tentamos

Isso de várias formas, né? Que existe um esforço também que eu gostaria aqui de trazer divulgação, que é o esforço dos movimentos, né, que compõem o campo Popular, que estão ajudando a construir o projeto Brasil Popular. Esse projeto, né? Depois tem, dá para procurar lá, né? Tem um link bem detalhado dos vários eixos e das elaborações a partir desses. Mas que eu gostaria de destacar aqui para o nosso debate, né? Primeiro, esse é o que que é um projeto Popular para o Brasil deve levar em consideração, né?

Primeiro, é a gente tem que conseguir elaborar, do ponto de vista teórico, questões que possam realmente ajudar a dialogar com os problemas reais do povo brasileiro. E para isso, é muito importante a gente fazer uma caracterização coletiva, uma atualização coletiva sobre o que é classe trabalhadora na atualidade. Esse referencial de classe para nós, ele é fundamental.

A classe trabalhadora tá Mais rigorosa do que nunca. Só que é o que a gente não restrinja ao nosso olhar para a classe trabalhadora para o polo Urbano Industrial, por exemplo, né? É muito importante que a gente alargue nossa concepção de classe trabalhadora, né, e a gente perceba, né, que todos aqueles que vivem do trabalho fazem parte dessa classe trabalhadora e que sim, outros tempos a gente conseguiu organizar a classe trabalhadora através, né, dos espaços de trabalho através do chão de fábrica.

Tá colocado para nós agora uma necessidade de mediar isso, né, organizar, né, os trabalhadores através dos seus locais de trabalho, mas também através dos locais onde as pessoas vivem, seus locais de moradia ou, em outras palavras, os seus territórios. Né? Também o outro aspecto importante para a gente poder considerar é que a classe trabalhadora não é um bloco homogêneo. Então nós não podemos nos contentar com essa consideração, né?

De que a classe trabalhadora em um sentido clássico disso é a gente saber as determinações sociais que compõem a classe trabalhadora por isso que é muito mais do que um recorte de gênero repórter quando eu diversidade recorte racial. Nós somos assim,

nós somos diversos, né, e a gente só vai conseguir construir um projeto que faça sentido para os trabalhadores e trabalhadoras se a gente conseguir fazer uma interseção necessária que não tem nada de pós-moderno.

Ela é muito necessária, interseção entre classe, gênero, diversidade, os aspectos raciais e étnicos, e também o elemento geracional é muito diferente, né, o olhar da juventude, as necessidades da juventude às necessidades dos adultos e assim por diante, né? É muito importante que a gente tenha essa consideração. E também nós estamos desenvolvendo e construindo esse projeto, né, popular para o Brasil em algumas bases que nós consideramos.

Como as só são muito simples, como vocês vão ver, né, primeiro, né, que são quase premissas para o projeto popular para o Brasil. Primeira premissa: vida boa para todas, para todos e todas aqui quase já se explica, né, por si só. O segundo, uma defesa intransigente dos bens da natureza. E o terceiro, a busca de uma sociedade igualitária. É lógico que aqui tem que ações estratégicas e questões táticas também, né, porque a gente tem visto que essa discussão de renda básica universal ela vai se impondo pela realidade, muita gente começa a falar sobre esse assunto, né?

Se antes de ser um assunto solitário de Suplicy, de outros pensadores, outros políticos, cada vez mais e se vai se tornando um tema a ser debatido. Recentemente, o Papa fez uma defesa muito importante sobre esse tema, né? Claro que ela não é o fim, ela tem que ser um meio, né, mas era um meio muito

Importante para a gente poder discutir, inclusive, aquela questão da necessidade da gente taxar as grandes fortunas, os herdeiros, né? Enfim, se a gente não tocar na questão da concentração de renda e riqueza, a gente não consegue fazer um contraponto de distribuição, né? E também, outra é um outro princípio, é sobre a necessidade da mudança no Estado, né? E quais? Qual estado necessário, né?

E aí, toda a divisão aqui de Participação Popular, e mais do que isso, de poder popular, como é que a gente volta a discutir com força a discussão apropriada sobre o poder popular e comentar isso é completamente, né? Pô, aí como, né? E aí já estou, já que estrangulada pelo tempo o como tem a ver com a própria questão da dos comentários quer fazer sobre estratégia, né? E é porque uma coisa você tem um programa, né? E aqui nós fizemos um pequeno ensaio sobre esse programa. Tem lá quatro eixos, né?

Então, vocês podem depois entrar lá na página do projeto Brasil Popular e ver como nós organizamos, né? No eixo um, eixo a direito, os outros a economia desenvolvimento e distribuição de renda, o terceiro estado democracia e soberania popular e o quarto é igualdade diversidade economia. Cada um desses eixos tem vários temas, né? E esses temas eles contaram com a colaboração de várias mãos companheiras companheiros que ajudaram a construir em diversos grupos de trabalho, né?

Vários subtemas aí de acordo com esses erros, é mas aí eu falava um pouco sobre a questão também da Estratégia porque uma coisa você ter um projeto, né? E daí vai nos aproximando de um programa, mas ninguém faz uma transformação com o programa, né? Ou a gente chegar fazer uma divulgação das nossas ideias fala: "Olha como eles são portadores de uma ideia brilhante era isso que nos faltavam o

Que faz a gente conduzir a mudanças e a gente conseguir se juntar em torno, né, se unir em torno de uma reflexão estratégica, né, e a gente vive uma crise estratégica, essa pista a testa não é só aqui no Brasil, está colocado no mundo todo, né, mas nós já tivemos muitas formulações estratégicas no Brasil, não é isso, enfim, bens lá, né, do início do século passado, né, a formulação que começa lá com anarcossindicalismo, aí depois, enfim, estratégias que em determinado momento, foram realizadas por determinados instrumentos políticos, né, mas a crise estratégica atual nos coloca em uma certa confusão de rumo, de verdade, né.

Dizer que a gente quer o socialismo, que a gente quer transformar a sociedade, é muito pouco, porque se a gente não conseguir construir um caminho de como é que a gente vai acumulando para isso, a gente pode se perder no mar de táticas. As táticas são muito importantes, mas elas são táticas quando se combinam a determinada estratégia. E esse tema estratégico, enfim, a gente pega ele do sentido militar, né, ele tem a ver com isso, mas ele não tem como objetivo ganhar uma guerra. A gente tem que desenvolver uma estratégia, um caminho para conseguir chegar até isso, e combinando várias táticas, né, é a combinação das várias práticas que vai fazer com que a gente consiga triunfar, né? É no nosso objetivo de ganhar a guerra

Então esse exercício, né, do ponto de vista da elaboração militar, ele nos ajuda também a pensar hoje. A gente não pode colocar todas as nossas fichas, por exemplo, em uma disputa institucional eleitoral, por mais que ela seja uma tática importante, como também a gente não pode achar só que com o movimento popular a gente vai conseguir fazer as transformações que a gente necessita, então a gente precisa de fato, né?

Fazer uma combinação de táticas. E isso tem a ver com esta elaboração estratégica necessária para que a gente possa avançar nesse sentido, né? E aí dentro disso, falando um pouco da questão da reforma agrária, eu vou passar rapidamente por esse assunto porque vocês vão ela está especificamente num tema sobre isso, mas a própria trajetória da luta pela reforma agrária mostra o quanto que ao longo também da história a gente foi lutando de formas diferentes, ou dito de outra forma, ou lutando pela reforma agrária sob diferentes estratégias, né?

E a falar desse para seja agora falando da luta por reforma agrária, beijo na nossa trajetória, vou falar bem rapidamente sobre isso, mas na nossa trajetória de luta pela reforma agrária, a gente aqui no Brasil, é isso tem uma tradição com a tradição principalmente na luta dos Camponeses, na luta dos povos do Campo, né, é o legado das lutas camponesas, ele é muito anterior à formulação de uma luta por reforma agrária, isso foi ganhando força e sentido nos anos 50 e 60 do século passado, mas a luta camponesa ela tá na história do nosso país, né, e ela tá principalmente na história de resistência do

nosso país por todo legado da Resistência à escravidão indígena e negra, né? É muito importante que uma estratégia leve em consideração isso, né, muitas vezes a nossa estratégias.

As estratégias formuladas ao longo da história no nosso país não levaram em consideração este aspecto, que é um aspecto de ser um país que viveu durante quase 400 anos sob escravidão indígena e negra. Ver quanto que ali tem um legado, né, de resistência bastante importante para a gente poder se nutrir.

A gente sabe que no mundo existem várias reformas agrárias, mas as graves foram feitas em contextos de revoluções burguesas, reformas agrárias nacionais e reformas agrárias foram feitos em contextos revolucionários. Aqui no Brasil nunca houve reforma agrária, a gente pode afirmar isso, né, com todas as letras de boca cheia. E uma reforma agrária, ela mexe na estrutura fundiária concentradora que nós temos no nosso país, portanto, ela altera não é radicalmente essa relação com a propriedade privada e no Brasil nós não tivemos isso, né, nós tivemos uma política importante de assentamento, enfim, e de governos e governos mudam um pouco mais a mudança na estrutura fundiária que é extremamente conservadora, ela se perpetua, no entanto, nós tivemos um processo largo da nossa história no qual é a especialmente ele nos anos 50 e 60 é acreditava você nem vários pensadores não estão aí dentro desse debate é que a própria uma parcela da burguesia especialmente a burguesia Urbana Industrial acreditava-se o latifúndio especialmente o latifúndio improdutivo era um obstáculo para o desenvolvimento brasileiro e veja a questão de enfrentar o subdesenvolvimento era muito forte, né, naquele período, né, como está colocado até hoje, sim, mas mais do que isso, né?

Então, esse processo de luta para que a gente pudesse desenvolver, né, alavancar o desenvolvimento poderia ter a reforma agrária como uma das medidas fundamentais para o desenvolvimento do próprio capitalismo, né? Então, essa certa crença, né, e essa tese de que o latifúndio é um obstáculo ao desenvolvimento, a gente viu que na história ela foi completamente refutada, né, que a gente viu, né, todo um processo aí na ditadura civil-militar, desenvolvimento de jade um excipiente agronegócio que depois foi retomado e

toda aplicação, né, do modelo aí, né, da revolução verde, supostamente chamada revolução verde.

Então, essa ideia de que o capitalismo, o latifúndio é um obstáculo para o desenvolvimento capitalista, se tornou uma verdadeira, né, sim, uma falácia, né, então muito pelo esse é o desenvolvimento no campo brasileiro cedeu sobre o latifúndio, né, e é isso também refutou todas são de lá que o fundo e o produtivo ou improdutivo, né, porque a gente viu o que o desenvolvimento do campo brasileiro não se deu através de uma proposta de democratização do acesso à terra, uma proposta de reforma agrária. Se deu através do fortalecimento do latifúndio, né, é isso.

Então, essa certa crença de que a reforma agrária poderia ser uma medida é de desenvolvimento do capitalismo estava dentro de uma crença da reforma agrária do tipo plástica, e aí a gente foi percebendo que isso não aconteceu, não faz parte da nossa história, não fará parte da nossa história do ponto de vista de uma aliança tática com os capitalistas, não.

Ou por um interesse, né, do desenvolvimento de uma parcela da burguesia, se bom. Então, a gente foi percebendo, né, que se libertar dessa Pedra da reforma agrária clássica não era somente a gente conseguir ler a realidade, mas ela também conseguia colocar e aproximar um pouco mais a nossa prática, o nosso fazer, não é sobre a terra e os territórios de maneira mais liberta, né, do que sobre essas garras do capitalismo, do agronegócio que entra nas nossas áreas, nosso território de diversas formas, né, então quando a gente consome insumos, mas entra também através do machismo, do racismo, da LGBTfobia.

Então, pensar numa reforma agrária do tipo popular em outras bases é pensar também novas relações sociais e, portanto, novas relações de poder. E com isso eu gostaria de terminar nesses 10 minutinhos aqui apresentando um pouco dessas lâminas aí do Geraldo, peço aí para acompanhada colocar é esse material organizado pelo é o que que tu pode compartilhar tela e esse material organizado pelo Geraldo é um material que depois vai

ficar disponível né para vocês e eu vou passar aqui rapidamente por ele, não é um material super bem feito e tem 27 lâminas, mas eu vou falar de uma maneira mais rápida aqui para também não cansá-los, cansadas.

O Daniel conseguiu reproduzir. E aí, oi, vocês estão vendo? Sim. Ah, beleza. Então é dentro dessa temática da agroecologia e da reforma agrária popular. Boa. Então, daqui para frente é só Geraldo e gente, eu peço 5 minutinhos dá mais para coordenação só para poder concluir aqui, então do ponto De vista, né, da concepção de agroecologia, pode passar para o próximo, e quem tá passando é Daniel, né? Aqui tem algumas considerações iniciais sobre o que é, né. Essa concepção de agroecologia, né, então tem a ver com a questão.

Um acúmulo técnico-científico, né, sobre é esse tema nosso da batalha, né, ideológica. É muito importante que a gente se tui, né. Agroecologia é, do ponto de vista da luta de classes, é muito importante a gente fazer essa vinculação, é também, né, fazer essa vinculação entre agrícolas que reforma agrária popular, porque muitas vezes as pessoas reivindicam nenhum fazer agroecológico ou uma defesa da agroecologia, mas ignorando a questão de terra e território.

Isso é muito difícil, muito complicado, né, porque de fato, né, enfim, Chico mês já falou isso para nós lá no passado. Eu até falei isso no artigo também. Algumas pessoas ficaram um pouco bravas, mas assim, eu disse, se você faz agroecologia em caso de apartamento, né, isso a seguinte tá com as pessoas que vivem nos centros urbanos, não devo fazer agroecologia, elas devem, podem, não é muito importante que faça isso, mas é muito importante também que a gente se cuida.

Agroecologia ela tem a ver com um desafio maior que é um desafio de discussão de projeto para o campo brasileiro, né? E aí, isso tem relação direta, né, com a democratização do acesso à terra, o direito dos povos, né, sobre os seus territórios e o enfrentamento à propriedade privada que é talvez o que nos distingue radicalmente das

peessoas que acabam aprisionam uma ideia de agroecologia, né, somente é uma questão, é ali de não usar agrotóxicos é muito mais amplo do que isso, né? Pode passar, João? É o outro aspecto importante também e é aqui a gente é considere a agroecologia como uma ferramenta de luta, né? E essa ferramenta de luta em torno do que, né, é em torno da defesa da natureza, dos territórios da alimentação saudável.

Contra esse modelo do agronegócio da mineração, que utiliza, padroniza tanto nosso jeito de pensar, mas também a nossa alimentação. E aqui o Geraldo fez um destaque interessante, porque ele fala que impossível é uma ferramenta contra as guerras híbridas. Olha que interessante essa visão trazida pelo Geraldo, que é muito, é muito mimos. Pioneiro na minha visão, porque considerando que a gente tá em meio a uma guerra e uma guerra de caráter não convencional.

A alimentação, quem para todos os dias na casa dos brasileiros e brasileiras, é também uma forma de disputa ideológica. Você ficar agroecologia seja entendido inclusive para uma ferramenta conta e essa guerra de caráter híbrido e, portanto, então essa agroecologia também faz parte dessa batalha das ideias e como eu disse anteriormente ela também relação Direta com novas relações sociais

Então, hoje, onde há agroecologia, não pode haver violência contra as mulheres. Onde há agroecologia, não pode haver sensações e práticas LGBTfóbicas. Não pode haver racismo, né, não pode haver preconceito. Então, de fato, é uma mudança no modo de vida. É por isso que é orgânica, no sentido de que vem da terra, vem da raiz e que de fato nos provoca para essas mudanças. E aí aqui é o Geraldo traz algumas definições sobre agroecologia, e aqui tem uma definição muito boa, né, trazida pelo juiz Luiz Carlos Pinheiro Machado, aqui nossa grande homenagem a este grande, sim, Pensador, mas, mas o que isso, divulgador dessas ideias aqui nos... Oi gente, mente né, e ainda tá passando o próximo. E aí já parou de transmitir será, e nem vocês estão vendo.

Não, não, não, não, não, não é. Oi, oi, João, só um pouquinho que eu, por causa do pessoal do YouTube aqui, só dar uma enxergar. Então, indo pouquinho para frente aqui, né. A gente vai ver a definição ali de agroecologia com Pinheirão, também a definição no que tá no nosso dicionário de Educação do Campo, né. Aqui, muito bem, então vou ler uma dessas aqui para gente, né. É aí é uma, ao mesmo tempo, é uma afirmação.

Mas é uma negação, né, então do Conde da negação, o agronegócio não tem futuro e faz parte de uma bolha econômica artificial porque agride o ambiente, conspira contra a biodiversidade, despreza as externalidades ambientais, gera renda, gera uma perversa concentração de renda e de terra, marginaliza o campo, aumenta a marginalidade urbana e energeticamente deficitário, falta a luta ética. E por outro lado, né.

A gente vê aqui também a questão da afirmação Né, agroecologia, uma vez que conhecemos, nos proporciona os conhecimentos para superar a monocultura e a quebra da biodiversidade, consequências inexoráveis do agronegócio. Assim, como se pode através dela resgatar a cidadania e a dignidade dos pequenos, pode-se também produzir alimentos limpos na escala que a humanidade demanda, naturalmente, com outros métodos, né. Aí, eu queria destacar a definição trazida também no dicionário da Educação do campo pela Dominique, a próxima a lâmina, pela Dominique, pelo Nilcinei, e também outra trazida pela Roseli Caldart, né.

Pode passar, João, e isso vai querer, em especial, destacar esse aspecto trazido aqui pela Roseli, né, e também abordado aqui pelo Nilcinei, pela Dominique, sobre a questão da centralidade do trabalho na agroecologia. E aqui, muito importante, né, a gente pensar a questão da ruptura, ainda não a transmissão, mas na ruptura com o trabalho alienado, né, que a agroecologia

Provoca elementos interessantes para nossa reflexão e também com o rompimento com a proletarização que eu falava anteriormente, né, que tem a ver com essa separação imediata dos trabalhadores dos meios de produção, mas também com a questão da perda da

autonomia sobre os processos de trabalho. E veja o quanto é importante, quanto a agroecologia, práticas como agrofloresta reconectam isso, né, e conectam essas duas dimensões tão importantes de trabalhadores e dos meios de produção, e portanto nos dá mais condição, né, e nem mais condição de unidade para a gente conseguir de fato desenvolver um tipo de trabalho que não seja um trabalho alienado.

Só que, logicamente, para não ter trabalhando alienada, a gente tem que mudar o sistema, né, da sociedade. É então, não significa a gente criar uma bolha numa sociedade, mas a gente criar contrapontos concretos de um tipo de trabalho que a gente acredita e que é capaz de alimentar toda a humanidade. Não estamos falando de jeito nenhum aqui de experiências focadas, mas de algo que pode ser fato sistema. Aí, queria que passasse para próxima, aí também uma outra homenagem que o Geraldo fez à Ana Primavesi, né, que daí ela fala do sentido da importância do solo como algo vital para a agroecologia, né, e ao a gente produzir na terra, a gente não pode esperar frutos saudáveis se a gente não tem solo saudável um pouquinho para frente também.

E essa é a grande, assim, grande ensinamento da Ana Primavesi, né, é que nos dá esse legado. É a próxima, Alan. E aí, filho, vôlei essa segunda. E aí ela coloca aqui alguns pontos que são pontos fundamentais. Ela organiza o tema da agroecologia em cinco pontos, que eu imagino que vocês vão ver com mais calma aqui durante o curso, né?

A questão, né, que a agroecologia ela baseia-se basicamente, praticamente, em cinco pontos fundamentais: primeiro, nos vivos agregados e se resolvem pouco ou nada e que se puder mantém-se em seu estado natural, portanto vivo, cheio de microrganismos; segundo, o elemento da biodiversidade; terceiro, proteção do solo contra o aquecimento excessivo e o impacto das chuvas, contra o vento permanente; quarto, posicionamento correto das raízes; e quinto, autoconfiança do Agricultor e da Agricultura, que é bastante importante também para a gente poder praticar a agrofloresta.

E aí pode um pouquinho mais para frente, né? Oi, Geraldo entra um pouco aqui na discussão, pode ir. Ele faz, né, toda uma apresentação sobre ela, né, que enfim já foi feito um pouco Ministro aqui também e faça um pouco, né, sobre alguns conceitos aí da agroecologia, mas eu vou passar mais rapidamente, função do nosso tempos, e aquele faz uma discussão volta.

Na questão da reforma agrária, a mensagem da natureza da luz, aquela da natureza da luta da reforma, dá para perceber isso, e aqui tem relação um pouco com aquela descrição que eu estava fazendo aqui e perpassa sobre a reforma agrária do tipo clássica aqui na nossa história. Ela está esgotada do ponto de vista de uma materialidade efetiva e da importância dos fundamentos de uma reforma agrária do tipo popular que nos possa levar também para uma transição de uma transformação da sociedade. Pode seguir em frente porque aí vocês vão ter uma aula depois especialmente sobre isso, né, e podem avançar mais um.

E aí, queria falar um pouco sobre essa parte que aponta que essa mudança exige uma postura diferente, isso que essa mudança na natureza exige novas posturas para nós, seres humanos. Então, aquele pontua em quatro aspectos, né, dessa mudança de postura estão necessárias. Precisamos defender um projeto de reforma agrária que seja de fato popular. Não basta ser uma reforma agrária do tipo clássica, já que está esgotada. E que enfrente todas as questões do ponto de vista da propriedade privada, segundo, frente ao poderio do agronegócio, é necessário construir alianças.

Esse aspecto é muito importante da reforma agrária popular entre os povos do campo, entre os movimentos camponeses, entre os impactados por esse modelo, com os indígenas, com os quilombolas, com os povos tradicionais, assim como as mulheres camponesas, Nelson, um dos acampados e assentados. Mas também com a classe trabalhadora urbana, porque é a classe trabalhadora que compõe 85% da população do Brasil que vive nos centros urbanos, e que cada vez mais convive com os desertos alimentares, com a padronização da comida e com o afastamento da comida de verdade.

Então, nós precisamos fazer uma aliança também sobre isso e a pandemia e essa conjuntura nos mostraram isso de uma forma bastante enfática. E aí, no terceiro, a luta por reforma agrária se insere na luta contra o modelo do capital, é um estágio da nossa luta com desafios mais elevados, complexos, e, por fim, enfrentamento com capital e seu modelo na agricultura, parte da disputa de terras e território, né?

Então, muitas vezes as pessoas visitam as áreas de assentamento e ficam muito felizes com tudo aquilo, mas não gostam muito das ocupações de terra do MST. Não tem cabimento uma coisa, né? Agroecologia não está separada da ocupação. A agroecologia não está separada das retomadas de terras indígenas. É muito importante a gente trazer essa dimensão da luta para a agroecologia, porque elas estão de fato bastante interligadas. E aí eu paro por aqui, gente, sabendo, né, que pode parar apresentação também dos slides. Esses slides vão ficar disponíveis, né, e eu traria só para a gente poder fazer o debate e pontuar aqui quatro rápidos desafios que foram trazidos também pelo Geraldo e por mim.

Primeiro, que a gente tem como desafio que a reforma agrária popular e a agroecologia ajudem a resolver os problemas concretos do povo, que ela realmente tenha como base essa democratização do acesso à terra e que a gente lute por isso, é que a gente consiga fortalecer essas alianças entre os povos do campo e os povos da cidade. E aí a gente vê a importância agora na academia da solidariedade e da nossa parte do MST.

Desde o início da pandemia nós doamos mais de 3.500 cestas de alimentos. Gostaríamos que fosse muito mais, porque a gente não tá distribuindo o que sobra, a gente tá dividindo o que a gente tem, e ao fazer essa solidariedade, a gente foi percebendo o quanto que ela se converte rapidamente em trabalho de base e o trabalho de base em torno do alimento é muito forte, é muito potente, é muito mobilizador.

Então, que a gente consiga incorporar essa relação iludir pela agroecologia também nas periferias urbanas, fazendo um trabalho de base, fazendo informações, colocando muita gente em movimento. E o quarto, que tudo isso, essa discussão, ela possa acumular, né,

para que a gente possa de fato construir uma outra sociedade, sabendo que a gente não possa ter muita pressa de voltar lá e sociedade é essa, mas com certeza que seja uma sociedade que negue este modelo do capital que nos envenena de diferentes formas, que nos envenena de diferentes modos. Devolvo para coordenação para vocês verem.

Encontro 2 – Leis fundamentais do capitalismo na agricultura

Fundamental Laws of Capitalism in Agriculture

Aula 01

Olá, boas-vindas a todos e todas. Durante a aula de hoje, vamos conversar sobre a questão agrária no seu sentido mais geral e sempre fazendo conexões com a questão agrária brasileira.

Então, vamos partir do conceito de questão agrária. Há uma polêmica muito grande, uma certa confusão, eu diria, em torno desse conceito da questão agrária. Primeiro, porque, entre nós, na academia brasileira, na universidade, essa área sempre foi muito pouco estudada. A Universidade Brasileira, por si só, já é muito recente, porque as elites brasileiras sempre preferiram enviar seus filhos para estudar na Europa. No século 20, quando se desenvolveram as universidades brasileiras, essa área da agricultura e da questão agrária sempre foi relegada. No máximo, agronomia foi das primeiras escolas. Então, não há uma tradição como há em outros países da América Latina de estudarmos a questão agrária.

Na universidade, mesmo nos cursos de agronomia, é muito difícil você encontrar uma disciplina de questão agrária. E nós temos países como Peru, México, Equador, onde temos cursos superiores de questão agrária, temos mestrado, temos doutorado, e assim por diante. Há uma confusão sobre o tema da questão agrária porque, no debate político e científico aqui no Brasil, ela foi introduzida através da tradução.

De um livro que foi de um pensador alemão do início do século, quando ele aplicou as leis fundamentais do capitalismo para entender a agricultura da Prússia, ou do que é hoje Alemanha, Polônia, que vai até a Ucrânia. Esse livro foi traduzido no Brasil com o nome

"A Questão Agrária", mas o livro se referia ao desenvolvimento do capitalismo na agricultura da Prússia ou da Alemanha, se quiser, e, portanto, não tinha muito a ver com a realidade agrária brasileira. Então, os pensadores, mesmo de esquerda, cada vez que falavam em questão agrária brasileira, se referiam à questão agrária de Kautsky, que era um estudo específico para aquele território. E, finalmente, eu acho que a questão agrária também tem uma confusão por causa do próprio conceito. Então, a palavra "questão" induz a várias interpretações no nosso idioma. Ela pode ser interpretada como pergunta, como resposta, como problema ou como um tema em geral. E também o conceito "Agrário" também é pouco conhecido. E, infelizmente, nos nossos estudos, a palavra agrária tem uma origem latina e grega que se refere a "agros".

Ou seja, ela é sinônimo de terra. Então, todas as palavras portuguesas que têm esse prefixo "agro" se referem à terra. Isso é importante nós sabermos porque daí derivam outros conceitos. Então, por exemplo, agricultura. O que significa? O cultivo da terra. Agricultores? São aqueles que sabem cultivar a terra, é uma profissão. E, portanto, tudo que se produz na terra é resultante dessa atividade que se chama agricultura. Dentro da agricultura, estão todos os subitens da produção na terra, como a pecuária, a piscicultura, a criação de peixes, a floricultura, a fruticultura, tudo isso são subdivisões da agricultura, assim como a expressão agricultores se refere a um conhecimento.

Portanto, há uma profissão. Ser agricultor é como ser médico, ser professor, ser ator, é uma profissão. Notem, como é muito recente nos últimos 20, 30 anos, quando esse debate da reforma agrária, das funções da agricultura adquiriu uma nova centralidade nos movimentos camponeses do mundo inteiro, eu atribuo que ao redor da Via Campesina e dos movimentos camponeses que se organizaram em todo mundo nos últimos 30 anos e se articularam ao redor da Via Campesina que hoje representa mais de 100 organizações camponesas de um número quase igual de países nós então construímos em...

Com cientistas com pesquisadores uma concepção, um conceito do que significa a questão agrária nessa atualização teórica. Nós consideramos a questão agrária como uma área do conhecimento humano, portanto, uma espécie de disciplina no conhecimento

científico cujo objetivo dessa disciplina, dessa área do conhecimento humano, é nós estudarmos, compreendermos, explicarmos após o uso e a propriedade da terra, por quê? Porque são os fenômenos objetivos que acontecem na organização da sociedade.

Então, a questão agrária ela se propõe a estudar isso como foi evoluindo na organização da sociedade o uso, a posse e a propriedade da terra e por outro lado se propõe também a estudar como a sociedade foi organizando a produção daqueles bens que atendem as suas necessidades que derivam da agricultura ou seja da arte de cultivar o Agro. Então esse é o universo. Esse é o objetivo que se propõe estudar a questão agrária, e isso se aplica qualquer território eu posso fazer um estudo da questão agrária no meu Município. Ou seja eu vou procurar entender como é que aqui no meu Município é acontece o uso da Terra a posse da terra e a propriedade da terra como acontece aqui no meu Município a organização...

Produção agrícola que benção produzidos no Agro aqui da minha região, mas também tu pode ampliar o teu território. Então vou estudar a questão agrária para o meu estado do Rio Grande do Sul. Que por sinal já temos vários estudos sobre isso e tu pode estudar sobre o Brasil. E aí já são estudos mais amplos exigem mais profundidade e por isso também os livros e pesquisa sobre isso são mais raros nós na expressão Popular organizamos, inclusive uma coleção sobre a questão agrária que é justamente para recolher os principais textos e pesquisas de pensadores clássicos do Brasil que procuraram ao longo dos últimos anos interpretar então a questão agrária brasileira bem depois nós poderíamos ampliar o universo e estudar que são agrária na América Latina ou até agrária a nível mundial, a evolução dos modos de produção na história da humanidade foram resumidos da seguinte forma: a primeira forma foi o modo de produção do comunismo primitivo, que foi a primeira forma embrionária de organização social. Os seres humanos sempre atuaram coletivamente, porém lá no início a vida social era organizada em pequenos grupos, em clãs, com laços familiares, que juntavam, pela história, até 500 indivíduos. E esses grupos, clãs, reproduziam a vida humana de forma nômade; eles iam convivendo com a natureza, quando esgotavam os bens necessários - materiais de caça,

pesca, frutas -, eles mudavam de local da natureza para morar, mas por isso eram nômades, para poder sobreviver e assim fazendo uma espécie de círculo.

E depois de alguns anos, 20 e 30 anos, eles voltavam para o ponto inicial. E então, transcorrido tanto tempo, a natureza já tinha recuperado aquela condição necessária para produzir peixes, caça, frutas. Esse foi o modo de produção do comunismo primitivo. Depois, nós tivemos o escravismo, que foi uma evolução, onde uma tribo escravizou outra na disputa de um mesmo território. Ou seja, quando a população foi se ampliando no planeta, começou a haver disputa entre duas tribos que se encontraram naquele nomadismo e passaram a disputar o mesmo território, que provavelmente era o território mais fértil, mais abundante em recursos naturais. Então, dessa guerra, dessa disputa, uma tribo escravizou a outra, daí nasceu o escravismo. O escravismo não tem base étnica ou de cor, o escravismo é uma disputa de duas tribos.

Podia até serem primos, por um mesmo território, daí então influencia também a forma como aquela sociedade escravista organizou a questão agrária. O terceiro modo de produção na evolução da humanidade foi então o feudalismo, que predominou basicamente no continente europeu - sociedades fechadas que dominavam, mais ou menos, um território de 15 mil hectares em média e conviviam nesse feudo de 15 a 20 mil pessoas. E aí já surgem então duas grandes classes: de um lado, as elites, que eram os nobres, os príncipes, que se protegiam nos castelos. Era a proteção da nobreza e lá no território, esparramados em aldeias, a segunda grande classe que surgiu aí no feudalismo que foi o campesinato, os camponeses.

Que receberam esse apelido porque, ao contrário de viverem no castelo, eles viviam no campo e trabalhavam no campo. Então, eles eram camponeses. Note que no feudalismo, a forma como funcionou a posse, o uso da terra, foi diferente também e a forma de produzir na agricultura já foi diferente com o surgimento do campesinato. Depois, nós evoluímos para o quarto modo de produção que existiu na humanidade, pouco estudado inclusive aqui no Brasil, se chama Modo de Produção Asiático, porque ele predominou naqueles países, naqueles territórios que hoje estão na Ásia. Depois do modo de produção

asiático, surgiu o capitalismo. O capitalismo ele nasce no comércio, daí o nome de Capitalismo Mercantil. Ele nasce no século 13, 14 na Europa e a partir da Europa vai se disseminando por todos os continentes. Essa é a razão, inclusive, de porque o nosso continente americano foi invadido pelos europeus, ele foi invadido pelas necessidades de acumulação dos capitalistas mercantis europeus. Ou seja, quem financiava aqueles navios que chegavam aqui em busca de mercadorias eram os comerciantes, portanto os primeiros capitalistas mercantes da Europa, porque a acumulação que se dava do Capital naquela época era em torno do comércio da mercadoria.

Então aos capitalistas da Europa interessava levar para Europa todo tipo de mercadoria, porque era no comércio que eles acumulavam. Bem, o capitalismo Mercantil nasceu então no século 13 e predominou até o século 18, quando no século XVIII houve a chamada Revolução Industrial. A Revolução Industrial, ela é assim chamada porque ela introduziu na organização da produção a máquina a vapor e, portanto, o homem começou a controlar a uma energia física e pode utilizar essa energia física para produzir mercadorias, o que antes ele fazia tudo só com seus braços, com sua energia humana. E então, em função dessas invenções tecnológicas da máquina a vapor e a energia, depois em seguida a energia elétrica, depois em seguida o controle do petróleo como fonte de energia, eh, isso fez uma revolução na forma de produzir as mercadorias e daí nasceu uma nova etapa do capitalismo que foi o capitalismo industrial, porque desse controle tecnológico nasceu a forma de organizar a produção nas fábricas então surgiu a máquina e surgiram os operários, aqueles que vendiam a sua força de trabalho para produzir as mercadorias e a acumulação de Capital que antes estava no comércio controlada por capitalistas comerciantes, agora o centro da acumulação de Capital, seja da produção de mais riqueza, passou para dentro da fábrica e então a nova classe social de capitalistas passou a ser os capitalistas industriais.

Bem, e assim foi evoluindo até que no início do século 20 houve uma nova subdivisão do capitalismo com o nascimento do imperialismo. O imperialismo não é uma agressão militar. O imperialismo é uma etapa do capitalismo, uma evolução natural do capitalismo. Então, aquelas sociedades capitalistas do Norte - Estados Unidos, Europa, Japão - que

desenvolveram muito rapidamente o capitalismo industrial, quando se esgotou a expansão do mercado, quando se esgotou a mão de obra disponível que tinham nos seus países, aqueles capitalistas industriais com as suas empresas fizeram um movimento de ir para as colônias, tomar conta do mercado, contratar mão de obra, contratar novas matérias-primas.

Esse movimento, em que uma empresa sai da sua matriz e vai para outro território dominar o mercado, contratar operários, ampliar a sua exploração e acumulação de capital, é o que se chama imperialismo. Então, o capitalismo industrial evoluiu naturalmente para o imperialismo durante todo o século 20, e claro, em alguns países ou territórios em que as populações locais reagiram a essa invasão das empresas industriais, então os governos que protegiam essas empresas fizeram ocupações, invasões militares, e daí nasceu o colonialismo moderno do século XX, onde a força militar foi utilizada para sustentar as empresas imperialistas.

No bojo do imperialismo é que surge então um novo modo de produção, mesmo que dure séculos, em algum momento o capitalismo será substituído por outro modo de produção assim que as condições políticas, sociais, culturais e econômicas estiverem maduras para essa transformação.

No final do século XX, novas formas de contestar o capitalismo surgiram, entre elas a agroecologia, a economia solidária e a economia ecológica, e a cada dia se fortalecem no Brasil e no mundo, cultivando um outro modelo de sociedade.

O modo de produção socialista surgiu a partir de duas grandes revoluções sociais populares que envolveram toda a população, que foi a Revolução Russa em 1917 e depois a Revolução Chinesa em 1949. Essas duas revoluções sociais se propuseram a superar o capitalismo e organizar a sociedade no que se chama modo de produção socialista. Evidentemente que o modo de produção socialista trouxe também novos elementos que caracterizaram a questão agrária daqueles países, ou seja, posse, uso e a propriedade da

terra se diferenciaram em cada um desses países pós-revolução, diferente do que era no capitalismo.

Retomando então o nosso tema da questão agrária, ainda a questão conceitual, nós vimos que ela é uma área do conhecimento científico que se propõe a explicar como ao longo da história da humanidade em determinado território a sociedade organizou o uso, a posse e a propriedade da Terra. No senso comum, aí onde mesmo vocês estão me assistindo, em geral as pessoas misturam tudo, acham que é tudo a mesma coisa, mas não é, e é essa que se debruça a questão agrária, explicar a diferença.

Então, por exemplo, o que é o uso da Terra? O uso da Terra é o ato de cultivá-la. É como você aproveita esse bem da natureza para produzir os bens que você precisa. Então, usar a Terra é cultivá-la, é praticar agricultura. Bem, essa forma de usar a Terra, ela mudou ao longo dos anos, não é sempre do mesmo jeito, seja pelas pessoas que se envolvem, seja pelas técnicas de produção. E o que é a posse da terra? A posse da terra é a situação de se você vive em cima da Terra, se você tem a moradia lá em cima da Terra ou não. Então, note a diferença: agora, você pode morar em cima da Terra e não cultivá-la, portanto não usá-la. Você pode usar a terra e não morar lá em cima da Terra, morar na cidade, morar em outro espaço. Então, são duas situações diferentes.

Quem podia ter a posse de terra? Teoricamente, todo mundo poderia lá morar em algum lugar na terra e poder cultivar lá, mas essa forma de posse também vai evoluindo ao longo da história. A propriedade da terra, que a gente confunde com as três situações, não tem nada a ver com o uso da Terra. Propriedade da terra é apenas uma condição jurídica que surgiu no capitalismo industrial. Então, a burguesia industrial fez uma revolução, constituiu um estado burguês que é o que nós conhecemos até hoje. E o estado cria leis que normatizam a vida da sociedade, e uma das leis que o capitalismo industrial gerou foi a lei da propriedade da terra privada. Ou seja, até o capitalismo industrial, não havia propriedade da terra. Ninguém poderia dizer "eu sou dono daqui", a terra não era comprada nem vendida. Você só usava, tinha posse. O estado burguês criou essa condição jurídica, essa lei do direito à propriedade privada de um bem na natureza, como uma

condição necessária para que eles pudessem levar o capital para a agricultura. Para eles, poderem investir na agricultura e terem a proteção. Porque vão imaginar, eles chegavam lá depois do capitalismo industrial com seus tratores, seus insumos para plantar numa Terra, porque a terra era de todos ou de quem ocupava, aí de repente, depois que a produção estava andando, chegava um sujeito: "Não, essa terra aqui é minha. Eu que moro aqui há tantos anos, desde o meu avô, bisavô." Então, o capitalismo gerou a propriedade privada da terra com uma proteção jurídica ao capital, e o resultado disso é que nós vivemos então a transformação de um bem da natureza que estava aí disponível, numa mercadoria. O capital transformou a terra numa mercadoria.

Agora, combinando os conceitos do materialismo histórico dos modos de produção, o que aconteceu no Brasil? Existem vários livros sobre isso, eu mesmo preparei um livrinho didático para ensino médio que se chama "A Questão Agrária no Brasil", foi publicado pela Editora Atual. Então, na evolução da questão agrária brasileira, nós tivemos o período pré-colombiano, como se diz pré-Colombo, até a chegada aqui dos capitalistas europeus em 1500. No caso do nosso território, como é que os povos que habitavam o nosso território viviam, em que modo de produção eles viviam? No modo de produção do comunismo primitivo, em clãs, tribos. Como era então a questão agrária no comunismo primitivo dos povos originários? O uso da Terra era comum, porém nômade. Então, a própria posse era temporária, porque aquele grupo ficava 3 ou 4 anos num determinado local e depois migrava, até voltar no local de início. E a propriedade da terra, como era no modo de produção do comunismo primitivo? Não havia propriedade da terra. Inclusive, no idioma Guarani, não há nem esse verbo, né, ter poder ou a expressão propriedade, porque não existia essa condição social naquela sociedade, ninguém se atrevia a dizer "essa terra é minha". Ao contrário, na tradição dos povos originários, eles atribuíam o dom da terra, se quiserem, a propriedade da terra a Deus, como fosse uma dádiva dos seres superiores que até hoje nós chamamos de deuses, né?

Quando chegaram aqui os europeus, eles chegaram aqui para introduzir o capitalismo mercantil. Então, a nossa sociedade, no nosso território, pulou do comunismo primitivo direto pro capitalismo mercantil. Nós não tivemos nem escravismo nem feudalismo, e o

capitalismo que os portugueses trouxeram em nome dos capitalistas europeus, ele se propunha então organizar a produção e os bens da natureza para produzir mercadorias. Foi a isso que é esse o sentido do capitalismo mercantil, daí o nome. Tu tem que produzir mercadorias, porque é na mercadoria que tu ganha dinheiro, no comércio. Bom, aqui não tinha mercadoria, os povos indígenas não trabalhavam na agricultura. Então, qual foi a solução que eles encontraram? Eles aplicaram uma forma de organização das nossas fazendas que mais tarde só na década de 70 nós chamamos de plantation, que é a combinação do capitalismo mercantil com o trabalho escravo. E isso gerou muita confusão também, porque a existência do trabalho escravo levou aqui muitos teóricos a acharem que era o modo de produção escravista, e não era. O modo de produção predominante em toda a colônia brasileira foi o capitalismo.

Tudo era em função da mercadoria e do lucro e exportar para a Europa, a condição do trabalho escravo foi apenas uma condição extemporânea, trágica, em que os próprios capitalistas transformaram os trabalhadores negros da África em mercadorias. Então, tinha capitalista aqui e na África comprava os trabalhadores escravos e revendia aqui, e ganhava dinheiro com o comércio de uma mercadoria chamada ser humano. A plantation, como forma de organização agrícola do Brasil, predominou durante todo o período colonial de 1500 até 1900. Nós, em nosso território, e o Brasil foram o último país da história da humanidade a eliminar a escravidão, através da chamada Lei Áurea em 1888. Sofremos 400 anos desse modo de produção da plantation, que é a combinação do trabalho escravo com o capitalismo mercantil.

Como era o uso da terra? Quem a usava? Até os trabalhadores escravizados, eles eram os agricultores, que plantavam cana, algodão, pecuária, entre outros. Quem tinha posse na plantation, conviviam lá Casa Grande e Senzala.

Moravam lá, e quem tinha propriedade da terra na plantation, não havia. Propriedade da terra, ainda que fosse capitalismo mercantil, porque lembre-se, o estatuto jurídico da propriedade privada da terra só surgiu com o capitalismo industrial no século 18. Então, quando se organizou a plantation aqui, não havia propriedade privada da terra. Como foi

então a garantia que os capitalistas tiveram para investir na plantation? Foi por uma lei que a coroa fez aqui para o Brasil, chamada concessão de uso.

Pela lei, todo o território brasileiro pertencia à coroa. Porém, a coroa, uma monarquia, né? Decidia tudo, fazia a concessão de uso. Em geral, a concessão de uso era de grandes áreas. Pela história, a gente pesquisando, mediram léguas naquela época, mas davam entre 6 e 10 mil hectares. Então, um capitalista que vinha da Europa investia aqui em cana-de-açúcar, algodão, cacau, café, criação, recebia da coroa uma concessão de uso. Diárias enormes que variavam de seis a 10 mil hectares ao longo do nosso território e, em geral, próximo do litoral para poder facilitar a exportação.

E aí, os concessionários fizeram toda uma pressão para garantir na lei o que se chama, daí, o direito de concessão de uso hereditário. Ou seja, aquela concessão de uso passava de pai para filho. Mas atenção, eles não tinham a propriedade.

Se eles fossem à falência, aquela concessão de uso voltava para a coroa. Se um vizinho fosse à falência e ele queria comprar, não podia, porque a terra não era mercadoria, portanto, não podia ser comprada e vendida. Então, não havia propriedade de terra no Brasil. A propriedade da terra no Brasil, ela surge. Então, já como um anúncio, um prenúncio do fim da plantation e da escravidão, na primeira lei de terras, lei 601 de 1850, quando então a coroa, pela pena de Dom Pedro II, institui o direito à propriedade privada da terra no Brasil e impõe como condição que, para você ser proprietário privado de terra no Brasil, você tinha que comprar essa terra da coroa. Portanto, aí nasce o latifúndio. Só pode ser grande proprietário de terra no Brasil quem tiver dinheiro. Foi assim que nasceu a propriedade.

E assim que nasceu o latifúndio. Bem, em resumo, essa são as bases conceituais da questão agrária e de como aconteceu aqui no Brasil. E aqui vamos abrir uma janelinha para incluir o tema do campesinato, que é um tema que faz parte tanto da evolução da questão agrária a nível mundial como aqui no Brasil. O que caracteriza o campesinato

com uma classe social? Retomando, ele nasceu como classe na história da humanidade no modo de produção feudal e depois ele persistiu em todos os outros modos de produção, asiático ao campesinado, no modo de produção no capitalismo mercantil, no capitalismo industrial e também em países que fizeram revoluções e quiseram implantar o socialismo.

O que caracteriza ele como uma classe social? A caracterização fundamental é que a família camponesa, ela trabalha de forma familiar. Ou seja, o trabalho é organizado de forma familiar, toda a família se envolve na produção de bens ou serviço. Não é responsabilidade só da mãe, só do pai, só dos filhos, essa família então tem o seu trabalho organizado na forma familiar e, evidentemente, que não é assalariada. Ela não vende o seu trabalho, ainda que em algumas regiões, o camponês, alguns dias do ano, pode também se proletarizar e vender a sua força de trabalho, mas isso é complementar à essência da sua natureza como camponês. É que ele, morando no campo, ele organiza.

O trabalho familiar, segundo a característica, é que a lógica do camponês é que primeiro ele produz para sua subsistência. Então, quando ele planeja o trabalho na agricultura, ele planeja primeiro o que que eu vou plantar que garante a minha sobrevivência, minha e da minha família e ele então.

Planeja e cultiva também algumas culturas excedentes que é então o que lhe leva na feira, o que ele leva no mercado e que lhe proporciona então uma receita monetária para ele poder comprar no mercado outras necessidades que ele tem como família terceira característica do camponês.

É que ele mescla, na sua família e na sua comunidade, várias profissões. A base do campesinato é ser agricultor, ou seja, saber cultivar a terra, mas isso é uma profissão, não é classe. Ao mesmo tempo, em geral, os camponeses fazem a sua própria casa, então eles fazem um misto de carpinteiro, pedreiro. Às vezes, muitos deles fazem as suas próprias ferramentas. Então vira também ferramenta. As mulheres combinam ser professora com ser costureira para fazer as suas roupas. Note no mundo camponês o sujeito ser

agricultor, mas ele combina também outras profissões, outros conhecimentos que ajudam a sua sobrevivência.

A quarta característica é que o camponês, para sobreviver, ele precisa viver necessariamente em comunidade. Isso vem do feudalismo com as aldeias dentro do feudo e depois em todas as sociedades. Sempre o campesinato morou em comunidades rurais, que em cada sociedade tem um apelido: vila, agrovila, comuna. Na Ásia, se usa muito a expressão comuna. O camponês, para ele sobreviver, ele precisa viver em comunidade, porque lá na comunidade é que se dá muita ajuda, que contribui para a sua sobrevivência como classe. Toda a comunidade tem então as várias profissões, ainda que sejam camponesas, que vão fazendo essa muita ajuda.

Qual é a base da formação dessa classe social, o campesinato, no Brasil? Os primeiros camponeses que conviveram aqui no nosso território e na nossa sociedade foi resultado da miscigenação que houve na colônia. Entre diversas origens étnicas, povos indígenas com negros, negros com europeus. Essa mistura gerou um sujeito social que ele não poderia ser escravizado, porque lembre-se, o trabalhador escravizado no Brasil, ele era uma mercadoria. Ele foi comprado lá na África e revendido aqui. Se você nascesse no Brasil dessa circunstância que eu descrevi, você não era a mercadoria. Você não podia ser comprado e vendido. Ninguém era dono.

Surgiu uma população mestiça que não podia ser escravizada. Por outro lado, essa população pobre, desprovida, como é que ela sobreviveu? Ela sobreviveu entrando no sertão adentro. Então, se você pegar o mapa do Brasil, lembre-se, a plantation, como forma de organização das mercadorias agrícolas para Europa, dominava o litoral, e a posse uso de propriedade da terra era dominada pela concessão de uso que a coroa dava aos fazendeiros. Então, a margem disso, excluídos desse modo de produção na plantation, começou a se multiplicar essa população que não podia ser escravizada e não tinha direito à concessão de uso porque não tinha capital.

A saída de sobrevivência dessa população foi indo entrando sertão adentro, onde as terras eram públicas, portanto, de domínio da coroa. Aí o cara botava uma posse da terra, ou seja, tomava conta de um espaço da natureza, em geral, na beira do rio, porque daí favorecia água e peixe e nem enchia o saco dele lá. Então o campesinato nasceu mestiço e meio posseiro, ou seja, ele foi entrando sertão adentro. Daí vem a expressão, inclusive, porque a maior parte deles partiu do Sudeste e foi ocupando o sertão lá dentro. Então esse campesinato que foi se formando ao longo da colônia recebeu o apelido de o sertanejo.

O sertanejo é o apelido para o primeiro campesinato que nasceu aqui e foi se multiplicando com essa mistura. Com o fim da escravidão e com a introdução da propriedade privada, isso levou aqui por necessidades de acumulação do capital. Os capitalistas aqui do Brasil, junto com a coroa, fizeram uma ampla campanha na Europa para atrair os camponeses pobres da Europa que não tinham terra e assim, um milhão e 600.000 famílias, entre elas a minha, tanto materno quanto paterno, estavam nessa circunstância. Então, entre 1875 e 1914, que a Primeira Guerra chegaram ao Brasil 1 milhão e 600 mil camponeses de origem europeia.

Esses camponeses então foram distribuídos sobretudo do Espírito Santo para baixo. Bem que eles tentaram levar os migrantes para a Bahia, mas eles não sobreviveram por causa das enfermidades dos trópicos. Então esse humilhau, esses 200.000 ocuparam do Espírito Santo para baixo e formaram então uma segunda base do campesinato brasileiro. Esse campesinato de origem europeia que se dispersou pelo território e ocupou a terra de várias formas. Alguns deles se transformaram em posseiros, outros o governo vendeu lotes de terra para eles, porque essa era a forma de obrigar aqueles embora camponeses já se integrassem ao mercado porque eles dizem que pagar a terra que receberam da coroa. Lembre-se que já estava em vigor a lei de terras que para você ser proprietário, você tinha que pagar.

E parte desse campesinato se instalou aqui em São Paulo, onde se desenvolveu uma forma específica de relação social e de produção que só existiu aqui em São Paulo, que se chamou de colonato, como uma categoria de organização do camponês. O que foi o

colonato? As fazendas de café, sobretudo aqui em São Paulo, quando os trabalhadores escravos fugiram das fazendas, saíram das fazendas porque não quiseram mais ser escravizados ou se transformar com trabalho assalariado, ficou lá o café montado. A Senzala acabou e o cara morava lá, o cara da casa grande.

Então, existe um museu em São Paulo que explica toda essa historinha. Os migrantes desciam do navio em Santos, subiam de trem até as instalações que existem até hoje como museu lá no Brás, um bairro de São Paulo. Aí esses fazendeiros chegavam com o trem, selecionavam os trabalhadores e levavam para suas fazendas lá nas fazendas. Eles faziam o seguinte acordo, que resultou no regime de colonato: cada família recebia uma casa, recebia algumas linhas de café para cuidar e ao redor da casa, ele podia fazer o que quisesse, plantar horta, ter algumas fruteiras, criar galinha, criar porco.

E sobre a produção do café, era estabelecido um contrato, eu era 66 ou outras condições, o sujeito cuidava era daquele café e na hora de vender dividir o produto com o dono da terra, que era o escravocrata. Esse é o regime que se chamou de colonato, que funcionou basicamente com campesinato migrante de origem europeia aqui de São Paulo. Dessas duas vertentes, aquele campesinato caboclo mestiço que ao longo de 300 anos foi se formando, que virou sertanejo, né, sertão adentro, e de outro lado o migrante europeu que por políticas do governo, seja expulsos da Europa, seja atraídos pelo Dom Pedro II, receberam terras de alguma outra forma e compuseram então a nova classe social no Brasil, que foi o campesinato, que então, a partir de ao longo do século 20, se constituiu a principal classe social do meio rural brasileiro, porque eles passaram então durante todo o século 20 a conviver então com o capitalismo industrial, digamos assim, o capitalismo.

Eh, funcionando o Brasil até a Revolução de 30, a famosa política do café com leite e a partir de 30 então o Brasil entrou para o capitalismo industrial. E aí a burguesia industrial foi muito esperta, começou a desenvolver políticas que integraram esse novo mundo camponês que trabalhava por conta própria, que trabalhava com a sua família integrava com o capitalismo industrial e quais foram as formas básicas.

Do campesinato brasileiro se integrar ao capitalismo industrial do século XX? Primeiro, os camponeses forneceram mão de obra barata para indústria. Os camponeses sempre tinham família numerosa, até para poder aumentar a produção no campo. Então, de uma família de 7-8 filhos, sempre os mais velhos, os mais novos migravam para a cidade para trabalhar na indústria.

Era uma mão de obra acostumada com o espírito de sacrifício que ia lá trabalhar na indústria com a ilusão que ia ganhar um dinheirinho e de fato ganhava mais do que trabalhavam na sua família. Segundo a função do campesinato no capitalismo industrial foi produzir alimentos baratos para esse novo proletariado industrial. Então se formou a classe dos operários industriais, moravam na cidade e precisavam comer.

Quem é que abasteceu com comida esse operariado industrial? Os camponeses. Então aí também a esperteza do Estado burguês, o governo Getúlio. Todos que se submeteram deles tiveram um controle ferrenho dos preços dos alimentos, a chamada cesta básica. A cesta básica tinha a relação direta com o salário mínimo industrial e os operários e os industriais sabiam disso.

Então os industriais, para manter o salário baixo, eles tinham que garantir que a cesta básica também valesse esse pouco bravo, a cesta básica. Vale pouco. Os camponeses, tinham que abastecer esse mercado, abaixar o preço e isso o governo controlava através das suas políticas.

E a terceira função no campesinato ao longo desse século XX foi então fornecer matéria-prima para indústria, o que antes ele levava para o mercado local, para as feiras, ele foi induzido agora a produzir por uma indústria. Antes, ele entregava o leite a cavalo e casa na cidade, agora tá proibido. Ele é obrigado a entregar o leite não laticínio. Antes, ele matava que levava os pedaços de carne lá na feira, agora tá proibido. Agora eu tenho que vender o porco para Sadia para as grandes empresas que foram se instalando com os

frigoríficos assim também nas aves e em vários setores da nossa economia. Na minha região, onde eu criei, meu avô tinha a cantina Divino, mas ao longo do desenvolvimento da indústria essa produção artesanal de vinho foi sendo desestimulada e combatida para levar que os camponeses entregassem a sua uva para as grandes cantinas que aí então fazia um vinho e controlavam a produção.

Então, praticamente todos os setores do mercado interno de produtos agrícolas houve essa combinação e subordinação, os camponeses produzindo matéria-prima para esse setor industrial que surgiu no Brasil, que é hoje conhecido como indústria. Bem, então, em síntese, é essa a formação no campesinato e como ele sobreviveu ao longo do século XX até os dias de hoje. Há um livro muito interessante que, embora pegue pela culinária, é sobre a culinária caipira. É um bom estudo antropológico e sociológico que eu recomendo, porque explica como era a cozinha dos Guaranis, que é a base do caipira e que é a base do que muitas coisas que nós estamos comendo até hoje na nossa culinária cotidiana. Existem centenas de outros pratos que você não sabe que vai ver nesse livro da origem daquele período.

Mas voltando ao tema do campesinato, nós já temos uma literatura muito mais abundante, que vocês podem pesquisar e estudar para compreender as características do campesinato no Brasil.

Até logo!

Aula 02

Olá, boas-vindas pessoal. Vamos retomar a nossa aula e agora na sequência ainda da questão agrária geral, vamos focar o tema de como o capitalismo industrial influenciou na agricultura.

Nós já vimos que lá no início do capitalismo, quando ele nasceu como capitalismo mercantil, a principal mudança que houve, sobretudo lá na Europa, foi uma metamorfose: o camponês no feudalismo ele era obrigado, por sua condição, a pagar duas rendas ao senhor feudal ou aos príncipes. Ele pagava uma renda em produtos, ou seja, de tudo que ele produzia como trabalho familiar lá no interior. Ele tinha que pagar 50% da renda para o senhor feudal, para a nobreza, que eram os donos daquele território. E a segunda renda que os camponeses pagavam no feudalismo era a chamada renda trabalho. Dos sete dias da semana, ele tinha direito a descansar um e, em geral, ele tinha que dar dois dias por semana de trabalho gratuito para a nobreza. Esse trabalho gratuito era em alguma área agrícola ou era em alguns serviços no castelo, como, inclusive, até em épocas de guerras, fazer o papel de soldado ou também, lá no castelo, ajudar a fazer armas. Então, o camponês no feudalismo era explorado por essas duas rendas: renda em produto e renda em trabalho. Quando adventou o capitalismo mercantil, isso foi uma espécie de redenção para os camponeses.

Porque eles podiam. Então, em vez de entregar o excedente do seu trabalho na forma de produtos para a nobreza, que era aquela renda em produto, agora começou a levar na feira, no mercado, onde havia um capitalista comerciante que comprava dele e revendia por um valor maior. O comerciante ganhava muito dinheiro e essa é a origem do capital. Foi aí que nasceu o capitalismo. Porém, para o camponês, mesmo que ele soubesse que era explorado, a exploração era infinitamente menor do que no feudalismo. Então, de certa forma, os camponeses gostaram do capitalismo mercantil e começaram a aumentar a sua produção para entregar no mercado.

E a base então do capitalismo mercantil era transformar o máximo de produtos agrícolas em mercadorias, ou seja, que os camponeses oferecessem para eles. Quanto mais mercadoria melhor, e o capitalista acumulava na circulação entre a compra e venda daquelas mercadorias, de origem agrícola ou de produtos feitos por artesãos, como roupas, calçados, móveis, que também eram levados pelos artesãos no comércio.

O que mudou no capitalismo industrial? Qual é a influência do capitalismo industrial na agricultura, que aqui se estuda? Primeiro, nós já comentamos na outra aula. Por conta da Revolução Industrial e do novo estado burguês que surgiu nessa forma de estado que faz as leis que regula a sociedade, que não havia antes, surgem aí a lei da propriedade privada da terra. Basicamente, a partir do século 18, todos os países da Europa onde o capitalismo industrial emergiu, eles foram aplicando essa lei que deu o direito à propriedade privada da terra e introduziu então a concepção de que a terra, apesar de ser um bem da natureza, de não ser fruto do trabalho humano que ninguém fez até ela, passou a se transformar numa mercadoria, uma mercadoria extraordinária, porque ela não sendo fruto do trabalho humano, no entanto, ela passou a ter preço no mercado e os capitalistas puderam então comprar e vender pedaços. Foi aí que nasceu a cerca, porque ele tinha que delimitar até onde vai o meu direito de fazer o que eu quero. Já temos uma segunda característica do capitalismo industrial: introduz a lei de propriedade privada, transforma a terra numa mercadoria e essa terra começa a ter preço.

Então, o velho Marx, no livro clássico que explica o capitalismo, que é "O Capital", ele dedica alguns capítulos para procurar explicar como esse capitalismo industrial influenciou a agricultura. E ele parte de uma primeira concepção teórica, que é: o capitalismo é um modo de produção abrangente, ele organiza toda a sociedade. Portanto, ele vai organizar a agricultura também com aquelas leis fundamentais do capitalismo. Qual eram as leis fundamentais que o capitalismo gerou e se aprofundaram no capitalismo industrial? Primeiro, é o surgimento da mercadoria, ou seja, aqueles bens necessários que eram produzidos pelo trabalho humano, eles transformam em mercadoria, vão para o mercado, daí o nome mercadoria, bens que vão para o mercado, ou seja, que tem gente

que compra e vende. E como se determina o preço dessa compra e venda daquela mercadoria?

Daí, o Marx elaborou a teoria do valor. O valor de toda e qualquer mercadoria sempre é determinado pelo tempo de trabalho necessário para fazer aquela mercadoria. O que diferencia o preço dessa caneta desse relógio? Por que o relógio vale mais do que a caneta? É porque para fazer um relógio como esse leva muito mais tempo de trabalho, desde a mina para tirar o minério, os ourives que vão montando as pecinhas. Já uma caneta, uma máquina lá, pic pic pique, faz de forma mais rápida. Essa é a explicação da lei de valor. O que diferencia o preço das mercadorias é o tempo de trabalho necessário dentro dela. Uma mercadoria mais complexa, tipo um automóvel.

Então entra também, segundo a teoria de Marx, o tempo de trabalho que ele chamava de trabalho morto, ou seja, o tempo de trabalho pretérito que foi utilizado antes. Então, no valor de um automóvel, está o tempo de trabalho do metalúrgico que monta as peças e montou o automóvel, mas também está o tempo de trabalho do mineiro que tirou minério de ferro, o tempo de trabalho anterior na siderúrgica que fez o aço, depois o tempo de trabalho do cara que ajudou a fazer o motor, até chegar no final o tempo de trabalho de montar todas essas peças e sair o automóvel. A soma de tudo isso, que hoje eles fazem por computador, dá o preço do automóvel. Bom, então Marx disse: na agricultura é a mesma coisa. Por que o milho pode valer mais do que uma abóbora, ou menos? O que diferencia o preço das mercadorias agrícolas, ele disse, na essência, pelo capitalismo funciona a teoria do valor, é quanto tempo de trabalho humano precisa para você produzir milho, para produzir uma fruta, para produzir não sei o quê. Ele foi estudando na agricultura e na indústria como parte das leis fundamentais do capitalismo.

Ele explicou a exploração pela teoria da mais-valia, que era a teoria da mais-valia: o trabalhador vende o seu tempo de trabalho então, para fazer uma mercadoria. E o preço dessa venda do trabalho é o que se chama salário. O salário ele usa para sustentar a sua família e reproduzir a sua força física de maneiras, que todos os dias ele vai lá na fábrica. Porém, aquela força física que ele bota numa máquina, que ele bota como o seu trabalho

lá na fábrica, gera mercadorias em valor a mais do que ele precisa para sobreviver, que é inclusive a razão fundamental do progresso da humanidade. Porque nós, seres humanos, usamos a nossa inteligência, ao contrário dos animais, que só se movimentam para comer e portanto não crescem no mundo animal. Nós usamos o nosso tempo de trabalho para produzir mais bens do que precisamos. Isso aconteceu ao longo da história da humanidade, daí o progresso. Se não, nós estaríamos ainda vivendo como grupos de clãs no meio do mato. Qual é o segredo que Marx descobriu e apelidou de mais-valia, que o capitalismo industrial se apropriou? É que pela forma de organizar o trabalho industrial.

O capitalista entra com as máquinas, entra com a matéria-prima, contrata o trabalhador e diz para o trabalhador: você vai produzir isso aqui para mim, automóvel, sapato, móveis, mas eu vou te pagar um preço fixo, o salário. Por que ele faz isso? Porque ele sabe que aquele salário vai produzir mais do que ele vale. Então, aqui, o valor a mais que o operário produz dentro da fábrica durante o mês do que ele recebeu é o que se chama mais-valia, e é a fonte de acumulação do capitalismo. O capitalismo sabe que quanto mais operários ele tiver, mais máquinas, mais matéria-prima, no final do mês sempre vai sobrar um valor a mais para ele, e não para os operários, porque os operários vão receber o salário fixo no final do mês. Então, Marx disse: o capitalismo industrial inventou a mais-valia. No capitalismo mercantil, os capitalistas ganhavam na compra e venda da mercadoria, aqui não, eles ganham na hora de fabricar a mercadoria, seja um automóvel, um sapato, uma caneta qualquer.

Aí a pergunta é: e na agricultura, funciona assim? Ele respondeu. Ou seja, se na agricultura tiver uma fazenda em que o proprietário capitalista ele é dono da terra, ele tem o trator, ele tem os insumos, como as matérias-primas, semente, adubo, e ele contrata um operário para produzir aquele milho, ele diz aí haverá um valor a mais produzido pelo assalariado que pegou o trator, cultivou a terra, plantou, chega no final dos quatro meses, ele entrega a produção. O valor da produção do milho é muito maior do que o valor das máquinas, do adubo e do salário. O capitalista pagou, se gerou então uma mais-valia que não fica com o agricultor que trabalhou, fica com o dono.

Que é o dono dos meios de capital, então, nessa lógica, funciona também na agricultura a mais-valia. Porém, alguém na aula do Marx perguntou: "Mas o camponês existe no capitalismo industrial e não é assalariado". Pronto, já colocou uma grande incógnita para o Marx. Então, o Marx teve que explicar que mesmo que o capitalismo industrial fosse hegemônico e predominante, ele poderia conviver com o campesinato e esse campesinato então ia produzir mais-valia com o seu trabalho, seja ele produzindo milho.

Só que ele não conseguiria ser apropriado de toda a mais-valia, porque ao entregar o milho para um moinho, quem ia ficar com a maior parte do valor agregado era o moinho, a agroindústria, e não o camponês, porque ao transformar um milho em farinha de milho e ao vender a farinha de milho para um consumidor, quem ganhava a mais-valia era o dono do moinho e não o camponês. Em determinadas sociedades, o capitalismo industrial não precisou destruir o campesinato e transformar todos em assalariados. Ele desenvolveu formas mais complexas de como o capital industrial, portanto, agroindústria, se apropria do trabalho do camponês de uma forma difusa, não tão clara. Na fábrica é claríssimo: eu ganho tanto por mês, eu produzo isso, o cara pode ver até o preço depois no mercado. "Poxa, eu fiz isso aqui né? E nunca vi você dono dele." Então, o operário industrial enxerga matematicamente quanto ele foi explorado.

E se ele for um pouco esperto, ele até pode olhar o balanço das empresas que é publicado nos jornais e aparece lá lucro. Já o camponês não. O camponês fica difusa a exploração dele no capitalismo industrial porque ele entrega o leite, mas ele não sabe quanto ele foi explorado. Então, vamos supor, no caso do leite, que tem leite camponês produzindo leite no Brasil inteiro. Ele entrega o leite a R\$1. Aí, a empresa Nestlé, o laticínio, a Danone pega aquele leite como matéria-prima, que tem lá dentro do leite a mão de obra do camponês. Se ele não for lá, criar, cuidar da vaca, tirar o leite, transportar, tudo isso é tempo de trabalho. Então, o laticínio pega aquele leite, tira a manteiga, tira o leite condensado, tira o queijo, bota um pouquinho de água e vende ainda. Mas notem como é mais complexo mesmo que no campo a cara dele é que ele vai lá no comércio, tá lá o leite longa vida a R\$1,85. "Poxa, eu vendi pra lá a R\$1 e ele vende o mesmo leite meu, só pasteurizado, a R\$1,80." Mas não é só aí que está a exploração, ali está também naqueles

outros produtos derivados. E ele não consegue ter controle sobre quanto a indústria ganhou do iogurte, da manteiga, do queijo, etc.

Na exploração do camponês pelo capital industrial, a exploração é mais difusa, é menos clara do que para o trabalhador operário fabril. Então, a agricultura tem nuances, tem características no caso do campesinato que convive com o capitalismo industrial que transformam a exploração mais difícil de você perceber como ela acontece ou para onde vai o trabalho do camponês.

No estudo que Marx fez, nas condições objetivas da Inglaterra, porque Marx, como um grande pesquisador, não era o cara que ficava lá escrevendo, inventando coisa como método, inclusive de trabalho de pesquisa, ele fazia pesquisa na realidade. No caso dos estudos do capital industrial, ele utilizava muito a fábrica de um amigo dele que era o Frederick Engels. Eles eram amigos e colegas. Então, ele ia lá para a fábrica, observava como funcionava essa relação trabalhista. E no caso da agricultura, ele fez a mesma coisa, ele foi lá para o interior, pesquisou, soube como é que funcionava. E aí, quando ele chegou lá no interior e pesquisou a realidade da agricultura na Inglaterra, Marx produziu teoricamente entre 1848 e 1883, quando morreu. Trabalhou até morrer. Então, esse é o período histórico que ele estava pesquisando, o final do século XIX, e chegando lá na agricultura, sobre hegemonia do capitalismo industrial, ele se deu conta de outra realidade: na indústria, as fábricas são todas iguais. Podem variar um pouco, mas no geral, são todas iguais. Na fábrica de sapato é igual, no mesmo país altera pouco, agora, inclusive de país para país, uma fábrica de automóvel também é tudo igual. Na agricultura não, lá na agricultura é aquela confusão.

Tem então produtores de tudo quanto é tamanho, não é? Não é tudo igual, né? Já me referi. Tem também os camponeses que não são nem capitalistas nem operários agrícolas, é um outro tipo, então, produzindo mercadorias. Marcos chegou lá para estudar o que aconteceu na agricultura e se deparou com um mundo muito mais plural e diversos dos produtores capitalistas do que na indústria. Então, a agricultura, ainda que sob as leis fundamentais do capitalismo, é muito mais complexa e essa é a teoria que o Marcos então

organizou, que está sob o título de "renda da terra". Porém, o nome melhor seria a teoria do desenvolvimento do capitalismo industrial na agricultura porque é isso que ela se propõe a explicar. Então, depois vocês vão ver aí na teoria.

Vou usar aqui apenas com a minha orientação didática. Imaginem aqui produtores de milho no Brasil, e eu fui lá pesquisar imitando o Marcos, como é que é a produção de milho no Brasil e encontrei, pelos dados da Conab, que estão disponíveis pela internet. Depois, nós vamos botar aí o link da Conab para vocês também pesquisarem. A Conab todo ano faz o estudo de custo de produção por estados nas regiões principais produtores. Então, eu selecionei aqui, por exemplo, do milho, que é um produto agrícola que existe em todo o Brasil. Peguei um produtor lá do Maranhão, um produtor de Santo Ângelo, Rio Grande do Sul, um produtor em Barreiras, na Bahia, um produtor em Campo Mourão e um produtor em Chapada do Sul, Mato Grosso do Sul. São dados reais da produção de milho.

Mas os cinco, para ser um exercício, para vocês notarem as diferenças que têm. Olha, cada um desses produtores tem uma produtividade diferente: sacos 825, outro 140, outro 160 sacos de milho. Então, olha aqui, a produtividade na agricultura não depende só do trabalho humano, depende da natureza e por isso que gera produtores mesmo capitalistas diferentes. Depois, nós podemos organizar o custo de produção de cada um deles. É diferente. Porém, tem um detalhe que o capitalismo industrial impôs, que era a grande incógnita do Marcos: o preço do milho é o mesmo no Brasil inteiro e agora, com a globalização, no mundo inteiro o preço do milho está internacionalizado. Então, ele não te pergunta se tu plantou no Maranhão.

Sul, Santa Catarina ou Mato Grosso, o preço do milho só. Então, o fato do preço ser um só, porém as condições de produção serem diferentes, gera rendas diferentes para o mesmo produtor capitalista. Muito bem, então, como funciona a agricultura nesse mundo diverso? Olha, didaticamente, para o caso do milho. Se você pegar um capitalista fazendeiro típico de cada estado, eles vão ter condições diferentes de produção. Em cada estado, a produtividade é diferente, mas o preço de venda dessa mercadoria é o mesmo

no Brasil inteiro e no mundo inteiro. Bom então, qual foi o estudo que o Marcos fez? Como funciona essa diferença?

E aí ele se deu conta, já pelo estudo da Inglaterra, e que se aplica até hoje o capitalismo industrial que nós estamos vivendo. Primeira coisa, todos esses fazendeiros capitalistas perseguiram o lucro. Ou seja, eles investem máquina, insumo, fertilizantes, contrato, mão de obra, produzem uma certa quantidade de milho e vendem no mercado milho. Esse milho tem que dar lucro. Se essa venda de milho, porque houve algum problema no preço que, controlado pelas empresas, baixou muito e ele não teve lucro, no próximo ano, ele não planta mais milho, porque o objetivo dele é ter lucro. Então, se nós pegássemos a tabelinha aqui que é de dados verdadeiros da Cohab, todos os produtores tiveram.

Então todo o produtor capitalista segue se apropriar da mais-valia, que é esse é o nome disfarçado do lucro produzido pelos operários.

Porém, além do lucro, o Marcos descobriu que funciona até hoje que existem outras formas de renda que o capitalista se apropria só lá na agricultura que não acontece na fábrica. A primeira renda é a renda da terra.

Ou seja, o Marcos descobriu que todo capitalista que produz na agricultura, ele inclui de uma forma subentendida uma renda da terra, mas por que isso?

Se ele o capital que ele teve era as máquinas, os insumos, contratou os trabalhadores e ainda ele quer botar uma renda da terra, de onde vem isso? A resposta é simples. Vendo o fato dele ser proprietário daquela terra e, portanto, a lei da propriedade privada lhe dá o direito dele fazer o que que é com aquela Terra. Então por ele ser proprietário da terra e a terra ter limites.

E não são muitos os proprietários, ele salva o direito na Inglaterra, no mundo e aqui no Brasil com uma lei do funcionamento do capitalismo na agricultura dele se apropriar de uma renda da terra, mas como isso, como é que tu merece essa renda da Terra no caso da colado que é didático, os pesquisadores da comadre. Coloca lá.

Quanto o capitalista quer ter reino da terra, então é explícito. Mas na vida comum, aí o cara vende o preço do Milho, ele não sabe que dentro vai ter uma renda na terra para ele. Então, Marcos disse como é que você descobre o valor real da renda da terra que eles cobram pelo único fato de ser donos da terra e que existe na sociedade capitalista, ele disse olhe quanto é o valor do arrendamento de uma tecla. Esse é a renda da terra cobrada pelos capitais por todos eles mesmo que não tenha esse nome porque ela acha que é simples se eu tenho militares.

Eu posso pôr de milho esse milho hectares e ter tanto de lucro. R\$ 1000 de lucro por hectare de milho. Porém tem outros capitalistas que podem arrendar minha terra então se eu arrendar minha terra sem fazer nada sem botar capital nenhum sem contratar peão eu posso arrendar por 3.000. Então o capitalista diz assim para mim valer a pena plantar milho, eu tenho que ganhar mil de lucro mais 3.000 de renda portanto no final do ano, eu tenho que sobrar ou no final da safra. Tenho que sobrar 4.000. Se eu sobrar só um não vale a pena eu plantar milho porque porque se eu arrendar a terra para o meu vizinho eu vou ganhar três.

Então Marcos, diz a atenção esses três que o mercado aí paga. Ou seja, que os outros capitalistas vão pagar para ele. Esse é a renda da terra então no final todo capitalista de milho no Brasil ganha em média uma taxa de lucro. Vamos supor aqui r\$ 1.000 por aqui tá e mais 3.000 de renda na terra, porque é o valor médio do arrendamento todo mundo mesmo que o cara não saiba porque essa renda vem embutida no preço do Milho que ele recebe do mercado de toda a sociedade no capitalismo industrial, não acontece isso no capitalismo industrial há uma taxa média de lucro para você como ilustração saber por exemplo a taxa média de lucro da indústria automobilística em todo mundo é 13%.

Se uma empresa tipo a Ford São Paulo deu só 8% de lucro, o que, que acontece com a empresa ela fecha porque na média todas as fábricas de automóvel, eu tô ganhando 13. Então quem ficar abaixo da Média quebra na agricultura. Ele percebeu não não tem uma média de lucro que é r\$ 1.000,00 tem a renda que todo mundo Pega aquele de 3.000, mas aqui no trabalho concreto na o cara lá de Mato Grosso do Sul, além dos 1000 de lucro e dos 3.000 de Renda ele teve né uma renda extraordinária de 5.000 então a resposta que o Marx procurou que alguns fazendeiros conseguem.

Além da renda da terra tem uma renda extraordinária diferente dos outros e aí ele foi explicado há uma renda da terra que o Marcos chamou então de renda da terra absoluta, porque a expressão absoluta porque um direito absoluto que ele tem pelo único fato de ser proprietário da terra a propriedade privada que ele dá esse direito de se apropriar da sociedade quando se acabasse a propriedade privada da terra caí imediatamente o preço das mercadorias agrícolas no Brasil, porque a renda absoluta desaparece, porém alguns fazendeiros aí não é todos que tem uma renda a mais do que a renda absoluta. Qual é a razão para isso foi a explicação que ele deu alguns desses fazendeiros tem então uma sobra ou um lucro total de cinco e não de quatro como eu expliquei no exemplo anterior.

Porque as fazendas deles estão ou localizadas mais próximas do mercado ou há uma fertilidade natural da natureza, portanto que leva que ele precisa colocar menos adubo. Então vamos supor, no nosso exemplo concreto aqui, o sujeito lá do Mato Grosso do Sul que adquiriu mais renda ele colheu sacos de milho já o cara lá de Santa Catarina colheu. Então essa diferença dos sacos é uma fertilidade natural que só alguns tem.

Então aqueles sacos a mais se transformam numa renda extraordinária que o Marcos chamou de renda diferencial. Ele foi pedagógico a botar o nome renda da terra diferencial para garantir aquele conceito de que é diferente entre todos os fazendeiros. Ele já ganhou o lucro, já ganhou a renda da terra absoluta que é pelo fato de ser dono, porém ele tem

um plus a mais que o Marcos chamou de renda diferencial bem mesmo assim vai ter um terceiro fazendeiro.

Que ganhou seis mil. Então, ele já ganhou mil de lucro que todo mundo ganhou, ganhou três mil da renda absoluta que todo mundo ganhou, ganhou mais mil porque ele tem uma boa produtividade de sacos, porém ele ganhou mais mil diferente dos outros então o Marcos foi explicado por que que alguns fazendeiros ainda tem uma outra renda diferencial diferente dos outros é porque tem alguns fazendeiros que conseguem organizar melhor a produtividade do trabalho aí não é a natureza é do trabalho consegue que o trabalho produza mais com menos salário e como é que ele faz isso?

É otimizando as máquinas com a mão de obra. Então vou dar um exemplo dois fazendeiros vizinhos. Os dois têm militares. Um para plantar nos militares usa tratores Massey Ferguson da potência HP. O vizinho descobriu que tem uma fábrica Miller que faz um tratorão muito grande e em vez ele tem trator, ele tem só três setor o valor dos trator investido é o mesmo dos três tratores. Então porque que o fazendeiro vizinho mais esperto preferiu comprar só três trator e não os do vizinho.

É fácil de entender porque agora ele pode produzir milhares de milho com só três operários.

Só três salários. Então nós vamos ter dois fazendeiros vizinhos um com operários paga salário outro com operários significa que esse fazendeiro que só tem operários Eles produzem a mesma coisa em militância isso gera uma produtividade do trabalho maior e dá o direito então para o fazendeiro. Em vez dele aumentar o salário não ele pega esse valor a mais produzido pelos três, aqueles três enorme para todos vocês podem imaginar que eu tô exagerando é brincadeira agora imagine como capitalismo vai evoluir agricultura.

Que essa safra de cana colhida esse ano em São Paulo a empresa de caminhões Volvo. Já estreou caminhões que carregam a cana da lavoura até Usina sem motorista, ou seja, eles vão chegar ao máximo de redução da mão de obra viva que eles puderam então a renda produzida a mais para alguns fazendeiros decorrentes desse aumento da produtividade do trabalho em relação ao capital investido é que o Marx chamou de renda diferencial 2 ou seja uma renda mais diferente que só alguns capitalistas conseguem ter em função é dessa artimanha de como ele organiza notem esse conjunto de nuances de diferenças as leis fundamentais do capitalismo são as mesmas.

Mercadoria teoria do valor mais valia porém lá na agricultura além daquelas três surgem a renda da terra com aquelas características que eu acabei de escrever. Muito obrigado pela atenção e vão estudar.

Aula 03

Olá, boas-vindas para nossa próxima aula dentro do tema geral da questão agrária.

E enfocando o processo de desenvolvimento do capitalismo industrial na agricultura.

Agora vamos avançar ainda do ponto de vista, teórico e conceitual naquilo que os clássicos construíram de interpretação sobre o que aconteceu com a agricultura com o processo de desenvolvimento do capitalismo industrial e ao longo do século 20 sobretudo houve várias formas desse capitalismo se desenvolver na agricultura que os pensadores clássicos recolheram e sistematizaram.

E a posterior elas receberam uma denominação para cada um desses tipos e na base da diferenciação de cada um desses do que aconteceu em alguns países.

Está uma interpretação que o Marcos também havia feito quando ele descreveu as leis fundamentais do capital e ele disse que na agricultura embora as leis fundamentais do capitalismo industrial sejam as mesmas. Ao serem aplicadas na vida real na prática, elas vão adquirindo contornos influenciados por outros fatores então note nós temos as leis fundamentais do capital e elas que regem a lógica do Capital funcionar que é aquilo que descobri nas outras aulas, né, a produção de mercadorias, obtenção de lucro, a renda da terra, a exploração, porém.

Há outros fatores que influenciam também daí no tipo de desenvolvimento o primeiro fator é a formação histórica pré-capitalista.

Qual foi o modo de produção que predominava antes do capitalismo industrial porque isso caracteriza a sociedade e dá os contornos de quais são as formas de produção que o

capital então vai destruir segunda característica é as condições da natureza o nosso planeta como todos conhecem é muito diverso e a natureza influencia muito na produção agrícola porque a produção agrícola não é só fruto do trabalho humano, como era uma fábrica.

A produção dos bens agrícolas depende das condições do solo, da sua fertilidade, da água, do Sol que é energia maior e faz o desenvolvimento das plantas e animais e do ser humano e também dos Ventos. Então as condições da natureza que são diferentes e para isso para país de território para território mesmo aqui dentro do Brasil, nós temos diferentes condições. Vamos agora nos dizem e dafo climáticas para se produzir na agricultura e essas condições vão condicionando as formas diferentes que vão se apresentar então na agricultura e por último.

O que também influencia na determinação do modelo de desenvolvimento agrícola é a luta de classe ou seja? Como é que as populações reagem aquela lógica do Capital funcional cada país tem a sua história tem as suas formas de organizar e a sua cultura política e isso vai influenciando no formato.

Que a produção agrícola vai adquirindo que em teoria a gente chama, qual foi o modelo então de desenvolvimento do Capital na agricultura. Então essas características diferentes esses fatores lá na vida real, eles vão construindo formas diferentes que os pensadores analisavam. E então a posterior nós construímos como teorias sobre formas de desenvolvimento do Capital na agricultura.

E a primeira forma clássica que nós podemos resumir é o que ficou chamado depois como havia inglesa do desenvolvimento do Capital na agricultura.

Marx estudou a situação da Agricultura na Inglaterra no final do século 19 entre 1860 e 1883. Então esse foi o parâmetro histórico. Porém, quando ele estudou lá em 1980, a agricultura inglesa já vinha sofrendo as influências do capitalismo industrial desde a

revolução industrial, ou seja, desde 1750. Então nós já tínhamos aí 100 anos, 130 anos do desenvolvimento do capitalismo industrial na agricultura.

E o que o Marcos descreve que aconteceu então no território inglês? Um movimento em que os capitalistas industriais foram lá para a agricultura para produzir os bens da Agricultura naquela forma Industrial, levaram as máquinas, os adubos químicos, fertilizantes. Porém, lá nas comunidades do interior da Inglaterra, as comunidades eram autônomas.

Porque os Camponeses no período histórico anterior haviam derrotado o feudalismo e portanto haviam se transformado em posseiros de Todas aquelas terras. É um filme interessante que vocês podem acompanhar historicamente do que aconteceu lá, é o filme Coração Valente, embora seja outra história, mas ele é contextualizado de como os Camponeses derrotaram a nobreza.

Um exército de Deus conterrâneos que está desafiando a tirania.

Vimos lutar como homens livres. As comunidades camponesas tinham autonomia, cada um produzia. Claro, já estavam produzindo para o mercado que lembre-se depois do feudalismo veio o capitalismo Mercantil e então o que aconteceu com essa chegada do capitalismo industrial, eles destruíram a forma dos Camponeses se organizar e se apropriaram das células, como é que se apropriaram pela lei daí é que veio a lei da propriedade privada, então ele se apoderaram das terras que eram comuns.

Algumas terras eram da igreja inclusive. Daí vem também a separação da igreja inglesa do Vaticano, então, eles chegaram a fundar uma nova igreja e no fundo é a origem da igreja anglicana separar do Vaticano para ter digamos mais força política de ser apropriada as terras que eram da igreja e Então impuseram nesse novo território digamos uma forma de produção industrial, ou seja, com trabalho assalariado com grandes mono

cultivos especializados então o sujeito ia lá para produzir cevada para produzir trigo para produzir algo então o modelo.

Do que aconteceu na Inglaterra nós poderíamos resumir sinteticamente há uma destruição do campesinato, quanto clássico há uma expropriação das terras deles se transforma em terras de propriedade privada há uma destruição daquelas formas artesanais de produzir na agricultura e grande parte. Então desses camponeses expropriados foram expulsos das suas comunidades, só quem ficou lá foram os mais velhos, né? Quem não tinha para onde ir continuaram morando nas comunidades, mas sempre e a grande maioria, então foi para a cidade aonde esse proletarizou, ou seja, foi trabalhar então nas fábricas e essa é a combinação que os capitalistas lograram os pulsos camponeses do interior, traz para a cidade e eles viram Operários industriais é claro que nem todos.

Se transformar em Operários então houve uma grande parte da população que virou miserável que o Marcos também daí evidencia criando o conceito de lumpings, em alemão quer dizer miserável desprovido de qualquer valor então como resultado desse processo tão violento que houve na Inglaterra eh uma parte do campesinato foi para cidade não conseguiu emprego e aí se transformou em looping ou seja Miseráveis descartados pelo próprio capitalismo bem então essas características determinaram a posterior. Que nós tivéssemos. Então esse modelo que nós chamamos hoje de via em inglês.

Ele leva o nome dele via inglesa porque foi o primeiro país que aconteceu e foi o primeiro país que o Marx descreveu tá lá no capital como um dos Capítulos embora outros historiadores pós Marx na Inglaterra também escreveram uns livros com muito mais detalhes, inclusive sobre esse mesmo processo como aparece nos livros do Frederick, englis formação da classe operária na Inglaterra do Eduardo Thompson, não é então há diversos livros que tratam do tema. Entre esses que você tem também o livro clássico de todo esse período a história da riqueza do homem, do Uber ainda que ele era americano, mas ele descreveu esse processo e que Recomendo vocês devem estudar, porém essa forma.

De desenvolvimento do Capital na agricultura aconteceu depois em outros países, nós podemos citar a Austrália Austrália Doutor havia inglesa de desenvolvimento da agricultura e aqui no Brasil como nós somos um território muito grande, nós poderíamos inclusive pesquisar que região do Brasil adotou havia inglesa de desenvolvimento do Capitalismo. Uma boa pergunta de pesquisar, mas já de pronto para não ser sua provocação, eu poderia dizer que aqui em São Paulo na região de Ribeirão Preto foi uma região colonizada por camponeses italianos, inclusive que conformaram uma grande base agrícola camponesa e depois da década de 70 com entrada da cana e da Laranja. Eu acredito que a região de Ribeirão Preto adotou o modelo da Via inglesa, porque o capital destruiu com assassinato da região de Ribeirão Preto então lá não tem mais camponeses assim como não tem mais camponeses muito bem o segundo tipo clássico do desenvolvimento do Capital, mas a agricultura aconteceu na região do que é hoje Alemanha Polônia uma parte da Ucrânia uma parte da Tchecoslováquia naquilo que era o império para o Sena e esse estudo foi realizado por Kautsky foi a primeira geração depois do Marx, ele se apropriou das teses do Marx e então foi estudar, o que que aconteceu naquela região basicamente então aqui para ter como referência no território hoje que é da Alemanha com o capitalismo industrial entrando na agricultura e lá nesse território cujas estatísticas é do final do século início do século 20 o caos que descreve com detalhes as transformações que houve. Então procure imaginar no território da Alemanha os camponeses havia um destruído feudalismo na Alemanha.

Com a chamar as guerras camponesas que duraram 300 anos naqueles 300 anos, eles destruíram o feudalismo.

Isso integraram no capitalismo Mercantil aí surgiram as cidades e então depois da Revolução Industrial 1750, chega o capital Industrial lá no campo então a descrição do Caos que é que houve uma subordinação do campesinato.

A indústria então a indústria ia para aquelas cidades que se formaram em torno do capitalismo Mercantil e montava fábricas de alimentos aí os Laticínios os frigoríficos as fábricas de geleias. Enfim Mille uma fábrica que transformava os produtos dos Camponeses e ao mesmo tempo o estado burguês então Paulo miou como se dizia no Rio Grande do Sul, encheu o território de Estrada de Ferro existe até hoje que era a forma então das máquinas chegarem no interior e do interior viram as matérias-primas para as fábricas e também colado a isso se desenvolveu na Alemanha uma poderosa indústria de máquinas e Implementos para agricultura porém com uma diferença em relação à Inglaterra.

Lá na Inglaterra as máquinas eram para grandes unidades de produção para as Grandes propriedades. Aqui na Alemanha não, eles desenvolveram uma indústria para atender as necessidades camponesas. E então houve uma junção entre o campesinato e a indústria, e a indústria se instalou em todo o território, em todas as cidades, de acordo com a vocação local e os Camponeses. Então, influenciados por esse mercado agora da indústria, começaram a se especializar. O que antes, eles produziam um pouco de tudo para levar no comércio. Agora, eles deixaram de produzir um pouco de tudo. Claro, continuaram produzindo seus alimentos para sua família, mas começaram a se especializar: ou em batata, ou em criação de porco, ou em trigo, ou em leite, ou em frutas, e se integrar com uma indústria ao mesmo tempo, porque nas suas famílias, famílias numerosas como todos os Camponeses.

Parte dos filhos ao especializar a produção agrícola não tinham mais o que fazer lá na pequena agricultura que eles tinham. Então, parte dos filhos de camponeses foram trabalhar naquelas fábricas, mas com uma diferença, inclusive, em relação à Inglaterra, para nós ter a comparação. Eles não mudaram a moradia, eles todos iam trabalhar na fábrica ou em uma semana e voltava no final de semana, de maneira que os operários industriais da Alemanha continuaram vinculados às suas famílias camponesas; a parte deles isso trabalhar na cidade e parte continuava trabalhando na produção agrícola. Isso gerou então uma integração Total entre agricultura e a indústria; foi lá na Alemanha que nasceram, e nasceu, o crédito agrícola.

Seja por pequenos bancos que foram se instalando, seja inclusive por cooperativas, a primeira Cooperativa de Crédito do mundo nasceu na Alemanha e, simulemos, diga-se a verdade, pela Igreja Luterana que sempre teve um vínculo muito grande com os Camponeses. Então, a Igreja Luterana, para ajudar os Camponeses a fugir da exploração dos juros dos bancos, ajudou os Camponeses a organizar as cooperativas de crédito para adiantar dinheiro, e o que que os Camponeses faziam concreto, seja do banco, seja da cooperativa, compravam máquinas, compravam insumos da indústria. Então, interessava também para a indústria e simular o crédito porque era a forma de ampliar as máquinas a venda das máquinas. Então, notem até hoje, a agricultura alemã é uma das agriculturas mais mecanizadas do mundo, mas com que característica: máquinas que atendem as necessidades.

Família camponesa. Então, os principais avanços tecnológicos que nós temos hoje na agricultura do mundo, eh que O Camponês pode usar forem invenções tecnológicas dos alemães, tipo a ordenhadeira mecânica, com isso aumentava muito a possibilidade de uma mulher só tirar leite de muitas vacas do que lá, cada um tira leite de uma vaca. Evidentemente que muitos camponeses começaram a sendivadar e perderam as terras porque aí também já estava o capitalismo industrial e veio também a propriedade privada da terra. Então, os Camponeses tinham conquistado a terra nas guerras camponesas contra o senhor feudal. Então, tinham uma posse da Terra quando veio a burguesia industrial, a burguesia industrial deu o título da Terra para eles, estabelecer a propriedade privada e, portanto, transformou a terra dele também numa mercadoria e quando ele não conseguiu pagar o banco ele teve

Chegar à Terra vender para alguém ou pro vizinho, mas sortudo vou devolveu para o banco. Então, houve também nesse território um processo de concentração da propriedade da terra, porém houve também uma rede distribuição da terra, porque os Camponeses foram se multiplicando ele se mantiveram no território de maneiras quando um filho mais velho eu casava eles rede distribuiu as terras que tinham controle então Houve essa esse desenvolvimento dialético por um lado houve uma concentração na propriedade por outro

lado uma rede distribuição o ponto que até hoje Alemanha é um dos países de menor tamanho médio da propriedade, acredito que a maior propriedade lá na Alemanha tem apenas 400 hectares e ainda metade é floresta.

Havia prussiana que foi estudar pelo caos descreve essas características e a síntese de tudo é de que é um desenvolvimento do capitalismo industrial, porém combinado com o campesinato eles não destruíram o campesinato como aconteceu na Via inglesa seguindo. Então a nossa revisão dos modelos clássicos de desenvolvimento da Agricultura o terceiro modelo clássico foi o chamado modelo da via Junker, esse modelo aconteceu na Rússia. Talvez estendendo um pouco para Ucrânia, o que hoje é a Letônia Lituânia também no final do século início desse século do século XX então Vladimir o Lia 9 Popular Lene fez um estudo que se chamou.

O desenvolvimento do capitalismo na Rússia e dentro do livro do estudo tem um capítulo que é só sobre agricultura e o que aconteceu então com agricultura sobre a égide do Capital Industrial naquele território o que havia antes eram ainda resquícios de uma sociedade pré-capitalista lá no interior havia aquelas comunidades rurais dominadas por um senhor feudal e os camponeses, porém eram feudalismo distinto da Europa Ocidental, como vocês podem ver no filme Doutor Jivago o Lenin em clássicos da literatura russa como a mãe o senhor feudal o oligarca lá da comunidade vivia também na comunidade e estabelecer laços sociais com os camponeses e os camponeses não eram donos da terra trabalhavam nas terras desse Senhor e pagavam aquelas duas rendas produto.

Quando veio o capitalismo industrial nessa região, primeira coisa que eles fizeram foi mudar a lei, então de novo, 1860 mais ou menos, na mesma época do Brasil, eles instituíram a propriedade privada da terra e quem é que conseguiu registrar a terra como sua? Os senhores. Então houve uma transformação do que era senhor feudal, que tinha aquele bando de camponês trabalhando pra ele, ele foi lá, registrou a terra como dele e chegou em casa e disse para os camponeses: agora, pela nova lei. A Terra é minha. Vocês não precisam mais trabalhar para mim, não vou mais cobrar a renda de vocês, mas eu vou substituir vocês pela máquina que o capitalismo industrial começou a fornecer, como a

Rússia era mais atrasada do ponto de vista Industrial, as primeiras máquinas agrícolas que chegaram na Rússia naquele tempo eram máquinas do capitalismo industrial alemão.

Bem, então há uma expulsão dos Camponeses, as casas dos Camponeses eram todas lá nas agrovilas. Digamos assim, naquela Aldeia russa que a gente vê nos filmes, então ele perdeu o direito à terra, mas ele continua morando lá na comunidade, eh. Então o que aconteceu em geral, as mulheres e os filhos ficaram lá, mais empobrecidos, e o homem. Então, teve que migrar para trabalhar ou na indústria ou em outras regiões agrícolas, então surge uma proletarização do camponês Russo, um empobrecimento e também um trabalho migrante de boia fria e às vezes envolvia também as mulheres e as Crianças em época de colheita. Isso foi o que aconteceu no modelo Industrial, o antigo latifundiário feudal é que se transforma em capitalista morando lá.

E essa metamorfose de um latifundiário que se transforma em capitalista proprietário privado da terra recebeu o apelido dos Camponeses de junker que junker é uma expressão alemã daquele fazendeiro indie Erasmo. Então os Camponeses meio que para se vingar passaram a chamar aquele que era antes do seu patrão, né? Que a rendava as terras mas começaram a chamar adjunto então por isso também ficou conhecido como a via junto que foi uma expropriação dos Camponeses, mas não das casas só nas terras pra proletarizá-los. Essa é a viagem aqui no Brasil alguma região que nós podemos chamar Bianca. Claro que não foi um movimento expressivo. Mas eu acredito que muitas regiões do Brasil sobretudo na fronteira agrícola que era dominado por exemplo por latifiliaris pecuaristas atrasados tudo.

Tal de repente em função do desenvolvimento do capitalismo industrial esses latifundários os brasileiros se transformaram também em fazendeiros capitalistas, então é possível que muitas regiões do Brasil nós temos vivido também havia junta a quarta forma clássica do capitalismo se desenvolver na agricultura foi o que aconteceu nos Estados Unidos também no mesmo período histórico final do século 19 até 1910 é esse mais ou menos o tempo histórico. Quem fez o estudo sobre esse desenvolvimento nos

Estados Unidos. Por incrível que pareça também foi o Vladimir como ele era um gênio assim.

Vivia pesquisando estudando e elaborando Teoricamente chamou a atenção dele mesmo dizendo na Rússia o grau de desenvolvimento tão rápido que agricultura norte-americana tinha alcançado e daí escreveu um livrinho aqui no Brasil. Só tem uma edição que é o desenvolvimento do capitalismo agricultura norte-americana e a base fundamental desse tipo novo de capitalismo. É que foi um capitalismo desenvolvido numa nova agricultura porque até a guerra civil dos Estados Unidos que foi em 1860 os Estados Unidos estava.

Dividido em três grandes regiões a região Oeste dos Estados Unidos dominada pelo que eles chamavam peles vermelhas os povos indígenas portanto eram áreas como nós milhões hectares na parte sul dos Estados Unidos que havia sido colonizado, inclusive pela França e pela Espanha e que o clima é mais quente a região de Mississippi Flórida, eles tinham imposto a plantation que eu me referi lá quando nós estamos ao Brasil portanto era grandes plantações com trabalho escravo daí os negros que foram levados como escravos da África produtos Estados Unidos bem e o norte dos Estados Unidos ao redor de Chicago de Nova York, havia uma sociedade organizada já com base na indústria e ao redor da cidades nós poderíamos dizer havia se desenvolvido a forma prussiana daquilo que eu falei da Alemanha seja pequenas propriedade.

O que a poderosa burguesia industrial do Norte, Chicago e Nova York, se deu conta é que nem os povos indígenas, nem o trabalho escravo, conseguiriam desenvolver o capitalismo nesse país e eles tomaram a decisão.

De fazer uma guerra e fizeram a guerra contra os povos indígenas. Demorou mais tempo que vocês veem pelos filmes, aí as cavalarias que eles organizaram só para matar índio.

Bem, e na parte sul, eles fizeram também uma guerra, aí de mais curta duração, de 1860 a 1865, a chamada guerra civil, em que a burguesia industrial do Norte deu guerra aos escravocratas do Sul para eliminar o trabalho escravo e a plantation. Terminada a guerra, então tivemos um cenário de terras Livres, então sobre esse território agora livre para o capital. O Abraham Lincoln, que era considerado um gênio estadista olhando pro futuro, ele elaborou uma lei de terras que até hoje é considerada como a primeira lei de reforma agrária do mundo moderno e essa lei de reforma agrária então.

Ela estabeleceu as bases pro capital Industrial tomar conta da agricultura dos Estados Unidos ou mais, o que tomar conta, organizar agricultura dos Estados Unidos, porque o território estava livre. A lei dizia o seguinte: de hoje em diante, cada família que quiser vir trabalhar nos Estados Unidos, não importa onde tinha nascido o estado americano, garantia sem hackers e não mais que isso e nem menos que isso de maneiras que tinha uma base democrática aí: todo mundo que quisesse produzir na agricultura, o estado garantiria sem atos que vale ouro a nossa, as medidas atuais a 67 hectares coincidentemente é mais ou menos o padrão do trator que depois o fórum inventou para atender essa necessidade. Segunda característica.

Não precisava o estado ir lá e medir as terras e distribuir, cada família podia ocupar essas terras e ela mesmo mediu sem Arcos a gente vê nos filmes também aquelas caravanas de colonos que vão rumo ao Oeste e vão marcando concordando cada um ao seu sem Artes portanto Era autoplacável a Lei. Porém para ele receber depois o título de propriedade, ele tinha que provar que já estava morando há tantos anos naquela área e produzindo. Bom, de novo, eles aprenderam com os alemães e no caso dos Estados Unidos tinha até uma necessidade objetiva pelo tamanho do território, eles encheram o território de estrada de ferro e todas as estrada de ferro saiam do Leste em relação ao Extra, para que, para levar as máquinas e Implementos que a indústria produzia menor e trazer, ele lá, os produtos. Então, atrás do

Da linha de trem foi o banco, lembra-se dos filmes aí ó, montava a cidadezinha, era a igreja e o banco, junto com a estação ferroviária, que atende às necessidades da população

e com isso, em 30 anos, eles distribuíram 300 milhões de hectares para 3 milhões e 600 mil famílias. Então foi uma enorme reforma agrária naquele território e os Camponeses não eram camponeses. Então porque olha, camponês é aquele que nasceu no feudalismo, morava na comunidade, tal, tal. Quem é esse Colono, esse Colono que vem?

Tomar conta do sem acrescentar podia ser qualquer pessoa, mas ele vai trabalhar com a família dele, só que vai trabalhar com a família dele já integrado no mercado capitalista. Então ele já nasce capitalista, ele vai adotar as melhores técnicas que tem, então as máquinas, implementos, adubo e vai produzir tudo para o mercado. Então nós não podemos chamar a esse Colono que recebeu as terras de camponês é outra característica. Qual é a característica que ele recebeu do ponto de vista sociológico? Ele foi apelidado?

Ó, não é nem em inglês seria a camponesa. Então não é pesa nem é trabalhador rural que seria work hard então recebeu uma denominação mais ajustada que ele era mesmo Farmer e o que que era Farmer é uma família de agricultores que trabalha em família, porém produzem tudo para o mercado e totalmente vinculado com o crédito bancário bom então o Lenin descreve esse processo de Como o capital Industrial se desenvolveu.

Tá de uma forma muito rápida nos Estados Unidos por conta desse modelo modelo Farmer e por isso que chamou recebeu esse nome eh o modelo Farmer ou havia americano e ele é o responsável nesse modelo do impressionante desenvolvimento industrial que os Estados Unidos teve no final do século 19 e início do século 20 ao ponto que foi um dos primeiros países que pulou da Etapa industrial para o imperialismo vocês podem imaginar olha 1860 os Estados Unidos tinha escravidão cinco milhões de indígenas morando no Extra a economia dos Estados Unidos era do tamanho da economia brasileira de 1860, nós éramos dois países iguais inclusive com informações sociais parecidas, né francês, trabalho escravo povos. Mas eles tinham uma burguesia industrial no norte que nós não tivemos.

Essa burguesia industrial tomou poder e implementou o capitalismo industrial em todo o território e eles pularam, então, em 30 anos, de ser uma economia colonial para ser a maior potência imperialista do mundo, que são até hoje. Depois, durante o século 20, por outros razões, mas a base do desenvolvimento industrial americano foi essa via Farmer que eles aplicaram na agricultura sem Actos para cada um, cada um tem um trator. Patatá Patatá Patatá. Há alguma região aqui no Brasil que adotou havia Farmer, pode ver, seria um bom objeto de pesquisa aonde que houve uma distribuição de terras democráticas, eh, que impulsionou capitalismo industrial lá no meu Rio Grande. Amado, eu poderia dar como exemplo para vocês o território que é hoje o município de não me toque.

É muito porque não me toque deve ter o quê, 500, o território. Então, o que que aconteceu aí, não me toque era um terreno abandonado na origem dos Guaranis, né, aí na Segunda Guerra Mundial, a rainha da Holanda comprou aqueles 500 mil hectares como propriedade privada e foi lá para região. Claro, os seus mandatários e distribuiu, mapeou todo esse território, tudo em propriedade de 50, 100 hectares. E então chegaram colonos holandeses para trazidos pelo governo e cada um recebeu de 50 centares e recebeu um trator e ele já começaram produzindo trigo, cevada, agora tão na soja. Etc., foi aplicada aqui no Brasil. Pelo menos, nesse caso eu conheço, que é o município de não-me-toque lá no Rio Grande do Sul.

Também vocês aí na região de vocês podem ficar imaginando, tem algum e outro exemplo de que havia Farmer, foi a forma de desenvolvimento da Agricultura aqui no Brasil, pode ser que haja na via prussiana, que é o caso alemão que eu acabei esquecendo de comentar do Brasil, já aproveito o gancho aqui, certamente. Aquele modelo de Agricultura Familiar camponesa que existe no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná é um modelo da via prussiana, ou seja, os Camponeses sobrevivem integrados com a indústria então lá até hoje, até a década de 60, todos os estudos agrários que alguém se propusesse a fazer na universidade eu pesquisar as grandes referências que nós tínhamos para o século XX eram esses quatro dias havia inglesa destruição no campo, havia prussiana Integração no campo indústria.

Junker, o latifundiário se transforma em capitalista e havia americana, seria um pouco, o que poderia acontecer em terras novas em colônias então esses quatro modelos direcionavam todo mundo tinha como referência e por isso que se transformaram em clássicos porque de certa forma todas as agriculturas do mundo tinha esses quatro modelos como referência ao longo do capitalismo industrial então na década de 60 um grande Historiador Giovanni com a equipe dele.

Que ele atuava junto com a escola de historiadores marxistas britânicos junto com outro colega dele e uma professora também, eles abriram uma outra linha de investigação a partir de uma constatação empírica que tinha um colega dele que tinha familiares na Suíça ia passar as férias na Suíça, chegava lá na Suíça aquelas montanhas cheias de Neve.

E os Camponeses viviam bem com casas boas lá e você ia olhar não tinha possibilidades de grande produção agrícola, não é um país que fica seis meses por ano de baixo da neve, você trabalha seis meses como é que esse povo pode viver bem essa era a pergunta por outro lado o Giovanni como era italiano.

Conhecia melhor a Itália também e ele tinha a mesma percepção em relação ao sul da Itália a região da Sicília da Calábria aí por razões diferentes território mais ou menos desértico montanhoso poucas possibilidades de desenvolver uma agricultura Ampla, mas era azeitona um pouquinho de trigo um pouquinho de vinho uma agricultura com poucas opções de acordo com as condições. Ele tá climáticas. Então esse foi o ambiente, mas também chegando lá as pessoas viviam bem a pesquisa que ele sempre propuseram. Qual foi o modelo de desenvolvimento que o capitalismo industrial adotou seja na Suíça? Seja aqui no sul da Itália.

Que permitiu esse desenvolvimento e vida boa, digamos assim, sendo que as condições agrícolas eram péssimas, seja pelo frio, seja pelo calor, e eles passaram 10 anos pesquisados até que construíram essa teoria que. Em resumo, eu vou passar para vocês,

ele se deram conta que na verdade aquelas comunidades que permaneciam como camponeses integrados à indústria, porém com poucas possibilidades de produzir, você pode imaginar mesmo? Tu produzindo leite lá na Suíça, tu vai entregar leite no verão e no inverno vai botar as vacas no estábulo para salvá-las. Então tem que dar comida para as vacas para não deixar elas morrerem, queijo mesmo, tu só vai fazer no verão, então mesmo que tu vendesse o queijo por uma por um capitalista, a tua produção de queijo não é arrisca. Ela me vaca é tudo pequeno, então essa era que tudo e a conclusão que eles chegaram que gerou então uma teoria do novo tipo de desenvolvimento é que em algumas regiões.

Do nosso planeta não tão férteis para agricultura tem acontecido um fenômeno comum que é a migração de parte dos Camponeses que eles constatarem empiricamente na Suíça e lá na Calábria no sul da Itália e essa migração segundo a pesquisa deles pode ser dada em várias formas primeiro os filhos de camponeses vão trabalhar numa região vizinha na época da colheita por causa da Calábria podiam ir lá colher azeitona colher uva então é uma forma de imigração, tu vai ficar três meses trabalhando na colheita e volta e volta com dinheiro segunda forma de imigração o cara vai para trabalhar em trabalhos urbanos, mas também temporários caso da Suíça. Ah no inverno. Então eles iam trabalhar nos restaurantes e Milão pareço aí o camponezinho lá virava garçom.

Poupava e levava todo o dinheiro de volta e também uma migração que ele chama de longa distância no caso tanto da Europa lá dos Alpes quanto da sul da Itália com mais frequência muitos filhos de camponeses migraram para América seja para os Estados Unidos seja para América do Sul aqui em São Paulo, quantos napolitanos tem migrantes lá daquela região do Sul da Itália, mas o que que acontecia com esses imigrantes que às vezes a gente se esquece mesmo que vieram morar em Buenos Aires, São Paulo Nova York e daí começaram a trabalhar e fizeram a vida e nunca mais voltaram. Mas eles continuaram mandando dinheiro para suas famílias, porque eles sabiam que as condições de pobreza lá eram piores. Então qual é a característica fundamental? É que há um trabalho camponês que migra em condições diferentes próximo um pouquinho mais distante e longe.

Mas todos eles mandam uma poupança do seu trabalho e reaplicam esse dinheiro lá naquela unidade de produção camponesa e é isso faz com que ele pinte a casa construa a casa bonita que ele tem um alto do ano que ele compra um tratorzinho enfim que haja um desenvolvimento das forças produtivas da Agricultura combinados com o capitalismo industrial, porém abastecidos por uma poupança de trabalho e trabalha camponês que vende fora da unidade de produção. Então essas características é que receberam o nome então devia Suíça ou via migrante aqui no Brasil.

Há regiões que se desenvolveram assim, eu acho que sim também na minhas aulas aí com os alunos viram e mexe então o pessoal não lá na minha região de Governador Valadares, quantos filhos de camponês foram para os Estados Unidos até hoje. Olá trabalho se esforce manda o dinheirinho para família. Aí tu vai na região de Valadares, o cara constrói casa bonita, mas aqui não produz nada ou digamos.

É um pouquinho mais acima Teófilo Otoni já é o semiárido quase muitos de todo aquela região do norte de Minas, vem o vinho.

Aqui coletando ainda em São Paulo. Aí voltava com uma moto nova. Aí voltava com alguma coisinha é um dinheiro que eles conseguiam fora da sua região mais levavam de volta e aplicavam lá para melhorar as condições de vida então certamente no Brasil também a regiões em que se utiliza até hoje havia Suíça ou migrante para que as famílias camponesas resista e se integram a indústria porque quando eu digo bom o cara veio colher cana aqui na região, Ribeirão Preto e depois de três meses de quase morrer trabalhando a poupança que ele leva para casa é uma moto.

Melhora muito as condições de vida dele, ele tem uma moto porque lá não tem ônibus jogue demora 3 dias então a moto melhora a vida dele e comprando uma moto, quem que você vai atender vai atender a fábrica de moto, então vai ter um mercado a mais que antes não tinha bem então companheiros e companheiras estudantes, agradeço a atenção de

todos. Espero sobretudo ter motivados vocês a estudar, então nós podemos usar os livros complementares use os filmes os filmes sempre são.

Contextualizados num território numa história que facilita, então vocês viram que sempre tem indicação de filmes aí durante as aulas. Os filmes são muito mais didáticos do que a nossa exposição aqui para a gente entender a situação e espero que vocês não só se motivem a seguir estudando e pesquisando, mas hoje o conhecimento científico para ajudar entender a realidade e transformá-la. Um grande abraço a todos e todas.

Aula 04

A juventude que trabalha precisa estudar. A juventude que quer estudar precisa trabalhar. Se o jovem é perigoso, o importante agora é não ficar parado, pedra nos dias. Eu vou publicado.

Trabalhar precisa estudar. A juventude que estudar precisa trabalhar. Utopia, ela que você tinha na devolução, não atrapalha guerra América Latina. Ele roubou uma Raimundo. Ela é difícil, humana, esse André evolucionário. Eu comprava poder para ser coletivo. Porque você vai sair do Facebook dele internacional. Ele encontra menina necessita um corpo lindo assim, segurando uma forte ali imperialismo. Ela vai poder estar se alimentando militar pela Lúcia. Sá pela culpando. Uma emoção, tem algo mais do que podemos ver, quanto é uma árvore que ela vai crescer, vou bater as injustiças, Campinas.

Deixa-me ver se tu tinha que ir, trabalhar precisa estudar. A juventude que estudar precisa trabalhar, ela não for levar guardado pela vida e com os direitos igual da terra e produzindo os alimentos, companheiro que não pertencia e morrer o dinheiro da Velha ainda. Virou para todo momento.

Boa, boa noite. Ou boa tarde ainda para alguns, né? Estejam aí nos estados mais distantes a todas e a todos, companheiras e companheiros. Sejam bem-vindos a mais um encontro nosso. Mais uma aula da nossa especialização em questão agrária, né? Construída aí conjuntamente com alfafa.

Boa noite a todas. Boa noite a todos. Gente, rapidamente, passar alguns informes em relação ao nosso curso de especialização. A gente tem se reunido, né? Enquanto coordenação do curso, todas as segundas-feiras, praticamente, é e foi tirado para que eu fizesse uma fala em relação ao processo que vocês vão ver se há nessas próximas duas semanas no nosso curso que vai ser a aula de metodologia. Então vou fazer uma explicação tá? É

para que vocês tiverem alguma dúvida também que ele com os coordenadores e coordenadores de nbs, mas veja gente a esse essa aula de metodologia que a gente vai ter agora nessa semana a gente preferiu não fazer ela como no formato de aula expositiva que é o formato que a gente tá fazendo as as nossas outras aulas do curso, não é a gente preferiu.

A dela é um outro formato que vão ser eh conversas entre os orientadores dos nbs não é e as pessoas que estão nos nbs. Então vai ser a partir dessa conversa que vai ser no Encontro do miting, né? Que vai se ter essa aula de metodologia. E por quê? Porque veja como a gente não pediu um projeto para que você quando vocês Entraram na especialização. A ideia é que ao final dessa primeira etapa, vocês entregam um projeto ali no dia 1º de Setembro, né? Então vocês vão entregar um projetinho de 10 páginas. Eh, então vocês vão ter aí três meses para elaborar esse projeto entretanto, você não vai deixar para fazer o seu projeto ali um dia antes, né da da da do prazo de entrega ao contrário. Esse é um processo que já é para vocês começarem a fazer agora então a gente pensou que essa aula de metodologia poderia ser o primeiro passo para que vocês comessem a elaborar projeto né?

Logicamente, como a gente já falou aqui o projeto ele é obrigatório para quem é cursista da especialização para quem é o 20 não é obrigatório. Mas quem quiser como eu vim também escrever o projeto. Pode ficar à vontade, né? Eh então vai ser uma primeira conversa que vocês vão ter com eh, os orientadores, você tem alguns orientadores que se dispuseram a a dar essa aula de metodologia fazer essa primeira conversa e no qual você começa já a pensar desde já o tema que você vai fazer esse projeto, né? O tema obviamente ligado à questão agrária, né? Então é tem pessoas que eu já conversei que já tem esse tema definido outros que não né? Então vocês levem esses temas né pra essas conversas nos nbs que vocês vão ter com os orientadores e orientadoras certo? Então é isso informe que eu que eu quis dar é tem muitas dúvidas relacionadas a onde é que o artigo TCC bom assim um final da especialização vocês vão ter que produzir um artigo e o artigo é o trabalho de conclusão de curso, né?

Só que antes de produzir o artigo você vai escrever um projeto da pesquisa que você vai fazer para escrever esse artigo e Esse projeto aí sim, você tem que entregar até primeiro de setembro e você tem que ter já um vínculo com algum orientador, né? Então por isso também essa conversa Inicial é importante é então cada coordenador da MB. Eu acho que a maioria já definiram os dias, tá que vão ser esses encontros cada NB vai ter um encontro particular aí vai ter uma data particular de encontro não é obrigatório você tudo no mesmo dia tudo tudo ao mesmo tempo, mas fique atentos e atentos para não faltar esse encontro porque esse conto será muito importante. Tá bom? Então é isso qualquer dúvida a gente tá por aqui tá certo e procure o seu coordenador do NBB.

Isso, a coordenadora do NBB.

Já gostaria de me apresentar. Fui sábado. Me chama André Luiz Soares, militante MST atualmente na tarefa de, no plano nacional, plantava pode dizer alimentos na coordenação amigo Nordeste e também aqui, como vocês educando dessa turma. Já gostaria de passar para próximas etapas e trazer aqui para os camaradas, os companheiros e as companheiras, apresentação de um livro, "História da Reforma Agrária no Mundo", onde já temos na segunda edição, creio que muitos de nós que estamos aqui assistindo já conheça, ou já até tenha adquirido uma destas obras.

Mas vim aqui reforçar. Estamos hoje com companheiro Lucas Bezerra, que é um dos companheiros que vem construindo e elaborando esse belo material, importantíssimo para o conjunto dos militantes estudantis que buscam construir um projeto de sociedade a partir da democratização da terra. Lucas é da Educadora da Escola Nacional Florestan Fernandes, colaborador e também faz parte da CPP da Escola Paulo Freire. Então, Lucas, fica à vontade. Seja bem-vindo. É um prazer nosso estar com vocês aqui para a gente poder ir construindo esse projeto popular a partir da democratização do acesso à terra. Voltar a construir reforma agrária popular. Fique à vontade. Maravilha. Boa noite, André. Boa noite, Caetano.

Boa noite a todos que estão aí participando da turma, tentar matricular do quem tá como ouvinte, todo mundo que tá aí acompanhando, assistindo. Bem, me apresentou aí. Me chamo Lucas, sou um cearense que vivi durante anos na Paraíba. Hoje, estou aqui nesse vai e vem entre Rio e São Paulo, contribuindo para a construção dessa experiência que tem sido a Escola Nacional Paulo Freire, um espaço muito interessante. A pandemia impediu que muitas pessoas conheçam a escola. Sete fica em São Paulo, mas essa escola é dedicada à formação cultural, técnica e política da juventude da classe trabalhadora escola vinculada à ASPEP, para pular na juventude.

Já de antemão, queria desejar que todo mundo que tá aí esteja bem, com saúde, com força. Não tem como não falar, a gente acabou de entrar aqui no meio de junho, segundo ano sem nossos festejos de São João. Sei que a maioria da turma aí é de estados do Nordeste, grande parte aí de Pernambuco, então para nós é uma falta danada que faz essa festa porque a festa do nosso povo é uma festa popular que diz muito da gente, da nossa cultura, dos nossos e vários costumes que são do nosso povo, da nossa gente e, infelizmente, a gente tá ainda nesse cenário aí em grande parte da vida. Sabemos todas e todos.

Responsabilidade do tamanho da de quem tá no comando, né, e do nosso país hoje. Então não custa reforçar a necessidade, tamo aí na luta todo dia por vacina no braço, comida no prato, essa nossa luta do momento, né, que em breve a gente consiga sair e virar essa página absurda da nossa história do Brasil, consigo colocar nosso país aí no outro rumo, enterrar. Não é esse, é sobre ter sido uma experiência muito bacana, antes de começar propriamente aqui nossa aula, falar um pouquinho da coleção das experiências de reforma agrária no mundo.

Tem sido uma experiência muito interessante, muito bacana. É um trabalho que ele resulta de uma demanda do Movimento dos Movimentos Camponeses em diversas partes do mundo, que é colocava essa necessidade importantíssima da gente ter um material que compila, que sistematiza as mais diversas experiências de reforma agrária que a gente teve no mundo de diversos tipos. Aí coube ao companheiro João Pedro, mestre na tarefa, de organizar essa coleção. A pedidos, movimentos camponeses especial e articulados na

Via Campesina Internacional. Em abril do ano passado lançamos o primeiro volume. Abrimos nesse ano o segundo. Até o fim do ano querendo lançar o terceiro, né? Por enquanto, estamos trabalhando com a ideia de três volumes. Tá aí propaganda aqui, tá indo no site da nossa Editora, tá sendo mostrado também na tela e não é um livro para o especialista. É uma coleção com essa proposta, queremos que ela seja uma coleção a serviço do movimento popular, serviço de quem procura um primeiro contato com a temática da reforma agrária no mundo, que vai encontrar aqui no livro sínteses de 20 a 30 páginas sobre o que teve em diversos países. Se não me falha a memória, mais para frente no programa da especialização, a gente vai ter momentos aí para discutir alguns aspectos de conteúdo mais próprio aqui dessa coleção, mas, eh, feita a propaganda, eh, da coleção. Queria destacar a importância que tem essa especialização em questão agrária, fruto de uma articulação muito importante entre a Rural de Pernambuco e alfaplex aqui hoje. Espero que a gente consiga dialogar, trocar ideias. Que bom seria que esse encontro fosse presencial.

Hoje, em tua sala, conversando, trocando ideias. Por enquanto não dá para ser, quem sabe até o fim da especialização. A gente não tem aí encontros presenciais seria o motivo de alegria gigante. Companheiras e companheiros, a tarefa que me cabe aqui hoje é apresentar as linhas gerais do debate sobre o desenvolvimento do capitalismo na agricultura, na particularidade de uma formação social concreta que é a dos Estados Unidos da América. Em primeiro lugar, é um debate que ele comporta uma densidade histórica muito significativa e que no geral diz respeito ao universo muito desconhecido por nós. O que é o problema? A gente tem que prestar atenção a isso. Atenção a isso. A gente quer mudar estruturas em nosso país no mundo.

Então, nossa curiosidade histórica, que ela tem que estar todo tempo bagunçada, despertada, né, no sentido da gente se interessar em saber não só o que acontece na conjuntura internacional hoje, né? A gente mais atento a isso, mas qual é a história de vários países, né, que tem aí, eh, a gente tem muito a aprender, né, com o conhecimento, né, a essas experiências, quer dizer, a vocês compras que aqui há um esforço de aproximação e de síntese. Apresentar aqui uma síntese da via farmer, né, a norte-americana, e que é uma

fruto de até onde nós acumulamos até agora no debate. Até nós conseguimos chegar, né? Queria fazer essa advertência com vocês e já que ela é simples.

A gente do movimento é preocupado com isso porque eh não nos interessa muito algumas formas de exposição, né, que as pessoas chegam aí, é um blá blá blá nada, nada. Não sei o que a conversa não tem muito começo sem meu nem fim eu não consigo trabalhar assim, aí eu tentei organizar sistematicamente, aqui uma estrutura para nossa exposição no sentido de que ela tem começo, de que ela tem um meio, que ela tem um fim, né, trabalhar um pouco aí nessa perspectiva. Como é que eu pensei em organizar essa apresentação para que hoje vai cair tanto, pode passar no seguinte, aí. Pronto, né? É no primeiro momento, gente. A ideia é apresentar então muito breve alguns pressupostos, não hospedados, que eles indicam categorias.

Alice que são importantes, que são resultados de desenvolvimento histórico que foram interpretadas por pensadores que nós consideramos clássicos, né, então só algumas questões de importância interpretativa sobre o desenvolvimento do capitalismo na agricultura. O objetivo desse primeiro momento é caracterizar o que é que a gente entende o desenvolvimento do capitalismo na agricultura, isso de linhas muitos gerais, né, até porque eu tô aqui partindo do pressuposto que não vão avançar com fôlego nisso porque aspectos que dizem respeito a esses elementos mais gerais teóricos, eles vêm sendo trabalhados ao longo de encontros de aulas anteriores, né, mas vamos situar um pouco isso, refrescar a memória nunca faz mal, né, em seguida, gente, no segundo momento também apresentar brevemente alguns elementos que dizem respeito à formação social dos Estados Unidos Elias muitíssimo gerais de alguns acontecimentos históricos são importantes na história do país e que são, portanto, imprescindíveis para que a gente chegue no grande centro do nosso debate que é o terceiro momento e desrespeito exatamente ao tema da nossa aula de hoje, né, havia de desenvolvimento capitalismo na agricultura nos Estados Unidos, né, chamada havia Farmer. Então esse é o nosso foco propriamente dito o debate, né, então essa é a nossa estrutura de exposição, bora.

Isso, seu Caetano, maravilha, gente, é jogo o jogo rápido, né? Esse primeiro momento em relação às categorias de análise porque assim sempre é bom. A gente tem uma atenção,

um cuidado, tá precisando das categorias de análise que a gente maneja, que a gente usa, né? Se a gente trata das vias desenvolvimento agrária no capitalismo. A gente tem que ter bem claro entre nós o que é que a gente entende, por exemplo, o capitalismo porque isso, isso parece ter cheiro maneira não porque as definições são muito confusas, eh, e que de modo recorrente ela circulam entre a gente se for, né? Espaços diversos, inclusive na universidade. Eles são muitos os exemplos que confirmam isso, por exemplo, não é só um exemplo, a gente.

Esse é o tipo ideal construído por um clássico da Sociologia, o Max Weber, né? Se a gente pensa no V, por exemplo, o tipo eh que ele chama de orientação capitalista de lucro. Dá lugar ali, pelo menos, há um monte de forma de Capitalismo, né? Porque eles falam capitalismo politicamente orientado, ele fala isso para gente, ele fala em capitalismo comercial, capitalismo especulativo, ela no final ele chega, capitalismo na empresa moderna, né? Então são várias margens ali, por exemplo, dentro dessa forma de raciocínio para interpretar o capitalismo aqui, né? A gente vai trabalhar a concepção do desenvolvimento do capitalismo na agricultura com base na teoria social inaugurada por Marx e Engels, é o que nos orienta e daí a gente tem entendimento do capitalismo.

Ele é um modo de produção de que nele os operários assalariados, né, que são dispositivos de meios de produção e que são juridicamente livres produzem mais-valia, que é o modo de produção em que a força do trabalho se converte em mercadoria e sua oferta e demanda ela se processam, né, nas condições de existência do que a gente caracteriza, né, do que o Marx caracteriza e a gente não é, é tem pleno acordo com essa caracterização de um exército industrial de reserva, é um modo de produção em que há uma subsunção real da produção ao capital, né? O que é que significa que o capital ele dispõe de uma base técnica, né, adequada? Ele permite produzir.

Ali é relativa, né? Não tem condição aqui de abordar cada conceito. Tô batendo pressuposto aí que são conteúdos com os quais da turma teve e contar em em momentos outros da formação, né? Porque até porque eu falo aqui, né mais-valia relativa, né? Até porque a produção mais-valia absoluta ela também né? É ela é muito comum uma fase mais

atrasada do capitalismo então em processos que combinam elementos arcaicos e modernos e daqui a pouco a gente volta a esse tema né? Mas de um modo muito geral, mas partimos aqui do entendimento de que o modo de produção capitalista é um modo de produção em que a contradição central dele está entre o caráter social da produção. A forma privada de apropriação.

Essa contradição central, capitalismo e daí quando a gente pensa isso, plantas classes a gente entende aí a contração entre proletariado né e os capitalistas então do nosso ponto de vista quando a gente falava o capitalismo é assim assado, né? E diz que ele é um modo de produção, a gente tá querendo dizer que ele é modo de produção porque ele articula forças produtivas com relações sociais de produção e essa categoria de um modo de produção, ela é sem sombra de dúvidas a categoria central no nosso debate em todo o desenvolvimento capitalismo na agricultura, só que ao longo do dia modo de produção há uma outra categoria fundamental na obra Marciana da tradição marxista da qual a gente bebe e a categoria de Formação social um bom velhinho dos nossos né? O velhinho.

Jacó Gorender grande brasileiro grande lutador da sala do Povo nosso país né. Olinda eu já começar a contar a melhor do que acontece quem conta muitas histórias João Pedro agora não escreveu, né um seu grande sua grande contribuição ao nosso pensamento social que tá no livro escravidão Colonial, né? Tem um pesquisador sobre o coreng que disse que é a revolução copernicana, né do Gorete é uma de uma originalidade da criatividade gigantesca e daí 4 ele já acontece história. Ele ficou preso tratadora no mesmo período que por um período tava de uma Rousseff de uma vez comentou do movimento que havia um acordo entre os jovens da prisão que era entregar qualquer coisa papel que tivessem falante porque porque o Corinthians quando foi preso ele tinha apenas um único exemplar da filografi distraído colonial.

E a ditadura, quando prendeu o Gorender, queimou o livro e ele reescreveu na cadeia, mas bem, anedota isso sobre não, né? É um elogio à memória do do Gorete, grande goleiro. Mas agora ele custava dizer que discutir modo de produção e formação social é discutir o fundamental no materialismo histórico.

Esse desafio que articula modo de produção e formação social, ele arranca, contribui para arrancar a teoria marxista de qualquer atoleiro dogmático. Ele não é, essas palavras, e a categoria formação social é muito rica. Ela é muito interessante porque ela conjuga sistema e história, ela nos convoca a pensar as particularidades nacionais, elas podem conter dentro delas vários modos de produção dos quais o determinante vai determinar o caráter geral daquela formação social, porque a gente, os modos de produção, eles comumente, eles não são puros, né? Difícil existe um modo de produção estado puro então é muito comum formas combinadas e que nessas formas combinadas há um modo de produção que determina, né?

Data geral de uma certa formação social, mas bem, né? Por que que a gente tá recorrendo a isso a falar aí na centralidade das noções de modo de produção de Formação social da concepção de Capitalismo de desinformação social conjuga sistema história porque esta definição do capitalismo pede apresentou aqui um brevíssimas palavras, ela é válida também para agricultura é levada não só para indústria também para agricultura e é com referência ao modo de produção capitalista a agricultura se incorpora no sistema econômico como um de seus ramos aí industriais. Então se a gente pensou capitalista constituído agricultura, ela não é simplesmente agricultura ela também.

Vamos Industrial como a siderurgia, com uma tecelagem, como ramo mecânico, como ramo químico, como qualquer outro, né? Então na sua evolução, no seu desenvolvimento capitalista se relaciona com outros modos de produção e eles se relaciona para esfoliar os é importante que se diga isso, né? E se deu, né, na Esfera do questione colonialismo e se dá dentro de uma mesma formação social, como é o caso do Brasil. A gente tem mil exemplos sobre isso e o fato é que, né, o capitalismo nesse seu relacionamento com outros modos de produção, ele vai mudando mas se num certo momento ele precisa de modo de produção pré-capitalistas para acumular capital para crescer em outros momentos já crescido então amadurecido com outra tecnologia mais avançada o que vai interessar ele será dissolver esses essas formas para capitalismo se reorganizar suas forças produtivas de maneira capitalista, né?

Todos esses elementos apresentados aqui como pressupostos do nosso debate, eles são úteis para a gente destacar a diversidade das formas de desenvolvimento capitalismo e na agricultura e daí que é quando a gente pensar em agricultura embora as leis de funcionamento elas sejam tendencialmente as mesmas do Capital Industrial. Ao serem aplicadas na vida real, na prática elas adquirindo, né, contornos que são influenciados por alguns fatores principais e daí Caetano, pode passar meu filho maravilha, né? E daí que a gente tem três ações fundamentais a gente analisar o desenvolvimento do capitalismo na agricultura primeiro a formação histórica pré-capitalista que faz um convite para gente a entender o que se processa até o momento da análise que é que acontece antes o ponto de vista histórico, né, nos convida a um compromisso com a historicidade um fator indispensável segundo né, esse nome aí difícil, né?

As condições é darfo climáticas, né, que diz respeito às condições da natureza porque a natureza ela influencia muito na produção agrícola, a gente sabe disso porque a produção agrícola ela não depende exclusivamente do trabalho humano como uma fábrica, né a interferência de outros fatores. Então as funções do solo, né, facilidade água, vento, sol, né, sendo solto.

A energia maior que faz desenvolvimento de plantas, animais, ser humano tudo isso também condiciona formas diferentes que vão se apresentar na agricultura, né? E por fim na terceira determinação Central para esse nosso debate que são as lutas de classes e para aí, a gente tem que pensar como que a população is reagem as formas de funcionamento do Capital. Qual é a cultura política, né, que se desenha em cada país o formato que a produção agrícola adquire em cada contexto histórico, né? Então esses fatores na vida real, eles vão construindo formas diferentes que foram nossa, história analisadas pelos pensadores e a posterior nós construímos como formas de conhecimento capital na agricultura, né?

Um pouco aí, esses elementos mais gerais que circulam, que direção fundamentam o nosso debate, né? Esse esforço, ele é indispensável para a gente. Nós partimos dessa chave de análise, nós partimos dessas categorias, partimos dessa compreensão, né? Então, destacado isso para o próximo aí.

Tô ligado que, né, nos encontros anteriores já foram discutidas, né? Aí algumas vias de desenvolvimento do capitalismo na agricultura. Então, tá todo mundo com a memória aquecida, né? Tá, tá fresquinha aí na cabeça, caracteriza centralmente cada uma, né? Se a gente pensa na primeira via porque assim, essas quatro principais aqui, né? Que por muito tempo influenciaram, foram muito centrais de um debate, né, no debate da questão agrária um debate do Marxismo subdesenvolvimento do capitalismo dura então conhecê-las é de fato muito importante para a gente, né? Então se a gente pensa aí, né? Havia inglesa, né?

Eles foram para agricultura para produzir de forma industrial com máquinas, adubos químicos, fertilizantes, impuseram trabalhar assalariado, né? Eh muito a experiência ali do que aconteceu em diversas localidades da Inglaterra nas quais o capitalismo industrial ele destruiu as formas dos Camponeses se organizarem e se apoiaram da terra, né? Então ele veio a lei propriedade da terra, né? Eh e é uma imposição de uma forma de produção industrial com grandes mono especializados cereja trigo e também um aí a expansão do trabalho assalariado na agricultura, né, quando a gente pensa nesse mundo de reforço na Inglaterra em que ela destruição do campo peso e nada em ponto clássico em que ela destruição de formas artesanais na agricultura muitos trabalhadores vão para a cidade, né? Vão compor eh aquele Exército de reserva que a gente falou até eu menti vão compor, né? O Chamado Luo tema proletariado isso tudo aí se faz muito presente nesse debate da Via inglesa, né? Que é uma primeira via só recuperando só recapitulando aí e a segunda via que havia por semana, né? Lembrando que aconteceu ali na região do que hoje é Alemanha Polônia uma parte das louvar que né? Quem estudou muita confiança na região foi o caucaso. E aí ele observa ele analisa a entrada do capitalismo industrial.

Ele descreve com muitos detalhes as transformações que foram ocorridas ali no contexto em que os Camponeses haviam destruído o feudalismo na Alemanha, né nas chamadas

guerras camponesas eram mais de 300 anos ali e que dizem muito do surgimento da cidade, né na Alemanha da Integração capital Mercantil e depois da revolução industrial em 1750 houve a subordinação do campesinato à indústria, né? É então se desenvolveu na Alemanha em função disso uma forte indústria de máquinas para agricultura promovendo integração Total entre agricultura indústria, né? Não é à toa, não é à toa que não é na Alemanha que nasce o crente agrícola, né, filho por banco cooperativa e também não é à toa que agricultura alemã ela seja até hoje uma das mais mecanizadas, né do mundo.

Esses que parentes na individual bastante os Camponeses, diga-se de passagem, né, uma terceira viagem rapidão, né? Que havia junta aí que ia acontecer na Rússia nesse se Estendeu ali um pouco para Ucrânia para Letônia. Quem faz essa análise é o Lenin desenvolvendo capitalismo na Rússia, né? O que havia antes era eu ainda resquícios da ordem feudal não finaliza um distinto do da Europa Ocidental, né? O seu feudal eu vivia também na comunidade estabelecia Lá sociais com os Camponeses atenção. Tô dizendo isso para afirmar aqui o feudalismo, ele não é um negócio monolítico que não tem diversidade, né? Ele não é homogêneo nos lugares onde ele aconteceu, né? Não é heterogeneidade e a análise histórica dessas via aqui nos diz muito em relação a isso.

Então o que há nessa via aquilonia Analisa é quando latifundiário ele transforma-se em fazendeiro capitalista, né? O antigo latifundiário, ele assume a condição de um fazendeiro moderno, né? Então em pouquíssimas palavras, num resumo, é o que tá nesses Live caracteriza a vida inglesa destruição nunca fez nada, venha prosia segunda Integração no campo pesado com a indústria terceiro o antigo latifundiário vira faz um de capitalista e vamos agora gente para o que nos interessa a Vera, né? Que havia da nossa aula de hoje, né havia norte-americana.

Primeiro gente a gente tem que situar o país é esse que a gente tá falando, né? Ataca aí direto na agricultura sem contextualizar antes algumas informações históricas aí dos Estados Unidos da América uma colonização que foi realizada pelos ingleses ali no início

da quinta 16 do território até o século 18, os ingleses eles fundaram 13 colônias e 13 colônias era o termo usado para definir as colônias britânicas situadas na costa leste.

Lucas só momento que tu ficar sem som.

Deixa ver se eu consigo ajeitar aqui.

Tenta agora para ver se vai embora pronto agora foi. Desculpa estava falando sobre a Espanha não foi pouco tava falando sobre a Espanha, não é que daí então só voltando aqui andar da ocupação do território, né que os ingleses eles se instalaram no leste, depois a parte central da melhor ocupada pela França. Sudeste do Oeste. Espanha ele tava falando que até o século XVIII os ingleses Eles estudaram 13 colônias e 13 colônias era o termo utilizado para definir as colônias britânicas que estavam situadas ali na costa leste dos Estados Unidos, até que eles conquistassem sua independência a primeira dessas coisas da Virgínia que foi fundada ali no comecinho bem no comecinho do século XVII que em termos observar que elas puderam se desenvolver de uma forma bem autônoma, né umas características permitiram a elas eh se dividir entre colônias do norte e colônias do sul. Então esse é o elemento de destaque um outro elemento é da independência dos Estados Unidos, né?

Que foi ela foi resultado de uma de um conflito claro, né no divergência de interesses entre a colônia e a e a Metrópole ao longo do século 18, uma guerra é claro na qual os ingleses derrotados, né? Admitem ali a dependência dos Estados Unidos, né? Uma força muito grande ali dos movimentos independentistas na nos anos 70 a lei do século XVIII um século 19 junta americanos eles expandiram bastante seu território gente, eles chamam eh, isso é chamado na história de é a marcha para o Oeste, né? E daí um auge desse dessa onda expansionista do campus técnicos dos Estados Unidos, é quando eles entram em combate com os mexicanos, né? Chamada guerra mexicana americana que aconteceu ali eh entre 1846 e 1848, então é um episódio histórico importante também na história dos Estados Unidos e uma outra que vai ser muito importante para o nosso debate e a guerra de secessão Americana entre 61 e 65 século 19 que foi resultado de diversos políticas nos Estados do norte e os do Sul na questão da expansão do trabalho escravo para novos territórios, né?

Daqui a pouco a gente vai voltar a guerra de seleção, porque ela é fundamental para o nosso debate, mas estamos falando de um país gente que é Vanguarda do desenvolvimento do capitalismo, né? Então um elevado nível de desenvolvimento do capitalismo que a gente que tem e que portanto é portador de uma complexidade muito familiares muito significativo muito difícil aprender de ser analisar. Mas vamos lá o que nos interessa aqui na análise de desenvolvimento capitalista na língua dos Estados Unidos é um período que vai ali do da segunda metade do século 19.

Em 1910 quem é a nossa referência para fazer esse debate é o nosso camarada. Vladimir Vila Nova, conhecido mundialmente por Leno, esse grande da nossa história segundo a História Moderna Leno, uma grande história moderna e que chamou atenção do Lenny mesmo vivendo na Rússia, um grau de desenvolvimento muito rápido da Agricultura Mata Americana e daí que Lenny que em 1870 e 1899 havia escrito na Rússia, né? Talvez o desenvolvimento capitalismo na Rússia. Seja tua lenha assim como escravos no colégio, né? É uma grande obra do ponto de vista histórico, né de uma própria ação muito densa a maioria social do método e Marx, né? Muito vivo ali, 16 anos depois em 1915, Lênin escreve um livro que se chama "O Desenvolvimento do Capitalismo na Agricultura Norte-americana", escrito em 15, publicado somente no ano da revolução 17, que teve uma edição no Brasil a vingando até a gente tem edição na internet hoje e no Volume 1 da coleção, a gente publicou um trechinho desse texto do Lênin, né? E a base fundamental ali, né? É o capitalismo é uma capital desenvolvendo novos agricultura e daí o n tem muita preocupação em caracterizar territorial historicamente os Estados Unidos porque até a guerra civil 61-65 o pai Ele estava dividido em grandes regiões daí Caetano já projetou o mapa vão ficar aqui um tempinho nesse mapa, gente é nós temos aí na análise, né na contextualização histórica desse mapa, né que tem as regiões norte, oeste e sul, né? A gente vai aqui se preocupar e caracterizar um pouco essas regiões, um Norte uma forte presença Industrial ali o eixo da indústria, um Noroeste em processo de colonização e um antigo Sul escravista notemos que o sul e o norte tão querendo mata eles possuem mais ou menos é a mesma superfície né?

Então observa no Noroeste é o que a gente faz é que ele é que ele é quase uma vez em B mais extenso que cada um desses outros, né do Norte do Sul. Entretanto a população do norte atenção Oeste grandão maior população do Norte a época 8 x mais numerosa que a maior região do país que é o Oeste observemos isso, o que é que é o Oeste gente nesse período é o fluxo pele vermelha dos indígenas das áreas comunais uma região quase povoada foi objeto de um processo de colonização que tem muito a ver com a história da reforma agrária nos Estados Unidos, porque o que acontece em 1862 é publicada uma lei da propriedade rural nos Estados Unidos no meu da Guerra o presidente, na época eu Abraham Lincoln que realiza uma reforma agrária o profunda que aguenta voltar mais sobre a ela, mas essa informação agrária homicídios, né? Home lá estive um lugar que distribuiu antes 160 acris equivale a nossas medidas territoriais hoje aqui a valerá a 65 hectares de terra distribuídas pelo governo aqui do lugar tu e tua conta pagamento nominal essa grande região que é a região oeste ela é uma região alvo, ela é uma região essencialmente das homicídios (...).

Eu saí do Mato Grosso procurando um lugar bom fui direto para São Paulo ao meu pai meus irmãos ao chegar em Cuiabá feita a minha situação. Eu não tinha mais dinheiro para poder comprar um pão. Fui Morar no acampamento debaixo de um barracão era bem novinho de chuva. Deixa aqui tribulação para poder pegar.

Terra sabe que não foi fácil não ali tinha um fazendeiro do carro o mapa confusão terra que é do estado tá na mão do tempo. Olhão o dinheiro compra tudo, mas não foi dessa vez não o dinheiro que ele tinha não foi para nós não, nós sabe como unidade as tua vida em União. Quem mexer Onde nós vai tá mexendo por trás.

O fazendeiro falou que não vai dar mole não. Quem mexer nas terras dele vai arrumar confusão, mas a terra não é dele. A terra é da Nação; essas terras foram griladas. Isso não é justo. Não abro o olho, seu juiz, e corta a terra pro povo.

Encontro 3. Natureza do desenvolvimento do capitalismo na agricultura

Nature of the development of capitalism in agriculture

Aula 01

É preciso cortar os sonhos de quem quer plantar semente para que a fome não roube o riso de tanta gente, se plantar o arroz ali, se plantar o milho acolá um jeito de produzir pra gente se alimentar primeiro. O Cantar do Galo já se levanta da cama e o campo nesse mistura a terra que tanto ama. Amar o canto ao fazer a plantação não envenenar. O campo é purificar o pão, amar a terra e nela brota a semente da gente. E ela cultiva a gente, a gente cultiva ela, e ela cultiva a gente. Choro virou alegria, a fome virou fartura e na festa da colheita Viola e Noite de Lua, mutirão. É Harmonia com cheiro de natureza, o sol se esconde na serra e a gente acende a fogueira.

Amar o campo ao fazer a plantação não envenenar. O campo é purificar o pão amar a terra e nela brota a semente a gente cultiva ela. E ela cultiva a gente, a gente cultiva ela, e ela cultiva gente quando se envenena na terra a chuva leva pro Rio. Nossa poesia chora se a vida tá por um fio e ela é para ser vivida com sonho. Ah que beleza, caminhos alternativos de alimentação na mesa, amar o campo ao fazer a plantação não envenenar. O campo é purificar o pão, amar a terra e nela brota a semente a gente cultiva ela. E ela cultiva a gente, a gente cultiva ela, e ela cultiva a gente. Boa noite, companheiros.

Boa noite, companheiras sejam todas e todos bem-vindos e bem-vindas, a mais uma aula do nosso curso de especialização em questão agrária. Diretamente aqui do Pernambuco ou de Pernambuco como costumamos falar, né? Gostaria de recitar o arroz e o cacho, e o feijão, milho na palha, coração cheio de amor. Povo sem terra fez a guerra por Justiça, disse que não tem preguiça. Esse povo é capaz de pegar cabo de força, também cabo de enxada para poder fazer roçado e o prazer se alimentar. Então esse é o trecho da música Movimento Sem Terra. E saudamos todos os companheiros e companheiras que estejam aqui. Nossa, sala virtual. Um abraço aí para os camaradas e as camaradas do Mb. Ana Primavese corporal, a nossa amiga aí poeta. Adilson do Piauí e de pronto, vamos embora, né? Para estudar mais um tema do nosso curso de especialização em questão agrária, né? O desenvolvimento do capitalismo na agricultura é a revolução Verde. E trazer aqui um grande camarada companheiro de longa data, histórico na construção do movimento, movimentos dos trabalhadores rurais sem terra, companheiro, né?

Adalberto Pardal do MST do setor de Formação que vem contribuindo, né, com o conjunto do movimento no setor de Formação, mas também especificamente, né? Nos centros de formação na região Sul, onde acompanha os cursos de agronomia e técnico. É técnico em administração e cooperação e cooperativismo, né? Então seja bem-vindo companheiro Adalberto, né? Se sinta a vontade de ser de casa e vamos construir, né? Esse processo de educação popular e elevar o nível de consciência da nossa companheirada que de forma coletiva. Muito boa noite, então, companheiros e companheiras.

Boa noite, André. Boa noite, Professor Caetano, não é? Espero que encontrem todos os bens aí. E o nosso sistema de hoje então do estudo, né? Antes agradeço o convite, né? Do curso especialização por essa oportunidade de compartilhar com vocês um pouco desses conhecimentos sobre esse desenvolvimento das relações tipicamente capitalistas na agricultura brasileira. Então nós vamos olhar sobretudo pós-guerra. Mais especificamente não fosse 64, como que essas relações capitalistas vão passar a se tornar

hegemônicas, não é na agricultura brasileira. Então vamos lá, Caetano vai passando aí, né? Então ao falarmos...

Conseguiu virar. Opa! Ao falarmos, então, nessas relações capitalistas na agricultura, nós estamos então tratando de entender não é? Como essas relações foram se estabelecendo, mas se tornaram hegemônicas, eles passaram a dominar e controlar o processo agrícola brasileiro, não é adiante. Então no fundo, nós vamos olhar como que se deu. Quais foram as políticas de estado que gerou não é? Essas condições. Qual foi a base material anterior para se criar essas condições materiais de desenvolvimento das relações capitalistas, né? Eh. E, como elas vão se subordinar às relações. É campesina, né? Como elas vão se tornar dominantes e subordinar outros tipos de relação que não são tipicamente capitalistas, em especial as relações das Comunidades camponesas, né adiante.

Então pensando na construção da base material para se chegarmos a plena condição do capitalismo, cipou na agricultura e no mundo. Nós vamos ter que olhar um pouquinho o pós-guerra em 1945, aonde a gente. Então vai ter na década de 50 em 60 um processo, e em que as relações e...Passa aí o Caetano. É então, na década 50 e 60, nós vamos verificar que é nos países centrais, em especialmente os Estados Unidos e Europa não é? É vai se acolherá, vai se desenvolver uma metodologia de aplicação de um conjunto de conhecimentos que são produtos da Segunda Revolução Industrial.

Então nós vamos ver aí o desenvolvimento da química para agricultura, nós vamos ver aí o desenvolvimento da genética para agricultura, nós vamos ver aí a paz energética do modelo de produção industrial. Se alterada na primeira revolução industrial, é do carvão, vapor não é? Agora nós vamos ver a segunda revolução industrial, a gente vai assistir na virada do século XIX para o XX, né? A mudança para o petróleo, né? E dentro disso o motor de combustão interna criando condições para o aparecimento do carro e com isso

do trator, né? Bem, então, é esse conjunto de conhecimentos gestados nessa virada do século XIX ao século XX. Não é dessa segunda revolução industrial, ela vai ser ajustada, articulada num pacote tecnológico, né?

De natureza química, genética e mecânica. É a metodologia de fazer esse ajuste é que ganhou o nome então de revolução verde, não é? Então o que que é a revolução verde é a introdução desse pacote onde está previsto mudanças na genética da semente que respondem produtivamente ao uso de adubos, solúveis sintéticos, não é? E ao responderem com maior produtividade a planta cresce mas não cresce tanto de maneiras que se consiga fazer a colheita mecânica dessas lavouras, esses produtos agrícolas em especial os grãos, né? Então, esta ginástica é esse ajuste, num pacote tecnológico é a expressão do que nós chamamos de revolução verde. Que tinha na sua promessa, nesse período de 50 e 60 acabar com a fome no mundo, né? É que ocorre que no Brasil esse processo vai ser mais lento, não é?

Então a gente vai ver é isso que se apelidou de revolução verde. Ao chegar mais é no final da década de 60 e início de 70 não é? E por que que isso foi um pouquinho mais atrasado no Brasil em Caetano? Isso vai ser um pouquinho mais atrasado, porque não havia uma indústria postal dentro do país. Voltar para a agricultura fornecendo os produtos químicos, fornecendo essas sementes híbridas e fornecendo a mecanização necessária, tudo isso era importado e a importação dependia é de uma moeda internacional que nessa época já era o dólar, não é? Então isso requer reservas cambiais em dólar que permitisse.

Não é esse lastro comercial. E se a gente olhar o nosso processo de industrialização no pós guerra para cá, em especial na década de 50 e 60, nós vamos ver a nossa industrialização ser erguida a partir de um processo de substituição de importações, e essa substituição de importações é havia uma lista de questões prioritárias a serem importada,

e nelas não estava agricultura não. Estava os insumos, por exemplo, não estava, diz antes químicos, não estavam os venenos agrícolas, né? Alguma coisinha de tratores se previa não é. Então esse processo da revolução verde que implicou em modernização do latifúndio, isso dependeu é de um outro passo, não é que foi justamente a construção da indústria voltada para agricultura.

Então na década de 50 e 60 esses insumos e máquinas dependiam de importações, por isso que nós vamos ter um processo mais lento de modernização da base técnica de produção na agricultura, mas isso vai ocorrer. Então vamos ver como isso acontece adiante. Vamos lá? Um ponto muito importante nesse nosso processo que tem a ver com a industrialização brasileira é o o um plano de industrialização pela primeira vez na nossa história brasileira, nós vamos ter uma planificação da industrialização no Brasil. Isso se deu entre 55 a 60 no governo Juscelino Kubitschek, não é? E esse plano teve o nome é...

O plano de metas não é? Aonde a gente vai em cinco anos, né? Quatro, cinco anos é? Chegar num estágio da industrialização que é o estágio de internalizar a indústria de bens de capital, e o que essa indústria de bens de capital é aquela indústria que gera máquinas e equipamentos para as demais indústrias. Então dentro do país se põe essa indústria que vai gerar as condições para as demais indústrias funcionarem, não é? Ao ponto que no início da década de 60 nós vamos ter um setor, não é? Não todo ele, mas já é um setor organizado, por exemplo, e máquinas, motores e equipamentos agrícolas, né?

Nós vamos ter já essa indústria montada para agricultura. Isso é produto decorrente, né do plano de metas, né? E esse plano de metas teve como tripé é no seu marco financeiro ou de financiamento, né? É a gente vai ver Os Capitais internacionais aterrizando aqui no Brasil e nós vamos ver uma uma grande injeção de capital estatal, não é? E também uma um terceiro tripé, aí já é uma perninha mais fraca o capital privado interno brasileiro, né?

Então esses três pés, né? O capital estrangeiro, capital estatal e o capital privado nacional, eles vão investir num conjunto de setores, não é lá tinham metas não é que nos leva a um estágio superior da nossa industrialização né. E isso cria condições já na primeira metade de 60 de nós termos uma indústria voltada para a agricultura, vamos adiante.

Qual é o trabalho de material aí, né? Bem, então outra base de material importante vai ser a legislação, não é? A gente tá falando aqui da Revolução Verde. Estamos falando de mudança, né, na base técnica da produção. Falamos de pacote tecnológico: químicos, genético, mecânico. Mas atrás disso, existe um elemento essencial. E qual é o elemento essencial? A força de trabalho assalariada, não é? Então, quem vai movimentar todo esse processo produtivo são os trabalhadores assalariados e não mais aquele conjunto de camponeses que trabalhavam internalizados nas fazendas em relações de trabalho pré-capitalistas como meireiros, foreiros, rendeiros, não é?

Moradores de condição, né? Então, esse trabalhador já está saindo de dentro dessa fazenda, já está sendo expulso, né, dessas... Morando nas vilas, nos povoados próximos às grandes usinas, não é? Então, em 63, nós vamos ter, sobre o governo João Goulart, um momento muito importante: a luta camponesa e também a luta dos trabalhadores assalariados que vai ser o reconhecimento dos direitos trabalhistas no campo. Se você bem lembrar, em 43, 1943, nós vamos ter, promulgado, né, a consolidação da legislação trabalhista, CLT. Só que a CLT não era permitida, não se transferia para o campo, aos trabalhadores do campo. Não havia direitos de final de semana remunerado, 13º salário, não é?

Não tinha férias e não tinha a possibilidade de sindicalização desses trabalhadores do campo, tava vetado. Isso só a partir de 63, vejam vocês, como é a classe antes do Brasil era sanguinária, só em 63 que o trabalhador rural no Brasil passa a ter algum direito

trabalhista e pode sim aí agora se organizar em sindicato, não é? E a partir desse processo de sindicalização, o sindicato de base cria a federação e lá é no final de 63, em dezembro de 63, criou-se então a contagem, não é? Então, veja esse estatuto do trabalhador rural, já vai indicar uma modernização das relações trabalhistas, não é?

E já vai criando melhores condições, não é, para se afirmar o trabalho assalariado no campo brasileiro. Em 64, já não é mais João Goulart, já veio o golpe em 1964, nós vamos ter o Estatuto da Terra, não é? Que é o primeiro regime fundiário do regime militar, não é? Tem uma série de novidades, ele é um estatuto modernizante, né? Ele traz algumas categorias como empresa, ele vai classificar os imóveis rurais no Brasil a partir de quatro critérios, né, minifúndio aparece essa expressão. Minifúndio, empresa rural capitalista, latifúndio por exploração e latifúndio por dimensão, não é?

Ele tem um caráter também modernizante porque ele proíbe, não permite mais esse tipo de relação do fazendeiro com camponês ou com o trabalhador que leve à dependência pessoal, não é? Por exemplo, é proibido pagamento de trabalho, né, seja do camponês interno da fazenda, seja externo, pagamento do trabalho por moradia ou pagamento do trabalho por alimentação, não é? Que era muito frequente nessas relações no campo brasileiro nessas décadas de 50 e 60. Bem, então veja também que há uma mudança no marco jurídico que vai normatizando as relações de trabalho no campo, em vista também do avanço dessas relações assalariadas, não é, são a força de trabalho prioritária na produção agrícola nacional, adiante.

Vamos lá, é o golpe militar e os governos militares. Isso é bom para a gente se atentar. Então, nós temos lá, em primeiro de abril, né, 31 de março, primeiro de abril, golpe militar, e os militares vão ter um conjunto de planos econômicos. Isso é muito importante estudá-los, não é? Não vai ser objeto aqui desses estudos, não. É? Porque ali você vai

encontrar um pouco da essência dessa modernização conservadora da agricultura, né? Eu vou trazer alguns elementos desses planos econômicos, né?

O primeiro deles vai ser o Plano de Ação Econômica do Governo (PAEG), que vai ser concluído já no segundo semestre de 64 e nele tem uma reforma importante. Qual é essa reforma? Ele vai trazer a necessidade de uma reforma bancária que vai acontecer, é aliar essa reforma bancária é ela é expressão das forças que dirigiram o golpe. Então, você vai ver o capital bancário sendo o setor, digamos, hegemônico no golpe, é? É militar, midiático, empresarial, né? Aqui no Brasil em 64, mas atrás disso está o capital financeiro, o capital bancário, né? É dessa reforma bancária que vai surgir Itaú, vai surgir Bradesco como a gente conhece hoje, vai ver uma fusão, né?

Uma unificação dessas capitais vai concentrar os capitais bancários. A partir dessa reforma bancária, eu tô dizendo isso porque essa reforma bancária cria, né, bases para a construção de algo inédito na nossa história que é o Sistema Nacional de Crédito Rural. Não é isso? Não existia, nós tínhamos a criar e que foi criado em 1943 lá pelo governo Vargas, né, operado pelo Banco do Brasil que era uma carteira para a agricultura e para a indústria. Então era uma carteira conjunta que financiou alguns granjeiros aqui no Rio Grande do Sul, financiou alguns usineiros aí no nordeste, não é? Mas esse Crédito Rural, que nós conhecemos hoje, estruturado em custeio, investimento, comercialização, só surgiu, não é, a partir desse Sistema Nacional de Crédito Rural que vai ser instituído, né, na sequência dessa reforma bancária então em 1965 se cria o Sistema Nacional de Crédito Rural que começa a operar em 67 bom, eu já comentei do estatuto, ah o estatuto da terra em 964, que cria é essas condições modernizantes na nessas relações de trabalho no campo.

Vamos adiante, não é, e a partir de 67 então começa as operações do Crédito Rural, isso é importante entender daqui a pouquinho nós vamos mostrar algumas lâminas, vocês vão verificar que esse foi um dos grandes elementos para atração do latifúndio, né, como atrair esse fazendeiro a se modernizar modernizar no sentido de mudança da base técnica da sua produção e com ela a introdução do trabalho assalariado então não adianta. Então, essa modernização conservadora da agricultura, ela teve dois caminhos. O primeiro caminho foi modernizar a base técnica da produção, né, que daqui a pouquinho nós vamos detalhar.

Como que se deu, né, a viatura é para expandir a fronteira agrícola, sobretudo a partir não é, dos projetos agropecuários e dos projetos de colonização. Então, esses dois temas agora nós vamos abrir para tentar entender, que como é que se deu esse processo de modernização da base técnica e como é que se deu esse processo de expansão da fronteira agrícola, agora quem é importante entender uma coisa quando volta um pouquinho no cartão falta um pouquinho quando os militares não golpe. Não estava, não, estava dada a decisão de modernizar o latifúndio, né? Essa adição não tinha clareza que a reforma agrária não tinha espaço.

Mas se você olhar o o todo o o diagnóstico desse paeg desse plano de ação econômica você vai ver que ele tem um diagnóstico muito similar ao que era o diagnóstico que o Celso Furtado que foi ministro e planejamento João Goulart fazia não é o Celso Furtado fez um plano econômico um plano também chamado plano trienal e lá tinha um diagnóstico todos os planos econômicos tenham um diagnóstico tem algo que antecede pra explicar justificar as ações propostas na sequência.

Então se eu vou olhar os dois diagnósticos são muito parecidos, não é verificado um problema na estrutura agrária. Ainda que os militares não afirmavam a reforma agrária

como um caminho, mas lá em Castelo Branco não havia uma decisão clara, não é contundente modernizar A Grande Fazenda. Esse latifúndio não é e quando que se consolida está digamos essa giragem essa decisão essa opção dos militares e modernizar o Latifúndio isso vai se dar no governo Costa e Silva quando ascende ao poder o grupo de São Paulo liderado por um sujeito que hoje ainda é vivo, né? O seu fim Neto ele passa a ser Ministro não é do governo Costa Silva o governo Class Silva vai ter um plano econômico.

Depois ele morre, não é, e vai entrar o netse o mats também lança um programa econômico e tudo isso vai ser consolidado lá na no início da década de 70 no primeiro plano nacional de desenvolvimento não é então esses dois dois planos econômicos do Costa e Silva e o primeiro do mats não é eles vão ser consolidados no Plano Nacional de Desenvolvimento, né, isso vai ter implicações para a agricultura. Então é é nessa consolidação que fica claro não é essa decisão de modernizar o latifúndio por esse caminho, é mudar a base técnica através do Crédito Rural e expandir a fronteira agrícola por dois caminhos, que são projetos agropecuários na Amazônia, não é, e a colonização, né, a empurrar a fronteira agrícola brasileira.

Vamos adiante. É essa mudança da base técnica, nós estamos falando aí, ó, pensando dentro da Porteira, então para dentro da grande Fazenda, não é? Como que nós vamos fazer com que esse grande fazendeiro adote esse modelo químico genético e mecânico? Em outras palavras, como ele adota, não é, esse pacote da Revolução Verde? E um dos caminhos foi justamente esse, é através do Crédito Rural subsidiado, não é, então é um crédito abundante, não é, com uma certa altura vocês vão ver aí nos quadros que eu vou passar, não é, vai ter um grande subsídio, esse subsídio.

Ele é um subsídio indireto, eu já vou explicar isso, mas ele foi muito atrativo, não é, e muitos grandes fazendeiros, então, entraram nesse processo de modernização, adoção desse pacote químico genético e mecânico a partir desse dinheiro farto e barato cedido pelos militares. Vamos ver o quadro aí. Clica mais uma vez. Olha só, em 75 nós tínhamos um valor líquido da produção, não é? Ele cresce 91%, se eu tomo a base de 69 se eu pego a base 1969, como base 100, quanto que cresceu a produção na agricultura em 75? Em 1975 cresceu, né, 91%. Ó, tá 191.

Vejam a disponibilidade da massa de Crédito Rural, clica mais uma vez aí. Então, ele cresceu quatro vezes, ó, não é, então nós vamos ter uma situação em que eu tenho um volume enorme de crescimento Decreto que não implica necessariamente num volume enorme de crescimento da produção a produção cresce, mas o volume de crédito cresce muito Muitas vezes mais, vamos ver o próximo quadro em números para vocês terem uma ideia, fica mais uma vez. Em 1975 nós vamos ter um valor, né, Total de crédito, né, dos contratos de 89 bilhões de cruzados de cruzeiros, não é, fica mais uma vez. Isso significou o seguinte, ó, é um produto agropecuário, o que que gerou de riqueza nesse período gerou 87 bilhões.

Então veja, eu tenho 89 bilhões de crédito para gerar 87 bilhões de produção. Não é uma loucura, né? É o volume é enorme e é claro que isso gerou um monte de desvio, não é, e foi a farra do Crédito Rural, não é, então os militares apostaram nesse processo, se colocaram dinheiro, né, e um dinheiro barato, agora vamos ver aqui, ó, clica mais uma vez. Pegar o caso 75, ó, 1975, qual era a taxa de juros desses contratos, não é, desses 89 bilhões de cruzeiros que foram liberados contratados? Não é, era 15% taxa de juro ao ano. Ah, parece alto, né?

Agora vamos ver mais um dado, clica mais uma vez aí. Qual era a inflação em 75? Era 27% ao ano, então eu tenho que pagar 15% de juros, mas a inflação é 27, então tu percebes que o dinheiro desvaloriza 27%. Então aí que surge o subsídio indireto, não é, eu tenho que pagar 15, mas eu vou ter um ganho, não é, de é de quanto aqui, ó, 15 para 27, né? Nós vamos ter um ganho de 12, então eu tenho aqui por esse problema inflacionário uma desvalorização da moeda que me permite um ganho de 12%, não é? Ou quer dizer eu não preciso pagar, eu tenho um rebate indireto, não é, ao invés de pagar 100% do meu crédito, não é, que deveria ser mais porque tem 15% de juros eu vou pagar menos 12%, não é, então vai ser nesse nesse formato subsídio e se vocês olharem a década o ano de 80 em 1980, que é o último dado.

Eu tenho uma taxa de juro de 33%, e uma inflação de 100%, né? Então eu tenho aí praticamente 80, eu tenho aí um volume de de de subsídio enorme nesse crédito, né bom? Então esse foi o aspecto aqui que eu queria chamar a atenção seja do volume de de recurso, não é, atraindo o fazendeiro, por isso que é muito acelerada essa modernização e ela é viabilizada porque eu tenho já uma indústria dentro do país, não é, que permite então acelerar a venda desses insumos dessas máquinas está bem? Passa o próximo quadro aí Caetano.

Vamos lá em diante, então isso aí é dos anos 80, né, beleza? Vamos olhar mais uma coisinha aqui, esse processo de modernização dentro da Porteira, ele foi acompanhado de outros instrumentos. O principal foi o crédito abundante em volumes imensos subsidiados e ele contou também com a presença de dois instrumentos que foram fundamentais para esse processo de modernização conservadora do latifúndi, primeiro foi a construção da Embrapa, empresa brasileira de pesquisa agropecuária em 73, né, que vai dar suporte que a embratella, a empresa brasileira de assistência técnica e extensão Rural, se criou o Sistema Nacional de assistência técnica com as em matérias nos estados que lá no governo Cobra em noventa e noventa e não vai ser desmontado.

Não é, vai ser fechada a embratella, mas ela vai fazer a parte da extensão Rural. Junto com isso, nós vamos ter mudanças nos currículos na década de 70. Currículos da Agronomia, da veterinária, as ciências agrárias vão ser ajustadas para esse pacote tecnológico. Parece a revolução Verde. Nós vamos ter expansão das escolas agrícolas no Brasil, né? Nível médio não é. E acompanhando também esse processo de construção dessa indústria para agricultura, nós vamos ver dois grandes planos, não é, é para desenvolvimento de uma Indústria setorial.

Então você vai ter o Plano Nacional de fertilizantes e Kaká dos agrícolas em 74, né? Estimulando essa indústria interna a crescer, não é que né produzir esses combinados, não são essas misturas esses produtos, você vai ver a Petrobras produzindo nitrogênio, não é, numa velocidade fantástica, eu não entendo grandes fábricas de produção. De hidrogenados, né? E você vai ter também 75 planos nacionais defensivos agrícolas, não é o nome, né? Defensiva agrícola infinita é em 1975 também para estimular, não é a construção e ampliação dessas indústrias que produzem essas moléculas químicas para os inseticidas, não é para os agrotóxicos aqui no Brasil.

Vamos adiante. Então veja, o segundo passo dos militares foi fazer Justamente a expansão da Fronteira agrícola. E a grande questão que se colocava para o Delfim Neto Ministro, não é da economia nesse período era: Olha, eu tô colocando o governo tá colocando um mundo de dinheiro no Crédito Rural, eu não tenho dinheiro suficiente para atrair os capitais, não é, para avançar a fronteira agrícola. Então como que eu vou aproveitar essa massa de capitais que estão nos centros urbanos, não é? Se a gente olhar o litoral brasileiro são nas capitais, não é eh brasileiras que estão na costa, como que eu atraio essas capitais para agricultura? Como que eu vou atrair o capital bancário? Como que eu vou trair o capital industrial? Como que eu vou atrair o capital comercial para se tornarem fazendeiros não é?

Eu vou precisar contar com esses recursos que não são do governo, mas que estão na mão dos capitalistas para ajudar o governo. Tá na avançar o seu projeto não é de agricultura capitalista, né? Então eles fizeram as isenções fiscais, não é, então foi feito uma série de reuniões articulações com os empresários, não é dos vários setores bancário industrial e Comercial, não é, colocando as seguintes situações. Olha se você é investir num projeto agropecuário na região da Amazônia Legal, não é, você vai ter isenção de imposto de renda e isenção de imposto e produto industrializado no caso da indústria, não é isso atraiu esses capitais para essa região da Amazônia Legal é a partir de grandes projetos agropecuários não é vai ser aí que a Volkswagen vai ser uma grande latifundiária no Mato Grosso no Pará Bradesco vai se tornar latifundiária, não é então esse processo vai fundir Os Capitais no campo não é mais só.

Fundou uma ou uma empresa Rural capitalista agora, a empresa Rural capitalista que o dono é a Volkswagen, que o dono é a Varig, que o dono é é um grande Atacadista, é um banco, não é bem, eh, e o segundo movimento dos militares também. Aí sim, com recursos próprios e parte desses recursos também são financiamentos que eles vão captar no exterior, vai ser é a colonização, não é, é pública, mas também vai abrir pra colonização privada, e é nessa lógica que vai ser criado, não é? O Incra, lá atrás eu falei do estatuto da terra, perfeito, não está tudo da terra, nós tínhamos também criado dois organismos, um Instituto Brasileiro de reforma agrária para captação das terras, desapropriação assentamento e ainda que era um estudo Nacional de Desenvolvimento agrícola cuidaria das famílias assentadas, não é, agora esses dois institutos desaparecem e quer criar então no final de 1970, não é um instituto nacional quem vem primeiro colonização e se der tempo faz a reforma agrária, então ficou o Incra, não é, aí que aparece nesse processo como adiante aí.

Bom, eu já comentei dos projetos agropecuários da Amazônia com essa isenção de Imposto de Renda, não é? Eh, agora isso aqui é importante, a segunda parte da lâmina é importante, ó, é quando um Industrial pega a Volkswagen, eh, descarregou todo o imposto de renda e todo o IPI que ela tinha, ela deveria, ela devia na medida que ao longo dos anos. Isso foi sendo eh, descontado, não é, aquela grande fazenda no Mato Grosso da Volkswagen, é ela sai praticamente de graça, né, no final do processo em função dessa isenção desses impostos que a Volkswagen deveria pagar ao governo federal, mas mais do que isso o que que a Volkswagen faz, ela tem um título de terra de 10.000 hectares, o que que ela vai fazer, ela vai bater lá no BNDS, que é um banco estatal e vai pedir um dinheiro ó, benedetts.

Eu quero ampliar a minha fábrica de carros. São Bernardo do Campo, não é, eu preciso lá de tantos milhões, não é, e o banco vai dizer muito que bem eu te financia. Quais são as garantias, né? Ele vai apresentar aqui ó, um título de terra de 10.000 hectares, então percebam que esse movimento de atrair os capitais urbanos, não é para agricultura fundi-los com a renda da terra fundinos que a burguesia agrária não é, ela vai tornar esse título da terra, não é um ativo financeiro porque ele passou esse título da terra desses projetos agropecuários passaram a lastrear financiamentos de outros setores a Volkswagen num BNDS não pegou o dinheiro e aplicou no projeto agropecuário original, não aplicou no seu ramo de origem que é qual a fábrica lá em São Bernardo, não é, então percebam que agora o resultado desse processo foi?

Terra, um ativo financeiro, né? E a gente vai ver nesse processo se regulamentar o mercado de terras no Brasil, não é, então a terra passa a ter uma rentabilidade similar a qualquer outro título financeiro. É quando a gente fala de organização do mercado de terras. É isso? Eu tenho um título de propriedade que tem uma rentabilidade similar a outros setores que estão, né, no setor financeiro. Bom, então até se tornou um ativo financeiro. Vamos adiante.

É então o outro resultado dessa fusão dos capitais, então agora é lá vocês vão ver, né, as contradições desses estudos. Quando nós vamos ocupar uma terra, não é mais um latifundiário atrás dessa Fazenda tem uma grande empresa transnacional, né? É ou um banco então há uma fusão então é aquele Industrial se tornou fazendeiro se tornou Agrário, não é bom adiante. A colonização então vou passar mais rapidamente nós vamos ter uma fase inicial que é a Transamazônica. Então os militares nesse período nisto 70 vão captar não é muito dinheiro externo, né? E claro que no final da década de 70 vai estourar a crise da dívida parte dessa dívida são esses dinheiros que eles estão pegando agora, né? No início de 70.

Então nós vamos ter a Transamazônica e a Transamazônica não é só a rodovia são polos, né, populacionais. E ali vai aparecer vai surgir a cidade de Altamira no Pará, Marabá também no Pará, não é e nós vamos ter, é, na segunda metade da década de 70 O Segundo Plano Nacional de Desenvolvimento agora já é com o governo gás, não é antes era o médium o primeiro PNB e o segundo pnd tá com gás e ali então nós vamos ter o desenvolvimento não vai dar tempo de falar muito disso dos polos regionais seja industriais como agrícolas.

Então vai ter o Polocentro, o Polonordeste onde vão aparecer as grandes fazendas, não é de, né, os platôs de irrigação não é nós vamos ter a, a o Polo Amazônia com esses programas desdobramento, né desses projetos agropecuários e nós vamos ter o Polonoroeste, que que é o Polonoroeste é a abertura de Rondônia, né? Então nós vamos ter a ligação de um de uma estrada que sai de Cuiabá até Porto Velho e nós vamos ligar todo esse Noroeste do Brasil com um projeto de colonização projetos públicos de colonização, não é então vai surgir a cidade de Ouro Preto do Oeste, Ariquemes, Ji-Paraná, Cacoal, Pimenta Bueno vai Surgiu uma série de cidades que tem na origem esses Grandes projetos de colonização, né com colonos do sul e do Nordeste, não é é o Mato

Grosso também vai ter vários projetos de colonização pública Lucas de Rio Verde, vai ser um bastante emblemático que vai ser ali que vai ser instalado.

As famílias já no final da década de 70 e início de 80 aquilo estavam pela terra na encruzilhada natalina que fica no sul. Transferidos para esse projeto, eh, público de colonização, Mato Grosso, Lucas de Rio Verde vai surgir o projeto em Guarantã do Norte que vai fundar essa cidade Terra Nova e outros, bom, só que a colonização também não parou na década de 70 nós iniciativas, eh, do público do governo, né, através do Inter também foram feitas é a titular regularização das terras públicas passada para a empresas e cooperativas que faziam a colonização privada, não é, e no Mato Grosso vai surgir um monte de cidades, não é produto desta colonização privada.

Por exemplo, nós vamos ter a cidade de Sinop e Sinop é justamente o nome da colonizadora é uma sigla, né? Virou o nome da cidade, não é Colíder também é o nome da companhia Líder que fez não é a colonização virou Colíder e assim vai sorriso Canarana Alta Floresta, né? O conjunto é novo. Mutum é um conjunto de cidades. Surgir produtos dessa colonização e bom que se entenda que nessa nesse ciclo onde é que você tenta de colonização a base é de camponês são a base de camponeses do Sul e a base camponesa do Nordeste, bom, eh olhando para depois da Porteira, o que que é importante perceber nós vamos ver também os militares financiando a modernização da água indústria brasileira, nós vamos ter o vinagre que é um fundo para agricultura.

Esse Funai é parte essencial do do Crédito Rural, né, desse crédito agrícola não é mas ele tem uma parte desse fundo que é de direcionada a modernização da agrícola, né, e é sobretudo na meados da década de 70 que nós vamos ver um giro nessa água indústria. É aí que vai aparecer aquilo que nós conhecemos né? A Sadia Perdigão aparece aí não é eram empresas, por exemplo a Sadia nem atuava não é? Na na criação animal, não é ela

era uma empresa era uma empresa de Viação na década de 50, né, 60 e aí com esses recursos ela vai passar a desenvolver uma água indústria, não é? E vai verticalizar o processo. Então essa verticalização aparece em meados da década de 70 e o que que é a verticalização é a indústria não é de processamento de frango que vai organizar um conjunto de agricultores para ter o Aviário, não é, é inclusive financiando esse Aviário e esse Colono vai ter esse agricultor vai ter que seguir todo um ritual técnico que a indústria coloca e ele só vai poder entregar essa matéria-prima esse frango.

Ah naquele período era 60 dias, hoje é 35 dias para aquela indústria que ele financiou então é um processo de verticalização, né? Ele está subordinado a essa água industrial. E esse camponês acaba virando um assalariado disfarçado ainda que esteja trabalhando a terra dele, né, bom? Então a gente vai assistir a integração e vai surgir um novo tipo de camponês que é O Camponês integrado não é há também no segundo pnd não é, eh, nós estamos 74. Já estamos na primeira grande crise do petróleo, não é que se deu em 73 e 74 isso explode né?

E os militares então passam o governo Geisel a pesquisar outras fontes que possam substituir o petróleo não é aí vai aparecer então o setor sul Coral colher é com dinheiro do pró álcool. Então eles vão lançar em 75% pro alto, é com esses recursos que parte das usinas do Nordeste vão ser revitalizadas que estavam falidas e vai surgir. Então com muita força não é a indústria Canavieira de São Paulo, né em especial, Ribeirão Preto bem então você vê que essa água industrial também está se transformando bem.

O resultado desse processo de modernização conservadora é ser justamente isso a formação do complexo Industrial que quer dizer isso não é a agricultura passa mais uma lâmina aí ó. Agricultura, ela se torna um elo da cadeia produtiva, não é, ela é uma pequena parte, mas veja, eh, a taxa de remuneração, a taxa de lucro desses capitais na agricultura

vai ser similar às taxas de lucro, não é, dos setores que estão antes da Porteira e dos setores que estão depois da Porteira então a formação do complexo Agroindustrial além do encadeamento da Agricultura ser uma parte desse dessa cadeia é ela tá dizendo que existe uma um certo equilíbrio nas margens de lucro desses setores não é bem em outros termos então agricultura se tornou um ramo de aplicação de capitais, não é?

Então nós vamos chegar no final dos anos da década de é década de 70 início dos anos 80, não é a agricultura vai estar remunerando vai ter uma taxa de lucro essa agricultura em bases capitalistas vai ter uma taxa de lucro similar a outros setores na economia não é então o capitalismo está a hora de aplicar ele vai ver qual é a taxa de lucro mais favorável é aplicar numa indústria aplicar num comércio aplicar na agricultura porque a agricultura agora já tá funcionando em bases capitalistas e a remuneração dos capitais aplicados já vão ser similares não adianta.

Clica mais uma aí, não deu certo negócio aqui, mas enfim que eu queria mostrar a vocês voltem ali, não é esse de vermelhinho é o dinheiro que o capitalista adianta e ao adiantar ele vai comprar mercadorias que é a força de trabalho e o meio de produção que são os verdinhos ali que seja força. Trabalho junto com os meios de produção, desde o pezinho ali no meio até o processo de produção, ele vai gerar uma nova mercadoria. Pode ser a soja não é? Pode ser trigo. Pode ser é o cacau, pode ser a fruta não importa não é uma nova mercadoria agrícola que ao ser vendida ela repõe o de iniciar o Capital Inicial e gera um filhote, gera um mais valor uma mas é uma mais valia que isso aí então é a expressão do lucro, não é então o que que é essa fórmula que está aposta aí essa fórmula é a forma da reprodução do Capital industrial e quando fala Capitão Industrial, não é que é da indústria é a modalidade de reprodução é valor que se auto valoriza tá vendo?

O desenho vermelho que é o final do processo é o desenho vermelho mais um um filhote. Então ele se valoriza nessa lógica de geração de riqueza que tem a base dela a produção e a força de trabalho, não é a exploração da força de trabalho aquele desenho no final pretinho ali, ele é salário não pago não é? Então veja essa forma de reprodução da riqueza, não é que é valor que se valoriza a partir do processo produtivo, né? Extração de mais valia dos trabalhadores salário não pago, isso é a fórmula do Capital Industrial isso não é porque é Industrial porque é da indústria não isso aí é a lógica do capitalismo, não é e a Agricultura passa a funcionar dessa maneira, né?

Como adiante pra ir fechando então há uma série de contradições companheiros, não é a primeira contradição como a base de trabalho passa a ser força trabalho assalariada, não é final da década de 70 início dos 80 estoura um grandes greves o nordeste brasileiro vai explodir em greves, não é o Pernambuco aí foi o carro chefe das primeiras greves em 78 79 que se Estendeu por toda a zona Canavieira.

Eh 84 vai explodir uma imensa greve no interior de São Paulo em em Guariba que não é só uma greve é uma Insurreição Popular dos boias frescos tomam as cidades saquinho depredam a prefeitura a o posto de polícia. Tomo não é então o processo muito intenso de luta dos trabalhadores assalariados são esses bóias-frias não é por outro lado surgem novos movimentos sociais no campo porque não existiam antes vai surgir um movimento seringueiros a expressão maior é o Chico Mendes as reservas extrativistas como plataforma política aí adiante aí ó, vai surgir um AB que vai ser produto da contradição das grandes. Imagens de hidrelétrica que os militares vão fazer, não é.

E vai surgir como contradição desse processo MST que vai organizar aqueles camponeses que não têm terra que se recusam a pros projetos de colonização, né? Então a gente passa a organizar o MST. Gente, eu tenho que ficar por aqui, não é, vamos Parando aqui, é o

que eu quero dizer que para poder parar de passar senão não vai dar certo aí é só para concluir, não é, esse processo então de modernização nos leva aos anos 80, não é, chegamos numa condição em que o capital se reproduz plenamente na agricultura e ela subordina a maioria dos produtores camponeses, ele vai estar subordinada à lógica do Capital.

E aí você hegemonia dessa reprodução naquela formulazinha que vocês viram lá atrás de Capital Industrial, né? É no entanto no final dos anos 90, início dos anos 2000 esse processo. Dá um giro, não é, que pode ser objeto. Lá em outro momento, que é justamente a formação do agronegócio, não é. Então agora não é mais o domínio do Capital industrial na agricultura. Agora, a força o capital Industrial segue mais esse Capital Industrial, não é mais só Industrial, agora esse Capitão Industrial é capital financeiro, né? Isso dá uma outra qualidade para o enfrentamento, dá uma outra qualidade no debate. O inimigo muda no campo, não é mais só o latifundiário, agora vai ser o capital financeiro e o agronegócio vai ser a expressão desse domínio do Capital financeiro na agricultura, não é?

E ele também tem uma expressão tecnológica, né? Ele vai ter o seu, ele vai aprofundar o modelo químico genético e mecânico, né? Aí vai aparecer a biotecnologia, os transgênicos, vai ter tratores com computador a bordo. Então nós vamos ter uma agricultura de precisão, não é, e isso então vai ter um impacto muito grande, mas a grandeza do impacto é porque quem tá atrás é o capital financeiro e isso vai acelerar, não é, a entrada dos principais commodities, não é, da Agricultura nas fazendas improdutivas, bloqueando a reforma agrária.

Então a gente vai ter um outro momento pra gente explicar melhor, não é, que é esse agronegócio e essa é essa segunda fase dessa revolução Verde. Vamos dizer assim no Brasil, que é, é a formação desse agronegócio que implica não só é o agronegócio como

expressão do Capital financeiro na agricultura, mas ele implica numa nova correlação de forças, não é, as alianças mudam no campo, não é, e o inimigo muda. Por isso que o MST reformula o seu projeto político que se expressa na ideia de reforma agrária Popular. Bem, então é isso que depois, numa outra oportunidade, se a gente tiver condição a gente desenvolve com vocês.

Tá bem então de forma muito acelerada nós chegamos até aqui, não é, e eu tenho que sair agora André que eu tenho uma outra aula agora às 7 horas também, gente. Muito obrigado. Depois o pessoal pode responder uma questão. Nossa que ficou aqui seria bom, uma pelo menos tem uma questão Caetano, pode expor ela aí para nós, por favor. É só o momento que o professor vai colocar aqui para nós. O que significa essa matéria do velho país sobre o sem-terra finca Bandeira no mercado de capitais? Achamos importante essa questão, nós temos que fazer sobre o agronegócio, não é hegemonia do Capital financeiro na agricultura.

Eh, o que que essa situação é o capital financeiro tem vinagre cultura é tem várias questões, mas uma delas é que existe em vários títulos que são negociadas na bolsa de mercadorias, não é. Então um dos títulos são a cprs financeiras e tem uma um outro certificado não é é reembolsável do agronegócio que é uma sigla clara, não é que algumas cooperativas do MST é através de uma agência que é a Gaia não é é vai é lançar nesse mercado para captar recurso, então é uma maneira de se eh de ter capital de giro para tocar as atividades da cooperativa, não é.

Então aqui é a nossa cooperativa de arroz, é isso que vocês viram na Mística, né? Vai lançar um título, um certificado de produção, né? É que vai ser negociado, né, através de um mediador, né? Que é uma entidade que tá credenciada dentro da bolsa de mercadorias, né? E ali então vai ser financiado esse título. E esse título vai gerar um determinado

volume de dinheiro e esse dinheiro vai ser usado como capital de giro. Só que depois eu vou ter que pagar aquilo que está prometido, o título é entregar tantas toneladas de arroz, né? E quem tiver comprado esse título não é nós. Vamos ter que entregar então é mais ou menos isso é lógica, viu?

Pessoal, não é, é uma nova fase do Capital financeiro, né? Mas algumas cooperativas que estão é buscando é veja não, não busco financiamento num banco do Brasil, não é? Eu tô indo buscar no mercado financeiro também é pouco essa síntese do negócio aí né? Tá bem, mas isso é muito marginal frente ao que é o mercado financeiro do agronegócio e o volume de dinheiro que eu trago nós podemos conversar mais gente eu tenho que correr para outra. Ó que o pessoal tá me esperando lá, tá bem? Muito obrigado, desculpe a correria e Grato pela paciência de vocês aí aí depois o Caetano disponibiliza o André Esse Ford Point aí para vocês um grande abraço, ó e não deixem de ler o material que eu mandei aí do Guilherme. Delgado, né que tem um debate político sobre o que é a reforma grande década de 50 e 60 as concepções e depois todo esse processo que eu contei a vocês, ele vai falar não é com mais dados né?

Então leiam esse material aí tá? Um abraço gente. Obrigado a nós é que daqui agradecendo o Professor grande companheiro Pardal, né? Nome do movimento gostaríamos de agradecer Bela contribuição e deixa aí várias provocações de reflexões para nós enquanto o conjunto de educandos para aprofundar nossos estudos e também debatermos, né coletivamente nossos NB.

É toda essa contribuição e exposição de conhecimento aqui socializado pelo companheiro Pardal, né, de pronto. Eh, gostaria de dizer para os companheiros que não vamos abrir para tanto debate hoje de questões devido sobre essa questão da do tempo que o professor né? Tem porque ele tinha outros compromissos então. Achamos melhor direcionar as

perguntas para o debate nos NB, mas também fica aí também uma dica, uma dica muito boa para como instrumento de reflexão e debate, né? O clipe do Chico César agronegócio que é bem ilustrativo, né?

Nós não podemos é passar aqui por questões de direitos autorais, mas podemos debater, né, no grupo a partir de cada uma educando buscar visualizar o clipe em seus aparelhos pessoais certo? Antes de tudo também é importante aí frisar a importância de assinar a lista de frequência, né, para que não passe batida aí aos companheiros e companheiras e gostaria também aqui diante da gente encerrar e abrir para o nosso companheiro Caetano passado com uniforme caso você precise com a recitação de uma música aqui do Companheiro Zé Cláudio ou um Brasil sem latifúndio.

Olha meu Brasil, quanta imensidão são milhões de terra gente de montão, essa Pátria é Nossa, vamos caminhar em busca dos sonhos para poder plantar reforma agrária com o Brasil se latifúndio é nossa bandeira, vamos todos juntos reforma agrária um Brasil sem latifúndio plantar semente e uma nova era nesse chão fecundo. Nossa história é certa. Nossa história é justa, erguer a bandeira, firmar a disputa, ver toda essa gente com dignidade para mudar a rota dessa sociedade com educação, trabalha e lazer nossa terra inteira terá mais prazer ver toda essa gente com mais alegria plantando na paz e colhendo a harmonia.

Tão comparada agradecer aqui o empenho dedicação de todos os educandos educandos e também até mais presente aqui conosco. E pronto se Professor Caetano quiser passar alguma informação para o coletivo, fica à vontade seguimos para nossa Mística. E tem uma boa noite a todos e um bom estudo. Pelas estradas perguntas não respondidas insisto em buscar respostas que foram também escondidas. Aparelho tem largada desigual do outro não sou espelho de quem é o mérito Afinal que adianta a força no braço, se não tem

espaço para plantar meu grande. Porque alguns tem poder, falta um pedaço de chão eis a questão.

O patrão tem o açúcar e o sal heranças da exploração e só recebe sua parte do tal quem se presta a comer em sua mão e se me nego a seguir o sistema sem botar pressão a liberdade é porque tenho a essência e não me agrado com meias verdade. Se cada dia da força no braço se não tem espaço para plantar, falta um pedaço de gelo. Quem tem dinheiro controla os poderes para quem não tem as tuas opções de poucos senhores ou se organiza buscando que os e essa luta não se faz a parte é coletiva demanda consciência os besteirados existem no embate enquanto a mídia estimula a dor. Mente espaço para contar um pedaço de chão eis a questão: quantos filhos de Johnny sem a terra ficaram sem boia na mesa Deram o peixe que a fome encerra só para tirar da Vida em certeza meia dúzia, quem nunca faltou disse que o certo é ensinar a pescar logo quem antes? Tirar que adiantar força do braço não tem espaço pra botar um pedaço não tem espaço para tentar. Obrigado, boa noite.

Aula 02

Patativa Patativa Patativa Patativa Patativa, somos nós somos da Liberdade o meu estado só e com muita vontade fazer a massa despertando a sociedade lutando com Liberdade começando a nossa. Diza Patativa Patativa somos nós fluindo a liberdade balançando a nossa voz caminhando de Goiânia até Brasília, leva a bandeira no monstro atrelado rompendo assim, tá trazendo muita alegria.

O meu canto é poesia pode largar viva Patati Patatá, somos nós construindo a liberdade Vai Patati, nós somos nós eu ainda Liberdade uma forçada torcedores viva a mãe dela junto da natureza homem e mulheres crianças cultivando essa certeza a bunda só para trás buscamos superar a minha página que eu cantava ativa a Patativa Patativa Patativa Patativa, somos nós construindo a liberdade passada nossa vida. Da Liberdade com a força da nossa morte ativa Patativa somos nós sonho da Liberdade com a calçada a nossa voz sem querer. Olá, boa noite.

Vamos iniciar aqui mais um dia de formação da nossa especialização em questão agrária hoje, nós vamos tratar o desenvolvimento do capitalismo na agricultura de inglesa com o nosso Professor Álvaro Anato, tudo bom professor bom vê-lo novamente sempre ótimas aulas. A gente sempre fica esperando aqui. Que coisa boa bom. Passo a palavra então para a gente já poder iniciar as atividades.

Todo mundo aqui nos comentários mandando boa noite, todo mundo super animado, tudo bem? Boa noite, letra. Boa noite a todos e a todas. É um prazer imenso estar aqui novamente com vocês, né? Tive algumas experiências aí no Consenso de Formação Paulo Freire, uma delas foi uma noite de lua e um pôr do sol belíssimo, então espero poder um

dia em breve, depois que acabar essa pandemia, retornar para poder apreciar novamente as belezas que têm aí no Centro Paulo Freire.

Como foi dito? Nossa tarefa hoje é buscar entender um pouco sobre o desenvolvimento capitalista na agricultura, a via inglesa. Então esse módulo agora, a partir de agora, nós vamos. Estudar um conjunto de particularidades que teve o desenvolvimento capitalista na agricultura. Cada uma delas recebe um determinado nome, né? Uma nomenclatura. Hoje, nós vamos estar vendo essa via inglesa, depois vai ser apreciando, e assim vamos indo, né? O importante então, antes de nos adentrar, é a gente pensar um pouco sobre o 14 de Maio, né? O 14 de Maio de 1888, porque o 13 de Maio nós estamos hoje, né? Então, 13 de Maio é o dia emblemático da Lei Áurea da abolição da escravatura no Brasil, né? Então por isso que é o dia 14 que aconteceu depois do dia 13, né?

Os livros de histórias tradicionais até mesmo boa parte das historiografias conta até o 13 de maio até a abolição da escravatura. Mas então. Dia 14, esse dia 14. Será que já chegou mesmo ou não? Mas para a gente entender o dia 14, vamos entender um pouco do dia 13, né? Seus antecedentes. Na aula anterior, eu falei que a abolição da escravatura foi por volta de 1830 por conta da pressão inglesa, né? Aí alguém respondeu nos comentários, foi 1850 Lei Eusébio de Queirós, então eu trouxe aqui um pouco como essa data é bem simbólica para a gente ter esse panorama sobre esse processo da escravização e Abolição. No dia 2 de março de 1807, a câmara dos comuns lá no Reino Unido aprovou a abolição do Comércio e do tráfico de escravos entre as colônias britânicas e na África e nas Américas, então a pressão que o Reino Unido começa a impor no mundo é a partir de 1807 e veja que 1888, ou seja, 81 anos. Pois é, com a pressão do Reino Unido da Inglaterra.

Hã, o Brasil faz uma lei que aquela coisa eu acho que já viram a terminologia, né, para inglês ver, que é a lei Feijó, que proibiu o tráfico de escravos, mas ela foi só uma lei para falar para os ingleses. Ó, tudo bem, nós aqui também proibimos o tráfico negreiro, mas na prática continuou, continuou rolando com a pressão maior ainda. Ah, em 8 de agosto de 1845, lá na Inglaterra, é aprovada essa lei Bio ordem que vai proibir o tráfico de escravos africanos no Atlântico Sul e era bem simples. A lei dizia mais ou menos assim, olha se a Marinha britânica tem autorização de interceptar, perseguir, aprisionar os navios Negreiros, casas Navio Negreiro de fuga, a Marinha britânica tem autorização de naufragar.

Viu Negreiro mostrando toda a preocupação com os escravos, com as pessoas negras, não mostrando a preocupação que o tráfico negreiro ou a perpetuação da escravidão estava colocando, os interesses dos britânicos em segundo plano. Então, precisava terminar isso. Bom, os brasileiros aqui. O que faz? Olha que legal, que interessante para nós que estamos analisando a questão agrária e depois quando vier a questão agrária brasileira.

Pode vir com mais força a lei Eusébio de Queiroz, ela foi assinada no dia 4 de setembro de 1850, a Lei Nº 518. Depois, no dia 18 de Setembro, é criada a lei número 601. Ou seja, a lei da terra. Então, ao passo que há uma lei que proíbe o tráfico, a escravidão, o tráfico negreiro não é a escravidão ainda, é o tráfico, mas essa lei dizia, bom, o tráfico está proibido. Mas os que estão por aqui ainda podem ser comercializados, continua a escravidão. Ainda é assim que assinou essa lei. Também é assinada uma lei que impede esses escravos livres ou pobres de ter acesso à terra.

E paulatinamente, com a luta e com a mobilização, vai surgir a lei 2040 de 28 de setembro de 1871, que é a lei do ventre livre. Essa lei tem umas particularidades muito legais, né? A criança é livre até os oito anos. Aí, quando chegar aos 8 anos, o senhor dono. Da criança

pode chegar no governo e falar, olha, eu não quero essa criança para mim e vou pegar 600 mil contos de réis, ou pode falar para o governo, não, essa criança vai ficar comigo, sob a minha responsabilidade, e eu vou usá-la para trabalhar sob os meus comandos até os 21 anos. E caso alguém fale, não, essa criança vai ser linda e tinha que pagar um valor para esse senhor de escravo.

Essas leis aqui, se vocês procurarem na internet, vocês têm acesso a elas todinhas no site do, inclusive, do Planalto mesmo, site oficial, né? Depois veio a lei 3.270, que é do Sexagenário, e por fim, no dia 13 de Maio, veio a lei Áurea, a lei número 3.353, e a Lei Áurea então abolia a escravidão, fazia com que os escravos todos fossem libertos e falou assim, livres. Viu Negreiro mostrando toda a preocupação com os escravos, com as pessoas negras, não mostrando a preocupação que o tráfico negreiro ou a perpetuação da escravidão estava colocando, os interesses dos britânicos em segundo plano. Então, precisava terminar isso.

Bom, os brasileiros aqui. O que faz? Olha que legal, que interessante para nós que estamos analisando a questão agrária e depois quando vier a questão agrária brasileira. Pode vir com mais força a lei Eusébio de Queiroz, ela foi assinada no dia 4 de setembro de 1850, a Lei Nº 518. Depois, no dia 18 de Setembro, é criada a quem a lei número 601. Ou seja, a lei de terra. Então, ao passo que há uma lei que proíbe o tráfico, a escravidão, o tráfico negreiro não é a escravidão ainda, é o tráfico, mas essa lei dizia, bom, o tráfico está proibido. Mas os que estão por aqui ainda podem ser comercializados, continua a escravidão. Ainda é assim que assina essa lei.

Também é assinada uma lei que impede esses escravos livres ou os pobres livres de ter acesso à terra. E paulatinamente, com a luta e com a mobilização, vai surgir a lei 2040 de 28 de setembro de 1871, que é a lei do ventre livre. Essa lei tem umas particularidades

muito legais, né? A criança é livre até os oito anos. Aí, quando chegar 8 anos, o senhor dono. Da criança pode chegar no governo e falar, olha, eu não quero essa criança para mim e vou pegar 600 mil contos de réis, ou pode falar para o governo, não, essa criança vai ficar comigo, sob a minha responsabilidade, e eu vou usá-la para trabalhar sob os meus comandos até os 21 anos.

E caso alguém fale, não, essa criança vai ser linda e tinha que pagar um valor para esse senhor de escravo. Essas leis aqui, se vocês procurarem na internet, vocês têm acesso a elas todinhas no site do, inclusive, do Planalto mesmo, site oficial, né? Depois veio a lei 3.270, que é do Sexagenário, e por fim, no dia 13 de Maio, veio a lei Áurea, a lei número 3.353, e a Lei Áurea então abolia a escravidão, fazia com que os escravos todos fossem libertos e falou assim, livres. Do ser humano com o ser humano, mas vai colocando como algo natural, natural. É aquilo que era, aquilo que é e aquilo que será. Então não dá para mudar a teoria da gravidade, não dá para mudar, é algo natural que existe enquanto essas condições que estão colocadas na atmosfera tiverem permanecido, não, não vai ser possível mudar.

E aí eles colocam essas leis naturais para as relações sociais como algo também imutável, e o capitalismo vai aparecer assim para nós como algo também parte da nossa vivência, como sempre existiu e sempre vai existir. Isso é um movimento longo que vai acontecer. Então, o social, além dessas leis naturais, para o social também tem os movimentos sócio-culturais, o renascimento, iluminismo, são vários movimentos que vão aflorando no seio dessa sociedade capitalista e que vão se conformar naquilo que nós temos vivenciado hoje.

Com as suas aproximações, com as suas variações na agricultura, a Gênesis principal é a abolição da propriedade comunal e a expropriação do campesinato de suas terras, a

adoção da grande propriedade fazendo a separação entre o campo e a cidade. Lembra do feudalismo? É ali, o feudo é algo muito junto. É onde ocorre o comércio, onde ocorrem as trocas, onde ocorre também a produção do alimento, é algo bem junto e misturado com esse processo do Mercantilismo por capitalismo.

Ah, essa separação, isso é necessário para que o capitalismo se desenvolva, né? Então, no feudalismo, a característica principal era essa, as pessoas elas produziam quase tudo para sua subsistência, aí com o surgimento das manufaturas, o campesinato vai ser expulso de suas terras e vão sendo obrigados a trabalhar nas próprias manufaturas e esse... Falha nas manufaturas vai gerando mais valor, ou uma mais-valia, e isso vai ser apropriado por essa nascente burguesia, que já é uma burguesia mais industrial, certo? No mercantilismo, é aquela burguesia comercial das navegações, como nós já vimos, e agora já é uma burguesia a mais da manufatura, que é o prelúdio do surgimento da indústria.

Então, uma coisa que é importante para nós termos muito presente é que essa sociedade ela tem uma conformação, nessa produção filosófica, social, de que vai nos fazer buscar explicar as coisas que estão à nossa volta, a realidade conforme aquilo que está mais próximo de nós, então é a vivência, a experiência, o conhecimento, saberes, as verdades que nós temos são baseadas naquilo que nós vivenciamos, naquilo que está próximo a nós e geralmente ao fazer isso, nós olhamos a aparência das coisas, nós não conseguimos compreender a essência e muitas das...

Isso faz com que nós desempenhamos, gastamos muita energia, muita força para tentar resolver um problema, uma questão que é apenas uma aparência, uma manifestação, não é a essência propriamente do problema, então nós precisamos compreender isso seja nas nossas análises, seja nas nossas pesquisas. Que agora nós já vamos começar, enquanto o

curso, pensar em qual tema que nós vamos fazer o nosso artigo. Como que nós vamos ligar tudo isso, né? Seja na nossa vida como um todo, então bem importante isso em geral.

A explicação do mundo que nós temos para como ele funciona, para como ele existe, é o próprio que nós temos o próximo de nós, como nós nascemos numa sociedade capitalista é quase que natural um movimento desse de que as pessoas acreditam que o capitalismo é, desde sempre, sempre existia, o capitalismo não, o capitalismo é um momento específico da história humana, de seu desenvolvimento. Das suas forças produtivas e das suas relações sociais de produção, está bem, bom?

Retomando um pouco a parte da economia política, quando a Renata explicou para nós ali o que é preço, valor, dinheiro, mais-valia. Bom, valor, ele é expresso numa relação entre o tempo de trabalho individualmente despendido e o tempo de trabalho social. Valor, ele é medido pelo tempo; o preço, ele expressa uma relação de troca entre uma mercadoria e outra mercadoria e na nossa sociedade hoje, o que está mediando essa troca é o dinheiro. Embora tenha muita relação virtual na sociedade contemporânea, é o dinheiro que vai facilitar e vai contribuir nessa troca, né? No processo do mercantilismo ao capitalismo, o dinheiro vai cumprir esse papel fundamental de ser uma mercadoria também, mas uma mercadoria que vai ter ser um equivalente geral que vai possibilitar a troca das mercadorias, então numa relação para a gente entender o que é valor.

Nós podemos dizer que o preço tem essa relação com o trabalho contido, com o tempo, com todos os custos, trabalho contido para produzir a mercadoria. Ao passo que o preço, ele pode estar tanto acima quanto abaixo do valor, e o dinheiro é esse equivalente geral, essa mercadoria que proporciona a troca das mercadorias. Em geral, nós achamos que riqueza é dinheiro, e achamos que preço e valor é a mesma coisa. Há um longo largo

prazo, o preço e o dinheiro ele se equipara, mas nós precisamos compreender essas variações que tem, o que vai fazer o capitalismo ser capitalista.

Ele é portador de um dinheiro e vai comprar uma mercadoria, mas não é uma mercadoria qualquer. É uma mercadoria média de produção. Meios de produção são as máquinas, os prédios, as instalações, as matérias-primas, tudo aquilo que é necessário para produzir as mercadorias, e uma outra mercadoria que é a força de trabalho, que é o trabalho humano que colocado em um processo produtivo vai gerar uma outra mercadoria fruto dessa conjunção dos meios de produção e da força de trabalho, onde os meios de produção vão transferir valores antigos para essa mercadoria e a força de trabalho é a responsável por criar novos valores, portanto, é uma mercadoria diferente da primeira e, portanto, é possível obter um dinheiro diferente daquele que foi investido inicialmente porque a força de trabalho no processo produtivo é que vai criar novos valores, e o objetivo do capitalismo é pegar esse dinheiro e transformar ele em capital, como nós vemos com a Renata colocado isso de uma forma mais geral do tornada de trabalho, uma jornada de trabalho de uma determinada hora.

Ela pode ser fracionada em tempos, onde um dos primeiros tempos, ele é relativo ao pagamento do salário, é o pagamento da força de trabalho do trabalhador ou trabalhadora. Esse tempo que é destinado ao pagamento à força de trabalho, ou do salário, é o chamado trabalho necessário. Ao passo que durante a jornada de trabalho, o trabalhador continua produzindo, continua gerando valor e não é destinado ao trabalhador, à trabalhadora, é chamado trabalho excedente. Durante toda a jornada de trabalho, é criado um valor novo porque nós tínhamos os prédios, as máquinas, as matérias-primas, e tínhamos o trabalhador, de um lado. Se o trabalhador não trabalha, não se coloca em movimento e opera todos esses elementos para produzir a mercadoria. Vamos continuar, força de trabalho, vão continuar, meios de produção, é justamente o ato do trabalho.

Que vai fazer gerar o valor novo e, portanto, essa parte que não é paga ao trabalhador ou quer que seja o trabalho excedente é considerado o mais valor ou a mais valia. Tá bem, aqui tem um conjunto de conceitos que vai depois poder ajudar vocês a entender o que que é valor antigo, o que é valor novo, que eu trabalho necessário esse dente capital constante fixo quando fala qual é a composição orgânica do Capital, né? A fala é o capital constante, mas o capital variável, o que que é capital constante. O que é a capital variável. Então aqui tudo tem isso aqui que depois fica para vocês darem uma revisitada, eh.

Quais são as leis fundamentais do capitalismo ou do capitalismo na agricultura em geral. São todos os aspectos principais e todos os processos principais do desenvolvimento capitalista diz muita coisa parece não dizer nada, né? Mas é isso mesmo. Aqueles elementos envolvidos na produção e na perpetuação capitalista, o capitalismo sendo capitalismo. Qual que é o objetivo capitalista? O objetivo capitalista é obter lucro, mas lucro não é algo próprio só do capitalismo, né? Tem uma relação do Comércio é o ter lucro então por isso nós vimos que o capitalista tem algo bem específico, mas enquanto questão geral, como que se obtém lucro o capitalismo explorando seja a força de trabalho a força de trabalho promovendo a ruína e a pauperização da maior da maioria da população de um dado o país tendo menos camponeses auto-suficientes ou seja aquele camponês que produz tudo para sua vida, esse tem que ser eliminado não pode conviver na no capitalismo e mais trabalhadores humanos urbanos bom alguns pode falar. Ah, mas tem muitos exemplos de camponeses.

Que produzem Praticamente tudo que consomem não depende do capitalismo correto beleza? Concordo com com quem pertence esse pensamento agora para nós entender a sociedade nós não podemos pegar as particularidades ou as singularidades, nós temos que pegar aquilo que é geral aquilo que é universal é a maioria dos Camponeses hoje que consegue viver de forma auto-superação. Nossa tarefa aqui é analisar o desenvolvimento capitalista. Então, nós estamos analisando como ocorreu esse desenvolvimento. Tranquilo, qualquer coisa, vamos dialogar depois nas questões, nas perguntas. Segundo,

parte que tá nesse objetivo de obter lucro é explorar, segundo, se apropriar das riquezas através da escravização e da pilhagem dos povos de outros países, em especial os países mais atrasados, e subdesenvolvidos, ou em desenvolvimento.

Mas isso é uma lei fundamental para o capitalismo: se apropriar das riquezas, seja de uma forma ou de outra, vai fazer a terceira: concentrar o mais valor gerado, ou a mais-valia gerada. Então, a burguesia capitalista cada vez vai mais concentrar esse mais valor, essa mais-valia gerada. E o quarto: é dominar a economia, toda a cadeia produtiva, dominar a política, controlar o estado, ou seja, as decisões políticas e as formulações de leis devem estar voltadas para garantir os interesses capitalistas em detrimento, sobretudo, da classe trabalhadora. Dominar ideologicamente é a padronização da produção social da vida, quais valores e ideias devem ser as verdadeiras, quais não são as verdadeiras, né? Vocês já pararam para pensar nisso, o conjunto de coisas que nós vimos, ouvimos, aprendemos, que dizem que é certo ou que é errado.

Mas quem é que diz que é certo ou que é errado? Ao ser certo, tá sendo certo para quem? Ao ser errado, está sendo errado para quem? Quem faz esse conjunto de leis na nossa vida? Para nos emancipar ou para nos acomodar, para nos aprisionar de uma forma que somos livres ou somos prisioneiros livres na sociedade capitalista. Então, essa parte teológica, ela tem uma força muito grande para a conformação da sociedade e para que os capitalistas continuem no poder, continuem obtendo o lucro, porque há uma naturalização das relações sociais e das relações econômicas. Aqui na ideológico podemos colocar cultural, podemos colocar o mais diversos aspectos também, e dominar também militarmente.

Ou seja, o capitalismo precisa dominar através do uso da força quando as ideias, a ideologia não consegue acomodar as pessoas, que as pessoas começam a se levantar, vem

o uso da força para fazer o processo da dominação. Então, tanto nesse processo de dominação, quanto também conflitos para legitimar a pilhagem, nós conhecemos na história não muito longínqua, mas várias narrativas, o uso da força militar para garantir a paz, para garantir a segurança, para garantir a democracia, mas que por trás disso estavam os interesses de se apropriar, explorar, se apropriar e concentrar as riquezas de um determinado população. Então, isso faz parte da Gênese capitalista: o lucro capitalista, esse apropriado mais falido mais valor.

Tá bem e nós vimos na aula passada com João Pedro que a renda da terra é uma forma de mais-valia também, então que isso é também o objetivo do capitalismo na agricultura, outro objetivo, outra lei é a transformação do dinheiro em capital. O capitalista não quer propriamente dinheiro, ele quer capital para poder investir, para poder continuar na dominação econômica e por fim a propriedade privada. Então, a propriedade privada é algo muito mais específico dessa sociedade capitalista. No texto, creio que vocês leram, vocês viram que o Marcos vai descrever os diferentes tipos de propriedades ou relação com a terra que se tinha.

Beleza, bom, esse quadro aqui é aquele quadro que eu também produzi na primeira aula. Como o tempo está bem avançado, é um quadro que é importante para depois vocês olharem com calma, que já não fizeram isso. Eh, mas que possam visualizar o funcionamento da sociedade. Como que ela está relacionada, como cada um desses elementos aqui relaciona com o conjunto, porque aqui tá bem esquematizado, e é um esquema mesmo para ajudar a gente a compreender, mas o nosso papel, a nossa tarefa é olhar para esse quadro e colocar ele em movimento, sobretudo. Quero passar aqui nesse momento que estamos de 13 de Maio dessa história que tentam apagar da escravidão brasileira, dar opressão contra o povo negro, essa relação entre a consciência social e a produção social da vida, como nós comemos, vestimos, moramos, como nós somos relacionamos com essa consciência social, porque a relação entre a ideia e a prática e a ação e se nós não tivermos uma visão direta entre elas nós podemos acreditar que as coisas

acontecem de forma isoladas e não existe essa coisa isolada como o Marcos vai dizer lá no 18 Brumário, né?

Ah, a história só se repete por farsa ou por tragédia, então é importante para nós termos isso. Vamos lá então, depois de 25 minutos de introdução, vamos para a nossa. Nosso objetivo principal, porque se vocês têm o livro 30 como referência, vocês perceberam que a companheira Andrea, que sistematizou essa parte do Capítulo 24 do Capitão, assim chamada acumulação primitiva, ela também faz essa retrospectiva da economia política. Por isso, eu achei interessante também fazer com vocês aqui, para nós irmos familiarizando cada vez mais, porque cada vez que a gente vai vendo, vai caindo numa ficha, vai ficando uma coisa mais é compreendida e outras não. Que bom que nós tenhamos dúvidas.

Ah, a vingança, bom, você tá falando, Davi, em inglês, nós estamos falando da Inglaterra, mas... Onde está a Inglaterra? O que é Inglaterra? Se a gente pega o mapa mundi, esse que eu já usei também, cadê a Inglaterra? Aqui tem um mapa aqui embaixo da Europa e agora nós conseguimos dizer, aqui, apontar onde que tá a Inglaterra. Vou deixar 5 segundos para vocês pensarem sobre isso. Apontem a Inglaterra no mapa. Que a Inglaterra, a Inglaterra então é um movimento de reinos que foram se conformando e como o texto do Marques vai analisar essa conformação tem, suas peculiaridades, suas características, sobretudo para o desenvolvimento do capitalismo ou da burguesia industrial ali na Inglaterra. Então, note em 1.000, em 1800, né?

As Ilhas britânicas têm um monte de reinos: Reino de inércia, reino do da York, reino, reino, reino. Em 980, já há uma conformação mais do reino da Inglaterra, que é esse Branco embaixo, e o reino da Escócia, que é esse azul mais acima. Em 1.050, já há uma conformação maior que aqueles reinos que tá em três cócegas, e a Inglaterra vão

desaparecendo em 1400, então surge o reino da Inglaterra, o reino da Escócia e o reino da Irlanda unido. Então aí tem mais a Irlanda do Norte. Bom, como não é a aula sobre a Inglaterra propriamente, mas é importante que no no texto do marketing, quando ele vai analisar, ter essa dimensão da do que estamos falando, ele ajuda a compreender muito bem o texto.

Ele é dividido em sete partes, as próprias partes, se você for ler os títulos, eh, você já tem uma base assim do que que ele vai falar, né? Então, a primeira parte, o segredo da acumulação primitiva. Qual o segredo da acumulação primitiva? O segundo, a apropriação do povo do campo e da sua base fundiária. Terceira, legislação sanguinária contra os esses apropriados desde o final do século 15, ou seja, 1.400 e pouco, e as leis foram rebaixadas ao salário. Quatro, a Gênese dos arrendamentos capitalistas. Cinco, a repercussão. A revolução agrícola sobre a indústria e a criação do mercado interno para o capital industrial.

O sexto, a Gênese o capital industrial e o sétimo, a tendência histórica da acumulação capitalista. Então, o próprio título ele vai ajudar a entender do que que tá falando, mas vamos lá, a cada um pra podermos destrinchar ou se ver melhor é a parte uma é uma parte que eu gosto bastante dela, né? É o Marcos começa dizendo ali sobre a sobre a parte do pecado capital de que o ser humano ele fala mais é o homem, né, mas o ser humano foi expulso do Paraíso porque cometeu o pecado do Adão ter mordido a maçã, né? Então mordeu a maçã, foi expulso do Paraíso e deu no que deu, né isso daqui e aí ele vai falar, bom, mas qual foi o pecado capital, o pecado econômico que tem esses ricos e pobres e ele vai dialogar.

A partir desse 1.400 até 1800, que é esses próximos quadros, é mais ou menos esse momento que o Marcos está analisando dessa chamada acumulação primitiva. Então, em

1603, tem o reino da Inglaterra, tem o reino da Escócia e tem o reino da Irlanda. Em 1707, formou-se a Grã-Bretanha, o reinado da Grã-Bretanha, que se junta Escócia e à Inglaterra. E aí nós temos ainda o reinado da Irlanda de Rosa. Em 1801, esse reinado da Grã-Bretanha, ele vira pega tudo. Então, pegou Irlanda, pegou Escócia, pegou o País de Gales. Pegou todo mundo ali e com toda a luta separatista em 1922, então surge o Reino Unido que aí o Reino Unido é a Grã-Bretanha mais a Irlanda do Norte.

Neste outro gráfico, fica um pouco mais compreensiva para nós, né? Então tem a Inglaterra, essa de azul aí. Perto da Inglaterra tem esse País de Gales. Acima de azul mais claro tem a Escócia e a Irlanda do Norte ali na Irlanda. Então, Inglaterra é um país. Grã-Bretanha, quando fala assim. Ah, Grã-Bretanha é esse conjunto de países dessa Ilha que forma a Grã-Bretanha que a Escócia, País de Gales, Inglaterra e quando fala Reino Unido então é a Grã-Bretanha mais a Irlanda do Norte. Tá bem? Então, isso é algo interessante para a gente quando estamos ali que o Márcio tá dizendo. Ah, Inglaterra, os ingleses aí expulsos, expulsos, galeses.

Quem são os galeses é o povo da do País de Gales? Ah, tem a treta lá com Escócia com Coração Valente é um filme que eh tem muitas inverdades ali, mas mostra essa luta ali dos escoceses contra os ingleses a luta de independência e tal, né? Tem muito romance ali, mas mostra essa luta desse período, né? E quando nós falamos. Sobre uma teoria que tinha, né, que vai dizer não, por que que tem rico? Por que que tem pobre? Como ocorreu essa acumulação primitiva de riqueza. Aí ele vai dizer em tempos muito remota havia, por um lado, uma elite laboriosa, trabalhadora, né, inteligente e sobretudo parcimoniosa, poupadora, que economizava e por outro vagabundo, dissipando tudo que tinha e mais ainda, ou seja, né, os pobres que não conseguem economizar, não conseguem ser inteligentes, não trabalham direito, né?

E assim se explica. Então, para que os primeiros acumulem riqueza porque usarem a inteligência, o trabalho, poupar e os últimos. Então como não usaram isso, finalmente não tinha nada para vender senão a sua própria pele e o Marcos quer dizer acumulação primitiva não tem nada de hídrico com relação primitiva foi outra coisa então essa coisa. Que você trabalhar, você poupando e usando a inteligência, você vai se dar bem na vida, não é assim para todo mundo novamente como a questão dos capitalistas, dos Camponeses lá que produzem para sua auto sustento pode existir algumas pessoas que conseguem é, se dar bem na sociedade capitalista que consegue através do trabalho da Inteligência da de poupar consegue é ficar rico ou consegue ter uma melhoria de vida. Podem ser todos não.

Então se a maioria não consegue, né, não podemos eh pegar esses casos muito particulares e Ah tá vendo esse tema aqui o fulano de tal que não tinha nada e vendendo e trabalhando ficou ficou ficou ficou milionário bom se ele ficou milionário foi porque nessa sociedade teve que explorar alguém não há outra forma, se não for a a exploração de ouro então. Essa é uma parte bem legal que eu gosto dela, porque faz esse diálogo justamente com esse senso comum da nossa da nossa sociedade de que ah e tem um pouco também da meritocracia dentro desse desse pensamento, né, então se você usa a sua inteligência se você trabalha se você poupa pelo seu próprio esforço.

Você pode ter melhorias, né?, e o Márcio quer dizer não é bem assim, então vamos lá. Retomando, só para ajudar: no feudalismo, a terra do Senhor feudal e o servo trabalha nela mediante o pagamento de tributo; dias trabalha na sua terra, dias trabalha na terra do Senhor feudal ou através do arrendamento. A burguesia vai colocar como ver que ali tem uma trave para ela conseguir se apropriar da riqueza e conseguir se apropriar da propriedade privada. Mesmo ela financiando os reis, ela precisa acabar com essa classe intermediária com essa nobreza feudal. Quem está em conflito com a nobreza feudal? Os Camponeses.

Então a burguesia vai fazer com que os Camponeses lutam contra os senhores feudais para serem livres, e os Camponeses vão dizer: "Uh, bora lá de fato ser livre, vai ser bem melhor", só que com a liberdade do Senhor feudal, os Camponeses se tornam livres em tudo e sentido, principalmente dos meios de produção. Então, ele fica livre de tudo. Passa a ser uma pessoa livre é a separação do Trabalhador dos meios de produção, o surgimento da manufatura vai ter essa relação é a relação que o capitalismo vai pressupor separação entre trabalhadores e a propriedade das condições de realizar o trabalho, né? Então como que ocorre a acumulação e a apropriação da terra dos Camponeses é a base de todo esse processo quando deixam de ter pessoas que consegue ter uma vida onde consegue tirar sustento da terra consegue tirar é a sobrevivência a partir do seu da sua terra e tem domínio dos meios de produção ao fazer essa ruptura, o que que esses trabalhadores têm né?

Aí essa parte aqui, eles não vão ter nada mais a não ser vender a ele próprio para o capitalismo, então não tem nada de que foi. O primeiro e o outro esbanjando o que os capitalistas fizeram com que os Camponeses, a burguesia ali nascente, com os que os camponeses perdessem a sua terra. Tá bem, bom. No ponto dois, aí ele vai ao pouco aprofundar essas propriedades do campo e a base fundiária, né? Marx vai dizer: o Prelúdio do revolucionamento que criou a base de todo o modo de produção capitalista ocorreu no último terço do século 15 e nas primeiras décadas do Século 16. Olha como foi rápido, é um movimento muito rápido, estamos falando aí, talvez uns 50. Então a massa de proletários, Livres como pássaros, ele vai falar isso várias vezes no texto, né?

Os povos, os Camponeses, os proletários são livres como um bando de pássaro e como são livres, como que eles vão sobreviver, vão ser jogado no mercado de trabalho pela dissolução dos seccos feudais, ou seja o cortejo, aquilo que está seguindo o final do do feudalismo, é o que vai promover esses esses trabalhadores a serem livres e trabalhar na

na nas indústrias, nas manufaturas que estavam nascendo. Então ele vai dizer, olha, parte do dos Camponeses. Ele vai pegar parte do seu tempo que antes era dedicado ao trabalho para o senhor feudal e ele vai trabalhar como assalariado no no Brasil. Tem tem tem vez que tem uns debates teóricos que vão um pouco nessa nessa linha, né?

As é camponês ou não é camponês, camponês tem que estar na terra, trabalhando na terra, sobrevivendo na terra então o Camponês que tira tempo do do trabalho no campo para trabalhar na cidade. Deixa de ser camponês, não é mais camponês que o Marx tá dizendo, olha, desde ali do período do início do capitalismo. O Camponês vai fazer isso porque parte como a terra não tem um ciclo que é 12 meses por ano determinado tipos de atividades. Então tem um tempo que sobra livre para o Camponês poder realizar outras atividades, seja no próprio campo, ou seja, indo buscar um trabalho assalariado para complementar a sua renda. Então essa coisa que o trabalhador faz no campo.

Ele tem sua pequena propriedade, tem a terrinha ali, e tira tempo para trabalhar na cidade onde está assalariado para complementar renda não poder não faz com que deixe de ser camponês. Então esse é um debate muito grande que nós podemos ao longo do curso e aí problematizado com os demais professores que foram contribuindo ou até mesmo nós queremos estudarmos isso, pegar uma uma uma linha de pesquisa para elaborar um artigo sobre esse elemento. Bom, o Marcos vai dizer também o que fechar no parênteses há uma substituição. Mandar a nobreza feudal para uma nobreza burguesa. Então sai de Campo a nobreza feudal, o senhor dos feudal e entra quem, uma nobreza burguesa. Quem que é o senhor agora dos trabalhadores, não é mais o senhor feudal, agora são os capitalistas industriais, os burgueses. Aqui novamente o Marcos faz menção ali, né?

A reforma protestante ela contribuiu para o enfraquecimento da Igreja Católica Apostólica Romana, porque aí na própria Inglaterra surge a igreja, a igreja anglicana,

fruto dessa reforma protestante. Surgiu várias outras e igrejas e na Inglaterra foi essa anglicana então a Igreja Católica no feudalismo ela era uma grande proprietária de terra e tinha muitos bens. Com a reforma protestante essa classe burguesa parte desses senhores feudais se ver. Livrementemente para se apropriar dessas terras, desses bens da igreja e ao em volta da igreja, em volta dos monastérios, em volta dessa estrutura da igreja, tinham pessoas que circulavam por ali, trabalhavam, habitavam, eh, produziam para aquele, para aquela, aquele grupo.

E com a procriação da Serra da igreja, esse conjunto de pessoas também foram expulsos e tiveram que caçar o lugar para viver. Aonde que eles achavam como perspectiva de liberdade de tudo, as cidades. Outra parte dessa expropriação do campo foi a transformação de Tesla de lavoura em terras de passagem para ovelhas porque ovelhas, porque a ovelha produzia lã e da lã produzia os fios, as manufaturas e indústrias de tecelagem que estavam em alta expansão, onde começava esse trabalho assalariado e a apropriação da mais-valia por outro lado também ocorreu a transformação dos camponeses em mão de obra para as indústrias nas cidades, né?

Então o Marcos vai reforçar o roubo dos bens da igreja, a fraudulenta alienação dos domínios do Estado porque o Estado Absolutista, o rei, o senhor feudais enfraquecendo essa classe, essa nobreza burguesa. Ela vai se apropriando dessas terras que é do Estado, então alienação domínio do Estado, o furto da propriedade comunal, a transformação usurpadora e executada com o terrorismo e nos populoso da propriedade feudal e crônica da propriedade que pertence então a um clã em propriedade privada moderna foram outros tantos métodos idílicas da acumulação primitiva. Então o que o marketing tá dizendo é aquela coisa lá de eh. Uma elite laboriosa parte simosa intea. Contra os vagabundos que só gastavam tudo, não é? Aquilo que ocorreu é isso aqui é todos esses elementos.

Eh, aí teve a Revolução Gloriosa em 1688 e 1689 que trouxe lá o Guilherme terceiro de orange e com ele com essa Revolução Gloriosa, então diferente da França que vai ser 100 anos depois da burguesia fez uma certa aliança com a monarquia. Aonde esse Guilherme terceiro conseguiu fazer com que os extratores da mais-valia fundiária e os capitalistas fossem para o poder e eles também continuassem ali então houve meio que uma fusão. Na França, não. Na França é guilhotina mesmo para a nobreza e todo o poder ao povo lá trabalhador faz cava por trás era a burguesia produto.

Como foi o lema do sol viets na Revolução Russa depois bom então com isso com esse com essa simbiose entre a velha monarquia e esses capitalistas os tratores da mais-valia no poder eles vão inaugurar algo que antes era feito de forma mais moderada que é o roubo dos domínios do Estado por completo. Então quem vai gerir o que é do estado? Passa a ser essa burguesia. Bom, o último grande processo de propriedade dos lavradores da sua base fundiária é finalmente assim, pera of States que é clarear as propriedades clarear no sentido de que de limpar de seres humanos, então e às vezes essa coisa que nós nos assustamos.

Ah, mas o capitalismo tá fazendo com que diminua a população no campo justamente. É isso que eu que é, o princípio capitalista é ter menos pessoas. Quem é de raciocínio dele porque tem hora que ele tá dizendo uma coisa e depois começa a brigar com alguém, contrapor com um teórico e ele é muito irônico, ele usa sátira então isso faz com que acaba, às vezes sendo um pouco difícil, mas tem relatos históricos, tem partes filosóficas de refletir então é uma leitura bem interessante o Marcos. Então vai dizer sobre essa parte dos ancestrais da classe trabalhadora inglesa. Então ele tá focado ali para entender a Inglaterra, então a gente tem isso bem demarcado também, né? Então ele vai dizer.

Eles foram imediatamente punidos pela transformação que eles foram impostos foram transformados em vagabundos ou powers e a legislação se tratava como criminoso, ou seja, aqueles camponeses que foram impedidos de ter a terra e jogados ao mesmo eram chamados de vagabundos e eram tratados como criminosos e como criminosos como se eles quisessem vagabundo, né?

E isso fazia com que as leis forçassem eles a voltar para uma realidade que não existia mais, né? No trecho aí, é um trecho bem interessante alguns que eu destaquei, né? O estatuto do primeiro ano do governo do Eduardo VI de 1547 estabelece que se alguém recusar trabalhar, ele deverá ser condenado a se tornar escravo da pessoa que o denunciou como vadia. Imagina o que é viver numa sociedade dessa época também. Eu tô lá de boa, não quero trabalhar ou sei lá, o que que eu quero fazer da vida ou não consigo trabalhar ou as condições que me oferecem de trabalho não é a que eu quero.

A pessoa vai me denunciar como vadia e eu vou ter que me tornar escravo dessa pessoa, né? E ele vai continuar, né? O povo do campo, tendo a sua base fundiária apropriada à força e dela sendo expulso e transformada em vagabundo, foi enquadrado por leis grotescas e terroristas numa. É necessário, é o sistema de trabalho assalariado por meio do açoite, do ferro em brasa e da tortura, e isso você tá o mar está analisando a própria Inglaterra vai ter uma passagem lá que diz um pouco disso, né? Se a pessoa fosse pega com vadiagem e ia ser colocada atrás de um carro, uma carruagem, e açoitada até sair sangue. Depois de sair sangue, ia jurar praça pública que ia voltar para sua terra natal da onde veio e ia procurar um emprego, ia ter que trabalhar, não podia ficar vadiando porque se fosse de novo era outra sua.

E se fosse de novo era morte. Então imagina o clima de terror, de tensão que era pra essa classe, né? Ele tem dois livros que podem ajudar vocês. Se quiserem entender um pouco

mais essa formação da classe se operar em inglês um método próprio Andrews e a outra do Tom, né? É e por fim ali o mar vai dizer olha na época também, além de todas essas torturas esse método. Tinha uma tarifa, tinha uma lei que estabelecia que para a cidade e para o campo, quanto que deveria pagar não podia pagar mais era era era era sobre risco de prisão se alguém pagasse salário mais alto do que o estabelecido, né? Porém se alguém pagasse e pagasse uma punição.

Menor, mas quem recebia tinha uma punição bem maior. Então essa essa lógica Nossa que é é essa formação cultural que nós temos um pouco também, né de que às vezes as pessoas fala é você vai trabalhar, aí você combina assim e a pessoa fala não toma 150 a pessoa não só sem Tá bom, eu não quero 50 né É por uma coisa de uma formação cultural muito irrigada, né com o o os ancestrais também a as pessoas que viveram nessa época a o terror que viveram então foi conformando esse pensar, né? E isso aqui nós estamos falando de pessoas livres, né? Então imagino que era feito com os escravos. Sobretudo com os escravos aqui no Brasil, né?

Então, eu acho que ele não podemos perder de perspectiva sempre essa relação de que se estava ruim para a população é livre, imagina para a população considerada propriamente escrava sobre a Gênese do dos arrendatários capitalista. O Marcos vai dizer que essa é uma Gênese que ele vai um pouco ele vai ao passar do tempo, né? Então vocês viram com o João Pedro na aula passada sobre como funciona a renda da terra, né? O Marcos vai dizer, olhando a proteção ali da população do campo, a expulsão contribuiu para o surgimento dos latifúndios e ele vai dizer, olha os próprios servos ou o lado que alguns proprietários livres ali no período de término do feudalismo pelo capitalismo. Eles estavam em relações de propriedades também bem diferentes e por isso eles foram emancipados também.

Economicamente muito diferente com a revolução agrícola do último terço do século 15, os Camponeses que estavam num processo de uma vida boa, uma vida econômica eh eh considerada, começa a empobrecer ao passo que os arrendatários vão se enriquecer, um devido aos arrendamentos. Arrendamentos era feito por por contratos de até 99 anos então quem fez contratar a largo o prazo com a revolução tecnológica aumenta a produtividade e a fazendo com que se produzisse mais e isso conseqüentemente fazia aquilo que aquele arrendamento que antes era muito alto, ele se convertam em um arrendamento menor que com isso ele vai se apropriar ainda mais da renda da terra e também ao cercamento das terras comunais e a usurpação das passagens então com o cercamento das terras comunais e esse cercamento das pastagens que era coletiva para esses Grande. Proprietários arrendatários, os Camponeses foram se empobrecendo com essa revolução tecnológica. Há uma revolução também no campo e na cidade, né?

A liberação de parte do povo do campo vai fazer com que os alimentos que essa população consumia anteriormente também sejam liberados para a cidade e eles não se transformam agora num material do Capital variável. Ou seja, a força de trabalho para ser explorada, e ele vai ter que vender sua força de trabalho o campo o ex-capitão. Vai ter mobilidade social também, agora só tem a força de trabalho para vender, e ele vai ter que vender. Porque não pode voltar para o campo, porque o campo como ele Conhecia já não existe mais, então ele tem que vender sua força de trabalho para receber um salário e portanto para comprar alimento. Então essas propriedades de expulsão de parte do povo do campo vai liberar esses trabalhadores.

O Marcos reforça isso permanentemente, né? Permanentemente ele vai reforçar, vai liberar os trabalhadores não apenas os meses de subsistência e de seu material de trabalho para o capitão Industrial, mas vai fazer criar um mercado interno. Por quê? Porque tem um monte de pessoas na cidade que não produzem para o consumo e as cidades são formadas para isso. Você vai criar um porco com uma galinha na cidade, tem um conjunto de leis que não permite porque é insalubre, vai dar doença e tal e tal e tal e tal e tal e tal.

Mas você vai ter que consumir alimentos e esse alimento vai ser produzido onde, no campo.

Então esse camponês que é expulso da terra da sua propriedade e vai para o campo, forma esse mercado interno que vai consumir os produtos que antes ele produziu, mas que agora ele não pode produzir mais. Então, com a apropriação de camponeses antes economicamente autônomos e sua separação de seus meios de produção, se dá ao mesmo tempo e no mesmo ritmo a destruição da indústria subsidiária rural. A indústria passa a ser algo da cidade, aquela indústria rural para beneficiamento de pequenas coisas e tal sustentação ali não existe mais, ao passo também que lembra que o Léo Uber não vai dizer que o intermediário suja aí que é justamente.

O Camponês ele produz. Mas como ele não consegue levar seu produto nas feiras, tem um intermediário que vai se apropriar para levar esse produto na na. Para proporcionar a comercialização, fortalecendo, fazendo com que esse mercado interno vá surgindo então. Esse processo acaba contribuindo também para separar a manufatura da Agricultura, a agricultura tem que produzir alimentos em doce, é processar, não é agricultura é na cidade em outra parte que é destinada então de forma bem sintética. Eu tô vendo que o tempo já tá muito avançado, mas 10 minutos para nós terminar creio ocorre a expropriação dos Camponeses dos seus meios de produção com isso vai haver a formação de um proletariado assalariado com é um passo que há uma intensificação na produção agrícola, devido a essa evolução tecnológica devido a mecanização na agricultura mesmo que incipiente mas contribuiu também e há essa separação da Agricultura rural, eh, vai separar esses dois elementos e isso vai contribuir para a criação de um mercado interno sobre a Gênese do Capital Industrial, então o marketing logo no começo do do deste item vai dizer olha a Gênese o capitalismo industrial.

Não seguiu a mesma maneira gradativa da do arrendatário, o negócio foi um pouco mais dinâmico, né? E nem inicialmente o capital monetário fruto ali do Mercantilismo fruto das navegações que é formado pelo usuário pelo comércio, ele foi impedido pela constituição feudal no campo e impedido pela constituição das corporações na cidade de converter-se em capital Industrial. Então tinha um capital monetário ou seja tinha dinheiro mas inicialmente por conta da Constituição feudal e da Constituição das corporações na cidade ele não poderia se converter ainda em um capital Industrial. O Max vai se destacar aqui. A descoberta das terras do ouro e da prata na América, o extermínio, a escravização e o enfurnada acumulação primitiva do capital.

E é importante depois, se vocês tiverem condição de ler, se vocês tiverem acesso, eh, ao texto na íntegra, é um texto bem interessante, né? Que ele não vai se aprofundar nisso, mas ele reconhece que é esse processo que vai fazer com que a produção capitalista possa ter seu êxito e ele vai dizer as manufaturas em expansão fazer com que as colônias assegurasse esse mercado de escoamento, as manufaturas em expansão nas metrópoles e as colônias ia fazer nesse processo de absorção da produção, por isso que a Inglaterra ali em 1800, vamos cavar com essa coisa de tráfico de escravo, nós precisamos de pessoas livres para comprar os produtos para consumir então não era uma preocupação com o bem-estar porque como vocês quando vocês lerem foi uma prática muito forte na prova na própria Inglaterra para essa apropriação para essa acumulação primitiva o uso do trabalho escravo no nas próprias fábricas nas próprias indústrias também é o tesouro apesado fora da Europa diretamente por milhares de escravização e assassinato refluir a metrópole e transformava-se em capital.

E aí o Marcos vai fechar dizendo o sistema colonial que ele também tem as o Estado, pesos e fossas, a proteção das guerras comerciais, etc. Esses rebentos do período manufatureiro propriamente dito se agigantam durante a infância da grande indústria e nesse momento vai também ocorrer um outro movimento que é o rápido de crianças para trabalhar nas indústrias nesse mesmo momento ali então por isso que a compreender a

história como um todo é possível você compreender melhor que esses movimentos não são movimentos ao acaso, né ao passo que eles estão buscando é crianças para trabalhar nas suas fábricas nas indústrias, eles estão buscando a libertação dos escravos para se tornarem consumidores, né? O Max também vai dizer um pouco atrás. Eu passei meio direto que Justamente a essa aliança do até a burguesia industrial com na dominação do Estado ele tinha como aliado também os bancos né?

A burguesia financeira. Então essa coisa que às vezes nós olhamos hoje é a aliança da do capitalismo agrário com o capitalismo industrial e o capitalismo financeiro, ele tá desde a sua Gênese. Só que agora tá num outro movimento então por isso que nós precisamos também estudar ao movimento de hoje o último ponto que ele destaca então é a tendência histórica da acumulação capitalista, o que que ele vai dizer sobre a tendência histórica a propriedade privada como a grande centralidade à propriedade privada como simples da propriedade social coletiva existente apenas aonde os meios de trabalho às suas condições externas pertencem à pessoas privadas, ou seja, se tem o capitalismo tem a propriedade privada e a propriedade privada pertencendo a pessoas privadas é que vai continuar perpetuando essa acumulação capitalista então a propriedade privada do trabalhador sobre os seus meios produção de produção é a base da pequena empresa e a pequena empresa uma condição necessária para o desenvolvimento da produção social e da livre individualidade do próprio trabalhador. Olha como isso é profundo, né?

É a é uma coisa que é antagônica, mas que ao mesmo tempo vai dar essa liberdade da da individualidade do Trabalhador, então o trabalhador se sente livre dessa coisa que nós vemos do empreendedorismo hoje, né dos entregadores por aplicativo que fazem seu horário que trabalha quando quer, né? Esse curso é esse trabalha quando quer a hora que quer é justamente essa relação entre a pequena empresa e a propriedade privada porque o trabalhador está privado dos meios de produção, então, ele tem que dar um jeito de trabalhar de alguma forma negativa empreendedora para quem são os donos são os proprietários dos meios de produção.

O Mário também vai dizer à propriedade privada obtida como trabalho próprio. Então veja nessa parte interessante porque o Marcos não tá sendo ele não é contra a propriedade privada, propriamente ele é contra a propriedade privada burguesa, isso é algo que a gente precisa compreender porque quando essas pessoas é negacionista pós-moderna que vem criticar. Ah, vocês são contra o fim da propriedade privada e minha casa e meu carro bom o que o Marx é contra é contra a propriedade privada burguesa, porque qual a propriedade privada a propriedade dos meios de produção os meios de produção tem que pertencer quem trabalha nele não há um grupo específico. Então essa é a grande centralidade do Marcos na contra a propriedade privada burguesa dos meios de produção é então.

Ele vai dizer que essa propriedade privada obtida com o trabalho próprio se baseia por assim dizer na fusão do Trabalhador individual isolado. Independente com as suas condições de trabalho é deslocada pela propriedade privada capitalista, então não existe propriamente propriedade privada individual que existe é a propriedade privada capitalista, por isso que quando você ataca a propriedade privada capitalista o trabalhador ou essa pessoa que tá buscando a explicação de todas as questões do mundo a partir da sua da sua vivência imediata vai achar que nós estamos sendo contra a propriedade dele, não é contra a propriedade dele ou dela então a propriedade privada capitalista nos meios de produção, beleza? E ele vai terminar de uma forma bem bem interessante, né?

Os últimos Passos ele vai fazer essa reflexão bom o trabalhador foi apropriado de tudo. O Camponês foi tirado da sua terra, foi jogado pra cidade e foi obrigado a vender sua força de trabalho então o momento que nós estamos do capitalismo já não é mais a gente se apropriar do trabalhador que já é expropriado economicamente ou que ele é autônomo. Mas agora nós temos que se apropriar ou capitalista que explora muitos trabalhadores, então a tendência é essa ou E aí pra isso precisamos se organizar precisando se mobilizar por fim mesmo mais cinco minutos aqui tá um pouco a síntese em 10 pontos. Quais são

as principais características da vida inglesa uma o capitalismo ele vem de fora da agricultura do território e eles vão formar Grandes propriedades dois é uma expulsão violenta de todos os Camponeses destroem o campesinato todos têm entre aspas. Por que no nosso próprio debate? Na primeira aula que eu dei trouxe o dado quem é que produz a o alimento hoje principal para a cidade é são os Camponeses Agricultura Familiar que são a maioria mas são pouco tem pouco a terra.

Então quando a expulsão violenta de todos é justamente é essa só vai ficar no campo aqueles que são necessários para produzir para alimentar a população no da cidade os outros vão para cidade ou vão fazer igual foi isso que o Marcos está analisando ali na Inglaterra. Vamos caçar um lugar para viver, tá? E porque a expulsão disso a eliminação dos camponeses do campo vai formar esse Exército de reserva de força de trabalho terceiro a implementação de produção em grande escala. Por isso que às vezes se aquele debate sobre as plantations, né plantations não era a produção um na era monocultura não era em grande escala, só que é outros outro momento como nós vimos na na aula que eu eh, contribui anteriormente quarto há uma concentração dos meios de produção e da terra por conta de toda essa parte expropriação expulsão dos Camponeses e tirar eles os meios de produção surgem a mecanização agrícola e com a mecanização agrícola vai aumentar a monocultura ou também a agricultura camponesa que sobra e com isso vai aumentar a escala de trabalho e vai diminuir os custos de produção aumentando a escala de trabalho diminuindo o custo de produção nós vimos na na aula anterior com o João Pedro que é a renda da terra aumenta e se aumenta a renda da terra.

Quem vai ficar com essa renda da terra, esses trabalhadores, não. Surge o arrendatário capitalista que não precisa necessariamente ter a terra, mas vai explorar uma renda a renda da terra surge o proletário rural o assalariado Rural há uma destruição da produção artesanal. Então aquela produção para auto sustento. Ela desaparece seja pela economia, porque aí Os Pequenos não conseguem competir com os grandes ou seja pelos conjuntos de leis. Hoje você vai produzir um queijo, vai produzir algo tem um conjunto de leis que

impede você de fazer esse comércio direto, então tem todo uma uma questão que você tem consegue tirar o leite, tem que entregar para um atravessador. Ele que vai processar e vai fazer o queijo e tal tal tal tal e isso eu tô falando a maioria.

Tem lugares que consegue o próprio Campo componente tirar o leite fazer o queijo entregar tem Mas isso não é o Geraldo eh nono agricultura passa a produzir para a indústria e com isso então gera um mercado interno, porque Há também um processo de padronização na alimentação é hoje. Você vai no mercado comprar um pão que tá lá naquele saquinhos, você pode escolher o pão do jeito que for é um padrão deles. Você quase não vê diferença você pode ver que não tá mais queimado um menos queimado, mas a a padronização é a mesma diferente de você anteriormente um pão é um pouco maior um pouco é menor porque a produção era mais artesanal hoje não hoje é padronizada tudo.

A função do papel do estado burguês e seu surgimento ocorre para estabelecer a ordem aos interesses do capitalismo industrial, não é para atender o interesse da pras trabalhadora ou algo desse tipo bom. Espero ter ajudado. Espero ter contribuído e aqui eu só vou terminar com eh uma deixar uma contribuição aqui. Eh quando nós fomos estudar o desenvolvimento capitalismo na agricultura as farmas haviam dos Estados Unidos. Eh, eu ajudei a fazer o cinto a síntese do texto do do Lenin que ele vai fazer essa análise é e tá nesse caderno 30 e infelizmente por conta de da gráfica ou da da edição o mapa que tá lá, ele saiu todo desconfigurado assim como a tabela está desconfigurada, porque a região sul dos Estados Unidos, ela tá colocada.

É de forma diferente do que está enunciado na página 132, tá um enunciado e na página 124 tá outro então, eu vou deixar esse mapa aqui para vocês para quando vocês forem ler o esse texto vocês terem um pouco a dimensão mais precisa do que quando tá falando da

região norte dos Estados Unidos, o que que tá falando da região sul? E o que que tá falando da região oeste então depois Espero que ajude vocês no no estudo futuro é? Fico por aqui, sei que novamente foi extenso, foi cansativo, agradeço a atenção de todas e todas e agora vamos para as questões na medida do que eu puder contribuir estou à disposição. A professora Álvaro chega já arrasando e ainda deixa o material para a gente ter certeza que tá tudo certinho.

Queria só fazer um comentário assim que me ficou batendo na minha cabeça assim durante desde que que você começou a falar o coração o seu início você fala assim são 3338 anos de uma sociedade montada a base econômica do trabalho comercialização da mão de obra escrava, né? E aí depois você vai andando e vai demonstrando como é a fixação desse processo em que coloca não apenas. Aquela quantidade exorbitante de pessoas que já estavam sendo submetidas a esse sistema, mas como eles conseguiram fazer uma de forma que as pessoas se sintam livres e que todas fiquem dentro do quadrado da sociedade escravizada, né de forma mais ou menos radical, né? Então é enfim uma coisa que ficou batendo na minha cabeça.

Queria abrir aqui para as perguntas. Eh, vamos ver aqui como você vê a exploração da terra seguindo a violência e expulsão dos Camponeses no período colonial e atualmente com o avanço da mecanização violenta nas áreas indígenas e assentadas é a pergunta da rede Nalva Monteiro. Deixa eu ver se nós temos outras perguntas ou se você já começa a responder essa e o pessoal vai aquecendo acho que pode ir e aí a gente vai pegando as próximas. Tá bem? Obrigado. Continue aquela pergunta é basicamente eh. Faz parte dessa lógica da apropriação capitalista, né? Então por isso que é importante nós termos presente todos esses elementos porque contribui nesse sentido de entender isso que a Alerta tá dizendo, né? É o processo da escravização, ele é um processo que ele foi pensado, ele foi projetado o processo de término da escravização ou a lei Áurea também foi pensada também foi projetada.

E isso não queremos dizer ou desmerecer nenhum papel nenhuma força nenhuma luta do povo negro da das negras os negros que deram seu sangue deram sua vida como Resistência e como luta mas há se vocês verem lá novamente o conjunto de leis que já eram sendo estabelecidas. E essas leis sim são fruto da mobilização Popular fruto das lutas dos negros que não é tão citado. Mas o culminar dele já não existia tantos é negros escravizados, né? Era um número bem pequeno do que fora outro momento, mas tá dentro de uma perspectiva Global do desenvolvimento capitalista e quando a ocorre a lei de terra, o que que se diz bom.

Qualquer pessoa pode ter Terra desde que compra só que já tinha muitas pessoas que estavam com até que não se interessava pela propriedade privada da terra, mas queriam a posse e o uso da terra para trabalhar para sobreviver e isso vai gerar um campesinato invariavelmente mesmo com a abolição grande parte também do dos ex-escravos é partem para o campo para tentar trabalhar e vai formando esse campesinato e esse campesinato ao passo que vem o processo da industrialização a partir de mil novecentos e trinta então começa a ver interesse por por essas terras que já tinham sido desmatada que já tinha estavam sendo trabalhadas pelos camponeses é algo que o capitalismo vai. Apropriar vai buscar se apropriar de nós aqui no Brasil.

Eh tentando copiar ali o os Estados Unidos tivemos também já duas marchas para o Oeste incentivadas pelo pelo estado brasileiro é um ano no governo do Getúlio Vargas e o outro já no período da ditadura e o que que essa marcha para o Oeste contribuiu contribuiu para que os Camponeses as famílias camponesas pudesse desbravar as festas para depois serem apropriadas por esses grandes capitalistas por essa burguesia que nós temos que ela nunca deixou de ser agrária também a questão das teses indígenas. Hoje é algo que é bem peculiar porque são terras que são praticamente terras virgens de exploração humana, os índios têm uma relação com até completamente diferente do que até mesmo os próprios

camponeses. Então tem um potencial. Da aula do João Pedro, que a renda da terra pode se dar devido à fertilidade da terra.

Então, aqueles que querem buscar produzir agrícola em busca dessa fertilidade e outros estão em busca dos minérios que têm nessas terras que ainda não foram exploradas porque são áreas protegidas, são áreas intocáveis, e que se houver esse avanço da legislação vai permitir que seja explorada, vai permitir que é expulsem essa população. E para o capitalismo, não tem nenhum problema, não tem nenhum peso na consciência, não tem nada que vai fazer com que eles se sintam mal, porque na visão deles, eles estão levando, inclusive, o progresso, o desenvolvimento.

Por isso que é importante também quando nós analisamos essas sociedades ou essa linha histórica, nós tenhamos presente, o que é compreendido como o desenvolvimento, o que é que nós queremos também para o campo hoje? O que é que nós queremos construir, né? Então é apenas uma sequência de parte de que ainda não foi explorada. Como o Brasil tem, o território é muito grande, então mesmo por mais de 500 anos sendo explorados, sendo sugado todas as riquezas, ainda tem muita riqueza para poder ser apropriada, e é isso o capitalista vai em busca, e como nós vimos na assim chamada acumulação primitiva e que é a lei que permanece até agora, os povos que estão no campo, seja com a sua tradição, seja com a sua história, seja com a sua vida, não interessa no capitalismo. Capitalismo está em busca da apropriação da do lucro da mais-valia das riquezas para seu fim. Para seu fim próprio, tá bem?

Não sei se respondia ou dialoguei, mas se não fica à vontade para perguntar novamente. Vai acontecer, temos aqui a pergunta da Rita Gouveia, cada professor no tocante à citação de Marx. "O estado é o gabinete executivo da Capital". Nesse sentido, numa nova sociedade, ele tem que, numa nova sociedade, ele tem que desaparecer. E como você vê

esse processo sem estar como seria, então Rita, muito boa pergunta. Porque aquele quadro que eu montei lá, né, anterior, quando a gente olha o que é o estado, né? Estado, quando o Marx no Manifesto Comunista tá dizendo isso, é que ele tá fazendo justamente um movimento ali de agitação, né, de dizer com o povo: "Olha gente, esse estado burguês aí, que é dominado pela burguesia, não serve porque tem isso, isso, isso, isso, isso, isso, isso, e ele é esse gabinete executivo dos interesses da burguesia".

Então, na própria formulação do Marx, esses modos de produção, nas transições, como nós vimos anteriormente, no socialismo, ainda teria um estado que seria um momento de fazer essa reparação ou colocar em igualdade ou equidade esses diferentes sujeitos que estão envolvidos na construção social, histórica, das relações sociais de produção. Bom, então ele vai dizer que o estado propriamente dito não é necessário para uma sociedade, porque enquanto houver estado, ele está ao lado da classe dominante. Por isso, que no socialismo, as são muitos reacios que são contra o Marxismo, comunismo, e tu e tudo vai dizer: "Ah, é a ditadura do proletariado".

Então, mas o que é a ditadura do proletariado? É o povo, a classe trabalhadora. Tendo comando, tendo o domínio do Estado, então, de uma forma bem simples, analógica, né? No socialismo, as pessoas vão perder. Serão todos, não, porque no socialismo é esse momento de aproximação de onde hoje, se eu não tiver enganado, o PIB brasileiro per capita tá na casa dos 1.200, 1.500. Bom, ganha 1.500 nesse grupo aqui, quem ganha tá nesse PIB. Agora, quem ganha mais de 1.500 significa que teoricamente teria que perder para que outros, que não ganham nem 500, possam chegar a esse patamar de 1.500, de uma forma bem grosseira, tá bom? Não é bem assim, mas só para a gente entender. Então, como esse movimento ideológico faz com que nós acreditemos que o estado é necessário para regular a sociedade, para garantir o bem-estar da sociedade, que não vire o caos, como é a teoria clássica.

Nós acreditamos nisso também, mas o estado dele. Somente para impedir que o trabalhador, a trabalhadora, que produz as riquezas possa se apropriar delas e para assegurar que uma pequena camada, um pequeno grupo de pessoas, que são os donos dos meios de produção, que como nós vimos aqui com esse texto, esse texto é bom porque vai nos dando essa pista, né? Como é que eles se tornaram o dono dos meios de produção? Foi como a literatura dizia, era uma elite trabalhadora, inteligente, poupadora, ou foi expulsando, explorando e pregando o terrorismo? A classe trabalhadora foi a segunda opção. Então, não é uma coisa somente de que é isso, é aquilo, né? Então, o estado, ele cumpre esse papel, esse gabinete executivo, para justamente fazer com que a burguesia continue mantendo a sua dominação. É possível viver uma sociedade sem estado, é como vai ser bom, aí nós podemos fazer os devaneios, nós temos tendências, nós temos perspectivas, mas vai caber a nós, classe trabalhadora organizada em luta, construir essa sociedade sem estado ou essa sociedade sem exploração e explorados. Tá, depende basicamente de nós mesmos, né?

Como é que nós vamos constituir? Como nós vamos nos organizar? O problema é que, voltando àquela frase que eu coloquei, né? Como nós vamos explicar as coisas, a realidade, a partir do que nós vivenciamos e nós estamos numa sociedade tão cheia de vícios, de não humanidade, nós acabamos acreditando que de fato nós nunca vamos conseguir construir essa sociedade. Mas aí, esses pequenos grupos que existem hoje, de forma autônoma, autogestionária, com novas e novas formas de relacionar, nos dão pistas do que nós podemos fazer em uma escala maior, uma escala mundial. Não sei responder irrita, mas fique à vontade também de comentar final, bom professor, a gente hoje está com todo mundo mais tranquilo.

Acho que o assunto está ficando realmente bem assimilado. Peço para você fazer o encerramento, Álvaro. E aí, os grupos, os NBs que tem agora um horário, já a gente já segue no caso NB8, já deixa aqui quando a aula terminar, a gente dá uns 10 minutinhos e se encontra na sala que eu vou deixar o link lá. Um abraço a todo mundo aqui, elogiando

a sua aula, contribuição grandiosa. Excelente fala, parabéns pela sua explicação. Enfim, só sucesso, eu acho que depois você volta lá no YouTube, dá uma olhada nos elogios, né, que são muito jovens. Tchau. Tchau, gente.

Então, como é a minha última aula, agora eu posso confessar algumas coisas para vocês quando eu tô dando aula, eu uso um sistema que eu não olho o chat então tudo que vocês escrevem ali, eu não olho para não tentar desconcentrar, mas depois eu olho tudo, leio a nota, inclusive algumas questões, eu acho que vocês já repararam isso que sempre quando eu começo uma nova aula que tem uma questão ali que eu vi que não foi bem comentada, eu tento trazer novamente, mas é como mensagem final eu agradecer muito a paciência de vocês que eu sei que é bem cansativo, né? Mas também que vocês possam continuar se dedicando ao estudo porque seja para benefício próprio que vocês querem esse curso de arte de conhecimento, mas de alguma maneira, ele mexe com a gente porque conhecimento é poder e é importante, e como diz Cilene, né? Você não vai fazer um movimento evolucionário ser uma teoria revolucionária e aos poucos. Quando vocês vão ouvindo, vão juntando esse conjunto. Informação vocês vão conseguir formar uma consciência crítica.

E é isso que é importante para nós nesse momento: ter uma consciência crítica, não criticismo, mas a gente poder compreender a realidade, olhar para a realidade, perceber que ela não é como aparenta ser e que nós possamos desvelá-la de uma forma que nós conseguimos compreender. Quais são os seus processos contraditórios? E como podemos acumular força para romper? Essa sociedade capitalista não existe capitalismo humanizado, o que pode existir é um capitalismo melhorado para algumas pessoas, mas não para o conjunto. Está na gênese do capitalismo a pauperização e a exploração da classe trabalhadora então se você tem essa intenção de fato construir uma sociedade livre, emancipada, humana sem racismo, sem patriarcado, nós precisamos destruir o sistema capitalista.

A sociedade capitalista porque aí está baseada o racismo, o machismo, a lgbtfobia, todos esses elementos que nos impedem de ser seres humanos como na sua plenitude. E possamos vivenciar todos os valores então um grande abraço a todas e todos. Fico à disposição para vocês que quiserem perguntar, tirar alguma dúvida. Muito obrigado ao Centro de Formação Paulo Freire. Muito obrigado ao Caetano. Obrigado Alerta pela coordenação hoje e esperamos nos ver nas lutas, nas trincheiras. Esperamos que possamos passar logo essa pandemia, que possamos nos mobilizar e derrubar esse sistema capitalista. Que enquanto ele existir vai existir a opressão, vai existir opressão e nós não vamos ser verdadeiramente livres de verdade, amor, verdadeiramente humanos como nos disse quando ela chegou. Grande abraço e até uma próxima. Maravilha Álvaro, eu disse que ia embora, mas eu voltei. Olha só, antes de qualquer coisa, Álvaro, a gente queria agradecer muito a esse esforço que a gente sabe que você está dando aqui. Deu um gás enorme nesse curso, é. Aulas sempre maravilhosas e tenho certeza que as orientações que você vai dar também são maravilhosas, mas queria enormemente dar essa ppp toda, te agradecer enormemente.

Tá, além disso, queria agradecer também, né, o fap e o nosso centro de formação e avisar para todo mundo que a próxima aula vai ser sobre a vida, por Luciana, com o nosso João Pedro esteve. Tá bom. Agora sim, seguimos para os nossos nbs, para quem tem LD depois da Chau Chau Chau Chau gente, boa noite. E puder cantar comigo antes fácil e se alegrar e tem a terra para plantar devolutivo e se alegrar e se alegrar seus cabelos pentear vestir uma roupa bonita. E para a cidade passear, pois a terra é de ninguém, é de Deus, para trabalhar a terra ponte de esperança pra gente se alimentar e tem a terra para plantar tem bom motivo se alegrar quem tem a terra para contar de contigo e se alegrar quem tem a terra para plantar é contigo e se alegrar e vem até para plantar é contigo e se alegrar e pode ter um querer e seus cabelos pentear existe uma roupa bonita e para a cidade passear, pois a terra de ninguém é de Deus para trabalhar a terra. Esperança pra gente se alimentar, quem tem a terra para plantar, diga um motivo e se alegra. E vem à terra para plantar, levantar e se alegrar, todo mundo, vamos lá. E vem até para contar e pode ter um bem

querer e seus cabelos pentear, vestir uma roupa bonita, e para a cidade passear, pois a terra é de ninguém, é de Deus. Trabalhar a terra, ponte de esperança pra gente se alimentar, e vem à terra para cantar, vem contigo e se alegrar. Quem tem a terra para voltar de bom, contigo e se. Ah, é contigo e se alegra, eu tenho tempo para cantar, vem contigo, está?

Aula 03

Boa noite. Companheiros, sejam todos bem-vindos. Mais uma aula da nossa especialização em questão agrária Nordeste, muito prazer que a gente inicia. Mais uma aula de hoje. Programa de aula hoje, vamos ver a Via junto à transição capitalista na agricultura. Desejo desde já uma boa aula para todos e todos e já entrando na nossa aula de hoje, queremos convidar o professor Pedro Federal, que é o finalzinho, deixando alguns minutinhos para perguntas e vamos aproveitar que a cada dia.

Tá sendo cada vez melhor. Nossa especialização. Então, com muita animação, né? Queria dar as boas-vindas ao Professor Pedro. Fique à vontade, professor. Boa noite pessoal, é um prazer poder estar aqui com vocês, né, dando sequência no curso. Eu acho que é uma ótima oportunidade para tá contribuindo com o Centro de Formação Paulo Freire, né, também com a Universidade Federal com a irmã, né, do Agreste, Pernambuco. Eu sou professor então da Federal da Fronteira Sul, né, uma universidade criada no governo Lula e que ela é então bastante recente, né, tem cerca de 11 anos. Também sou professor voluntário na escola nacional Florestan Fernandes, né, que ministra cursos tanto para trabalhadores.

Aliás, a reforma agrária, o MST como vários outros trabalhadores, né, de outras organizações e países, inclusive. Então é de fato uma honra tá aqui, um prazer tá encontrando vocês, inclusive alguns conhece, muito bem, o tema de hoje, a gente vai conversar sobre uma das formas, né, de transição do regime feudal para o capitalismo que é na experiência da Rússia, né, do império czarista no império Russo ainda no século XIX, né? E nisso nós vamos nos basear então na obra do Lenin, tá, então essa vai ser o tema da aula de hoje, obviamente tentando trazer lições e elementos para as questões

atuais, né, porque essa essa é a questão que está por trás desse debate, pode passar Caetano, por favor.

Bom, então nós, esse livro, né, que baseia a aula de hoje, as várias citações e a base de toda argumentação, ele vai ser principalmente derivado então do livro do Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia. Escrito por Lenin, né? O Lenin era o foi o grande líder da Revolução Russa, né dá de 1917 e também até hoje é considerado um grande teórico do desenvolvimento do capitalismo do imperialismo, né? Questão também da transformação eh socialista, né da sociedade, então ele tem uma importância fundamental. Esse livro foi escrito de 1896 a 1899, nesse período, né, com alguns anos de estudo. Ele é um texto científico, procura ser científico, mas não é estritamente acadêmico, né?

Ele era um texto escrito no calor de eh da luta da organização da classe trabalhadora russa que tentava, né? Se organizou para fazer essa transformação social, então Elaine estudou a realidade russa para poder. Eh, eh compreendê-la e ao compreendê-la também é poder fazer essa essa essas lutas sociais, essa luta pela transformação social que resultou de fato em 1917 na revolução socialista bolchevique, né? Eh que ja eh completou então na décadas, desde que já passou essa experiência hoje balanço aí que tá sendo feito então é importante também retomar essas questões e avaliar essas reflexões que o Lenin traz. Bom. Eh, nós temos aqui em vários momentos do texto os alunos do curso, tiveram a oportunidade de estudar o texto, né?

É o texto ele tem é parte do livro, não foi estudar todo Livro. Mas ele tem elementos que ele faz a referências a estudos e a debates teóricos com vários outros autores especialmente em um grupo político que era conhecido como os os populistas, né, o socialistas revolucionários que eram outras correntes políticas que estavam então uma

disputa da esquerda daquele período é na Rússia, né, no período pré-revolução. Está muito bem, pode passar Caetano, por favor. Um pouco o quadro que aí nós vamos ver mas era dominante no cenário feudal.

Tá então vamos poder seguir que a gente vai agora então olhar para o contexto europeu, né? Então veja a Rússia ela eh ela tinha então esse peso político econômico etc que era fundado numa população que quase né? Eles chegavam não chegava a 200 milhões de habitantes na época, mas era bem mais de 170 milhões, né? Então veja, o Brasil hoje tem 200 milhões, né de habitantes. Então imagina isso, né no século XIX. Então antes de 200900, a Rússia já era um país enorme, né? Um na verdade um conjunto de povos dominados pelos Russos, né? Que tinha uma capacidade política militar muito grande, né?

A Rússia para onde pendia tinha um peso enorme na Europa no século 19 principalmente então nos anos 1800 começa a ter o desenvolvimento acelerado do capitalismo, né a mudança da sociedade feudal europeia do ocidental, né? A começar pela Inglaterra e depois espalhando pelo continente eh. Há uma transição do regime feudal para o capitalismo e com o capitalismo é um desenvolvimento muito grande da economia da Ciência da tecnologia e logo também da questão militar, né isso reflete na questão militar é uma consequência, né que tá ligada porque para o desenvolvimento militar é preciso de recursos e é preciso de ciência e tecnologia aplicadas, né? Então do ponto de vista histórico é uma mudança na balança de poder europeia. Então se o império é czarista era um império relevante assim.

Um pouco o quadro que nós vamos ver, mas era dominante no cenário feudal. Tá então vamos poder seguir que a gente vai agora então olhar para o contexto europeu, né? Então veja a Rússia, ela tinha então esse peso político econômico etc que era fundado numa

população que quase, né? Eles chegavam não chegavam a 200 milhões de habitantes na época, mas era bem mais de 170 milhões, né? Então veja, o Brasil hoje tem 200 milhões, né de habitantes. Então imagina isso, né no século XIX. Então antes de 200900, a Rússia já era um país enorme, né? Um na verdade um conjunto de povos dominados pelos Russos, né? Que tinha uma capacidade política militar muito grande, né? A Rússia para onde pendia tinha um peso enorme na Europa no século 19 principalmente então nos anos 1800 começa a ter o desenvolvimento acelerado do capitalismo, né a mudança da sociedade feudal europeia do ocidental, né?

A começar pela Inglaterra e depois espalhando pelo continente eh. Há uma transição do regime feudal para o capitalismo e com o capitalismo é um desenvolvimento muito grande da economia, da Ciência, da tecnologia e logo também da questão militar, né isso reflete na questão militar é uma consequência, né que tá ligada porque para o desenvolvimento militar é preciso de recursos e é preciso de ciência e tecnologia aplicadas, né? Então do ponto de vista histórico é uma mudança na balança de poder europeia. Então se o império é czarista era um império relevante assim era o império austro-húngaro, né?

Por exemplo, que tinha um peso enorme hoje, não existe mais, eles foram sendo aos poucos desmontados por essa dinâmica de desenvolvimento capitalista, novos grupos sociais assumiram o poder e isso levou então à inviabilização da manutenção do regime. Quando a Rússia percebe isso, então o é o Imperador e toda a nobreza feudal, né, os latifundiários que o apoiavam e que eram também os que se beneficiam de todo o sistema, eles perceberam a necessidade de mudar para uma lógica capitalista, né? Então, eles começam a promover uma série de reformas na Rússia, no império, para poder desenvolver o capitalismo. É, então, o que era o feudalismo, né, pode ir passando e nós vamos ver aqui. Essa condição do império Russo. Então, ele era um império em, eh, eh, por essa condição, ele se constituiu como Império tomando o controle sobre outros povos, né? Eh, então, se vocês olhassem o mapa ali, né, naquela condição, tem vários povos dominados pelos russos, né? Então, já era um império no sentido de que criou colônias

através de uma expansão territorial por terra. No século XIX, começa a acontecer então esse desenvolvimento capitalista e ele provoca o desenvolvimento de novas conquistas territoriais.

À medida que a indústria se desenvolve sob a perspectiva capitalista, ela necessita de minérios, necessita de matérias-primas, né, de Ferro, aço, carvão, né, de algodão, quantidade de produtos, né, agrícolas e minerais, por exemplo. E essas matérias-primas não estavam necessariamente em todos na Europa, eles começaram então a partilhar o mundo. Há uma conferência em Berlim, por exemplo, que é representada por essa figura também, né? Ela está ligada a isso, é onde esses povos europeus, as potências, né, econômicas europeias decidem a divisão da África e da China. Por exemplo, elas fazem acordos entre elas para tomar territórios, mas não tinha ninguém representando esses povos da África, né, da China, e aí o mundo era dividido entre potências europeias, né? E eles fizeram esses acordos e nisso a própria Rússia, se via de fora e também a própria Alemanha ficou, chegou como retardatária nisso porque na época ela não tinha desenvolvimento capitalista tão avançado.

Isso vai provocar guerras e mais guerras, inclusive a primeira grande Guerra Mundial depois em 1914. Tá, mas esse é o contexto que tá se dando na Europa e onde também joga o poder da Rússia. Até tem informação ali, por exemplo, a Rússia tentou controlar o Japão, a China, né? Invadiu a Manchúria, invadiu o Japão, né? Ele tentou controlar também outras regiões ali próximas, né, outros países, outros povos. Isso já é depois até desse livro do Lenin, mas era até 1903, 1905, então era um período de extrema efervescência na política, militar e econômica, né? Bom, esse é o contexto, tá? Agora a gente vai olhar mais pra condição da Rússia, então para perceber o que que tava se fazendo.

A Rússia era feudal, né? O feudalismo então ele se caracteriza pelas seguintes situações, né? Ela é uma economia baseada na terra e na produção agrícola. A terra era controlada por senhores feudais, né? Eles que nós chamamos hoje de latifundiários, né? E esses senhores feudais, eles controlavam a terra militarmente, isso não era de boa vontade, eles tinham poder militar. Eles dominaram outros povos, né? E os camponeses, assim, a grandíssima maioria da população era camponesa, não tinha as cidades eram minúsculas, eram, você não tinha muitas categorias sociais, era a maioria da população camponesa. O camponês, para ter acesso à terra, dependia desse senhor feudal que tinha poder militar e logo econômico, etc., né? O senhor feudal dizia, falou assim: pode usar a terra, mas você tem que me pagar por isso, você tem que pagar em trabalho, isso tem que pagar em bens, né? Então essa era uma economia que se chamava de uma economia natural porque ela era baseada nessa no trabalho e na entrega de bens produzidos pelo trabalho, né? Como forma de pagamento e como relação social é coordenada por mecanismos de dominação extra econômica.

A dominação feudal, não era econômica, pois a meta era uma dominação militar, né? Era o peso militar que obrigava os camponeses, houve muitas revoltas camponesas, os camponeses eram esmagados militarmente, e isso os obrigava a se sujeitar como servos, né? Então o feudalismo durou mais de mil anos, né, na Rússia. Até então, ele acabou sendo a forma dominante durante um bom tempo desde o fim do Império Romano, ele foi a forma dominante, tá? Só que a Rússia, que era um bonitão, era talvez o pi- um peso muito importante no caso na Europa como o poder feudal, quando começam os países da desculpa da Europa a se converter pro capitalismo, né, com o processo de produção como modo de produção, eles acabam perdendo peso, né? Peso por quê?

Porque tu tem desenvolvimento, já falei, né, militar também o tecnológico que afetava, por exemplo, desenvolvimento da metralhadora, de máquinas, né, que eram muito mais eficientes pra guerra. Elas começam a surgir desse dessa pujança econômica e tecnológica que vem junto com o capitalismo, né, e aí a Rússia começa a perder esse espaço e se sente

isso, então ela desde. Dando 60 ela começa a desde antes disso, né, ela já estava sentindo essa perda de poder ela vai é começar a fazer mudanças, só que as mudanças na Rússia, ao contrário de outros países, que onde o processo capitalista começou na economia e só depois há uma revolução social.

Onde a burguesia tomou poder na Rússia houve uma decisão num certo sentido política. Olha é de cima para baixo, né? Então a hierarquia decidiu que iria promover transformações de tipo capitalista, então elas alteram uma série de leis visando estimular o desenvolvimento capitalista. Mas acontece que essas leis não necessariamente eram imediatamente traduzidas em mudanças reais, né? E então havia ali um retardamento e às vezes de décadas, né, de 40 anos para que de fato essas mudanças fossem implementadas. Bom, qual foi a principal mudança que teve em 1861 foi o fim do regime feudal, o fim da servidão camponesa, o camponês russo, o camponês europeu em geral, ele não podia sair do feudo, ele tinha que pagar aquele serviço lá em serviço e em produto para o senhor da terra.

É isso é o que se chamava de servidão e essa servidão, então ela era humilhante, tinha uma série de fatores extra econômicos aí de humilhação. É isso aí então na Rússia vai ser o último país da Europa, Rússia é meio europeu meio asiática pelo tamanho dela, ela vai ser o último país europeu a eliminar a servidão, né do que é a característica do feudalismo, mas ela elimina num primeiro momento apenas na lei prática isso não foi bem assim então esse estudo que o Lenin vai fazer, né, ele porque o marketing já falava isso pessoal que a questão agrária de cada país de cada situação, tem que ser estudada no seu concreto, não existe uma lei geral que se aplica a todos os casos tá o Marx.

Quando no tempo dele estudou, por exemplo o caso da Inglaterra que se deu de uma forma é, né, no continente em cada país, se deu de outra forma no caso da Alemanha depois o

caos que vai estudar também, né, havia prussiana que é chamada como é conhecida, né, o Lemes no mesmo o mesmo estudo o caso dos Estados Unidos que vai ser chamado havia farmer, né, alguns desses você já estudaram, né, eu não sei se todos já. E aqui o Lenin faz esse estudo da Rússia e daí ele vai tentar identificar então isso também é uma lição para nós o caso do Brasil é o caso do Brasil. A gente tem que estudar o Brasil, né, na sua história não adianta a gente importar uma teoria já pronta achando que resolveu que a gente tem que compreender o que é o processo brasileiro tá então o Lenin vai estudar porque ele que era um dirigente político que iria fazer evolução lá, ele vai estudar o caso Russo tá então ele começa a perceber isso a primeira coisa então do que que essa lei de 1861 dizia é abolida a servidão a partir daquele momento os Camponeses não eram mais obrigados a servir né no sentido feudal para o para o dono da Terra no latifundiário é então os Camponeses deveriam receber terras uma espécie de reforma agrária bem entre aspas aí. Só que na verdade era o contrário, vamos dizer é desde tempos milenares, né?

Os Camponeses estavam na Terra, só que eles estavam subservientes lá do fundiário. Aí eles fazem esse processo, então agora não, agora você é um camponês que vai ficar livre, mas para isso ter essa terra tem um detalhe: você tem que pagar a terra. Pagar para quem? Você tem que pagar para o latifundiário, você tem que pagar para o senhor feudal. Segundo o Senhor feudal, que era quem mandava, né? O Poder era deles e não tinha tido uma revolução, ele estava no poder eles ainda exigiram do Estado Russo que pagasse para eles uma indenização porque estavam perdendo terras, entre aspas, né? Porque estavam vendendo as terras para os camponeses. Mas eles iam nós estamos perdendo nossas terras. Então temos que ser compensados por isso, então eles cobravam dos camponeses e cobravam do Estado, ganhavam nas duas pontas.

Além disso, o camponês tem que pagar a terra, ele tinha também que pagar um imposto. Foi instituído um imposto para os camponeses pagarem por que impostos? Porque o Estado, o Estado Russo, queria modernizar o país, aí ele tinha que ter dinheiro. Então ele tinha que arrancar dinheiro da população e a maioria da população era camponesa, então

instituiu impostos, aumentou impostos para poder coletar dinheiro para tanto pagar esses latifundiários, né? Essa indenização, mas também para ter políticas de desenvolvimento industrial, etc., no sentido capitalista que eles queriam, né? Então veja que o camponês que estava numa situação ruim ao ter essa transição, ele piorou, né? Porque ele tinha que pagar até e tinha que pagar o Estado ainda, né, com os impostos e não era só, né? Tem mais problemas que vão passando ali que a gente já vai vendo. É Então aí tem as armadilhas após essa reforma de 1861 aconteceram várias questões que foram se vendo que eram armadilhas mesmo, né?

Então assim, as terras vendidas pelos latifundiários, eram insuficientes para as famílias camponesas se manterem. Então, tipo, imagina, né? Eu sou latifundiário e naquela época pessoal, não tinha trator, não tinha né, esse desenvolvimento tecnológico que tem hoje, que tu pode fazer com pouca gente toca áreas enormes. Naquela época, só até a terra não adiantava. Você tinha que ter força de trabalho, tinha gente em cima da Terra para produzir, então o latifundiário pensava assim: Ah, eu vou vender a terra para esse camponês. Se eu der uma terra muito grande ou em condições muito boas, ele vai ficar independente de mim. Quando eu precisar de trabalho pra minha lavoura, não vai ter quem faça então. Os caras entregavam uma terra que era. Sente seja porque não era, não era a melhor terra ou porque também tinha terras que eram de áreas de floresta, áreas de pastagem que eram áreas comunais, né?

Ou seja, não era um dono só, elas eram usadas por todo o mundo, eh no Brasil. Tem algum sistema parecido com isso chamado faxinais, né ou fundos de pasto em algumas regiões eram áreas coletivas assim não tinham dono o único comunitário e todo mundo meio que podia usar né? Parcialmente lá para poder complementar a sua renda, sua produção então esses esses latifundiários. Eles tiveram acesso a isso aí eles disseram não só tem tu vai pagar. Mas tu só paga por essa terra, essa terra é insuficiente né? Mas é e o cara também não podia querer muito que ele não ia pagar os preços foram acima do mercado, né do que existia começa a criar essa dinâmica e esses camponeses se obrigaram a aí eles não

podiam se livrar da dependência do daquele latifundiário, eles eram dependentes antes como servos agora, eles não eram mais servos.

Mas eles tinham que pagar uma dívida e mesmo que eles pagassem a dívida eles não conseguiam se manter então eles se obrigavam a negociar em condição desvantajosa com aquele com aquele senhor feudal, tá? E aí o que que acontecia com o senhor feudal? Eh, eh exigia pra eles dependendo da né da da que nem diz aqui, né da precisão do do sujeito que é pedir ele botava a faca no pescoço, né? Se o cara tava muito precisando ele aí sim, o cara metia a faca para extrair o máximo, né? E aí ele dizia não, então você tá nessa condição. Olha, então tá bom? Então você me paga a tua terra. Paga ela é dinheiro porque ele também agora ele né na ideia de modernização, ele tinha que comprar coisas no mercado importar máquinas, né? A gente quer fazer coisas para ele também, precisava de dinheiro não adiantava mais a ideia aqui da da do capitalismo pessoal. É que ele não aceitava mais só o pagamento em trabalho ou em produto tinha que ter dinheiro porque ele precisava também de dinheiro já para comprar as coisas que ele começava a vir, né?

Essa ideia da modernização e do mercado então ele começou a meio que misturar três situações, né que o Lenin vai identificando de um lado tinha o pagamento em trabalho que era o que já acontecia a milhares de anos, né? No que era chamado de corveia, né? Corvéia é um nome que se dá na na Europa para esse pagamento em trabalho, né? Quer dizer eu vou usar uma terra e eu tenho que te pagar, mas eu não vou então uma forma de eu pagar eu alguns dias por semana. Vamos à tua terra e trabalho de graça para ti. Quer dizer, esses dias passam a ser teus dias de trabalho, tá? Então é uma forma de pagamento em trabalho a outra forma de pagamento também histórica que já tinha é pagar produto era parte né? Como a gente tem lá as meias terça, né? Não sei se vocês têm esse é no nordeste o nome também que se dá pra isso aqui no Sul, tem um pouco essa essa parceria que tinha antigamente, né? Ameaçam a terça parte, né? Então também era o agricultor O Camponês pagar em parte com a sua produção entregando para o para o latifundiário, tá?

E de outra forma Nova Era em dinheiro, só que daí eu lendo em dias, olha pessoal em grande parte dos casos na maioria dos Camponeses. A lógica feudal, continua a mesma né? Mudou a ideia de que não agora tu não és servo. Tu é um camponês que tá pagando outra terra, mas era numa condição tão ruim e tão uma armadilha tão grande que o cara ficava décadas pagando aquela terra e nunca pagava, né? Então eles foram seguindo com aquela condição tá? Então a maioria dos Camponeses caiu nessa nessa condição. Eh. Ou seja, na prática não mudou ainda que começasse a mudar a introdução do pagamento em dinheiro começou a alterar isso, né? E para em muitos casos, né e muitas regiões que tinham mais dinamismo econômico. Aí sim a transformação foi mais rápida tá? Mas para o Camponês em geral eles se sentiram como se tivesse sido. Badoo a reforma foi um roubo.

Porque ele perdeu terras comunais, perdeu a área de acesso à floresta pastagem e ele ainda agora tinha uma incapacidade se mantém, né e a obrigação de duas vezes se sujeitar a condições mais precárias do que antes para poder alimentar sua família, né? Esse foi de um lado a situação por outro Claro que essas reformas foram transformando a economia também agrária da Rússia tá e foram provocando também é o surgimento ali das das relações capitalistas. Opa aqui é importante. Então veja aquela economia natural que a gente ama natural por quê? Porque eu vou lá né? Receba uma porção de terra que um que um latifundiário sede mas eu tenho que pagar essa terra o uso dessa terra aí trabalho na terra do do latifundiário. Eu tenho que trabalhar, tem que pagar entregando parte da produção né e outras formas ainda.

Extra econômicas lá que se tinha tá Às vezes até ir não tivesse uma guerra tinha que até lotar pela pelo senhor feudal esse tipo de coisa tinha várias situações e outras até mais eh graves, né de de violência, mas com a introdução do capitalismo começa a se introduzir também o trabalho assalariado. Ou seja, é uma forma que nós conhecemos tu vai lá e

trabalha um dia e recebe uma diária em dinheiro, né? Ou é se se o arrendo uma terra do Senhor feudal daquele que não é agora mais feudal em tese mas é um latifundiário eu tenho a opção de pagar para ele em dinheiro e não em trabalho tá? Então começa a surgir esse tipo de relação com esses elementos que acabam depois se disseminando por quê? Porque o capitalismo à medida que ele começa a desenvolver ele vai expandindo cada vez mais. Relações mercantilistas então cada vez mais começa a vigorar essa coisa do da intermediação do mercado e tal. A vida num feudo a vida né nesse sistema ela era muito fechada o feudo produzia de quase tudo ele não comercializa com outros feudos com outras regiões era muito pouca comercialização, claro que existia, mas era muito pouca, tá a maior parte do feudo era coisa interna ali da comunidade, né? Fabricavam tudo o que precisasse praticamente ali dentro obviamente com algum grau de é desse processo aí, né? É bom aí começa então esse entendimento daí o Leme começa a olhar o que que aconteceu.

Daí vamos passando aí pode passar essa. Vamos passar isso aqui que é da cor velha que eu já falei rapidamente tá? Mas aqui eu acabo me empolgando aqui, vou tomando bastante tempo bom essa questão da da da reforma, né você de cima para baixo, eu já comentei também, tá? Pode passar aqui ali tem só os detalhes, né, como é que era esse pagamento em trabalho, né? Era trabalho nos campos de colheita de cereais e colheita de feno, né? Eles usavam muito feno, né na questão lá dos animais, tá recolha, de lenha transporte de cargas fazer Consertos na propriedade lá do senhor ou a mulher do camponês e lá é trabalhar na cozinha na limpeza etc lá do Senhor feudal, né do latifundiário etc, pode passar Caetano, por favor.

Não mudou nada na prática, né para muita gente continuava a mesma coisa, só que o Lenin aí começa a olhar o que que tá acontecendo exatamente aí ele começa a perceber, né? Tipo como assoalho uma coisa de longe, aparentemente é tudo igual mas quando você chega mais perto tu começa a ver que tem mudanças ali, né? Coisa não é não é uma só ela aparenta ser uma só mas na verdade tem mudanças então o que que é começa a

aparecer na leitura do Lenin, né? Então ele observou o seguinte. Uh a obrigação de pagamento em trabalho está surgindo em várias situações, né? Não era só do uso da terra, ele cita lá pagamento de empréstimos. Às vezes o cara precisava de dinheiro emprestado precisava de trigo, né dá trigo, imagina tu era uma família camponesa estava passando fome você ia lá e pedia para o latifundiário dinheiro ou trigo em espécie para poder alimentar a família aí tinha que depois pagar isso e a de pagamento aí, né?

Às vezes o cara exigindo em trabalho eh, mas também tinha pessoal trabalhando pela honra entre aspas, né que era um resquício bem direto da subordinação da submissão que era no período do feudalismo, o que que é trabalhar pela honra, né? Porque tem uma família feudal lá que era Rick dominante lá séculos e aqueles camponeses se obrigavam a trabalhar para ele, né? Ah e que como se fosse uma honra trabalhar pelo cara, mas sem ganhar nada, né servindo a família daquele latifundiário eh e tinha também a questão do da troca da terra, né que era esse esquema. Então eu quero fazer uma espécie de arrendamento. Eu arrendava uma parte da terra do lá que fundiário para poder produzir né? Para poder aumentar a produção de comida etc ou ainda né? Esse esse capitalista ele dizia assim não eu quero né? Esse latifundiário ele dizia não eu quero também pagamento em trabalho tá? Então essas eram várias formas também tinha outras que é o Lenin, né? Às vezes um animal do camponês escapava ia lá causou estrago na plantação do senhor, né? Desse latifundiário aí tinha que pagar né?

Essas dívidas, esses estragos e etc o que que eu ler e identificar quando ele vai estudar e ele vai pegar vários estudiosos lá da da da situação russa que já tinham levantado dados pra ele olhar ele diz assim, ó primeiro. Ele observou que o pagamento em trabalho alguém de nós podia dizer, mas é legal ter pagamento de trabalho. O Pedro não precisa pagar em dinheiro, só que ele eh eh os dados mostravam que o pagamento em trabalho era muito ruim, tanto que os Camponeses tentavam fugir disso os Camponeses preferiam pagar em dinheiro. E não em trabalho porque a forma que era valorizado o trabalho do camponês desvaloriza o trabalho deles em alguns casos a a né o o os dados lá mostravam né? Que o

preço do arrendamento natural nesse caso pago em trabalho ou dinheiro ou algum tipo de parceria ou desculpe os produtos ou um tipo de parceria que era muito difundido, né?

Ele era às vezes até o dobro do que se ele pagasse em dinheiro, quer dizer que aquele camponês tivesse dinheiro pra pagar por esse arrendamento seria vantagem para ele, porque o tanto que ele tinha que pagar era um absurdo, né? Era um absurdo ele citar lá vocês viram né? O os dados, né? O Camponês usava para um hectare lá uma dessa Latina que era um pouco mais conectar ele tinha que cultivar uma desse ativo e meia ele tinha que adubar né? É cinco destas atas de cinco hectares de terra, 200 carroças de adubo de esterco dos animais do camponês nas terras do senhor, lá. Então era um troço absurdo, né? Era ele que empobreceu e a extorquindo camponês, tá?

Então os Camponeses tentaram fugir disso, então o Lenin diz: "Olha, aqui pessoal, tem um fenômeno que é uma A tá tendo, não a melhoria pro camponesa. O Camponês tá piorando, quem tá nesse sistema de trabalho de pagamento em trabalho, é tá, são os Camponeses mais lascados, mais pobres, os que não conseguem pagar no dinheiro, porque se pudesse, eles pagavam e se lembravam dessa dependência." Tá a outra questão que ele identifica: muitos filhos de camponeses queriam sair das terras pra ir trabalhar de empregado, porque o valor do salário era melhor do que ele tá trabalhando na família lá nas terras camponesas, né? Né, isso tinha, tinha uma série de questões que o sistema, apesar da reforma, ainda impedia essa saída, isso era uma característica do feudalismo. O Camponês estava preso a terra, ele não podia migrar. Na Rússia tinha várias regiões que foram conquistadas, né?

Principalmente na Sibéria, mas em outros lugares que eram áreas virgens, não tinha utilização ainda, então os Camponeses poderiam ir para lá, né, mas eh, o sistema feudal impedia, quando teve essa reforma, ela continua impedindo, como é que ela impedia? Ela

impedia através de normas que os impostos, eh, eh meio que obrigavam aquelas pessoas a ficar para contribuir para o seu trabalho para pagar o imposto. E se ela saísse ia sobrar muito mais imposto para quem ficasse, então avaliação, né? Que tinha que ser uma forma de uma prisão também para evitar a migração, então. Ou seja, a reforma introduziu elementos capitalistas, mas ela manteve todos os privilégios do que era o feudalismo ainda em vastas regiões, ainda que não fosse mais o nome do feudalismo, né? Eu tenho esse copo d'água aqui, eu posso mudar o nome do copo d'água assim não é copo d'água, isso aqui é um vaso Aquático, tá? Eu mudei o nome, mas a coisa continua a mesma, né? Eles mudaram o nome lá do do regime, mas a lógica continua a mesma, claro que isso invista das regiões em outras, eh, esse processo foi alterando obviamente também. Era isso que o Lene vai identificar.

Então, mas a primeira observação que eles fazem: Olha, aquele camponês. Se lascou porque ele piorou a situação dele, né? Ele tava ruim e ele piora com essa mudança legal aí e aí ele começa né ter tinha revoltas, tinha a situação se vocês olharem o Brasil teve muita imigração, pessoal, é de Russos, né e Russos, ucranianos, poloneses, né, que eram povos que viviam, por exemplo alguns sob dominação da do império Russo tinha outros povos também, mas aqui por exemplo no sul do Brasil, tem muito polonês, o ucraniano, né Russo, que vieram para o Brasil nesse período, tá? E tinha revoltas, eh, se tu pegar a história lá da Polônia, história, né da Polônia, nem existia como país.

Porque ela estava subordinada a esse Império Russo ela tu envia lá que tinha revoltas camponesas por causa da fome, né? E aí os Camponeses começaram a migrar foram para o Né para o Brasil, hoje é o terceiro país do mundo que mais tem imigração por exemplo polonesa no mundo, né? Eh então foi que o pessoal migrou para outros países para poder escapar daquela condição de fome, tá pessoal. E qual era essa fome? Esse processo de reforma para introduzir o capitalismo, começou então a provocar uma super exploração dos Camponeses que tinham que pagar em trabalho o seu arrendamento ou dívidas etc é por outro lado.

Ele também provocou no início, né? Você vai dizer Ah, mas então se assalariada era ótimo porque o pessoal fugia para ser assalariado os os jovens fugiam para ser mineiros para ser trabalhar em obras, porque era era uma condição melhor do que ficar como camponês, né numa Terra pequena famílias grandes, né? Não tinha eh meios de de né da questão de é anti anticoncepcionais etc, então tu tinha uma população grande as famílias camponesas, 14, 15, 20 pessoas e passavam fome, né? Pessoal, então é claro e nessa condição era super explorado. Então não é que o era muito melhor é que era menos pior né? Então nas regiões onde começa esse processo da economia Mercantil começa a aumentar o assalariamento. Claro que ele era pago em dinheiro, né? O preço ou serviço recebido em dinheiro. E aí então nesse processo começa a minar também as bases desse sistema aí, né?

É muito bom, então o Lener vai dizer isso, né? À medida que o capitalismo começa a dar o giro ele vai destruindo essas relações atrasadas, mas no caso o Russo né? Tem até uma avaliação que mesmo depois desse trabalho Claro, Lenin até 1917, toma o poder na questão da União Soviética, eles fazem todo um processo aqui de de é eles até reviram eles acharam que a o feudalismo não resistiria tanto né? Como neste trabalho que o Lênin coloca porque nós estamos falando de uma população de centenas de milhões de camponeses, né? E a força do feudalismo muito grande, muitas regiões russas, né, que vão gerar até depois uma mudança em algumas mesmo na palavra de ordem do partido bolchevique que ele ele inclui a reforma agrária no sentido da Luta dos Camponeses contra os resquícios feudais contra o latifundiário e tal como um elemento importante para que a massa camponesa viesse para a luta, porque eles achavam no começo que era só pregar na ideia, né?

Porque Ah se são assalariados é tomar né? Coletivamente as fazendas, mas não era, né? A grande maioria ainda eram famílias camponesas tal que eram exploradas e extorquidas

pelo uso da Terra. É isso? Então tem uma consequência fortíssima na estratégia da luta socialista na União Soviética. O que vai ser a União Soviética? Pode passar por favor? E eu tô indo meio devagar aqui bom no outro elemento então que o Lenin vai identificar é a introdução de máquinas na agricultura, quando é máquinas aqui pessoal, não era aqui vejam não tinha tratores ainda no do estilo que nós estamos né? Não tinha trator, não tinha a ver caminhões carros, não existia ainda naquela época, tá? Eles estavam eh tinha oficinas tentando desenvolver isso, mas era um troço fora da realidade é assim agricultura era cavalo era né?

Era boi era não tinha essa coisa de mecanização as máquinas aqui eram partes de máquinas em alguns casos já nos países capitalistas ocidentais já tinha até máquinas elétricas, né antes do que as máquinas de de desse motor, né? A combustão que nós estamos acostumados. Ele é era o sistema elétrico das primeiras máquinas, algumas de extração animal também, mas já com algum grau de mecanização e assim por diante. Então, o que o Lenin começa a observar é que um dos elementos que aconteceu lá foi a introdução de máquinas. Essas máquinas, obviamente, eram importadas e a maior parte do maquinário vinha da Inglaterra. Algumas coisas já vinham da Alemanha e assim por diante, então não era um avanço tecnológico econômico da Rússia. Eram coisas caras, mas ao entrarem e pouco a pouco se tornarem mais disseminadas, o Lenin começa a observar então, nesses estudos, que há um processo de mudança também na relação de uma parte dos camponeses com o latifundiário.

Então, veja, o grosso das terras na mão do latifundiário, os camponeses são grande número da população. Mas eles estão numa posição inferior política e econômica. Eles têm que se subordinar a essa relação de exploração. Uma das formas de pagamento em trabalho que existia era um segmento de camponeses médios, vamos dizer. Sentiu? Os camponeses ricos, os camponeses médios, né, economicamente falando, e os camponeses pobres lascados. Esses aqui eram mais explorados nesses contratos de pagamento por trabalho, né? Mas esses camponeses médios eram aqueles que tinham animais, tinham

arados, né? Algum tipo de máquinas e implementos que eram usados para o trabalho agrícola, carroças, às vezes chaleiras ou né, máquinas, equipamentos usados para funcionar a lavoura.

Bom, esse pessoal então, esse tipo de camponês, ele tinha uma certa vantagem. Esse camponês médio em relação ao camponês pobre, porque ele assumia o pagamento em trabalho, mas num trabalho mais qualificado, onde ele usava parte das suas, né, dos seus equipamentos, os seus animais para prestar esse serviço pro senhor lá, o latifundiário. Então isso era mais valorizado. Ele tinha uma certa condição mais favorável do que aquele pobre que não tinha nada, que era só o trabalho dele para entregar. E aí quando introduz a mecanização gradativamente, os latifundiários foram conseguindo comprar essas máquinas. E aí eles mudaram também o tipo de emprego de trabalho que eles demandam daqueles camponeses. Qual era o tipo de trabalho que eles demandam? Se antes era o cara que tinha animais e tinha equipamentos, né, para poder fazer o trabalho, agora o equipamento, que já era um equipamento mais moderno, mais, né, de tamanho maior, etc., debulhadoras enormes, né, equipamentos já de maior capacidade, eles eram comprados pelos latifundiários.

Então, lá tinha um diálogo. Não precisava mais de um camponês com equipamentos. Ele já tinha os equipamentos dele, arados melhores, né, mais modernos, essas máquinas e tal. Aí ele pegava e dizia então, "Ó, eu não quero mais que você preste esse serviço para mim. Eu quero só o trabalho que vem aqui" e aí começa a aumentar também então a demanda de trabalho assalariado porque trabalhar assalariado, porque eh se, de um lado, era mais barato botar um camponês, por exemplo, lá naquele sistema de corveia, né, de que ele entregasse o trabalho dele. Por outro lado, esse camponês não se esforçava tanto no trabalho porque ele sabia que aquilo era um, dois, dez anos, a vida toda ele ia estar fazendo aquilo pro senhor lá, né? Então não era um rendimento aqui, não numa relação capitalista, e ainda que era, nesse sentido, disputada por muitos camponeses para receber em dinheiro esse tipo de trabalho, né?

Quando tinha essa possibilidade, aí eles acabavam gerando uma então, assim, eh, uma certa disputa, e as pessoas que iam trabalhar se esforçaram muito mais para receber em dinheiro, no caso, tá? Aí criava uma condição que o rendimento do trabalho assalariado, e ainda mais com as máquinas modernas, era muito maior do que aquele trabalho prestado pelos camponeses médios anteriormente e vai levando então a uma, em muitas regiões da Rússia, é uma desarticulação desses camponeses médios. Então, o camponês médio começa também, uma parte deles, a empobrecer, a ficar mais pobre. Ah, cai pra, né, pra o terceiro nível ali, que era aqueles sem futuro. Por outro lado, uma parte dos camponeses médios e os camponeses ricos começaram a fazer um processo diferente, seja pela condição, pela história e as diversidades, né dentro da União Soviética que dá desculpa do império Russo que era enorme. Eles começam alguns camponeses mais ricos que os médios que tinha uma oportunidade eles começavam a arrendar mais terra, plantar mais trigo, etc.

E começavam a também a acumularem, só que para fazer vencer esse trabalho esses mesmos camponeses ricos passavam a contratar camponeses pobres para poder prestar serviço para eles então não era o latifundiário que pagava o assalariamento nesse caso era um camponês rico médio que foi enriquecendo e ele pegava uma né? Uma área de terra um pouco maior que ele sozinho não conseguiria trabalhar com a família e ele começa a contratar a trabalhar assalariado para suprir a demanda de períodos que ele tinha trabalho isso começa então um processo que o Lenin vai falar só há uma diferenciação interna dentro dos camponeses russos que aí Diverge a linha política dele, por exemplo com os populistas, né? Ele vai dizer assim, olha quando fala camponês nós temos camponeses diferentes.

Tem aquele que tá morrendo de fome e por isso se sujeita a uma série de violências econômicas e de astro econômicas e nós temos uma parte, né, mais rica que é o, né, o

nome que eles dão era colocar aqui, né? Era um termo pejorativo, não sei nem o que significa isso em russo, mas é eles davam esse nome para caracterizar, né? Essa camada que era um camponês ali porque exploravam outros camponeses então esses camponeses estavam se convertendo em capitalistas, então é um camponês que né vai gradativamente saindo da condição camponesa se torna um capitalista explorando os outros, tá? Então aí começa essa ideia de que Lenin vai observar então, de um lado, o processo Russo, você tinha o latifúndio que começa a se modernizar para isso utilizando de uma estratégia de super exploração dos Camponeses.

Mas também de receber apoio do Estado, dinheiro do governo, né? Então ele tem esses dois meios. Então esse latifúndio vai se modernizando, super explorando o povo lá e do outro lado está também a diferenciação interna dos Camponeses, onde os mais pobres vão perdendo a terra, né? Uma grande massa perde a terra. E aí começa a sair a migração inclusive, né? Uma parte vai para cidade, para as indústrias; depois uma parte vem até para o Brasil, para os Estados Unidos, né? Etc., que tu tem toda essa migração, tá? Então tu vai ter esse fenômeno. Começa a introdução das máquinas, ela acelera esse processo que as relações mercantis, né, da ideia de mercado passam a ter cada vez mais peso, os produtos agrícolas antes não tinham circulação, né? Era difícil ter circulação, agora, por exemplo, o governo Russo estava investindo em ferrovias, né, a navegação já era feita com barcos a vapor, que eram muito mais rápidos e mais baratos.

Então, por exemplo, o trigo dos Estados Unidos ou da Inglaterra ou da França podia vir ser vendido na Rússia, né? Então é os preços dos produtos alimentares, que eram produzidos pelos camponeses, e mas também lá pelos latifúndios, eles agora tinham que medir a sua força, né, com os produtos importados. Então o meu trigo aqui, como é que ele compete com o trigo dos Estados Unidos em preço, em qualidade, isso nunca tinha no feudalismo, não acontecia porque o feudalismo meio que se cada na aldeia, cada comunidade se alimentava, né? Era muito raro tu ter isso e o mercado então era era

incipiente, agora não, o mercado passa a ser um meio da mediação muito grande, só que aí eh, a Rússia produzindo eh, eu vi aqui o aviso.

Obrigado eh, então a Rússia produzindo né, um, um, imagina trigo numa condição semifeudal e os Estados Unidos, a Inglaterra produzindo trigo, né? Outro produto qualquer já em condição capitalista. Então essa competição começa a pesar. E aí né? Tu tem uma perda de mercado, né? Tu tem perdas e começa a ter uma série de problemas. Estava falando das crises, né? Eu tava lendo sobre a história da Polônia do, né, da Polônia tem isso, né? Tu tem muitos camponeses que vieram para o Brasil, porque eles passavam fome, o preço dos cereais, né, na década de 1880, 1890, aí caiu muito porque entrava trigo importado que era barato, por que que era barato porque já tava sendo produzido com um molde capitalista, né e o capitalista.

Por que ele é mais barato na lógica? Porque ele quer, ele paga o trabalho assalariado e portanto ele quer extrair o máximo de riqueza com aquele salário que ele paga, então ele vai introduzir melhorias, né? Melhoria genética, melhorias de cultivo, nas máquinas, no sistema de produção para ter a maior produtividade possível, porque ele paga um determinado salário e ele quer extrair o máximo de lucro com base naquele trabalho ali naquele salário, tá? No sistema feudal não, né? Era um sistema de baixa produtividade, porque o cara continuava ali. Ah, o cara tá ali, o trabalho dele tá ali, né? Vai continuar né? Eu não tenho problema de mercado é uma é uma relação muito mais Extra Econômica, mais natural do que econômica aqui não aqui tu introduz os elementos da economia de mercado e isso vai provocando então uma série de mudanças significativas.

Vamos adiante aí que eu queria pelo menos chegar no pode passar essa aí que é o aceleramento, né, do pagamento assalariado, né, do trabalhador assalariado na agricultura. Através da introdução de máquinas. Bom. Lenin também observa um

aumento da migração interna de camponeses na Rússia, não é mais uma migração enorme, tá, pessoal. Eu tava olhando também um dado agora antes da aula das estatísticas de, de migração, né, de migração de agricultores Russos, né, desse Império Russo aí eu tava olhando na década de 1880 até 1890 ali foram 1 milhão mais ou menos 1 milhão e cem mil é camponeses Russos que emigraram, né, depois de 1890, 1890 até 1905, no começo ali do século 20 foram mais de 3 milhões de camponeses que emigraram. Então imagina isso, pessoal, eh, eh. São ainda que a população de toda a Rússia era enorme, né, mas você tinha uma migração massiva só para você ter uma ideia no Brasil naquela época o Brasil inteiro se contava em torno de 12 milhões de habitantes para ter uma ideia, tá, o Brasil naquela época era 12 milhões de habitantes a migração russa só ali numas décadas do mais de 3 milhões de pessoas, né, então veja que é era muita migração e uma parte veio até para o Brasil, mas também gera um outro, né, de outros de outros países se ali se calcula em torno de 6 milhões de imigrantes que vieram pro Brasil, eh, no século XVIII, começo do século 19, tá, o final ali do, aliás, desculpe o século XIX começo do século XX em torno de 6 milhões de pessoas vieram, né, pro Brasil principalmente camponeses.

Claro que tinha outras profissões, mas era 90% camponesa muito bem então. Aqui nós temos esse problema do desenvolvimento capitalista começa a ter essa migração porque tu tinha uma região onde demandava mais mão de obra, né, com Minas com construções de ferrovias com né, obras etc e também indústrias também a questão de do próprio capitalismo na agricultura. Tu tem demanda de Operários às regiões mais despovoadas, né, atraiu mais gente e aí com salários melhores aí tu tinha uma migração, então o Lenin observa isso as regiões onde eu trabalho o pagamento por trabalho era mais presente elas perdiam população para que elas onde eram eh, eh relações mais e tipo capitalista, né, eles fugiam desse trabalho. Eh, semi livre como ele chama para um trabalho.

Entre aspas, né? Onde tu podia se vender como assalariado para o capital. Ou seja, a super exploração de quem não era assalariado era maior O Camponês era mais explorado do que aquele que conseguia se assalariar, né? Eh os estudos da época mostram que 20% dos

Camponeses já tinham essa condição dessa lariumento para outros camponeses ricos ou para empresários rurais na época do Lenin tá 20% ou seja um em cada cinco. Então veja a degradação dos Camponeses Russos nesse período é então, ele vai dizer olha pessoal a o aumento do empresário rural ou desses camponeses ricos os musculares, né? Ele é um fenômeno que está umbilicalmente ligado com essa degradação de uma faixa do do campesinato, né?

Ela tá super empobrecendo porque os outros estão enriquecendo é uma transferência de riqueza entre e esses dois segmentos tá? E aí também então tá nessa crítica aos populistas porque ele dizia aqui é o mesmo campesinato, né? Que os populistas diziam isso também. Às vezes é um erro que a gente comete, né? Diz assim não porque o pequeno agricultor deu até cem hectares, sei lá tudo estabelece uma Tá mas dentro desse 100 hectares pessoal, tem de tudo um pouco, né? Inclusive capitalista. Então é que chamava a atenção para isso. Olha tem dentro dessa do que ser uma camponês tu tem o segmento que tá super explorado empobrecido e tá virando assalariado e tu tem o outro que tá enriquecendo e justamente super explorando esses cara daqui de baixo todo né?

Se tu chamar isso tudo de campesinato e camponês quer dizer tu tá fazendo uma mistura ali o trono tá separando bem a realidade. Então ele defendia que precisava dar nome aos bois nesse caso aí. Eh, pode passar Caetano, por favor, bom aqui é que eu queria chegar às conclusões rapidamente correndo um pouco agora por causa do tempo pessoal. Desculpe a minha fala estendida. Mas quais são as conclusões então do Lenin. A partir dessa e que aí é chamado. Então como né? Havia? Ium que era via junto, mas havia Younger, né? Que seria isso havia aí um quer entendida da seguinte forma é quanto tem a modernização capitalista, ela é feita no latifúndio mesmo, tá, tem países que a essa modernização ela foi feita contra o latifúndio ou em outros modelos, né? Havia Farmer americana com pequenas propriedades, não é via Grandes propriedades o modelo junker, né? Esse que tá tem parte na Prússia também na Alemanha aí e aqui na Rússia, só que são

condições diferentes entre os dois ela se deu então a modernização da grande propriedade tá porque eles detinham o poder político e econômico.

E mantiveram essa estratégia o controle desse processo de introdução capitalista. Eh, o que que eu leio então identifica primeiro o campesinato se desintegrou com uma enorme rapidez, né de um lado formando uma burguesia Rural que ela era insignificante em termos de número é que nem o latifúndio no Brasil, né? Ele é o segmento mais rico dos camburiz, ele é de número é muito pequeno, mas de poder é muito forte, né? É só nós ver por exemplo quanto a bancada ruralista no Congresso, né mal comparando o Brasil com a Rússia aí mas usando esse dado aí pra gente ter presente do que que é tu ser pequeno e número mais forte no poder econômico e político. É então tu tem primeiro dentro do campesinato um grupo que vai para cima e fica rico e tal uma burguesia agrária pequena, mas que tem, quem quer se de outro uma grande massa que empobrece. E aí uma parte migra, né?

Uma parte foge lá da Rússia até é mas a maior parte fica lá sendo super explorada. É aí ele coloca ele começa a cunhar esse termo de desmobilização dessa campesinização, né? Então ele diz ó é a descasionização é inseparável desse processo de criação, né do sistema de eh no caso de pagamento por do salários, né nós pelo sistema capitalista na Rússia então na medida que se introduziu esse sistema de pagamento, ele foi corroendo as bases daquele sistema é que vinha desde o feudalismo lá que aí dependia do agricultura camponesa para porque o trabalho era principalmente abraçar o camponês, né? Segundo elemento agricultura progressivamente um caráter comercial de empresa, né aqui o mercado passa a mediar que é coisa que no feudalismo não tinha né aqui daí ele vai falando ele desenvolve, né?

Vários elementos que você tem é difícil de olhar lá para para agricultura e perceber, mas às vezes ela tem várias montada a natureza agricultura e a sua a sua transformação no processo Mercantil ocorre de forma distinta do processo da indústria. Então veja aqui eh eh não dá para pegar o processo da indústria que acontece na indústria e aplicar na agricultura agricultura tem características próprias não é que a característica né da Agricultura é resistiu capitalismo não permitir o capital. Não é isso, mas ela se dá de forma diferente por causa da propriedade privada da terra e por causa das características mesmo da produção agrícola, então ela vai dizer que no caso da Agricultura como tem a especialização da produção, né? Ah eu me especializo em produzir bicho da seda você produz, né mandioca para produzir farinha outro produz hortaliça ou produz frango o outro então essas diversidades elas fazem com que haja muita diferenciação então o desenvolvimento muito desigual da Agricultura, né?

Às vezes dá uma propriedade pra outra, né? Aliás, sempre de uma prioridade para outra vai ter às vezes enormes diferenças, né, por essas características da desigualdade do desenvolvimento capitalista na agricultura que é diferente na indústria. Tu não vai ter uma indústria do mesmo ramo. Eh, tu vai ter uma concentração nas indústrias mais modernas e mais eficientes na agricultura. O processo é um pouco mais complexo, né mais lento numa série de fatores em relação à indústria bom um outro elemento fundamental é a criação de um mercado interno para o desenvolvimento capitalismo a experiência russa mostrou que mesmo você num país, né, majoritariamente de camponeses que não que é e portanto feudal, né? Essa ideia da da da introdução de elementos capitalistas do mercado dentro da salariado, né do fim do do regime de servidão que ainda que ele tenha demorado décadas, né? Ele foi sendo minado aos poucos pelo capitalismo isso vai criando um mercado interno para desenvolver a lógica capitalista capitalismo é produção de mercadoria é mercado, né pessoal, então tu tem que criar mercado. Então como é que cria? O mercado? É?

O Lene identificou a especialização da Agricultura, né? Provoca trocas entre as regiões, né, entre estabelecimentos agrícolas e entre os vários produtos, né? Vai ter trocas por especialização, tu não produz mais toda a diversidade que O Camponês produzia agora você produz, né? Que nem eu era produz soja e não não tem mais nada, né? Compra até pé de alface, então tu começa se tu olhar nessa ótica, aumenta né? O mercado o seu tanto produz um pé de alface. Agora eu compro. Eu aumentei o mercado porque eu passo agora a comprar esse alface ainda que a produção de alface pode até ter ficado a mesma né? Mas como eu tô comprando e alguém tá vendendo do ponto de mercado. Eu aumentei a circulação de mercadorias quanto mais segundo item, quanto mais agricultura adentra na circulação de mercadorias mais rapidamente cresce de parte da população rural demanda de artigos de consumo pessoal produzidos pela indústria e mais rapidamente cresce a demanda de meios de produção já que a nova agricultura comercial exige novos instrumentos e instalações tá aqui quer dizer o seguinte, né?

Quando tu entra nessa questão da mercantilização pessoal é cada vez mais coisas vão se transformando em mercadoria. É só ver. Eu não sei né, aqui é majoritariamente. O pessoal tá no nordeste aí mas o aqui no sul pessoal é tem agricultor que o cara não produz a semente, né? Ele compra a semente e compra o adubo e compra o veneno contrata alguém para lavar contrata alguém para passar o veneno contrata alguém para colher. Se tu olhar essa unidade, ela mercantilizou tudo, né? E o cá então tu tem uma situação que ela foi há pouco e pouco, né? O que era tudo produzido e trabalhado internamente ela vira todo coisas de mercado. Lógico que isso tem consequências, né?

Eh principalmente com as crises capitalistas etc e os efeitos que ela vai trazer ao terceiro cresce a demanda de mão de obra, né? Então seja porque tu tem de um lado os que estão empobrecendo que se obrigam a vender a sua força de trabalho para poder complementar renda seja de outro lado que tu começa a criar uma capa de capitalistas que vão explorando o trabalho dos outros isso nós notamos a gente até às vezes dentro de um assentamento da reforma agrária, né? Aquelas famílias que vão enriquecendo e às vezes começam a ter

é uma aqui no sul mais forte isso né, mas imagino que aí também tenha você tenha essa diferenciação interna, às vezes do campesinato tá.

E por último, o último slide que nós vamos passar aqui, é o capitalismo amplia e aprofunda em gigantescas proporções entre a população rural as contradições sociais sem as quais não podem existir esse modo de produção capitalista é igual a desigualdade pessoal, não tem capitalismo e o igualitário tá é isso Lane, já observava lá na Rússia nós observamos obviamente muito mais hoje, né? Então antigamente né lá na Rússia, tu tinha o cara era o senhor feudal era um camponês, né? Que dependia desse senhor feudal o capitalismo né? Faz com que o senhor feudal vira e o industrial, um empresário, né semelhante a outros de outros países, inclusive e o do outro lado o cara vai virando um assalariado essa era a tendência forte que o Lenin enxergava naquele momento, né? Eu sei que nós vamos ver depois nas outras escritos de Lenin lá até 1917 que ele vai ver que na Rússia se dá mais lento do que eles imaginavam, né? Eles achavam que isso ia dar mais rápido por isso daí eles numa certa altura e lá na revolução russa, eles vão colocar, né? Eh eh que era acho que é é Paz, pão e terra, né?

Ou não sei a ordem direito lá, mas tu tinha ideia da terra, né, pros camponeses como uma questão essencial até para a própria Revolução Russa. É o outro elemento, o produto do agricultor agora, ele estava no mercado. Tá e aí, né? Então esse camponês ele já tinha a mediação no mercado e isso, essa concorrência começa a arruinar muitos camponeses, tá? Inicialmente esse mercado era no mercado local, depois esse mercado se estendia a nível nacional, né, com a condição de ferrovias, né? Melhorias de tráfego fluvial, etc. Tu tinha um aumento de mercados. E aí esses mercados passaram a unificar preços, qualidade, uma série de coisas que acabavam arruinando e botando um padrão para o camponês. Se ele não atingisse aquilo, ele tava fora e aí começava a empobrecer, etc. É isso é arruinar, né?

Então querendo ou não, você, agricultor, não era obrigado a levar em conta sob o risco de arruinar-se essas relações sociais existentes no país, mas também no mercado mundial, né? Porque estava presente, é que nem o Brasil, tu produz a soja aqui na nossa região e ela vai para a China, né, e tudo compete com os Estados Unidos com a Argentina, então mesmo camponês lá do assentamento que está produzindo soja, ele está sob efeito dessa concorrência internacional. Quer queira que ela não queira, que ele saiba ou que ele não saiba, né? Claro que alguns produtos ainda.

Eh, talvez não nacionalizaram ou internacionalizaram. Mas os que, os que internacionalizaram ele começam a nivelar a não ser que haja protecionismo do país. Ele começa a nivelar preço, condições de produção e de exploração em nível mundial. Eu acho que não lembro se tem mais alguma mas eu acho que já estamos no final. Acho que é só, é só esse detalhe aqui do já comentei do desenvolvimento desigual do capitalismo, né? É o, o Lenin identificava aspectos progressistas no capitalismo, porque tu sair de uma condição feudal onde o camponês nem era gente, né? Ele estava no nível abaixo do dos latifundiários para ser supostamente um sujeito livre, igual, supostamente porque isso, eles não conseguiam ser mas lutavam para isso.

Eh, então levou, né? Um processo aí que o próprio capitalismo tinha coisas progressistas naquele momento, mas uma vez instalado o capitalismo já gerava uma piora das condições desses trabalhadores em condições degradantes. Pessoal, eu paro por aqui. O único detalhe que ele diz: "Olha, o capitalismo é transitório", e eles mostraram isso, né, na experiência soviética, eles derrotaram lá o pisarismo e fizeram a primeira revolução vitoriosa da classe trabalhadora que aí mais tarde foi regrediu, mas enfim nos serve como uma experiência histórica para a gente compreender e aprender um pouco a mais do que de nada, a gente já tem aqui quatro perguntas. Quer que eu vá lendo uma a uma ou pode fazer por blocos? Acho que veio um bloco, né? Porque daí a gente pode ver se tem questões que se ligam as três primeiras aqui, eu achei muito parecido. Então vou lendo aqui, né? A primeira é do próprio Professor Caetano "Quais os impactos dessa reforma

na terra na Rússia com o processo revolucionário de 1917 particularmente por campeonato?" Então a segunda: "Qual a semelhança das condições do campesinato russo nesse período com o protejato no Brasil após a abolição?" da terceira, que é da Rita Gouveia, né, anterior que eu li foi do UnB comunicação popular e essa pergunta da Rita Gouveia é: "Houve alguma resistência por parte dos camponeses nesse processo de transição." Dá para gente ficar essas três aí? Muito bem.

Eu acho que a dá para pegar a primeira e a terceira e depois a segunda acho que remete mais para a comparação com o Brasil sobre o caso da da Qual é a relação né dessas dessa reforma de 1861 da Terra e do fim da servidão com a questão da revolução, ela tem muito a ver, tem alguns autores, porque assim, nas teorias, trabalha-se muito essa ideia da classe operária como a vanguarda, né? E que tem que ser portadora então das lutas que apontam para o socialismo. Por outro lado, há outras leituras do processo soviético que até mostram, pela própria mudança da, se vocês analisarem, né, a sequência dos textos do Lenin e de como ele defendia as questões em relação à terra, aos camponeses, no caso soviético, no caso da Rússia depois na União Soviética, se observa que ele muda de posição e ele dá mais acento a essa relação de exploração do camponês pobre com o latifundiário e com lag também, né?

Ao longo do tempo, aqui nesse texto, aparece muito mais fortemente aquela tendência da interpretação do Marx na experiência da Inglaterra, né? O Marx investigou o que aconteceu na Inglaterra e ele fez uma leitura e uma explicação do caso inglês. Muitas vezes, se tomou essa leitura do Marx como uma regra geral, assim como era a tendência do Capital pelas leis de desenvolvimento que o Marx identificou na questão agrária, né? Várias interpretações também pegam a leitura marxista e fazem essa mesma. Ah, se o Marx leu isso, então isso vai acontecer nos outros países. É a interpretação que tem até do próprio Lenin é que há uma mudança disso, uma visão diferente em relação ao caso russo. Nesse texto, aparece muito isso.

Olha, tá tendo a desintegração do campesinato, a transformação da base camponesa em assalariamento, né, ainda que ele cita no texto, que ele diz lá, eh jamais em qualquer sistema capitalista, tu vai ter o fim do camponês totalmente porque para o próprio sistema é interessante que tu tenha um camponês que ele chama de, até o Lenin vai em outros textos chamar de proletário com terra. O que é o proletário com terra? É aquele cara que tem um pedacinho de terra, mas é tão insuficiente para a família sobreviver que ele obrigatoriamente tem que se vender, né? Tem que vender o trabalho como assalariado porque senão ele não consegue a família não se reproduz, né? Socialmente ela não consegue passar fome e vai então é mais do que ser um camponês nesse caso ele seria um proletário com terra, ela é uma assalariado com terra tá? Essa terra é insuficiente então eles chamam atenção nesse sentido até o Lene vai trabalhar isso depois tá então eh eh a previsão num certo sentido de que a desintegração da base camponesa. Se daria mais rápido, ela vai ser contraditada com os fatos também do que Acontece na própria Revolução Russa, né?

Por quanto a o lema da revolução é a questão. Da terra como um dos três itens centrais, né? Não é a paz, né? O fim da guerra, o outro é o pão, né? As famílias estavam passando fome e o que que a questão Econômica toda e a questão da Terra para os Camponeses, porque a maioria da população russa ainda era camponesa e isso foi uma questão que acompanhou a União Soviética durante décadas, né? É que tiveram que resolver de várias formas e algumas até bem polêmicas como a questão da da própria socialização, né da questão da coletivização das terras. Então nesse caso pessoal, assim, essa reforma, que era no sentido de modernização capitalista, ela gerou contradições na faixa mais pobre do campesinato.

Para dialogar com essa faixa, que era mais atendida pelas reivindicações dos populistas e dos socialistas revolucionários, o Lenin propôs uma mudança nas teses do próprio partido

bolchevique para poder fazer um diálogo com essa massa, entendeu? O Caetano, eu acho que nesse sentido, há uma leitura do Lenin no primeiro momento que não se confirma plenamente depois, aí ele passa por um processo de revisão disso, incorpora esses elementos e vai propor essa questão na própria estratégia do partido que vai ser vitorioso na Revolução. Talvez, se não tivesse feito isso, não teria sobrevivido à própria Revolução Russa naqueles momentos, né? Apesar de que também foi um processo extremamente difícil o processo revolucionário. Então, esse é o primeiro elemento. Não sei se eu respondi bem, mas eu acho que ela liga assim e tem os impactos dela em todo o período até a revolução.

O outro elemento, resistência dos Camponeses, houve muito. Eu até comentei esse caso da Polônia, pessoal. Porque aconteciam revoltas camponesas, esse processo se modificou violentamente, né? A primeira. Eu até comentei que houve uma piora da situação dos Camponeses, porque eles perderam acesso às terras comunais de forma livre. Então, eles podiam coletar lenha, coletar frutos, algumas madeiras nas matas que eram preservadas. Com a mudança do estatuto de servidão para essa condição da compra da terra, os latifundiários cercavam aqueles pedaços e não deixavam. Se você quisesse entrar na mata para tirar lenha, você tinha que pagar em trabalho ou pagar em dinheiro. Isso fazia parte das terras comunais que tinham as Mir, as comunidades camponesas russas, também foram penalizadas pela reforma, tendo que pagar imposto coletivo, entendeu? E tendo, em muitos casos, a restrição de parte das terras que foram apropriadas pelos latifundiários.

Então, aqui houve revolta assim. E essas revoltas e obviamente a documentação delas. Não é ampla no nosso conhecimento, mas é facilmente só você pesquisar sobre a imigração, por exemplo dos eslavos para cá, né dos pró cranianos poloneses e Russos se vai ver nessa história lá que tem momentos que os Camponeses passavam fome cair o preço da produção. E aí eles se revoltaram e parte Claro foram reprimidos porque como eu sempre foram historicamente. E aí a esse processo então de quem parte isso vai

concluir para a Revolução Russa, mas num primeiro momento esse setor dialogava mais com o partido é o czar né?

O socialismo revolucionário ou esse partido daí dá o povo, que eram os populistas porque eles tinham palavra de ordem que era bem próxima da reivindicação camponesa, tá? É isso que eu comentei antes, que o Lenin depois vai promover ajustes na política na leitura, né? Ele até diz que em parte não conseguia identificar certas coisas desse texto porque não tinha, nesse momento, estudado movimentos camponeses em larga escala que deixassem mais claras as contradições, e isso, à medida que elas vão aparecendo, o Lenin percebe, olha, aqui tem uma contradição importante, né? Porque uma mobilização camponesa é uma luta entre os camponeses e os latifundiários pela terra, né? Por aqui, é uma questão derivada da disputa ainda do fim do feudalismo, aí que ele diz: "Olha, não é uma disputa de assalariados que querem melhorar o salário, é uma disputa de camponeses que querem terra." Eles fazem esse reajuste na plataforma política, dialogar com isso em relação ao Brasil também é assim, pessoal.

Não sou especialista na história russa ou soviética, mas acho que esses elementos dão para responder em relação à questão dos camponeses russos e no Brasil não. Aí que eu acho que a gente tem que tomar um certo cuidado de evitar transplantar, porque acho que talvez um esforço nosso de reler, quem estudou essa ideia do CRB do curso é bem parte é isso, né? A gente vai ler os pensadores brasileiros também que estudaram a história, a gente fazer esse esforço coletivo enquanto organizações para também bem, né, estudar, repensar. Isso é a lição que o Lenin talvez nos deixe, mas não daria para a gente transplantar a realidade russa era a realidade do feudalismo. Lembrando, foi o último país europeu a acabar com a servidão, é a base do regime feudal, né? Então você marcaria essa transição do feudalismo para o capitalismo, mas o Brasil não é o caso porque a história brasileira é uma história de primeiro extermínio dos povos indígenas, essa conquista da colonização, né?

E que inicialmente tentou escravizar indígenas, quando não conseguiu, né? Mas resultou nisso, mano, né, num genocídio tremendo, milhões de indígenas faleceram. Aí começa o processo então de trazer a escravização dos povos negros da África, né? E também foram milhões de escravos, escravizados trazidos para o Brasil. Mas esse aí tem interpretações diferentes, então tem autor que no Brasil não aplica a questão do feudalismo, né? Porque a condição dessa, por exemplo, situação dos engenhos, eles já se formaram a partir de 1530-1550, daí para diante. E nesse momento, já era na Europa o que era a fase do mercantilismo, na fase inicial do capitalismo, tá? É uma integração do mercado mundial. Veja, um feudo, ele é fechado em si. Um engenho, fabricante de açúcar, ele não era fechado, ele era uma organização empresarial econômica, com dominação extra econômica também, né? Mas tinha uma lógica econômica em si que levava produtos para a metrópole e exportava, né, para a metrópole, então é uma condição; alguns autores colocam isso, que isso já é uma integração no mercado mundial, tá, que já vai, já é parte da tentativa da constituição do mercado capitalista, já é parte desse processo que só vai deslanchar mesmo a partir da Revolução Industrial, mas o capitalismo mesmo, pessoal, ele começa já antes do século 15 como primeiras experiências, né?

Então o Marx fala isso, o desenvolvimento do modo de produção ele vai se dando no interior do modo de produção antigo, então, era feudalismo, ele começa a acontecer, no caso do capitalismo, aconteceu com as cruzadas, né? Aconteceu com a constituição daquelas companhias já capitalistas, né, na Holanda, nos países baixos, depois vai para a região da Itália, das cidades livres italianas, cidade-estado, daí vai para Portugal, Espanha. Então, tu já tinha um começo do que era o embrião capitalista naquele momento, né, então quando surge esse projeto branco no Brasil, já é um projeto que alguns autores colocam nisso. "Olha, aqui já é um projeto que usava até escravismo, mas veja, não é um escravismo antigo, ele já era uma escravidão no sentido de produzir mercadorias para um mercado internacional", né, claro, incipiente, uma outra não era a mesma dinâmica, tu tinha uma extrema dependência ainda do trabalho humano, tá, então aqui tem várias possíveis interpretações.

Então, o campesinato que vai se formando nesses quase 400 anos de escravidão no Brasil, não é o mesmo do que era naquela condição dos camponeses russos, não é do feudalismo, aqui é uma outra condição que precisaríamos compreender melhor como é que se dá isso. Eu acho que a gente precisa seguir nesse processo de estudar e compreender, né, a dinâmica para o próprio capital, pessoal, ele não é assim um processo que se dá numa vez só, né, ele vem, uma espécie de ondas de movimentos, né, como teve também nos anos 60, 70, processos da revolução verde, é uma nova onda, tá, mas nós temos outra agora, problema é a questão dos transgênicos, né, a transgenia é um processo que começou agora, é uma nova apropriação da natureza pelo capital, né, transformar o código genético em mercadoria, a semente mercadoria, etc., né?

Então são ondas de reinvenção do próprio capitalismo, ele vai se expandindo e se estendendo a domínios que antes ele não abarcava, né, novas fases de acumulação primitiva, né, que o Marx chamava, mas é a acumulação por expropriação de bens da natureza ou do trabalho, né, como é o Uber hoje no meio urbano, né? Mas no meio rural seria os transgênicos um exemplo recente do que aconteceu. Por isso que eu acho que assim não é a mesma condição, tá? Precisaríamos compreender melhor essas relações, mas, não sei, vai ao meu ver são condições bem diferentes, bem distintas que nós encontramos aqui, né, certamente já no século XIX quando tinha escravidão no Brasil era integrado numa dinâmica capitalista, o próprio escravo era uma mercadoria, né, muitas riquezas de acumulação de capital foram feitas com a escravidão, o próprio Marx chama atenção para isso, né, a espoliação das riquezas da América, por exemplo, da Ásia, da Índia, etc., da China para a Europa contribuíram para criar as grandes fortunas que deram origem às grandes fábricas capitalistas mais tarde, né? Os capitais bancos que não era, ainda, bem capital financeiro, mas essa riqueza fluiu desde aqui para lá então aqui não era tipicamente capitalista, mas estávamos inseridos no sistema mundo que era capitalista e aqui servia pra essa pra essa função, é diferente da Rússia, tá, e dessa condição aí vamos aqui temos mais três. Alessandra Maria: Qual o suporte do Estado nesse processo específico de desenvolvimento do capitalismo na agricultura? Segunda pergunta: Qual a

relação dessa formação dos camponeses enquanto classe social e a participação deles na revolução de 1917?

Hoje o trabalhador respondeu do mínimo para sobreviver sujeito se o que o Ricardo chama de Privilégio de Servidão essa precarização do trabalho é um novo tempo de Servidão. Cada questão aí que dá uma tese, né, gente? Deus o livre, eu também, eu também acho que estamos refletindo conjuntamente não me arvo também muito conhecedor a fundo dessas questões. Vou colocar a minha reflexão é a minha opinião é, Alex, a Alessandra fez uma Alessandra Maria fez uma colocação era do suporte do Estado, né? Eu vou entender aqui no contexto lá da Rússia, tá?

Porque é o nosso tema o processo Russo, ele se deu de cima para baixo foi desde o estado tá então claramente. Mas quem controlava o estado Russo, quem controlava o estado naquele momento no império Russo era um dos latifundiários eram os senhores feudais, tá é que representados na figura do Czar, né do Imperador deles. Eles avaliaram que as condições dele de sobrevivência enquanto Império estavam ameaçadas. Ou eles promoviam essa mudança de modo de produção nessa introdução dos elementos capitalistas. Ou eles perderam aquela posição dominante que tinha o império Russo na Europa, né dos aspectos econômicos, políticos e militares.

E a Rússia, entrou muito atrasada, ela entrou muito atrasada. Tá, pessoal, ela foi tão na Europa que foi um dos últimos países a passar por esse processo enquanto a Inglaterra já tinha feito a sua revolução burguesa em 1688, se eu não me engano, né antes de 1700 e já neste século. Aí foi preparando né as condições da mudança da Agricultura para uma agricultura capitalista até né do século 17 e 18, 19 promovendo transformações capitalistas da Agricultura, né? Então tu vê a Rússia só em um final do século XIX que vai promover essas mudanças legais, porque esta é uma diferença, pessoal, a mudança

legal era para permitir o desenvolvimento dessas condições, mas a economia russa não ela ainda tava no feudalismo, né com pouquíssima coisa envolvida do ponto de vista capitalista. Então as mudanças legais e a indução desde o estado era introduzir relações capitalistas não porque por razões humanitárias de que os servos deixariam de ser servos e seriam né cidadãos, não era porque precisava desenvolver economicamente então foi feita aquela mudança por cima para não mudar por baixo.

Porque se viesse por baixo se derrubaria todo o sistema então eles tentaram manter o domínio do dos senhores feudais, né agora transformados em latifundiários para promover a modernização tecnológica e relações sociais e de produção sob controle deles. Aqui sim, nós podemos dizer que tem um paralelo com o que aconteceu no Brasil, mas muito mal comparando na ditadura militar de 64 o golpe militar para controlar de um lado a reforma agrária, que era a proposta do governo Goulart era fazer a reforma agrária, né? Que era uma reforma até tímida, não era muito avançada, mas se tentou conter, né a reforma agrária porque já tinha tido a Revolução. Russa uma desculpa para a Revolução Cubana, né? 59, 60, então tu tinha ali uma, isso tava aceso. Então vamos contar né? Ameaça do comunismo essa questão.

Mas em relação a isso, né? E aí um problema que tinha por exemplo no Brasil, é como é que tu moderniza a produção agrícola brasileira o Brasil um país enorme que importava comida que a comida era pra cara que não tinha produto de exportação agrícola, né com exceção do café e um outro produto lá que tinha às vezes produções agrícolas do Brasil era 2 bilhões de de Dólares em 1960, 2 bilhões as exportações agrícola era nada então o desafio da ditadura era como que nós vamos fazer uma modernização capitalista, mas sem romper com o latifúndio. Isso sim é um paralelo do Brasil e Rússia, eles fizeram essa modernização capitalista sem querer.

Eu tinha dito isso. Então veja, o estado o império Russo apoiou o império, né com os impostos que eles colocaram e esse imposto ia para o estado investir por exemplo em ferrovias. Porque ferrovias? Para tudo tem desenvolvimento capitalista, né naquela época que era toda a base de carroça, pessoal, o trem era o mais rápido e mais moderno que tinha só que era caríssimo e era tudo importado, né tecnologia da da Inglaterra, né? A Rússia não tinha grandes Siderúrgicas. Então tinha que desenvolver todo esse processo e ele não vai se dar né? Esse desenvolvimento econômico do capitalismo Russo não vai se dar a não ser depois da revolução da União Soviética já né? Que aí eles promovem a industrialização do país, mas antes disso não eles modernizam o país, mas muito pouco tá porque não conseguiram fazer esse processo deslanchar.

Deixa só ver se era isso então primeiro foi desde o estado, né o estado no sentido do poder que ele tinha mas era um estado que não rompia com o latifúndio tá pessoal, isso é um detalhe importante veja que o Lenine denuncia. Aqui é uma tá disfarçado, o pessoal mudou o nome, mas a relação continua a mesma tá então aí também tem uma coisa que o Marques diz a lei por si, só ela não impede um processo econômico de exploração ou que seja assim como uma lei se nós disser assim no Brasil ai proibido explorar os trabalhadores tá na lei não vai adiantar nada nesse sentido porque né o trabalho escravo no Brasil permitido, mas tem condição de trabalho escravo no Brasil, né? Então a lei em si, ela não tem poder e se tu não tem vontade política, né?

Quer dizer quem tá no governo de lá e cumprir a lei e exercer o poder dele, né dele, ora esse poder não ia ser exercido pelo Czar, né? Porque porque ele era lagarto também então ele fez uma mudança legal. Mas foram criando as condições reais para que o capitalismo se implantasse se fosse superando a condição do feudalismo, só que nisso gerou extremas contradições que eu acho que em grande medida isso também ajudou para criar base para para o processo revolucionário Russo tá certamente foi esse elemento que teve presente. Deixa eu ver em relação às outras questões. Essa última questão do eu não vi essa fala do do Ricardo Antunes. Aqui tem vários elementos. Eu não sei se vou comentar exatamente

o que ele diz, mas é um elemento seguinte pessoal: a servidão no estilo da Rússia né do que era da da situação da Rússia do feudalismo é absolutamente diferente, porque lá era uma condição de produção.

A produção da riqueza se dava sobre em cima dos Camponeses, e os Camponeses eram mantidos no regime de Servidão de uma economia natural. Não é isso que se tem hoje no capitalismo. Então, certamente, não é a mesma coisa. Eu não queria comentar exatamente o que o Ricardo Antunes falou, porque eu não li o contexto, mas não é a mesma coisa. Agora, veja, tem várias questões que a gente tem. Tem que colocar o ponto imagina pegar o caso brasileiro, pessoal. Hoje nós temos, eu tava vendo dado, acho que foi de hoje ou de ontem, nós temos 3%. Eu acho que é o número 33%. Ou será que é 33 milhões? Eu vi o número agora não lembro, mas dá até para verificar.

Nós temos 33% da população economicamente ativa brasileira que está subutilizada, ou está desempregada, ou tem só um bico, né? O cara não tá desempregado. Mas tipo, ele tá vendendo pastel ali na esquina, ele tá fazendo né? Alguma coisa assim de bico para sobreviver, e ele até não tá procurando mais Emprego. Porque ele vive daquele bico, né? Eita viver em condição precária, tá sobrevivendo, e nós temos aquelas pessoas que não estão desempregadas, mas estão fazendo uma coisa parcialmente, né? E que acaba tendo, tipo, queria trabalhar mais e não consegue. Esse número, pessoal. Ele é extremamente importante. Então veja, nesse caso vai ter uma grande massa, isso é na cidade, mas também tem no campo não é uma grande faixa de da população do campo isso era cerca de 20%, algumas regiões até mais nordeste. Até mais que era, vivia numa condição e vive ainda.

Ela não é não tá no mercado, né? Não é aquele agricultor familiar problema que produz para mercado integrado em mercado tal ela produz quase mais para subsistência para

autoconsumo. Alguns deles se obrigam necessariamente a vender a força de trabalho como assalariado para poder complementar renda, né? Então veja, não é tipicamente nem o agricultor familiar que é atendido pelo nome pelas políticas públicas Pronaf ou alguns programas desse tipo e também não é o latifundiário e não é assalariado com carteira assinada na cidade é essa massa grande desempregados sobre empregado etc.

O Guilherme deu o gado chama esse pessoal de de um setor de subsistência da economia que não é ele tá aí tá tendo que viver sobreviver se vira, mas é uma condição precária agora veja, ele não é não é não tá no sentido da da servidão esse segmento os outros segmentos que nós colocamos também, né? Nem formalmente, nem realmente nessa condição, então eu não saberia dizer qual é o sentido que foi colocado pelo Ricardo Antunes, mas aqui diria que há uma condição da classe trabalhadora brasileira, ou seja do modelo capitalista Brasileiro, o modo de produção capitalista no Brasil. Ele exclui e então ali 33% da população aqui economicamente ativa exclui da da da do trabalho regular pessoal. Olha a força de trabalho. Olha a capacidade de trabalho que está sendo desperdiçada e que poderia né se aproveitar para produzir riqueza distribuída socialmente no país e melhorando as condições de vida do povo, né?

E não é o sistema capitalista, não, não explora isso não. Aproveita tá? Então, a essa condição, tu vê lá o cara do Uber agora, né? Uber é um sujeito que tinha o carro dele, daí tem uma empresa capitalista agora que pega e se apropria desse, né? Do veículo dele, do trabalho dele, e a empresa não agrega nada ali, né? Só o aplicativo e acaba ficando com a parte do leão do lucro dessa, né?

Da super exploração desse trabalho. Isso é uma servidão, a rigor não é, né? Tipicamente, então, por isso que eu não saberia dizer o sentido que ele deu, mas nós temos aqui. Eh, isso é parte, ao meu ver, daquilo que o Lenine e o Marx já falavam: capitalismo, pessoal,

é igual a diferenciação social, a super exploração, a concentração de riqueza. Nós temos seis, sete famílias no mundo que têm mais, né? Mais riqueza, mais capital do que 3,5 bilhões de pessoas. Nós temos sete famílias no Brasil que têm mais riqueza do que 100 milhões de pessoas. Então, esse é o modelo que não deu certo, não deu certo, só que elas têm um poder imenso, né? Você é um poder imenso, controla os meios de comunicação, controla ideologicamente a sociedade.

Elas estão exercendo esse poder agora mesmo, né? Enquanto a gente tá aqui conversando. Então, esses elementos todos configuram uma dominação política ideológica, mas não saberia dizer se essa esse sentido aí da fala dele, né? Então nós temos isso como parte do que é essa equação desigual, né? É extremamente nefasta que é o capitalismo e que um dia a humanidade vai superar, pessoal, porque ela sempre vai gerar contradição, é óbvio que vai gerar contradição, as pessoas vão reagir, vão lutar, vão querer, né? Trabalhar, vão querer se apropriar, né? Da riqueza que geram, tá, eh, mas isso vai vir com muita luta e com muito processo de organização. Nisso é importante parabenizar a universidade, né? É parabenizar os companheiros, o Caetano, né? O pessoal que tá, Glailton, que está coordenando essa reunião, mas os outros companheiros que estão organizando esse curso, que eu acho que é isso, noção que debater, e eu acho que tem muita coisa que estudar, tá, pessoal?

Eu só procurei dar umas pitadas, mas eu, cada vez mais, tá claro para mim que esse é um desafio coletivo nosso, né? Já que nós não temos nenhum disponível aqui no Brasil, mas nosso coleteamento temos que produzir essa reflexão do que é o processo Rural brasileiro, tá? Eu acho que nós estamos perdendo essa oportunidade. Então é bom que a gente estude esses clássicos não para copiá-los, mas para nos inspirar, né? Aprender, claro, com lições e que podem ser úteis ainda e válidas leis de desenvolvimento do capitalismo no campo, mas principalmente o desafio de e o ânimo para a gente estudar o caso brasileiro, conhecer, compreender, talvez aí sim tenha capacidade de organizar ativa para propor também uma transformação, né socialista para o país, né? Um grande abraço para vocês,

peçoal. Pediu para encerrar, eu já tô fazendo a fala aqui quase de encerramento, um abraço a todos antes da gente encerrar e passar alguns informes, né? E a gente queria primeiro agradecer o professor. Pedro, eh, por ter vindo aqui no nosso Centro de Formação Paulo Freire, né? Dá essa contribuição, para esse esforço que a gente tá fazendo, na primeira turma de especialização em questão, a grade Nordeste, né? O esforço de estar compreendendo, né? E como ocorreu, das mais variadas questões agrárias do mundo. E essa é a nossa dedicação, né? Então e que já em nome da turma queria agradecer o professor, né pela disponibilidade e a gente vai sempre apressar pedir um pouco para convocar né? Sempre que precisar, sempre que a gente tiver precisando de uma ajuda, né para enriquecer o nosso conhecimento. Então muito obrigado os dois informes é quem não quem não vai ter reunião de NB agora oi, né?

Está sendo convidado para assistir a estreia do programa Conhecer para Transformar que vai ao ar aqui nesse mesmo canal sempre Paulo Freire. Então quem não tiver já com a reunião dele agora está sendo convidado, é isso então, mas era isso mesmo, né? Agradecer a presença de todos e de todas. Tenham uma boa noite e até a próxima quinta-feira. Obrigado pela presença. Eu não sei o que é a vida, não sei o que é separação. Perdida, se você não acredita, já morreu, não tem mais vida. Eu não, eu não, eu não sei a diferença entre morte e amor. Eu não começo uma história com ponto de interrogação. Eu não sei a semelhança entre capital e capital. Eu não quero morrer ainda não, paguei a amortização do meu caixão. Como foi o estacionamento que amarrei o meu jumento? Quero que quando eu morrer, leiam o meu testamento para Deus. Eu não sei a diferença entre morte e amortização. Eu não, eu não, eu não conheço uma história com ponto de interrogação. Eu não, eu não, eu não sei a diferença entre capital e capital. Eu não quero morrer ainda não, paguei a amortização do meu caixão.

Valeu, galera. Muito obrigado.

Encontro 4. Reforma Agrária Popular

Popular Agrarian Reform

Neném

E aí, quando eu tenho garantias? Sempre maravilhosa palavra. Mas então, sobre o processo de reforma agrária popular, de onde vem essa discussão para o MST? A gente vive e, quando iniciar o debate, é o dizer se a gente não fez a reforma agrária clássica. Se o Estado, como é que o povo vai fazer reforma agrária? Se o povo não tem os meios de fazer a reforma agrária, só fazer reforma agrária seria distribuir a terra, mudar a estrutura social. Mas se o povo não tem a terra, como iria fazer essa reforma agrária? Como que essa reforma agrária feita pelo povo? Então, talvez muitas questões que vão saindo. O que é esse processo de reforma agrária popular? O que está por trás dessa discussão? Então, isso passo de todo importante, a gente retomava o fogo hoje. Que o Brasil, durante o seu processo histórico, ele optou por não fazer a reforma agrária. Ele optou por seguir na lógica do latifúndio, na lógica da concentração da terra, da concentração do trabalho, e a concentração, inclusive, do produto como resultado do campo dessa produção. De todo esse processo da apropriação, ele optou por não fazer o processo da reforma agrária.

Então, esse período teve momentos importantes durante a história do Brasil em que houve uma oportunidade significativa de realizar o processo da reforma agrária, mas o Brasil optou por não fazê-lo. Por vários momentos, ao longo da história do Brasil, com certeza, já analisamos em outras aulas outros momentos sobre isso, mas o Brasil tomou uma

decisão seguindo sua lógica desde o descobrimento e a invasão europeia através de Portugal ao Brasil. A condução que foi adotada levou o Brasil a esse processo que vivemos hoje.

Quando começamos a fazer o processo das ocupações das organizações, tínhamos clareza e compreensão de que conseguiríamos realizar a reforma agrária clássica, pressionar e ter um processo de distribuição de terra. Conseguíamos avançar sobre isso. Mas então, vieram os anos 90, seguidos pelos anos 2000, e as coisas só modificaram no campo. Nós vimos um processo do avanço do capitalismo no campo.

Ao avançar no capitalismo, ele também se desenvolve com o processo de produtividade, mas avança em uma aliança com o latifúndio, combatendo a concentração da terra, mas ampliando para outros elementos, mantendo a concentração da tecnologia e o processo de concentração do conhecimento. Ele engloba todo o processo, inclusive da hegemonia em torno do agronegócio.

Durante o período dos governos Lula e Dilma, quando íamos para negociação, ficava claro que havia um grupo para defender aqui. Precisávamos agora discutir a produtividade no campo, não mais a questão da reforma agrária. Adaptava-se aqui o entendimento de que o avanço agora era em como avançar na produtividade da Agricultura Familiar, que não tinha mais espaço para isso.

Então, essa análise toda que o movimento faz, inclusive sobre o controle do Estado, principalmente porque o agronegócio, quando ele avança no campo, além de assumir o controle sobre a terra, assume o controle sobre os bens da natureza. E aí ele avança em todos os processos, inclusive na água, e estamos vendo hoje como isso ainda está mais grave

no momento atual, provocando inclusive desastres ambientais para depois se apropriar desses espaços desse território. Mas, acima de tudo, o estado sequestrado pelo agronegócio e mudando também todo esse processo da cadeia, mas acima de tudo os órgãos de controle de fiscalização e o legislativo, assim como todo o judiciário, são aliados a esse processo do que é o agronegócio. Então, o movimento começa a apertar. O nosso processo hoje não é mais só de luta por um pedaço de terra, é, mas a luta também é pelo controle dos territórios.

Então, como é que a gente se articula com outros atores também na luta pelo território? É mais do que você defender o meu pedaço de terra, mais do que você defender aquele processo da estrutura da produtividade para garantir esse processo impossível dos interesses da burguesia, das empresas, ou como tivesse para avançar no processo da produtividade do desenvolvimento da agricultura no campo.

A luta pela reforma agrária, ela se transformou, e agora é uma luta de classe, porque está muito claro que a burguesia brasileira é aliada deste estado capitalista, deste estado do agronegócio no campo, e portanto não tem interesse no processo da mudança da reforma agrária. Por outro lado, também avaliando o nosso internamente, vemos que os nossos assentamentos, como um todo, que a gente foi conquistando durante esse amplo processo de luta de ocupação, seguiram muito a linha de copiar o modelo do agronegócio, de copiar o modelo do qual eles tinham sido implementados e conduzidos desde o início.

A gente pode dizer, mas por que os assentamentos vão usar veneno? Por que os assentamentos vão seguir o modelo de loteamento individual? Por que os assentamentos seguem o modelo de tudo dessa lógica ainda do modelo agrícola de controle do país, que era referência então que os assentados traziam consigo? Quando e para a ocupação, um

modelo da sua origem, desde que foram desenvolvidos nas fazendas ou onde eles trabalhavam, de viver a sobre isso.

E por outro lado, às vezes fico pensando, quando nós fomos implantar o assentamento lá no Rio Grande do Norte, que era um tratamento muito grande que era Maísa, isso logo no início ali do governo Lula, que desapropriou uma grande empresa de fruticultura e transformou no assentamento da sentou mil e mande minha família. E o problema é que ali dentro, toda a concepção das famílias estava voltada para o que elas viviam antes, porque a maioria das famílias que compõem os assentamentos tinham sido abandonadas, tiradas de lado pela empresa, e elas traziam consigo a concepção de produção de melão, de condição de produção de fruticultura.

Olha, mas se tudo ali estava devastado pela produção do melão, da fruticultura, como é que aquele modelo ele ia se desenvolver, e principalmente com famílias descapitalizadas, desenvolvidas sobre isso. Portanto, essa análise do movimento, tanto de fora do capital como de dentro do capital, revela que a disputa que controlava o estado também disputava as mesmas terras que a gente quer para reforma agrária, mas também disputava a nossa própria base, tentando fazer com que a nossa própria base seja a produtora de matéria-prima para as próprias empresas do agronegócio. Então, era preciso debater que tipo de reforma agrária nós precisamos construir em um momento em que a luta pela reforma agrária se transformou numa luta de classes. Daí então o movimento debateu que nós precisamos construir uma reforma agrária que seja defendida pelo povo, a reforma agrária popular.

Ela precisa ser construída pelo Estado brasileiro. A reforma agrária popular precisa de políticas públicas para se desenvolver. O que estamos debatendo quando falamos em torno de soluções? Quando vamos debater a reforma agrária popular, defendemos que ela

não precisa ser assumida apenas pelo povo, que só haverá uma reforma agrária no Brasil se o povo a defender. E quando eu falo "o povo", não são apenas os sem terra, não são apenas os camponeses, mas o povo brasileiro, povo que precisa de comida, que precisa de outras questões necessárias. Portanto, essa reforma agrária, para ser defendida pelo povo, precisa atender às necessidades da demanda do povo. É importante que definamos a nossa orientação da luta pela terra e pela reforma agrária daqui para frente, mas também orientemos nossa própria base sobre a reforma agrária popular, analisando a partir da nossa própria base, os nossos próprios assentamentos e acampamentos, o que há ali e já são sinais da construção da reforma agrária.

Portanto, esse debate da reforma agrária popular é um debate que amplia o processo da concepção e da compreensão da luta pela reforma agrária. A mudança principal na pressão do Estado, seguindo para a reforma agrária clássica, é a burguesia que defende a reforma agrária através do seu estado, controlada pela própria burguesia, fazendo uma reforma agrária para desenvolver as estruturas de interesse da própria burguesia, produzir matéria-prima e tornar os camponeses consumidores de matéria-prima de bens industrializados, e tais elementos que a gente já sabe do que é o processo de reforma agrária clássica.

Pois bem, no caso da reforma agrária popular, quem tem que pressionar o estado para fazer a reforma agrária é um pouco e postando o povo. Só defende uma reforma agrária se essa reforma agrária estiver aliada com as suas necessidades. Daí o movimento toma como posição alguns elementos que são importantes a gente trazer agora. Assim, o que norteou esse processo, por exemplo?

Então, a nossa reforma agrária, ela tem que mudar a nossa lógica de ver a terra que a gente já está conquistando, que a gente conquistou, que a gente está em disputa. Então, os

nossos territórios, nossos assentamentos, eles têm que ver para além do seu processo interno ali. A gente precisa ganhar espaço no entorno, precisa ganhar espaço no município e disputar esse entorno do território, também os seus assentamentos, mas para isso nós temos que orientar pela nossa função social.

A terra é usada na reforma agrária à qual já temos posse para produzir alimento, e produzir alimento saudável para que possamos apresentar para a sociedade como contraponto ao produto envenenado que o agronegócio está oferecendo. Por outro lado, trazer essa produção desse alimento que estamos produzindo é resultado de uma luta dos sem-terra, mais do que uma luta dos sem-terra acompanhada e defendida pela sociedade, pelo povo como um todo. Portanto, daí nós precisamos também criar uma concepção, mas também um avanço na aliança com os movimentos das cidades e movimentos populares de luta e de articulação da cidade.

Podemos então avançar nesse processo da concepção. Primeiro, é acabar com essa divisão que temos entre o campo e a cidade, o campo, os assentados e as periferias, lembro-me de uma discussão que tivemos na União dos Trabalhadores da Coleta Seletiva (UniCopo) em que a Andréia também estava presente, numa assembleia em que estávamos debatendo com as mulheres catadoras. Eu lembro que tocamos em um ponto comum, que era a história do lixo, que a cobrança que a mulher não é lixo, é material reciclável, e portanto, o material vira resíduos sólidos que a gente coleta, e assim por diante. Ótimo, tudo bem. Depois, estávamos debatendo e percebemos como não compreendemos os processos e terminologia do nosso próprio povo do que está fazendo.

Depois, não debati ela e aí uma das companheiras lá falou: "Ah, mas quando vocês invadem uma terra, eu não invado. Nós ocupamos, então temos nossas formas próprias, tecnologias, da discussão com o nosso próprio povo". E inclusive os preconceitos que

surtem, o preconceito que suja dos próprios trabalhadores e pobres das comunidades da periferia com o MST é muito grande, porque a gente tem uma discussão que não se compreende. O MST invade as propriedades, e por outro lado, nós achamos, temos uma concepção inclusive na nossa base, no nosso povo, que todo mundo que mora nas periferias é viciado, é dependente. É uma outra questão, essas concepções daquilo que vai se espalhando na cabeça do povo.

Então, é preciso estreitar esse processo de compreensão, não só do ponto de vista acadêmico. É importante discutir reforma agrária popular nos meios acadêmicos com todas as categorias de trabalhadores, mas é importante também que a gente debata com os mais pobres, com os trabalhadores, inclusive, para atender a essa demanda e necessidade do povo. Tanto essa reforma agrária para ser defendida pelos trabalhadores, pela classe trabalhadora, como por todos, pelo povo, é preciso, pela presente inclusive, atender às maiores necessidades do povo.

É por isso que os princípios da reforma agrária popular apresentam, além da distribuição e democratização do acesso à terra, também o acesso a outros bens e outras questões sociais. Por exemplo, a educação popular e a educação do campo ampliam esse processo de educação na discussão e concepção da educação do campo para nossa próxima geração, envolvendo as comunidades e outros setores. Acompanhando esse debate, mas acima de tudo, também o trabalho com a cultura. Como articulamos essa questão da cultura com a produção e o processo de vivência?

Como nós trabalhamos também o processo da energia, a soberania energética, um debate muito importante que precisamos fazer. Temos muito controle e é muito sobre isso, mas é importante trazermos a nossa base para o debate sobre energia e nós estamos vendo agora a importância de, além da energia, também debatendo com a juventude na escola

da juventude, como a reforma agrária popular também entra no debate do acesso à comunicação, do acesso à internet, o acesso a outros processos que atendem à necessidade da nossa base, do povão, mas de toda a sociedade em geral.

Outro elemento que traz nesse processo da reforma agrária popular é o amplo debate de como a gente é solidário com o povo, com as outras categorias, com os outros trabalhadores, dos trabalhadores da periferia. E também como a gente avança no debate para além disso, mas na saúde popular, nos debates sobre a música, que tem como elemento fundamental na construção do processo de reforma agrária popular. E para isso, então, nós precisamos avançar nas concepções também do jeito de produzir e, portanto, melhorar essa relação e transformar, mostrar, apresentar o produto, a nossa produção como resultado desta organização interna, para que a população tenha conhecimento.

E um exemplo disso é criar canais de comercialização, mas criar canais de diálogo com o processo da população. As feiras são exemplo disso, mas as sextas que alguém se renova, ultimamente, é muito importante que tem acontecido, mas aí os armazéns do campo para além de ser uma loja de produtos orgânicos são pontos de cultura, pontos de encontro, são vários os espaços, inclusive os canais de comercialização, que a gente tem criado internamente com a nossa sala.

E também é importante como a reforma agrária popular ajudou a gente a debater e avançar nos processos internos de industrialização dos nossos produtos. Agora iniciamos processo de agroindústria em todas as regiões do país e a luta por isso era muito mais comum na região sul e sudeste. Hoje nós temos a industrialização de alguns dos nossos produtos em todas as regiões, no nordeste avançando muito para isso. E aí, há um processo de intercâmbio de produtos para comercializar. Por exemplo, um caminhão que vai da região

sul/sudeste para a região nordeste leva produto de uma região e traz produtos da outra para apoiar nesse processo de diálogo e de autonomia dentro da nossa própria base.

A mudança nossa do jeito de produzir criou outro elemento e estímulo da nossa base coisa trazer para dentro da nossa base o processo da agroecologia como elemento central e fundamental. Na organização da produção trouxe um outro viés, um outro lado como é que eu digo elemento de discussão para a unificação dentro da nossa própria base. Então e aí são as várias formas que acontece de debate do processo de agroecologia já para ir caminhando aqui para parte inclusive para as depois das questões que eu acho que é importante que vocês tragam mais sobre esses elementos então do processo da reforma agrária popular é como que a reforma agrária Popular ela também foi estreitando o debate com outros elementos fundamentais que dentro do conceito da luta pela reforma agrária como incorporar dentro de a questão do feminismo camponês e popular como que a gente muda o processo de relação de construção dos sujeitos dentro da nossas comunidades, mas também como é que isso se esbanje.

Eu vi um processo de articulação para fora, então a luta contra a violência contra as mulheres, a defesa então dá de garantia oportunidade para a juventude dos nossos assentamentos, tanto na área da educação como também no campo da produção. E como a juventude também entra agora para esse debate e nesse processo da construção de elementos, da pra fazer o combate das várias formas de violência e de exploração, seja ela dos sujeitos LGBT, seja de criança, seja das mulheres e idosos, como é que a gente combate isso a partir da nossa base e como isso também vira elemento numa relação com a sociedade e dentro da reforma agrária Popular.

Essa modificação que acontecem essas mudanças, que acontece internamente com a nossa base, ela cria também elemento campo e discussão para ir para além da nossa base, ela se

articula dentro de uma grande articulação numa relação. E com a sociedade é preciso a gente compreender que essa relação, ela precisa ser ampla e nos vários níveis de discussão e isso possibilita que dentro de todos os nossos elementos, desde a formação política, mas da formação técnica e dos vários Campos da formação ela também se espalha para essa relação nossa com a sociedade, como todo o que a gente ali cria dentro dessa defesa domovimento e essa relação mais ampla, para que de fato haja uma compreensão da necessidade de se defender e de se pressionar o estado brasileiro.

Inclusive, para quem não é do MST como eu, o que vejo como necessário acontecer é a reforma agrária para mudar o que na minha vida ou na comunidade em que estou, para além da anestesia. Sim, como é que vejo a necessidade de fato de acontecer a reforma agrária?

O que é importante e para além disso, por que defendo a reforma agrária? O que acho que a reforma agrária é importante na minha vida, na minha organização, onde estou? Eu acho que, para o lema do MST e para nós do movimento, essa questão que a Andreia tá fazendo é: o quê e o que está acontecendo no meu estado, no meu assentamento, na minha região, no meu setor onde estou, que já acho que eu acredito que exemplo de reforma agrária popular e para mim é sinais de que a reforma agrária popular já está acontecendo.

Então, para quem não é do movimento, o que acho que é necessário acontecer? Sim, por que acho que é importante defender a reforma agrária? Ou não é para isso e conhecer o que acho que já é sinais. Mas vamos lá, e para mim, essas questões que apareceram aqui, eu vou começar pela última, porque acho que é muito importante. Isso, eu estava hoje aqui conversando, hoje de manhã, conversando com a turma que tá tendo as ameaças de despejo. Eu estava conversando com, e com as vezes e hora eu fiquei um dia desses duas horas ouvindo uma companheira falar da situação que tá lá no estado do Rio e a gente

percebe que a história do, ouvindo isso, principalmente quando se trata dos acampamentos, é a ocupação de terra continua sendo e sempre será para o movimento uma das questões mais importantes, necessária para avançar na luta pela reforma agrária.

Se a gente parte do princípio que é preciso, a partir dos assentamentos, mudar o jeito de produzir é, mas para reforma agrária popular, nós também temos que ter ocupação de terra. É claro que só que como a gente avalia fazer ocupação de terra, ela não é só para mim à vontade. Aí, eu quero fazer uma ocupação de terra e eu vou fazer essa ocupação de terra. Fazer ocupação de terra ela passa por várias análises de fatores e a gente, quem já trabalhou, quem já foi que acompanhou ocupação de terra, faz essa análise da situação externa para lei do campo, análise da situação interna, análise da situação das famílias com que eu vou trabalhar e como que eu não coloco em risco a vida das pessoas com quem eu sou responsável por ela é dele.

A gente tava debatendo com a juventude em palavras sobre isso, a reforma agrária popular ela passa por o novo olhar da gente também de fazer a ocupação, porque a gente passa também o identificar quem são os sujeitos com quem nós estamos trabalhando nas ocupações de terra. Antes, nós tínhamos, nas ocupações iniciais. E aí, por um longo tempo do movimento, a gente tinha os camponeses que um lá e resistiam e começava a produzir e ficar. Vamos e temos clareza que a gente ia pressionar o yin para mim cria desapropriar e a gente até aquela certeza do assentamento a gente já começava a se preparar o dia da emissão de posse.

Hoje, quando a gente faz uma ocupação de terra, a gente tem que levar avisar as pessoas. Olhos, primeiro dia de barraca é de lona, mas depois já podem trocar essa barraca por telha por uma coisa permanente porque agora é bem mais demorado. A outra coisa quando você faz na ocupação de terra, primeiro debate que a gente já faz em torno é qual é o

espaço de produção que eu vou, do que eu vou estar fazendo para que já vai também produzindo a nossa própria comida porque como a gente está vendo e as ocupações de terra também era muda o processo do caráter e a visão do como levar a fazer. Não é à toa que hoje os nossos assentamentos e acampamentos, a maioria deles e aqueles que estão dentro da terra, são assentamentos que vão produzindo e quando se fala em produzir não é só a produção de comida, mas produção também de educação, de cultura, construção de várias relações sobre isso.

Portanto, a ocupação de terra continuará sendo o nosso motor de condução do movimento. É claro que a construtora, agora com pandemia e com pandemônio, né? Que nós temos todos aí pela frente. É preciso que a gente analise e compreenda bem como nós vamos fazer as ocupações de terra, mas eu acho que esse tempo de parada, de estudo, de aprofundamento, vai nos dar mais ânimo e capacidade de analisar para a gente fazer os processos de ocupação de terra.

Mas, dentro da reforma agrária popular, a concepção também das ocupações e de acampamento, ele muda a figura do que todos os nossos nós estamos chamando que usa os acampamentos, eles a assentamentos populares são assentamentos que não são construídos por O Inca para o estado mas têm todas as características de avançar na produção e inclusive de organizar o seu processo de cooperação dentro dos acampamentos.

E a outra questão: os Quintais produtivos na cidade, eles são viáveis? Qual é o elemento então sobre os Quintais? Eu acho que é uma coisa muito, como eu sou nordestino cearense e eu passei a minha vida toda convivendo com esse processo dos Quintais.

Eu tenho uma análise, uma observação do que são os Quintais. Os Quintais produtivos, eles são elementos de uma relação direta com a cozinha. Ou seja, fala-se no quintal produtivo, ele tem uma relação direta, alimenta o outro. Por exemplo, o que eu tiro do quintal

para cozinha, o cheiro verde, a verdura, fruta, tudo, eu devolvo para o quintal com as cascas, com as folhagens, com o restante que eu volto da cozinha. À medida que eu passei a consumir muito produto industrializado, o que que eu devolvo ao quintal? O que nós chamamos aí no Nordeste, no Ceará, somente um monte de entulho. E o pessoal chama o quintal de "monturo".

Quer dizer, um monte de entulho que não vai servir para produzir. E essa aliança, então, ela perde a visão, mas para se produzir no quintal, nós precisamos ter Quintal de terra, tem espaço de produção, portanto, nas cidades, se a gente tem um pedacinho de terra e a gente é capaz de produzir ali uma horinha uma coisa, a gente pode ser um quintal, mas pode ser também um espaço, olha que nem se transforma de fato no quintal maior, mas não espaço ali de, não pode ser só a janela da Andreia ali com os seus vasinhos, né, Andreia que vai, mas assim, todo o espaço que a gente tiver e tiver uma um sol e a gente puder botar um espaço de até um pouquinho de terra, dá para gente construir alguma coisa para gente alimentar a nossa cozinha e a gente começa a mudar também o jeito da, inclusive, da gente compreender com o tempo.

Eu quero há um ano aqui teve uma festa de final de ano e os arranjos das mesas era Pimenta e era pimentas de várias cores e eu fui pedido de mesa e mesa diesel com licença eu posso pegar uma pimenta aí ele não se for levar o arranjo Eduardo não sei o que eu não mas eu quero uma pimenta aí eu ia pegar lá primeiro é por que que você quer uma pimenta se você pode levar o vaso todo eu tá aí daqui um dia esse vaso morre e eu como é que eu vou reproduzir eu quero assim a pimenta para tirar a semente e da origem da vida nasceu uma novo pé de Pimenta e que vá produzir pimenta para mim ter por exemplo arranjo depois e de várias cores sobre isso então quando a gente tem um já no processo um quintal uma área pequena de plantio a gente começa então ter o gosto pela terra e começar a compreender o tempo também da natureza é muito comum a gente achar o que o leite vem do supermercado e dá daquela caixa que tá lá no supermercado que o ovo vem do supermercado naquela bandejinha bonitinho limpinho como tá lá enviado por fora mas

nem sabe o que tem por dentro então a gente não sabe não conhece os processos quando a gente mora na cidade na periferia por isso mas é importante que a gente tem a essas concepções para poder visualizar essa concepção.

Portanto essa história da Agricultura urbana o Perry urbana é fundamental em um debate que o MST começa a incorporar mas ainda Precisa aprofundar muito eu tava no debate numa discussão de desse como candidato a Prefeito de uma das capitais aqui e a gente leva a tia vai dizer como que a prefeitura pode avançar em um processo tanto de do plano de plantio de árvore como no processo de produção de comida a gente apoiando esse processo da da Agricultura para em plantão vão e bate aqui tipo nas o que nós temos nas cidades são terrenos que estão lá para a especulação imobiliária que estão lá cercado ou não terreno baldio que tá abandonado e que a prefeitura cobra IPTU que na sua grande maioria não faz então as prefeituras precisariam convocar podemos a falar ventilar os donos desses terrenos e dizer eu deixo de cobrar o IPTU do teu terreno sito cedeu o terreno para a prefeitura por um período para gente produzir ali uma horta de comida ou eu terreno eu diminui tu tem um espaço aqui na frente que dá para plantar uma árvore eu diminui o tanto se você cuidar de uma árvore para arborizar a cidade a tua.

Então, como é que a gente também cria ganhos através do próprio PT erro que eu tô usando comigo? Poxa, mas como é que as prefeituras, como é que estão bem as nossas organizações podem motivar? Mas como é que o nosso evento também, então, nas capitais e tem um espaço pequeno que começam a também iniciar esses processos para dar sinais para outro? Como é que o sindicato também inicia um processo de ali de uma de um pequeno plantio, de não precisa ser grandes espaço? Mas, portanto, plantar um quintal amplo com todos os elementos que nós entendemos dos Quintais produtivos nas cidades, precisaria se a gente tem um terreno é muito importante que a gente faça esse debate e sempre nessa relação do quintal com a cozinha, como que um alimenta o outro e compreender que lixo não é adubo.

Portanto, ele não pode ser jogado na terra, né? O que que é adubo, os resíduos sólidos para dizer a nossa compreensão do que eu aprendi com as nossas causadoras, eles são para ser separado e ser colocado para reciclar e colocar e a gente tem o elemento de construção dos, e eu estava, eu estou aqui nessa tarefa de Brasília, mora numa chácara e a gente estava fazendo, eu fiz um processo de um adubo super forte aqui com juntamos vários produtos para que a terra que da chave é muito fraca e depois então com a compreensão, muita gente vai lá ou vender me arranja uma garrafinha daquela ali daquele negócio que tu fez lá eu ensino.

Você vai fazer, vai fazer se eu tenho mesmo produto que eu tenho pode café casca casca de ovo, não sei o que então você também tem que começar a fazer. Então, por quê? Porque é isso que a gente tem que criar esse sistema também de recuperação de educação de construção do solo com todas as pessoas, bom, então, quais são os exemplos de reforma agrária popular que aconteceu em outros países assim? Ó, e você sempre de reforma agrária popular eles que aconteceram em outros países, eles aconteceram muito em relação depois de uma transformação e da política, por exemplo, a reforma agrária popular mais conhecida nossa como da China, da Rússia dos elementos foram depois da revolução desde a revolução precisa se produzir então crie uma reforma agrária se debate com toda a população.

Essa massa e fica esse processo de discussão com o povo com a reforma agrária Popular a gente não tem. Assim com construção diretamente de reforma agrária Popular construída diretamente assim num país com os mais muitos debates, muita discussão que acontece em torno disso que nós sabemos, assim, reforma agrária Popular, mas isso e acontecido nos vários Campos foram também com tudo isso apesar de muitos países inclusive da América Latina e alguém dos países quiser colocar o exemplo eu quer dizer que da América Latina Não conheço nenhum país que o tanque viaja aí para fora têm lido

algumas questões sobre isso mas é importante que as pessoas que estiveram aqui o conhecimento do que acontece em todos que possa então colocar aqui é muito importante para pra também socializar conosco no curso.

O curso não é alguém que vem falar mas também socializar as suas experiências também dessa tipo de reforma agrária mas construção por isso que a reforma agrária que nós temos alimenta tem isso ela tem visão de uma trança de uma reforma agrária socialista mesmo a gente estando num país capitalista mas como é que a gente aproxima e aponta as linhas e estruturas para mudança de construção a partir de agora aquilo que a gente quer construir uma sociedade mais mudar mas é preciso que a gente então tem a essa visão de estrutura de compreensão do que que é esse processo de reforma agrária

E de fato onde a gente trabalha com o debate da reforma agrária Popular, ela tem muito viés no campo da produção e, pessoalmente, diretamente falando, quando se fala de produzir comida, quando se fala de produzir, isso porque a gente está diretamente querendo apresentar resultado para a sociedade. Então, ela mostra o modo de se produzir e de se produzir de diferente. Inclusive na reforma agrária Popular, nós temos que debater o processo da soberania alimentar. Como é que ela ainda, além de nós debatermos agroecologia, mas a gente também aprofunda o processo da soberania alimentar. Por isso que as sementes são um dos elementos fundamentais que a gente traz no debate da reforma agrária Popular para assumir esse controle das sementes, porque a gente só tem autonomia como camponês quando a gente controla a semente.

Quem fica dependente da semente que vêm de fora, quem não conhece o que tá produzido e também não é a gente que regula o tempo de plantar o tanto. É importante da gente trabalho o controle de guardar semente mais de produzir coletivamente as sementes de avançar, assim como a discussão também que nós estamos fazendo agora, é preciso que

a gente mostre alternativa para os trabalhadores para além dos pacotes tecnológicos nos é apresentaram. É preciso que a gente mostra aí a discussão que nós estamos tendo agora do nosso campo, do nosso jeito sobre a questão dos bioinsumos é diferente do que as empresas estão discutindo do insumo para substituir, mas para ganhar dinheiro em cima disso. Nós estamos pensando em na produção dos bioinsumos como alternativa para os trabalhadores que estão inclusive nas periferias das cidades, inclusive nas áreas menores, inclusive em vários campos de ter elementos e alternativa para avançar nesse processo de reprodução. O tanto essa me é a lógica de produção é para além do Mc.

É para a gente discutir também com todo o campo daí com todo. É por isso que a gente discute com os outros movimentos. Nós estávamos debatendo agora no Maranhão nesta semana já sobre o processo da titulação e a gente entende, nós temos perdido muito tempo não nos aproximando dos outros povos para discutir sobre território. A gente perde muito quando não se aproxima dos Quilombolas, dos Camponeses, dos indígenas, das outras Comunidades, dos ribeirinhos, dos Camponeses mais tradicionais, com as comunidades tradicionais do seu jeito de Defesa do território.

O que eu acho que a gente nunca nos assentamentos, nosso o conhecimento muitas vezes que a gente vem e o que vai para uma comunidade, a gente traz um conhecimento tradicional, mas os nossos assentamentos, eles não são comunidades tradicionais. Oi gente! Inclusive, a gente junto a pessoas de vários tipos de vários conhecimentos quando constrói um processo do assentamento e daí a gente tem esse processo de aprofundar inclusive pessoas que já estão nas cidades, que já perderam essa referência camponesa, e é preciso que a gente então se aproxime muito mais dessas comunidades, desse povo que depende de fato do seu processo do território. O que a gente tá discutindo muito no viés, por exemplo, da produção, mas também não discutimos na cultura, na comercialização, no processo e na educação, na saúde, dos vários Alimentos que também vão se tornando, mas é preciso. Mas o importante é que a gente discuta o processo da organicidade, da cooperação dos nossos assentamentos, das nossas comunidades. O que é isso, Andreia? O Ok,

então vou fazer aqui uma questão, vou ler a questão da Fabiana e depois eu abro aqui o microfone para quem quiser fazer alguma consideração, alguma pergunta. A Fabiana ela pergunta como vocês veem o turismo como uma forma de aumentar a autonomia e a formação crítica do uso da natureza.

Eu sou estudante de turismo e penso que seria possível criar um turismo de resistência e de formação. E aí, nós não temos aí a questão da Fabiana e está aberto para quem quiser abrir o microfone. E aí, Oi Andreia, quanto à turma. Olha, eu fiz umas perguntas depois, vai valer prova, isso aí vai valer nota, depois se alguém não responder a gente é só... Eu quero só colocar uma questão. Eu não sou agrônoma. Ontem estava bem, dando aula com uma, debatendo lá com ela nem da nossa, eu conversando com a turma e já tomou ser agrônomo. Não, não sou nada com essas agronomias. Andréa, então a eu sou... Eu sou militante da reforma agrária lá no Ceará e fiz o curso de serviço social na terra pela Universidade Estadual do Ceará e, principalmente, isso daí, a nossa defesa, a importância nossa da defesa da Educação do Pronera, de políticas públicas que a gente conquistou, a importância sobre isso. E por que que eu tô colocando isso?

Porque eu quero, inclusive, trazer esse debate para a questão do Turismo, como a companheira fez a pergunta. Pois é, no Ceará, não é uma das escolas do Campo e discutindo nós, nem sei se não já iniciou mais um curso sobre turismo comunitário. O que é? Procura turismo comunitário popular, porque a gente quer debater exatamente de tanto de preparação de quem vai fazer o quê, que é isso, essa compreensão, porque a gente e nós temos debatido e temos acontecer muitas regiões nossa, usei na região Nordeste e na região que tem praia, tem assentamentos na praia com meu caso nosso lá do Ceará, nós temos, acho que é seis assentamentos na praia e praia muito bonita o sinal e de muita luta, porque o que que acontece quando se desapropriou um assentamento na praia, você desapropria O Incra desapropria fazenda deixando vários metros até chegar no mar várias né e dizendo que essa área que ele deixou era uma área da Marinha, ele não podia desapropriar aquela área porque ele pertence a Maria, eu não sei que jogada é essa, sei que todos os

assentamentos nossa, o que tem na praia a gente percebe tem essa área que alguém aparece dizendo seu dono dela essa área.

Aqui era minha e eu sou o dono dela, aparelho de uma escritura e começa uma briga. Serrinha por essa área de que é perto da praia e portanto, no nosso caso, no Ceará, o turismo ele tem se transformado em ações políticas. Por exemplo, a gente realiza a regata e a regata de pacote de uma regata de resistência para levar a todo o povo para aquela área da praia que nós estamos em briga constante contra a os especuladores que tem lá montar os seus hotéis e tudo mais e trazer para mim o turismo predatório da dos bens da natureza das pessoas e das relações de tudo mais então é preciso que a gente de bata e essa questão do Turismo e turismo comunitário Popular solidário que nós estamos falando e a construção inclusive de divulgar o processo do movimento trabalho em si e de construir relação com a sociedade.

Eu acho que isso é possível dentro da reforma agrária Popular desde que as comunidades sejam Preparada para ir às Comunidades não tem que se modificar para receber os turistas os turistas têm que compreender que ele tem que modificar seu jeito de vida quando chega naquela comunidade se eu sou um sujeito Urbano a comunidade do MST eu não posso chegar lá querendo que então eu vou fazer do meu jeito como era ele não ali tem que ter esse processo dos princípios da construção da também desse desse turismo que ele seja solidário que ele esteja. Também popular e que ele tenha essa questão da preservação ambiental da defesa da luta e da construção de relações saudáveis diante desse processo do Turismo mas eu acho que o turismo. Inclusive eu acho que todos os nossos centros de informação não só para esse turismo que a gente consegue sobre isso.

Mas, o nosso Centro de Formação tem que ser aberto para atender demanda de outros movimentos, inclusive com essa concepção que vem de fora para estudar. Para

experimental princípio de avançar nos processos também produtivo, aí eu acho que essa comunidade é aquele Centro de Formação que tá perto das cidades, nas periferias, e que a gente tem área produtiva, é preciso que a gente abra também para quem quer aprender como cultivar. Como fazer uma pequena horta em casa. Inclusive, a partir do próprio centro, e isso também é uma relação de que a gente queira compreender e aprofundar sobre.

Isso o cantor, eu acho que se a gente não se modifica, não se transforma para receber os turistas, a gente tem que transformar essa relação então numa relação mais compromisso. Então a gente tem que, de fato, transformar a concepção do que é um turismo no Brasil. O CVC. Turismo de luta, de agroecologia, de relação solidária e saudável, acho que é importante então nessa construção e eu acho que a gente pode criar divulgação sobre isso, mas quantos elementos novos também que tem trazido a partir da reforma agrária Popular esses processos da divulgação na internet dos nossos produtos têm ganhado é muito vídeo muito elemental. Bom então, acho que isso é muito importante para a gente trazer nesse processo. Além disso, a Anahí já tá mostrando ali o processo. Ela já tá ali apresentando para quem quiser ir conhecer o lote dela lá.

Viu gente, foi combinado isso viu Neném, eu tô vendo que foi, eu comecei a falar que apresentar para a gente ir visitar ela lá aqui a teoria e prática da construção política e também do que a gente está construindo nas bases. O Neném tem duas perguntinhas aqui para você tá e mais duas é a Rose comenta já que você falou do curso do de turismo é no campo da educação. Quais as principais demandas formativas para a juventude com base na Reforma agrária popular? Eu e a Jade também faz uma pergunta já diz primeiro quiser ligar o microfone só com vontade a esse Neném. O nosso programa prevê mudanças na organização, quer falar a gente fala. Jade fala já é o microfone.

Eu não sei o que tá acontecendo, mas tá todo mundo tímido hoje. O nosso programa prevê mudanças na organização da produção, na matriz tecnológica e nas relações humanas. A gente tem chamado de um programa cultural. Podemos afirmar que é uma proposta de mudança na própria concepção de desenvolvimento. E com essas duas questões, Neném, se você puder fazer as considerações em relação a ela. Desligou a câmera, não era para ter desligado não. Tava bonito o. O Jade o que aconteceu? E é, eu acho que esse povo nosso tá como a gente chama lá no nordeste: vaca ruim, escondendo leite, viu? Ninguém quer falar, ninguém quer, né?

Mas assim, trazer essa questão, eu acho que uma, essa questão da Juventude, a gente tava debatendo agora e o nós temos de várias reuniões, das tempo de pandemia, com a juventude e inclusive não, porque eu sou jovem assim, então Jovem é, porque a juventude tem debatido questões fundamentais que eu acho importante, a juventude está debatendo sobre políticas públicas no campo para a juventude, a gente, isso é fantástico. E aí diz, vó, vamos fazer um PL.

Aí elas me perguntavam, né, será que sai um projeto de lei com essa conjuntura? Eu não saio, mas nós fica preparados para quando tiver, Papito vai fazer, nós já temos o nosso pleito pronto. Então assim, a gente fez isso baseado no que foi o PL 735 da Agricultura Familiar, que a gente deve até, inclusive, que as mulheres tiveram uma ação muito boa, que construíram política, propuseram políticas públicas de crédito, uma visão muito boa, bem legal assim, e todo mundo começou a debater e discutir.

A mulherada discutindo isso aí, o fogo e começou a debater esse processo também de produção na da Juventude, mas mais que isso, as grandes demandas hoje que a juventude apresenta é o domínio do processo das políticas públicas e o controle das políticas públicas, saber que políticas públicas é necessário e viável para o campo. Portanto, eu preciso

saber, mas mais que isso, eu preciso elaborar sobre políticas públicas para a juventude, a juventude precisa de domínio.

Sobre isso, e essas políticas públicas passam pelas políticas agrícolas, seja de crédito, seja de abrindo os três, seja de comercialização, os vários tipos de políticas que a juventude possa ter acesso no campo produtivo, mas passa também pela política, no campo da Cultura, a juventude quer discutir é pública para massificar o processo da cultura no campo e do carro, como que é isso, a nós temos tido, por exemplo, o exemplo disso com qualquer pouco apoio Que a gente tente nos estados as manifestações culturais junina na região Nordeste, você como a gente tem fica bonito todos os assentamentos e comunidades manifestando esse processo a tem muita industrialização tem muitos que são, não sei mas, Juventude estará construindo, debatendo, enfrentando, inclusive, competindo, disputando e disputando na cidade com uma ideologia política que é importante por cento quando uma quadrilha vai porque o Rendimento exige que aquele A Quadrilha ela tem que ter tal comportamento de roupa tal, mas ela vai para lá e vai competir com uma ideologia política de mostrar, inclusive, trazer elemento da defesa da reforma agrária, isso é construção e é importante que esse acesso tem é, mas a juventude também tem trazido.

Uma demanda muito grande, inclusive, que a gente tava discutindo agora no campo das áreas da formação, a formação política mas formação técnica, a gente tem avançado. O MST avançou muito na formação técnica durante uma estante tempo, mas nós tivemos talvez um grande problema que eu acho que a gente tem que aproveitar mais sobre isso. A gente tinha muito limite de indicação de jovem para para fazer um curso técnico e político. Porque a gente já vi aquele técnico dentro das nossas áreas e não como que ele iria ajudar na classe trabalhadora do ponto de vista geral, então e aí terminava de nós não vou mandar tá o jogo porque vai que ele não volta para cá então a gente terminar às vezes tinha muitas vagas ver uma acesso a gente tem massa e ficado muito curso do proner em várias áreas, mas a gente se limitava com medo de não ter uma boa CPB como um conjunto de outras coisas, a gente não conseguiu massa e ficar muito os vários outros tipos

de cursos técnicos. Nós fizemos um curso de serviço social, nós fizemos dois cursos, um curso médio, o jornalismo caseiro.

Poderiam ser feitos muito mais cursos nesses Campos nessas áreas para a gente está hoje a divulgando e nunca conseguimos um curso na área, a não ser cursos mais e cursos técnicos de nível médio. Mas poderíamos ter massificados curso técnico de nível médio na área da saúde que hoje estaria ajudando a gente e muito na atual conjuntura que a gente tá, não estivesse formado os agentes populares de saúde como nós agora por conta dessa demanda. Tá no tendo mas são vários os níveis de fundos, mas os jovens hoje eles precisam, principalmente na área da informática e a gente sabe como isso tem é fundamental que a gente tenha domínio sobre isso, né? O Domínio das redes sociais da internet, dominar esses vários Campos aí que é uma grande demanda hoje que a juventude está apresentando como principal elemento.

Uma das coisas é que é preciso que como a gente fez no debate da Educação do campo é importante que a gente passa no Debate também o Sheik em todos os lugares que a gente também tem a políticas públicas de acesso à comunicação à internet nos nossos assentamentos, nas comunidades, nos territórios, para facilitar inclusive o debate ao estudo, aprofundamento e o que nós estamos tendo hoje a gente sabe que quando a gente tem população que dão mais perto da cidade todo mundo consegue acompanhar uma reunião quando a turma tá mais longe, por exemplo, eu tenho picado agora em algumas reuniões de direções estaduais online. E aí as companheiras quando tão mais os companheiros e Companhia, quanto tão mais longe das cidades a internet é muito ruim é muito fraca não consegue acompanhar quando começa a chover cai tudo e aí a turma perde o contato, perde o acompanhamento da divulgação sobre isso por tantos vários outros tipos de cursos ainda se mantém os cursos nas áreas produtivas de agronomia de técnico em agroecologia de educação mais avança muito a necessidade da formação nas áreas culturais, nas horas, o momento sociais e também nas áreas da comunicação e da saúde, que são os elementos que mais têm também trazido a Jade traz umas questões que é fundamental.

Eu acho que o programa e o Fábio coloca aqui de internet tem que ser usado nosso interesse. Pois é, todo tipo de políticas e de conhecimento tem que ser usado no nosso interesse, mas, para isso, a gente precisa conhecer, se a gente não conhece, como que a gente domina, já dizia o dia, né? Precisamos dominar a técnica para que a gente possa iluminar o mundo como classe trabalhadora. Bom, então a Jade traz essa questão da Cultura, eu acho fundamental a gente debater sobre isso, porque o programa cultural que tem se debatido no MST busca com que o programa Agrário da reforma agrária Popular ele seja o Programa cultural, assim como programa Agrário do MST, deve ser o programa de produção do MST, o programa agrário.

O MST tem que incorporar todos os elementos e as ações da cultura para que ele se transforme de fato em uma mudança cultural do nosso povo. Não só no campo das festividades, mas nós também temos que aprofundar a história da cultura alimentar. Mas também temos que mudar a cultura, esse processo que foi transformado em nosso da cultura de como a gente vê a questão ambiental, de como a gente vê a questão da natureza e como a gente vê ou todas as questões relacionadas com o nosso meio. Vamos ver como questões também cultural mudar esse o que a gente tem a partir dessa concepção que a cultura está no jeito da gente guardar, da gente armazenar e da gente distribuir no jeito de plantar. A gente essa é a questão cultura e das regiões é fundamental.

Por exemplo, eu morei no Ceará a vida toda e agora estou com o tempo que tô aqui em Brasília e quando eu fico vendo o que a gente sente quando vem chuva lá no Nordeste é diferente, a gente sente quando vem chuva aqui. Apesar que eu tô sem muito quando vier a primeira chuva aqui em Brasília, vai acabar com a sequeidão aqui e aqui de Brasília, mas a referência que a gente tem de chuva, pessoalmente, a região semi-árida é totalmente diferente, quizer.

Quando você vê aquilo, você já tem uma relação do sentimento cultural de festa, de alegria, sabe, de ter todo aquele a concepção. Então, conforme seja as regiões que têm os seus costumes, as suas tradições, as suas vezes, ela é importante que ela seja vivenciada e que o assentamento ele precisa aprofundar, trazer para dentro disso, assim comecei, inclusive, na mudança do jeito de produzir.

A agroecologia é cultura. Esse é o formar hoje, por exemplo, criar o Mc durante bastante tempo e a gente dava a cultura da participação das mulheres, dos jovens, tá? A gente é muito muito comum essa questão de ser o que foi inculturado no nosso povo camponês presente essa cultura machista e como é que a gente muda esse processo para dessa cultura machista essa questão da participação das mulheres. Qual é a concepção, criando alternativa, inclusive, de debate, de música, de piadas, de poesias, que incorpore é esse protagonismo da participação das mulheres e que ele L mim esse processo do machista. Porque tudo que foi criado. Para incorporar essa lógica do Marxismo do da propriedade privada do capitalismo do patriarcado de todo esse conjunto de coisa, ele foi incorporada. E como eu obrigado. Como lei. Mas em tudo, na música, na poesia, na sabe, nas piadas, em tudo isso, ele incorpora esse processo da discriminação.

Portanto, agora, a gente precisa desconstruir isso, construindo. Uma cultura nossa e uma cultura popular, que pasta que vai partir das realidades locais de cada região e, portanto, não é o programa agrário do anesesia e ele não pode ser um programa que tá só escrito, tanto no campo da cultura como no campo da produção no campo ele tem que ser para além do que a gente tá fazendo. Mas ele tem que ser vivenciado fazer o programa, ele não pode ser rebaixado, ele tem que ser propositivo, mas ele também tem que ser acontecendo, tem que ser realizado, ele não pode ser só idealizado, sabe, ele tem que ser realizado, ele tem que ser prático e que possível acontecer nesse campo, o programa grávida mesmo,

ele tem que ser o programa cultural, mas tem que ser um programa educacional, tem que ser o programa produtivo. Com referência à agroecologia nos vários tipos de vivência.

Então, dessa nossa construção, isso, neném, é bom compras, não tem ninguém escrito, né? Vou ver aqui. Então, eu acho que é melhor você começar a fazer perguntas. Vou dar zero para esses alunos agora. Ninguém quer responder minhas perguntas. Vou fazer dois comentários aqui do chat. Se as pessoas também quiserem falar, quem à vontade. A Patrícia comenta, né, em cima da falar essa última fala que você fez, neném, que importante mesmo só fala sobre a questão cultural precisa ser respeitada e cultivada uma cultura popular. Obrigado, neném, pelas colocações e provocações.

A Fabiana pergunta, "Oi, e a gente aqui da cidade como cooperar com o MST e na transformação e a Europa escrita assim quando ela, quando ela consegui abrir o microfone." Ela fala, mas se você quiser, já fazendo considerações relação a essas duas fique à vontade, não quer ou não abre o microfone. Gente, em troca de você desculpa esfarrapada e é gente sobre, eu vou pegar essa questão agente tava debatendo, não sei se é em função das eleições municipais têm sido várias, baixo tá, um negócio meio louco, né, e debate sobre esse negócio das eleições municipais em ele marido muito isso e têm surgido várias discussões. Inclusive essa ela conseguiu abril tá me ouvindo vem herói faça agora é Ah não eu queria um pouco para neném fala sobre as nossas tecnologias eu acho que até com trás aí essa opção dança cooperação com a cidade, né?

É que eu queria um pouco acho que a gente trazer aqui a referência dos nossos projetos aqui no estado do Rio de Janeiro, né, com a Prefeitura de Maricá, né, pensando aí na projeção da nossa, né, desse o debate da reforma agrária popular e o nosso papel também quando MST, né, na contribuição na colaboração é o mais político mas pensando também nesse desenvolvimento das cidades da sociedade, né.

E aí, existe trabalhar a partir da concepção, então, da agroecologia, né? É de que ela é possível e, principalmente, eu acho que é um momento em que a gente mais se depara, né, com um projeto, na verdade, de trabalhar agricultura urbana, né, que a gente tem vindo trazendo e discutindo dentro, né, da estratégia do trabalho, das unidades por cobra ecológica em Maricá. Ela é agricultura urbana, né, então, isso ainda vem, por exemplo, trazer a juventude do Rio Grande do Sul para tratar aqui, que não tem essa, nessa terminologia, essa concepção, né, e as aqui a gente vai estar trabalhando nesse processo de formação.

Para gente, também é muito importante, né, de nós estamos nos abrindo para essa essas outros aspectos, né, do campo da cidade, os próprios agricultores urbanos peri-urbanos, né, os agricultores de vasos, agricultores, né, de das diversas formas de que existem. Acho que esse é um outro olhar que a gente também vai captando e a gente vai aprendendo. Água, acho que isso no processo agora mesmo da formação dos agentes populares, né, com a campanha Periferia Viva.

O quanto que nós aprendemos nesse nesse diálogo, né, aqui no estado do Rio de Janeiro. A gente tá com a informação dos agentes populares, né, na do Cerro Corá, que é uma comunidade, né, e agora a gente vai entrar em Manguinhos, são unidades mais e que a gente às vezes tem essa dificuldade do diálogo mesmo, né, como é que a gente vai discutir aqueles problemas, né, junto com. E aí tem que ser junto com eles porque a gente não conhece as tecnologias, né, e chegar o MST também, né, como é que vai ver se chega um processo de formação de, ou seja, isso é a gente, né, isso passou também nos projetos de vinculados à produção agroecológica em Maricá, né, e pensar o que que a agroecologia, o que que é agroecologia agricultura ou, né, não é praga urbana, mas como é que a gente discutir essa outra formação, né, os jovens que saíram Lago educados e ela direto para cá para discutir abre a ecologia, chega aqui acha que vai encontrar um mundão, né, e é um

mundinho de 400 metros quadrados em que a gente tem que produzir, né, aí a gente produz alimentos lindos, maravilhosos, o rosa, né, que são aí é do Asus, né.

E a gente tem também agora esse outro desafio que é atuar juntas as unhas da Asus, né, com formação dos agentes populares. Acho que isso vai trazendo para trazer para gente a esse aprendizado das nossas tecnologias e também a gente está beijando a cada vez de lado esse recorte, né, o campo e a cidade, né? Gente tá muito nesse limite. Na verdade, existe a nossos, as. Não, na verdade, não existe esses limites em alguns momentos aqui no nosso caso do Rio de Janeiro e de outros locais e que nós somos estão juntos, né, que não dá. E aí a gente não consegue às vezes dialogar porque as nossas linguagens, né, não chegam aí a tantos, né, nos informar era mais isso, né, vão te ver.

Oi, Andreia, mais alguma coisa ou? Eu não lembro se você comentou serão conta da não tem umas questões aqui então vou para elas. Tá, aproveita, então, se você puder fazer aqui estão comentando sobre a importância dessa relação, né, com os produtos do MST, importância da cesta dos armazéns do campo. A gente também colocar alguns apontamento em relação a essa relação nos espaços, que é também uma relação de comercialização. Que há também um espaço de fazer esse diálogo sobre a importância da reforma agrária popular. É exatamente isso eu quero essa questão que traz como como contribuir com anestesia são várias formas de pergunta e como é que a gente contribui com eles e com a transformação. Eu acho que e contribuir com a mesquita em alguns elementos ou a gente entra nele né. Eu quero fazer parte do movimento então fora eu quero ir quero contribuir com a pensei que era ser militante da Meester.

Aí, eu vou para uma escola para o sei lá produção, vou com acabamento, vou ser militante do MST e, portanto, eu quero. Aí, eu vou me jogar nos princípios do movimento. Não, eu tenho minha vida, tenho a minha loja, mas eu quero ver como é que a gente contribui.

Então, a gente tem que ir para a luta da classe trabalhadora. Então, o melhor espaço, o nosso, é a gente se tomar nos processos de luta que tem nas comunidades, tudo mais. E agora, nós a contribuir com o MST, com transformação, a gente precisa contribuir com o processo organizativo.

Eu, a gente tiver aí, eu dou numa comunidade, eu tô numa escola, eu tô na em qualquer espaço. Então, eu preciso contribuir, e eu posso contribuir com esse processo organizativo. Olha, como eu ia falando, voz de bastante sentido. Agora, eu tenho tido muito isso, como é que a produção do Mc chega até as comunidades. Porque, como ela vai para o armazém, é muito caro, é vai num processo no elemento maior como.

É que a gente faz com que a produção chega aqui, pegando o problema do Arroz, né? O arroz orgânico agroecológico, a ele tá mais barato quando do Mc, do que que tá no mercado. Eu coloco, mas ele está ainda é muito caro para a necessidade do que o povo precisa em algumas questões que a gente tem que colocar dá. Exatamente isso, a gente precisa, uma das coisas é organizar processos de consumidores e para baratear o custo da produção e fazer com que essa produção chega até as pessoas é preciso a gente organizar cooperativas de produtores em só.

Consertei o volume de produção grande quando a gente tem cooperativa, quando a gente tem que operação individualmente, ninguém consegue ter volume de produção porque a gente não é o agronegócio, a gente não é uma empresa produtora. Portanto, a gente só tem volume de produção e com o maior possibilidade de chegar inclusive no espaço de comercialização quando a gente tem organização de cooperativas ou de associações de grupos produtivos. Só que, quando chega na cidade a comercialização, a individual, as pessoas estão individualizados. E aí, a gente precisa construir esse espaço e aí é o Mc que

tem que construir possível uma relação ou ir para o espaço que já tá construído para os outros componentes.

Inclusive das feiras, já tem alguém que ela só os Camponeses que organiza a feira na Cidade, não é a população a idade que senti a necessidade de se organizar para adquirir esses processos. Por exemplo, eu não te bati. Nossa, eu volto aqui de novo, gente tava conversando se a gente tivesse galpões. Pois é, de outras organização do Sindicato de outros movimentos nas periferias das cidades que ali a gente pudesse ter toda semana uma pera realizada.

Se a gente pudesse ter não sede das igrejas mais parceira nossa, que pudesse ceder ali pra gente ter feira todas as semanas porque nisso motivava o nosso corpo a produzir e possibilitaria a população da cidade comprar um produto mais barato porque aí já tava mais próximo já tava ali sem precisar ir diretamente para essa loja então era isso nós precisamos também criar uma forma de organizar o processo de consumidores mais conscientes de consumidores mais organizado.

A América Latina já tem essa experiência que organizam cooperativas de consumidores E essas cooperativas de consumidor organiza o espaço para que essa comercialização Sheik por exemplo não precisa o trabalhador eu que tô aqui na roça criando minhas galinhas né e eu vou atrás idade deixa aqui vou lá para a cidade vender meus produtos lá porque eu tô produzindo eu tô vendendo também mas que a gente tem espaços organizados de comercialização nas próprias Comunidades.

A gente vai lá entrega essa produção e as comunidades comercializa a gente vai lá para apresentar a quem são os Camponeses para discutir conhecerem todos esses passos que

tem mas não precisa todos os Camponeses um grupo grande está lá se a gente tem um processo organizativo Então se a gente consegue organizar desde as periferias desde as comunidades mesmo nesse espaço que a gente possa organizar o processo de comercialização ou que a gente chama de distribuição dessa produção através da comercialização.

Através disso a gente quebra grande parte do que é uso e os atravessadores ou os mercados que vão a frase e a gente motivaria também por outro lado dos trabalhadores do MST a produzir de nós tem muitos assentamentos hoje próximo da cidade a gente poderia estar produzindo verdura poderiam estar produzindo.

Bora seguir inclusive que chega em Natura todo dia poderia estar chegando e a gente não consegue ter, porque a gente não tem esses espaços organizado a gente não consegue também organizar Eu Gosto muito dos e colocou que a gente precisa quebrar com os preconceitos terminologia a gente precisa inclusive nos preparar e nos formar mais para trabalhar com esse elemento da Agricultura mais Urbana dessa relação maior passar a gente tem falado muito uma relação com a sociedade Mas tem sido relação mais eventual.

Eu acho que o exemplo do Periferia Viva, o Irmão, o exemplo dos vários momentos de solidariedade, de construção que tem sido feito durante essa pandemia, nos ajudou a ter uma compreensão maior do que é isso, o que a gente precisa, e está mudar o nosso jeito de ver, divisão de compreensão sobre isso. Nós, lá em nosso Centro de Formação em Fortaleza, é muito vizinho a uma comunidade e uma qualidade que tem muita que ele e pessoal free muita violência. E aí, interessante como o nosso Centro de Formação, ele nunca foi pichado.

Ele tem um muro extenso grande e tem muitos outros muro das outras casas ficam pichado, e o nosso muro nunca foi. E não é pelo fato só de ai porque tem uma Não a câmera não pega tudo isso porque ele está muito próximo, e quando a gente começou os trabalhos, nossa primeira reunião quando a gente não tinha o Centro de Formação, nós fizemos no centro comunitário da Comunidade.

Oi, e a comunidade inclusive recebeu a gente. A gente teve muito debate, tinha muita gente que tinha muita preocupação, então para nós saída de fazer as reuniões lá dentro, só que a gente tinha uma relação bem próxima com essa com essa questão da comunidade e todas esse esses passos que tem ali e eles passaram então a nos respeitar porque a gente respeita eles nos seus seus espaços, nos seus territórios, e nas suas na sua vida ali que tá vivendo.

A gente tem que acabar com essa história que a comunidade aqui provoca a violência, toda violência que as comunidades sofre, elas vêm de fora para dentro, elas foram motivadas. Por que foram legado os seus primeiros, a primeira violência que as comunidades das periferias sofre é não ter como nós também sofremos é quando é negado. Todo o espaço que a gente tenha direito, a casa para morar, a trabalho, a educação, a saúde.

Então, esse direito o que é negado pra o nariz urbana que é negado também para nós sair guerra do campo e esse processo todo nos cria esse processo da aproximação, somos todos explorados, violentado pelo mesmo sistema então é preciso mais o como a gente não se prepara e não conhece não a profunda muito isso terminando tendo ambos preconceito de um campo de outro e que botar que é preciso a gente nos nossos cursos trabalhar essa relação.

Eu acho que a partir de agora essa pandemia nos orientou também que no nosso curso vai ter que ter sempre esse trabalho de aprendemos a nos relacionar com os que são diferentes do nosso jeito de viver é preciso que a gente de fato tenha esse aprofundamento, vai ser difícil não vai ser fácil lidar inclusive com os nossos mais velhos mas com os nossos mais jovem eu tenho certeza que a gente é possível de construir esses processos.

Muito bem, neném. Vou fazer aqui mais um bloco de duas questões e aí já é o nosso último bloco. Peço para que se alguém quiser fazer alguma questão, é agora o momento, né? Que a neném já aproveita e responde nesse bloco. É bom. O Elvis pergunta: qual o grande desafio hein, se difundir a ideia de uma reforma agrária popular dentro de uma sociedade tão engessada na ideia de que reforma agrária é apenas sinônimo de dar terra? A segunda é: como o período de pandemia tem auxiliado no processo de reprodução de valores, vivências e até sabores do MST na construção de uma militância mais forte e mais engajada? Bom, então são essas duas questões, neném. Se você já pode fazer considerações em relação a elas.

Não vi ninguém escrito, então o André e amiga entendeu tipo aí me coloca aí a última que eu tava voltando a primeira, não peguei a último. E como o período de pandemia tem auxiliado no processo de reprodução de valores, vivências e até sabores do MST na construção de uma militância mais forte e mais engajada. Bom, então essas bolsas e aqui ó o ok, então eu quero um começar por a última e vou fazer.

Talvez uma nós, como que a pandemia, ela tem contribuído academia, ela tem dificultado muito a nossa vida. Como eu não sei, eu acho que antes de pegar como ela tem contribuído, dizer que nós temos sofrido muito com a pandemia, primeiro, porque a nossa relação é uma relação direta com a base, uma relação direta de trabalho de bases, uma relação direta da convivência com essa base, inclusive nos vários espaços, tudo isso e é uma é

uma a nossa relação também uns com os outros, tanto com dirigente com coletivos, com todos os países e uma uma relação de muito próximo de muita proximidade, muito de muito afeto demo tudo isso me diga que a gente se isola e a gente não consegue criar, nós temos tido muita dificuldade e no processo uma relação a base

Eu estava agora de manhã ouvindo de um acampamento e não só isso mas é assentamentos. Nós também que que o acho que o mais grave da pandemia é o pandemônio né com a gente coloca que é essa política de avançar dentro da nossa área para nos destruir por dentro.

Então nós estamos com processo muito grande isso então só para vocês terem uma ideia tem um acampamento nosso que tá com risco de despejo e foi um cara ultimamente sei lá de onde que foi para dentro do acampamento. Eu tinha vaga no acampamento terminar fazendo todo uma discussão e chega esse rapaz lá esse senhor que se assenta lá tá e a gente necessita de base e chegasse a pessoa estava sem muito aprofundamento o que que acontece agora ele tava com esse risco de despejo e o problema dizendo que tinha que amarrar os dirigentes lá dentro porque já pensou olha só concepção até que isso que resolvesse a situação e ele ficou colocando tudo isso porque o MST tava tendo problema e não ia resolver então tinha que se afastar da Nestlé para receber colher olha olha só essas concepções de alguém que chega de fora que entra dentro das nossas áreas e cria e por a gente não tá ajudando acompanhar a coordenação dos assentamentos nessas dos acampamentos nessas áreas mais difícil termina tem de infiltrações dentro e trazem para nós. Essas o raças dentro do assentamento que tem de gente tentando comprar lote de policial de não sei o quê para entrar dentro para que para tentar nos dividir pela base e nos dividir a criar é tentar jogar base contra o MST.

O quê que eu quero trazer com isso, que dentro da reforma agrária popular o principal nosso é esse trabalho de base, e a formação constante com a nossa base. Então nesse caso a Vânia trouxe um grande problema para nós que foi essa dificuldade direta do trabalho de base e como a gente tem essa grande eficiência na comunicação de sua internet de inclusive energia elétrica nos acampamentos como todos e tem possibilidade de comunicação tem sido muito difícil esse diálogo direto com a nossa base e somente com essa base mais a campanha é de estrutura e portanto nós estamos tendo é dificuldade de é nesse processo de controlar de, acompanhar o tanto importante tem assentamento que é preciso a gente de fato agora que tá diminuindo já começar a fazer os trabalhos de base mas o que que tem de fato o que que é pandemia tem nos colocado como oportunidade eu acho que em todo momento difícil surge então a possibilidade da gente aprofundada a gente estudar da gente identificar o que que a gente pode fazer para avançar e esse é um dos períodos.

Então, o que surgiu para nós, que eu acho que foi acertado como é essa história da gente apresentar a solidariedade de classe e essa a solidariedade como um princípio da classe trabalhadora e um princípio humanista e socialista a gente ser solidário com os outros e sensualidade ário apresentando a alimento mas mais que isso apresentando apoio e apresentando o que é possível e a partir daí a gente nunca viu desses a gente teve uma entrevista com o Estadão que foram discutir com Professores sobre a história da Solidariedade e os professores e não você tem que ouvir uma Nestlé você tem que eu ver mais tempo tem que eu vi então quem tá fazendo então e eles Depois vieram e e A grande questão que os professores colocava era ninguém viu agronegócio fazer nenhuma doação ouvir empresas que fizeram doação de produtos que a Globo anunciou que a Eliane você se chama solidariedade s.a. mas é diferente o que a gente leva o que a Gente não tá levando o acúmulo daquilo que a gente explorou dos outros mas não estamos levando um pouco do suor dos outros para levar a nossa consciência nós estamos indo doar aquilo também que a gente tem da nossa comida para dividir e com os outros.

Por outro lado nós queremos também dividir a luta EA vida com os outros por isso que a gente também a medida que vai fazendo doação e levando sempre uma mensagem uma conversa mas também conhecendo quem são pra gente tem futuro trabalho de base e ter futuro trabalho de base não só para as ocupações de terra mas inclusive para o processo de organização das Comunidades o tanto esse elemento da gente fazer doação de identificar de fazendo a possibilidade que é possível inclusive retribuir para a sociedade o que sempre nos recebemos quando fazemos os nossos acampamentos e eu acho que por outro lado também surge inclusive apresenta que a nossa militância tem que estar mais preparada para realidade eram colocou Então eu acho que a pandemia nos coloca o que a gente precisa estar mais conhecimento na área da informática na área das redes sociais na área da comunicação virtual na área dos trabalhos virtuais do aprofundamento no geral.

Mas, acima de tudo, também na área das leituras do aprofundamento de que material inclusive de curso de informar e tentar não ficar tão isolado diante disso como a gente entende de ficar tô em casa mas não em silêncio e ficar em casa mais trabalhando mas produzindo inclusive para alimentar para aqueles que não não podem caindo e infelizmente denunciadores e temos uns a voz não atende denuncia anunciado dessa política de mostra que a gente sentido no Brasil é a última questão aqui que é como quais são Grande Desafio de defender uma reforma agrária Popular O grande desafio é a reforma agrária Popular ela só se realizará plenamente numa sociedade diferente ela não se realiza plenamente numa sociedade capitalista como aqui nós estamos vivendo ela se realiza numa sociedade e socialista portanto todas as experiências que a gente colocou de reforma agrária Popular que se realizaram plenamente pois sociedade já socialista portanto os grandes desafiam.

Exatamente isso como que nós enfrenta a privatização da terra que vem aí com o processo de titulação que querem titular privado a nossas terras, para que possibilite com que a privatização leve as nossas terras qual o mercado e por nós temos que garantir o título da Posse que as pessoas tem que ter o seu direito da terra segurado mas como posse legítima

a garantia sobre isso mas esse é um debate que tá e nós estamos numa sociedade que não quer que não quer nem falar em reforma agrária.

Esse é o grande debate nós estamos numa sociedade que do seu ponto de vista foi tão discriminado, foi então criado o preconceito quanto à reforma agrária que não quero nem distribuir terra Quem é E aí a gente a nossa grande dificuldade é fazer com que a sociedade compreenda que se para produzir comida não é distribuição de veneno distribuição de terra para se produzir comida não é o agronegócio que produz a prova tá aí. O agronegócio Brasil um dos maiores consumidores de veneno maior concentração de terra com 270 bilhões de reais investidos no agronegócio sem recursos para agricultura familiar como todos e nós estamos sendo o maior o aumento do preço da comida o desabastecimento o conta da necessidade então da gente não não se investir na reforma agrária e se investir numa política e tal e aí o risco da do Brasil levar o milho para fora e agora importar milho bem mais caro do que que foi dizer e importa com benefício da Lei Candide e vai e a exporta que o benefício da Lei Kandir e vai importar com o preço do do e na para vir para cá e portanto nós vamos ter milho muito caro que vai afetar a vida do resto da alimentação todo a galinha o gado os animais.

Então precisa para isso então nós temos um risco do desabastecimento do preço exatamente por um país que não contribui e que tem implantado na cabeça da sociedade do povo que a propriedade privada é acima de tudo o que se deve se manter no Brasil portanto e a nossa luta é constante e permanente na defesa da reforma agrária.

Mas acima de tudo esclarecer para a sociedade que a reforma agrária não é tomar e a terra de ninguém é dividir aquilo que foi tirado de nós como direito como garantir que tá lá na Constituição Federal que eu também é importante a gente cheguei com esse processo do esclarecimento mas a gente só fala com quem quer ouvir e as pessoas só escutam quando

verem resultado quando verem na prática que é possível então e que a reforma agrária resultado Porto a reforma agrária Popular tem possibilitado uma maior abertura Nossa inclusive com a sociedade porque a gente tem avançado no processo de produção de comida e que tem que deixado isso como um elemento Claro e orientador para todos os nossos processos aí ó e quando eu tenho garantias você é maravilhosa palavra

Pré-aula 1

Olá, sejam bem-vindos à nossa aula sobre o primeiro módulo: Economia Política e Agricultura. Meu nome é Antônio Ivoneide, mas todos me conhecem como Neném. E hoje nós vamos estar tratando do processo histórico da reforma agrária e os desafios atuais da luta. Mas o que é Reforma Agrária? Quando falamos em reforma agrária, o primeiro pensamento vem à distribuição de terra. De fato, isso é parte da reforma agrária, mas é mais que isso. É uma transformação do campo em que grandes propriedades concentradas na mão de um único proprietário são distribuídas em várias propriedades ou posse para camponeses que precisam e querem trabalhar na terra. Quais são as formas de distribuição de terra? Bom, temos três formas mais conhecidas mundialmente. A primeira forma trata-se da distribuição massiva de terra. A segunda, sobre distribuição de terras do Estado. A terceira, sobre a distribuição e aqui não cumpre a função social. Entendendo mais sobre essas formas, a primeira trata-se da distribuição através de desapropriações ou expropriações de grandes latifúndios e distribuída massivamente para os camponeses. A segunda trata-se da distribuição de terras do estado, seja ela pública ou de voluta, através de um processo de colonização ou de reforma agrária por interesse social. A terceira trata-se do processo de desapropriação de terras que não cumprem a função social. Essa última é a forma mais comum utilizada para a construção dos assentamentos no Brasil. Mas o que é uma terra ou uma propriedade que não cumpre a função social?

Segundo o artigo 186 da Constituição Federal, a propriedade para ser produtiva precisa cumprir simultaneamente quatro fatores: O primeiro é que a propriedade cumpra racionalmente um e produtivo da sua área. O segundo quer utilizar adequadamente os bens da natureza. Ou seja, que ela respeite o meio ambiente. A terceira é que respeite as leis em que se refere o direito trabalhista. A quarta é que ela seja explorada satisfatoriamente para que tanto o proprietário como os trabalhadores possam viver bem nessa propriedade.

Qual o tipo de reforma agrária defendida pelo MST? Qual a forma de distribuição de terra que é necessário para atender à realidade do Brasil? Segundo pensa neste primeiro, nós estamos defendendo uma reforma agrária Popular que seja para além da distribuição de terra ou simplesmente na mudança da estrutura fundiária do país ou seja uma reforma agrária que seja defendida pelo povo. Precisamos entender as experiências de reforma agrária que aconteceram ao longo da história. A primeira experiência que vamos tratar trata-se da reforma agrária clássica ou reforma agrária burguesa.

Essa reforma agrária era aconteceu nos meados do século 17 e século 18 onde procurava resolver de vez todo o resquício deixado pelo feudalismo na mudança para o capitalismo. Porém esse era o período em que o capitalismo não passava por um processo de transformação de capitalismo comercial para o capitalismo industrial em que grandes massas das populações imigradas então para a cidade para trabalhar nas indústrias. Portanto a reforma agrária precisava atender duas demandas principais: A primeira que era produzir alimento para essas massas urbanas a segunda era produzir matéria-prima para atender as necessidades da indústria.

No entanto, essa reforma agrária também atende à necessidade dos camponeses durante todo o processo histórico, que era ter um pedaço de terra para produzir e principalmente tornar-se consumidor de bens industrializados. Outro tipo de reforma agrária que também aconteceu no mundo são as reformas agrárias nacionalistas. Esse tipo de reforma agrária aconteceu principalmente no México, no Peru e na Guatemala. Outra é a reforma agrária chamada anticolonialista. Elas tinham como função tomar as terras que eram de colonizadores e transformá-las em reforma agrária, distribuindo para os camponeses. Aconteceu principalmente no Haiti, no Uruguai e no Paraguai.

Uma outra experiência de reforma agrária é uma reforma agrária de transição. Essa reforma agrária aconteceu principalmente nos processos revolucionários, principalmente em Cuba, no Vietnã e na Nicarágua sandinista. Há também a reforma agrária popular socialista que aconteceu após o processo revolucionário, que expropriava as terras dos fazendeiros e distribuía para os camponeses. Esta reforma agrária aconteceu principalmente durante os processos da Rússia, China, Coreia do Norte e Iugoslávia.

No Brasil, como se deu o processo da reforma agrária? Primeiro, podemos constatar que no Brasil não houve uma reforma agrária de fato. O que aconteceu foram fatos e processos que se aproximaram do processo da reforma agrária. Um outro momento foi durante os anos 50 da possibilidade de ter uma reforma agrária clássica, quase. Porque a reforma agrária no Brasil não deu certo. Primeiro, porque nunca houve o interesse político da burguesia nacional de fazer a reforma agrária. Segundo, porque sempre tivemos uma indústria e uma economia dependente. Terceiro, porque houve uma aliança entre a burguesia industrial com o latifúndio atrasado, transformando-o assim no agronegócio, modernizando a agricultura e avançando no processo do capitalismo no campo. Esse processo de avanço do capitalismo no campo tem impossibilitado e modificado de fato a luta pela reforma agrária. Portanto, agora precisamos incorporar os novos elementos nessa luta pela reforma agrária.

Primeiro, a agrária popular. Nós queremos que ela seja uma reforma agrária que se desenvolva a partir do entorno do território, não só numa disputa por terra ou em mudança da estrutura, mas que ela seja defendida por todo o território. Segundo, que ela tem uma defesa também da população urbana de toda a classe trabalhadora, ou seja, uma reforma agrária que atenda à necessidade da população brasileira. Um outro elemento importante dentro dessa construção da reforma agrária popular é que ela precisa fazer uma aliança com todos os camponeses do campo, fazendo assim um processo de articulação na defesa do território dos povos. O terceiro elemento é que a reforma agrária seja uma reforma agrária de luta contra o capital e que, portanto, precisa se somar também com as

populações da cidade para atender às suas necessidades. Uma delas é produzir alimento saudável acessível para toda a população.

O quarto elemento é que a luta por reforma agrária também se soma ao interesse da classe trabalhadora, ou seja, todas essas lutas que se somam contra o capital na defesa de uma sociedade mais humana e humanitária. A nossa proposta de reforma agrária é uma proposta de reforma agrária que possa unir o campo e a cidade, que possa trazer também defesa da semente, defesa do meio ambiente, defesa de tecnologia e defesa de educação de qualidade, tanto para o povo do campo como para a população das cidades.

Concluindo esta aula, podemos afirmar que os processos históricos de reforma agrária que ocorreram em todo o mundo não se aplicam à realidade brasileira devido à sua forma de organização do território desde o início do seu descobrimento. É imperativo que organizemos a população de forma eficaz para a construção do processo de reforma agrária popular neste país. Muito obrigado e até a próxima aula.

Pré-aula 2

Olá! Sejam bem-vindos à nossa segunda aula sobre os princípios da reforma agrária popular. A reforma agrária popular defende oito princípios básicos. O primeiro princípio trata-se da democratização da terra, compreendendo a terra como um bem da natureza e tornando-a acessível a toda a população. Como vimos antes, a função social da terra tem quatro elementos principais. O primeiro é a produtividade, então temos que produzir na terra. O segundo é respeitar o meio ambiente, toda a sua relação com a natureza. O terceiro é respeitar os direitos dos trabalhadores. O quarto elemento trata-se de garantir que tanto os trabalhadores como os proprietários da terra ou posseiros possam viver bem nesta propriedade.

No caso da reforma agrária popular, a função social da terra diz respeito à questão da produção e produtividade. Ela tem a ver com a produção de alimentos saudáveis. Toda a terra conquistada pela reforma agrária deve cumprir uma função para quem trabalha na terra, mas também para quem habita na cidade. Nós precisamos levar em consideração que esse alimento deve ser saudável, ou seja, deve ser produzido de forma agroecológica, respeitando a relação com a natureza e também a relação social entre as pessoas. Esse alimento também não pode ser caro, pois a população precisa consumi-lo. Portanto, devemos garantir processos de comercialização direta com essa população.

Ao pensar na reforma agrária popular, não podemos dissociá-la dos direitos sociais do povo: direito à alimentação, direito à saúde, direito à moradia, entre outros. Esses direitos estão diretamente vinculados a um processo de reforma que garanta os direitos dos trabalhadores do campo em relação direta com os direitos dos trabalhadores da cidade. Temos bandeiras de luta em comum que nos unem, tanto o povo da cidade quanto o povo do

campo, nessas lutas. Além do direito à terra e à comida, também temos o direito à moradia, à saúde e vários outros direitos fundamentais da população.

A terceira diretriz da reforma agrária popular está vinculada aos bens da natureza. Primeiro, temos que conceber os bens da natureza como a serviço da humanidade e não como uma mercadoria. Ou seja, devemos garantir que os bens da natureza estejam a serviço da população, mas para isso, precisamos compreender que os bens da natureza precisam ser cuidados e preservados para as gerações futuras. Nós precisamos pensar que os bens da natureza não podem ser destruídos agora; eles precisam ser multiplicados e conservados para toda a geração futura com um processo de sustentabilidade.

A quarta diretriz trata da energia. Nós devemos pensar no processo de soberania nacional e popular sobre a energia, pois a energia hoje está controlada nas mãos das empresas privadas, principalmente das empresas internacionais. Nós precisamos que as energias sejam utilizadas, mas também controladas como forma de preservar, mas também de garantir a sustentabilidade energética para todas as comunidades e para a população das zonas urbanas.

A quinta diretriz da reforma agrária popular trata da questão da educação e da cultura. Nós defendemos uma educação pública e de qualidade que esteja sob controle da classe trabalhadora e que esteja acessível tanto às comunidades urbanas periféricas quanto às comunidades mais distantes em todo o território brasileiro. No que se refere à cultura, nós queremos promover e garantir uma cultura popular, uma cultura a que o povo tenha acesso e que o próprio povo possa fazer. Nós queremos que tanto o conhecimento do ponto de vista da formação e da capacitação, quanto do ponto de vista cultural, seja garantido a todo o povo de forma controlada, garantindo e acompanhado pela população. Nós não queremos uma indústria cultural e muito menos uma concentração dos processos de

conhecimento, de educação, dos meios de comunicação e do processo cultural como um todo. Nós queremos, de fato, que tanto a educação, a cultura e a comunicação sejam de acesso à população e que ela seja comandada de forma popular.

A sexta diretriz está relacionada à produção. Na reforma agrária popular, ela é pensada como a produção de comida. Como mencionado anteriormente, o processo de produzir comida está diretamente vinculado ao que produzir e para quem produzir. Portanto, o processo de produção está voltado para produzir alimento saudável, respeitando a prática agroecológica. Essa produção é destinada tanto às famílias que moram e trabalham no campo quanto às populações urbanas.

Nossa produção deve ser organizada e planejada de forma a atender às necessidades tanto da população interna quanto da população externa que está na cidade, garantindo o direito fundamental à alimentação. A produção também está fundamentada em um processo de cooperação e intercooperação. Precisamos garantir um amplo programa de cooperação nos assentamentos, nas comunidades e em todos os processos dos territórios camponeses, bem como numa relação com o processo de cooperação na cidade. Devemos pensar que existem cooperativas de produção, cooperativas de consumo, cooperativas de comercialização, entre outros tipos de cooperativas, e que elas podem se interligar no processo de intercooperação.

A sétima diretriz da reforma agrária popular está voltada ao processo das sementes. Ela tem a ver com o processo de soberania alimentar. Ou seja, a semente é o elemento principal em um processo de autonomia de uma comunidade ou de qualquer camponês. Quem tem o controle da semente tem o controle do que produz, tem o controle da vida. Ele não precisa esperar pelo processo de distribuição, tornando-se dependente das grandes empresas manipuladoras das sementes. Nós defendemos que as sementes sejam um bem da

população, um patrimônio do povo a serviço da humanidade. Queremos autonomia para produzir, armazenar e distribuir as nossas sementes.

A oitava e última diretriz está diretamente relacionada com a política agrícola do campo, ou seja, diretamente com a relação com o Estado ou com os vários elementos da sociedade. Precisamos garantir que a população do campo tenha acesso à infraestrutura para que possa ter uma vida digna no campo.

Neste processo, soma-se também todo o processo de luta dos indígenas pela sua demarcação de terra. Trata-se do controle das comunidades quilombolas e de povos tradicionais. Ou seja, nós precisamos nos unir para garantir o direito dessas outras comunidades no nosso entorno, bem como para garantir a possibilidade de que os nossos territórios se relacionem e que nosso território tenha a capacidade de influenciar e agir em um processo de disputa com a sociedade. Ou seja, de disputar a hegemonia com o agronegócio, garantindo que nossos produtos e nossas ações tenham uma ampla relação e exceção nesses territórios nos quais estamos inseridos. Nós precisamos, de fato, garantir que nos territórios haja uma resistência ativa de todas as forças vivas que agem e interagem nesses territórios.

O nosso segundo fundamento está diretamente vinculado ao que nós discutimos na aula anterior, mas também em outros momentos dessa aula, que é a nossa relação direta com a sociedade. Nós precisamos criar canais de intervenção e diálogo com a sociedade. Esses principais canais estão vinculados tanto ao levar os nossos produtos para a sociedade, do ponto de vista da nossa economia camponesa, como também do ponto de vista das escolas do campo, dos festivais de arte e cultura, e de todos os processos que nos aproximem da sociedade.

O terceiro e último fundamento que estamos trazendo nesse processo é um processo de reforma agrária massiva. Esse processo de reforma agrária massivo está diretamente vinculado com todo o processo de relação com o campo. Precisamos do processo de distribuição de terra, mas nós precisamos também fazer com que os nossos assentamentos, acampamentos ou todo o processo que a gente tenha de acesso à terra na modificação da estrutura social do campo.

Portanto, hoje podemos perceber que a proposta de reforma agrária popular é muito além do que se fala na reforma agrária clássica, mas é também compreender que é um processo que já está acontecendo de certa forma em nosso território, de certa forma em nossas articulações. Ou seja, o processo de reforma agrária popular é um processo viável que tem a possibilidade de fato de a gente executar. Ele não é um processo de reforma agrária socialista, mas é uma transformação na sociedade. Muito obrigada e até a próxima aula.

Encontro 5. Agroecologia

Agroecology - Luiz Zarref

Pré-aula 1:

Olá, boas-vindas a esse módulo sobre a história da agroecologia. Eu sou Luiza, sou do estado de Goiás nessa primeira aula nós vamos trabalhar um pouco do processo histórico de formação da exploração capitalista na agricultura brasileira na segunda metade do século 20 para nós entendermos da onde que nós partimos com a construção da agroecologia. [Música]

E aí como já foi visto em outros momentos quando acontece o golpe militar no Brasil nós temos uma realidade agrária que é muito importante de ser compreendida. Qual é essa realidade agrária? Nós temos a expressão da Agricultura Capitalista no Brasil que é o latifúndio de uma forma atrasada e arcaica em decadência ao mesmo tempo nós temos vigoroso importante movimento popular de base camponesa que vai se expressar em várias organizações, as ligas camponesas o tabu máximo que ocupam todo o território brasileiro em que colocam em xeque, justamente as relações de trabalho impostas no latifúndio mas também no seu centro.

O que esse latifúndio vai produzir para o povo brasileiro? O Que? Riqueza! Riqueza não só econômica, mas riqueza de bens, de alimentação, de matérias-primas, e o campesinato brasileiro nesse período que vai do final da década de 40 até a década de 60, elabora uma série de projetos de programas de propósitos para tirar o campo brasileiro do atraso e construir uma outra perspectiva para o campo brasileiro com base na agricultura camponesa, o elemento central seria então a reforma agrária. O golpe militar que tem sua

articulação empresarial civil e militar ao ser estabelecido ele interrompe essa possibilidade de construção de um outro projeto para o campo brasileiro, embora nesse mesmo período e nós tenhamos ainda a criação do estatuto da terra que traz elementos importantes da função social da terra da realização da reforma agrária o golpe militar ele tem um lado... ele tem uma força motora dentro dele que é justamente a relação com o latifúndio.

Mas como que o golpe militar vai fazer para dinamizar esse latifúndio que estava decadente? Que tava atrasado? Tava aqui e aqui tá uma questão muito importante da nossa história recente no Brasil, os militares, o governo militar vai importar um pacote de tecnologias que já estava sendo produzido por uma série de empresas transnacionais na época que se chama revolução verde, e é esse pacote que vai ser introduzido no Brasil para tentar tirar o latifúndio das suas formas de exploração atrasadas... Que já foi visto em outros momentos... O que é esse pacote da revolução verde? Ele tem técnicas específicas, mas mais do que técnicas ele é uma forma de subordinação da agricultura a uma nova etapa do capitalismo, uma etapa industrial do capitalismo, principalmente nós estamos aqui tratando do capitalismo na sua forma de exploração da Agricultura nós podemos dizer que tem três grandes bases essa revolução verde.

A primeira base é a das sementes, tudo que se organiza na agricultura depende das sementes, a evolução da humanidade dependeu da forma como os coletivos humanos captaram as sementes de uma diversidade de milhares de espécies e variedades para produzir sua alimentação, então o eixo central da revolução verde é justamente sequestro o aprisionamento das sementes dentro de uma lógica organizada pelas grandes empresas transnacionais, então o que nós estamos dizendo aqui dentro da semente é que é uma diversidade da qual a evolução do ser humano se natureza, tem um conteúdo genético que se relaciona com as características climáticas, com as características do solo, com as características culturais...

Quando eu aprisiono isso em uma forma específica que são as sementes adaptadas pelas empresas... Em algumas espécies de sementes híbridas e outras espécies de sementes que

respondem algum tipo de indução construída por essas indústrias eu subordinando toda a agricultura ao que está planejado, está programado, para o desenvolvimento dessa produção que está aprisionada dentro da semente. Então nós entendemos que a semente embora ela já tivesse sendo aprisionada desde o final do século 19, é com a revolução verde a partir da década de 50 que ela vai ser centro de possibilidade de subordinar a agricultura a uma lógica mais estruturada de apropriação da indústria agrícola. É transnacional, então esse é o primeiro elemento que nós temos da semente. O que adaptando ao termo que o capitalismo usa, melhorada, mas ela não é melhorada porque os camponeses melhoram as sementes a mais de 10 mil anos... Ela na realidade é adaptada para um pacote que é esse pacote da revolução verde.

A segunda base da revolução verde são os insumos químicos industriais de alta solubilidade. O que isso quer dizer? Para essa semente, para esse material genético anteriormente preparado se desenvolver da forma que as empresas querem, uniforme, em diferentes regiões do mundo é necessário fornecer ao solo uma quantidade de adubo que tem uma alta solubilidade, ou seja, se libera rapidamente no solo, o principal exemplo desses adubos é o npk na nitrogênio fósforo e o potássio, esses três macronutrientes eles são importantes para o desenvolvimento da planta, assim como os vários outros micronutrientes que em outros momentos é possível se estudar mais.

Ao ser liberados, rapidamente eles proporcionam um desenvolvimento dessa semente que foi produzida anteriormente por essas indústrias... Junto com esse pacote de insumos químicos industriais alta solubilidade vem um pacote de veneno de agrotóxicos, que um pouco mais adiante nós vamos explicar por que ele vem, mas ele vai atuar justamente atacando doenças e insetos indesejáveis que vão justamente aparecer nessas lavouras. O item base na revolução verde é que tem uma série de agrotóxicos que vão ser lançados nos campos do mundo a partir da década de 50 e 60 que foram os elementos químicos que foram sendo desenvolvidos anteriormente mas que é com pacote da revolução verde que eles se encaixam dentro de um de um modelo de produção.

O terceiro elemento para que tenha essa semente e ela tem o seu desenvolvimento é a partir dessa adubação específica, a partir do uso de agrotóxicos desses venenos, o terceiro elemento é a mecanização pesada, também por meio da junção dessas empresas transnacionais empresas das sementes, a empresas dos insumos, e dos adubos, também um quarto grupo de empresas se junta para produzir esse pacote que é o do maquinário pesado, e que vai ter a característica de resolver grandes extensões de terra, vai ter a característica de desenvolver maquinários para jogar em grandes quantidades esses venenos...

Para incorporar em grandes quantidades esses adubos para semear de forma uniforme essa única espécie que vai ser produzida nesses mata fungos e que vai colher também maquinários para colheita para essa produção uniforme que vai vir na revolução verde. Então essas três bases vão se unificar dentro da revolução verde...

Ela vai ser desenvolvida em polos diferentes no mundo então ela também vai ser projetada em diferentes partes do mundo, na Ásia, na Europa, na América do Norte e na América Latina e a característica específica do Brasil e de alguns países da América Latina é que essa revolução verde ela não será feita junto ao campesinato porque não foi feita a reforma agrária...

Como nós explicamos no início, ela vai ser feita junto com o latifúndio, então a essa junção da revolução verde e latifúndio se dá o nome de modernização conservadora. Você tem uma modernização tecnológica que tem seus aspectos profundamente negativos que depois nós vamos abordar, mas ela é conservadora na sua estrutura agrária. Então esse alimento da modernização conservadora é o que vai marcar a exploração capitalista da agricultura brasileira a partir do golpe militar. Mas se nós estamos falando que tem um latifúndio atrasado e que em outras aulas em outros momentos vocês já viram que o movimento nacional não tinha interesse de construir um projeto de nação, como é que essa revolução verde vai vir para esse latifúndio atrasado e desinteressar de um projeto de desenvolvimento do país para que esse processo da revolução verde seja introduzido no latifúndio?

Neste latifúndio atrasado o governo militar vai lançar mão de uma série de iniciativas para estimular a introdução dessa revolução verde, a partir da década de 70 é importante nós elencamos algumas delas e que elas fazem parte de um plano do governo militar que lança uma série de planos de desenvolvimento que vão promover esse processo da modernização conservadora, mas os elementos principais desse plano estão baseados em primeiro na pesquisa... Bom, então o Estado Brasileiro vai estruturar todo um sistema nacional de pesquisa agropecuária pública que tem no seu centro a Embrapa.

A Embrapa vai surgir justamente nesse período o início da década de 70, mas conta com uma série de empresas de pesquisa agropecuária nos Estados... Empresas estaduais e com departamentos nas universidades públicas; departamento de agronomia, departamento de veterinária e zootecnia, departamento de engenharia florestal...

Esse aparato que é conhecido como Sistema Nacional de Pesquisa Agropecuária... Vejam como é importante, o maior aparato público do mundo de pesquisa agropecuária, então quando a gente ouve falar sobre hoje né, o agronegócio, nós não podemos esquecer que foi o recurso do povo brasileiro que constitui as condições de pesquisa para tecnologia implementada no Brasil conjuntamente com essa estrutura nacional de pesquisa...

E veja como é importante porque essa estrutura de pesquisa ela vai estar nacionalizada, então ela vai conseguir desenvolver pesquisas adaptadas aos vários biomas do Brasil, esse aparato de empresas públicas têm uma importância, isso é parado está nacionalizado, e ele vai conseguir adaptar esse pacote da revolução verde a várias regiões distintas do país. Se nós pegarmos um “eu venho do cerrado brasileiro” até a década de 70 a Exploração da Agricultura capitalista não tinha a expressão que hoje tem porque é um elemento decisivo, é o controle da acidez dos solos, bom, então vão ter vários anos de pesquisa vários pesquisadores públicos que vão tentar desenvolver variedades melhores de milho, soja, algodão, que são adaptadas à realidade do solo do Cerrado ao período de seca que existe no cerrado.

Então a pesquisa é um elemento que o estado brasileiro coloca para introduzir essa revolução verde. Não adianta só a pesquisa, como é que vai sair no centro de pesquisa até o latifúndio? Então também é estruturado em uma rede nacional de assistência técnica e extensão rural, rede que vai estar organizada em nível nacional, mas que vai ter suas projeções nos escritórios e nas empresas públicas estatais de assistência técnica e extensão rural, inclusive, o termo utilizado nessa época para difundir a difusão dessas tecnologias produzidas nesse centro de pesquisa um terceiro elemento é o crédito...

Então o governo militar vai inundar o latifúndio brasileiro com recursos altamente subsidiados para que desenvolva essa agricultura com base na revolução verde e um quarto elemento dentre vários outros que nós poderíamos alcançar é a logística no Estado Brasileiro também vai desenvolver principalmente nesse período via o modal rodoviário uma rede de estrados que possibilitam o escoamento dessa produção.

Então esse é o panorama que nós temos dessa decisão, a história do Brasil imposta pelo golpe empresarial civil militar, esse golpe vai interromper uma possibilidade de desenvolvimento brasileiro com base camponesa e vai retornar o latifúndio atrasado como um elemento de desenvolvimento que tem a sua característica desigual e combinada alta tecnologia ao mesmo tempo que tem relações de poder relações sociais de trabalho e relações ambientais extremamente atrasados tão importante nós entendemos que tem os impactos as consequências dessa modernização conservadora social e econômica que foram abordadas em outras aulas desse curso, mas eu quero focar principalmente nas consequências agronômicas e ambientais do ponto de vista agrônomo é se estrutura com a revolução verde é uma coisa que nós chamamos de ciclo da dependência, bom, e que tem sua base teórica numa teoria desenvolvida na década de 60 e a teoria da trofobiose, o que é teoria da trofobiose?

De forma muito simples, nós temos os livros, já o pesquisador que vai estudar mais a fundo esse conceito é o Francis Chaboussou, tem livros no Brasil que vocês podem

estudar mais a fundo, mas a síntese é muito simples, solo sadio planta sadia, solo doente planta doente, então essa forma tecnológica de organizar agricultura em que você disponibiliza muito rapidamente nutrientes no solo ela produz uma planta doente, o balanço metabólico interno das plantas fica fragilizado, é como se nós imaginássemos uma criança sendo alimentada desde a sua da sua infância com coca-cola, essa criança ela vai ter os dentes podres, ela vai ter os ossos frágeis, ela vai estar obesa...

Embora esteja desnutrida, a planta ela fica vulnerável ao ataque de doenças e ao ataque de insetos, porque os insetos não enxergam como a gente, eles conseguem perceber justamente essa desigualdade, esse desequilíbrio metabólico nas plantas e eles atacam as plantas...

Por isso que a gente não vê todas as plantas de uma mata, por exemplo, no ambiente natural serem atacadas ao mesmo tempo, os insetos eles atacam, as formigas atacam as plantas que tem essa fragilidade ou porque tá muito nova eu sou porque já estão no seu período próximo a morte, então esse ciclo da dependência. Por que se chama ciclo da dependência? Do mesmo momento em que você está disponibilizando uma quantidade de nutrientes rapidamente para planta ela está ficando frágil, ela está ficando doente, então tem que se usar agrotóxicos, por isso é um ciclo de dependência e que rege a agricultura capitalista, agricultura convencional, até os dias de hoje...

Quanto mais processo é ficado de uma forma subordinada nas empresas transnacionais, esse é o grande segredo delas, quanto mais subordinado essas empresas, mais elas vão ter capacidade de vender produtos, sejam as sementes sejam os adubos seja os agrotóxicos. Então essa é uma consequência agrônômica que está aí até os dias de hoje que é muito importante nós entendermos...

Então nós temos a destruição dos solos pois o processo da mecanização se desestruturou só na hora que você passa o arado, a hora que você passa a grade e deixa o solo exposto para chuva e para o vento, se perdem toneladas e toneladas de solo que vão sedimentar,

os rios a perda com os agrotóxicos de toda a biodiversidade de insetos, com a biodiversidade de plantas espontâneas que tinham na região e você tem fundamentalmente a contaminação das águas que não vai ficar só naquele território mas inclusive vai produzir uma intoxicação de toda a população daquele país onde a revolução verde foi implementada e principalmente aqui no nosso caso no Brasil. Então é isso, muito obrigada, espero que vocês tenham gostado, e nos encontramos novamente na próxima aula!

Pré-aula 2:

Olá a todos e todas, bem vindos a nossa segunda e última aula sobre o processo histórico de construção da agroecologia no Brasil, como nós vimos na primeira aula, o processo de acumulação capitalista da agricultura brasileira tem nos seus últimos 60 ou 70 anos uma base tecnológica perversa da morte, que é a revolução verde. Bom, mas ao mesmo tempo em que esse processo se desenvolveu também se desenvolveu toda uma rede um campo de críticas de resistências e de propostas de superação, é esse projeto e é sobre isso que nós vamos tratar.

Nosso alvo é importante, três sujeitos históricos que vão fazer a crítica ao enfrentamento a esse processo de modernização conservadora com base na revolução verde. O primeiro é a academia, então nós vamos ter a partir da década de 70 principalmente, uma série de estudos críticos a revolução verde, principalmente focado no uso de agrotóxicos, vamos lembrar que a Revolução Verde como nós dissemos anteriormente foi implementada a partir do final do ecocentro no início dos anos 70, então cabe perguntar, não tinha desenvolvimento de pesquisa agrícola agropecuária no Brasil antes?

Tinha, e tinha muita pesquisa, nós temos como referência, que não é a única, mas é uma referência simbólica e histórica muito importante os estudos da Professora Ana Primavesi, inclusive a editora “Expressão Popular” tem a tarefa de republicar uma série de seus estudos que tinha na biocenose, ou seja, da dinâmica da vida dos solos, o seu eixo, como é que nós desenvolvemos a agricultura? Entendendo o solo como um organismo vivo. Muito bem, nós vamos ver hoje os estudos da professora Ana Primavesi e de uma série de outros pesquisadores antes da implementação da revolução Verde no Brasil, que vai trazer o elemento do solo como um organismo vivo diferente da revolução verde, que trata o solo como substrato que precisa receber adubo.

É verdade, a professora Primavesi e uma série de outros estudiosos vão buscar compreender como se dá a vida nesse solo tanto do ponto de vista de minerais e de matéria orgânica, mas também de insetos e anelídeos de uma série de micro fauna que dá dinâmica a vida desse solo e a esse solo vivo que é o alimento forte para uma agricultura forte, uma agricultura resistente a doenças e insetos isso é interrompido pela implementação da revolução verde, não se tem pesquisa no Brasil financiada durante a década de 70 até a década de 80 que se contrapõe a isso.

Então eles ficaram lá atrás, final da década de 70 e início de 80 começa a surgir uma série de pesquisadores agrônomos, biólogos, biólogos agrônomos, e ativistas que vão questionar principalmente um dos agrotóxicos no Brasil muito ligado a filiais. Uma trajetória construída pela pesquisadora Raquel Carson que publicou o livro nos Estados Unidos que passou por esse processo de revolução verde também é chamado 'Primavera silenciosa', então esses pesquisadores vão organizar congressos brasileiros de agronomia vão organizar congressos estaduais que vão criticar esse projeto da revolução verde e vão elencar a ideia de uma agricultura alternativa, responder da revolução verde.

O terceiro sujeito fundamental central são as comunidades eclesiais de base... As comunidades eclesiais de Base são formas populares de organização que estavam na cidade mas também estavam no campo organizando o campesinato, o Sindicato de Trabalhadores Rurais para compreender a conjuntura e para resistir ao avanço justamente do latifúndio, essas comunidades eclesiais de base além de fazer o processo de organização social popular política e além de fazer o enfrentamento territorial elas também valorizavam e desenvolveram as tecnologias do campesinato...

As tecnologias historicamente produzidas pelo campesinato até por conta de uma pressão da própria revolução verde se tencionou no interior do campesinato nas várias regiões do país, no sul, no sudeste, no centro-oeste, na amazônica, no semiárido, uma série de experiências de tecnologia de produção, seja no campo das sementes crioulas, seja no campo das adubações verdes, das adubações naturais, dos biofertilizantes, seja no arranjo do consórcio de plantas amigas... Enfim uma série de tecnologias que foram embora não

dão uma escala numérica grandiosa mas representativamente foram muito importantes para lançar as bases do que hoje nós conhecemos como agroecologia.

E o terceiro sujeito desse processo de construção da agroecologia somos nós, sem terra, sujeitos da reforma agrária, por quê que é diferente? Porque a reforma agrária que vai retomar o seu processo, seu leite histórico interrompido pela ditadura no final da década de 80 com as lutas que nós vamos produzir a partir da data do início da década de 80, e os assentamentos conquistados na segunda metade da década de 80 são assentamentos conquistados em terras de latifúndio, porque nós sem terra quando conquistamos o latifúndio para transformar numa área onde centenas de famílias estarão assentadas, nós pegamos um ambiente que já está desestruturado pela exploração do latifúndio então o desenvolvimento apesar dos nossos conhecimentos tradicionais de onde nós vimos viemos também vão ser diferentes e é importante é nós termos claro que desde a década de 40 a reforma agrária foi associada com o processo de conservação ambiental se nós fizemos um resgate dos primeiros projetos de reforma agrária com Prestes com Brizola ainda dentro do congresso brasileiro e mesmo o que foi construído pelas organizações camponesas daquele período a reforma agrária já se apresentava como isso não só como um projeto de desenvolvimento econômico do país, mas também um projeto que vai superar a destruição.

Naquela época não se falava de questões ambientais, mas se falava principalmente de conservação de solo e das águas, então um projeto que não vai no caminho do que o latifúndio, a destruição dos solos e das águas esses três sujeitos vão constituir uma força importante que vai entrar na década de 90 com uma síntese nova, e aí é importante o papel dos movimentos populares do MST mas principalmente da Via Campesina Brasil que congrega vários outros movimentos camponeses no Brasil...

Mas da Via Campesina mundial que vai trazer essa construção da agroecologia, então nós passamos a entender que mais do que um conjunto de técnicas alternativas ao modelo da revolução verde a agroecologia se apresenta como um sistema produtivo diferente que tem como perspectiva os alimentos que têm como sujeito ou campesinato e que procura

estabelecer o rei estabelecer a soberania alimentar que é a definição dos povos sobre o que querem produzir como querem produzir aonde querem produzir a agroecologia mais do que um pacote novo pacote de Tecnológico de tecnologias alternativas ela faz parte de um sistema de produção de alimentos saudáveis que parte do pressuposto de uma relação emancipada entre seres humanos e natureza agroecologica se apresenta como um sistema produtivo diferente, que tem como perspectiva os alimentos e como sujeito o campesinato, buscando estabelecer a soberania alimentar, que consiste na definição dos povos sobre o que desejam produzir, como desejam produzir e onde desejam produzir.

A agroecologia, mais do que um novo pacote tecnológico, faz parte de um sistema de produção de alimentos saudáveis que parte do pressuposto de uma relação emancipada entre seres humanos e natureza agroecológica, essa nova síntese, uma síntese política e técnica, tem o entendimento de que não é um pacote de tecnologias alternativas, mas sim a agroecologia, um sistema de produção de alimentos saudáveis, em que se estabelecem relações os princípios entre seres humanos e natureza. Aonde a natureza e nós também somos natureza, mas a nossa natureza exterior não é nossa adversária, mas ela tem que ser compreendida as suas dinâmicas ecológicas necessitam ser compreendidas para que nós tenhamos o máximo de produtividade, garantindo uma diversidade de alimentos e, portanto, o sujeito histórico dessa agroecologia, que é o campesinato.

Então, não adianta única e exclusivamente trocar o NPK, o insumo, o adubo químico industrial por um outro adubo orgânico ou por uma técnica orgânica de adubação do solo. É necessário que se tenha uma mudança do sistema produtivo e que essa mudança de sistema tenha como sujeito o campesinato para que possamos produzir alimento saudável. Porque também nós não estamos falando que a agroecologia produzida pelo campesinato por si só resolve os problemas do país.

É necessário que as massas trabalhadoras que estão na cidade se alimentem com qualidade e com qualidade de alimento saudável a preços acessíveis. E é nesse sentido que a agroecologia se insere dentro da soberania alimentar com essa síntese com esse entendimento político técnico é que nós vamos ao longo dos anos 2000 e principalmente

na segunda década do ano 2000 desenvolveu uma luta política nos movimentos populares nas organizações populares inclusive na própria academia é que vai desaguar no entendimento de que a agroecologia ela não é uma possibilidade para o campo Brasileiro ela é a única possibilidade que interessa para o povo brasileiro como sistema de produção de alimentos, bom, então ela é o antagonista ao agronegócio, não é possível conviver os dois projetos porque o agronegócio é o projeto da morte é esse projeto que nós colocamos anteriormente da revolução verde aumentada em uma escala de violência de agressão à saúde ao ambiente, as relações sociais e econômicas completamente incompatíveis com o que nós estamos entendendo da agroecologia e da soberania alimentar.

Lembrando como vocês viram em outras aulas que o agronegócio é o estágio recente da forma de exploração capitalista da agricultura, agora não mais o latifúndio, o estado anteriormente e somente os dois mas essa forma subordinada aos interesses do capital financeiro internacional com papel cada vez mais presente das empresas transnacionais e tendo a mídia como essa propagandista desse projeto, então nós estamos entendendo a agroecologia como um projeto antagônico ao projeto do agronegócio para o desenvolvimento não só do campo mas de toda a sociedade brasileira... Então essa luta política para que ela tenha substância que ela seja uma luta não idealista mas que ela seja real, e essa é uma pergunta que todos nós fazemos, vocês se fazem, os familiares de vocês fazem, ela precisa de materialidade então a pergunta “é possível de fato alimentar o povo brasileiro com agroecologia?” e nós temos demonstrado que é possível.

Bom, então quanto ao MST nós temos hoje algumas alguns cadeias produtivas que já tem a agroecologia e já incorporada dentro dessas cadeias produtivas... Então hoje o MST é o maior produtor de arroz agroecológico da América Latina, e isso não é o mérito só do MST e das famílias que produzem nos assentamentos esse arroz, mas é por conta de uma série de Aliados que desenvolveram pesquisas que desenvolveram assistência técnica e que permitiram que nós com a terra conquistada com as técnicas tecnológicas que nós já conhecíamos mas também com aperfeiçoamento dessas técnicas e tecnologias nós passamos a ser esse grande produtor de arroz agroecológico, mas não é só o arroz. Também é do MST o esforço de construir, constituir a primeira cooperativa da América

Latina de sementes de hortaliça e, hoje, também de outras espécies produtivas de grãos agroecológicos.

O que é a nossa querida Bionatur. Essas são duas experiências históricas que são muito importantes na consolidação dessa matéria da agroecologia, mas nós podemos falar de várias outras que estão em todos os biomas do país, em todos os territórios que nós conquistamos. Então, nós temos o desenvolvimento de sistemas agroflorestais que hoje abastecem uma série de esferas, seja na região Sudeste, seja na região Amazônica, seja na região Centro-Oeste, com uma diversidade de produtos desenvolvidos em sistemas agroflorestais.

Nós temos uma diversidade de experiências de sementes crioulas no semiárido, no cerrado brasileiro, no próprio Sul e Sudeste do país, na região Amazônica, com sementes crioulas de milho, de feijão, de arroz. Temos um desenvolvimento de viveiros com plantas nativas dos vários biomas. Nós temos, há mais de 20 anos, buscado desenvolver o sistema de produção agroecológico do café, que está em vários estados: Espírito Santo, Bahia, Paraná, São Paulo, Minas Gerais. Temos a conversão do sistema de produção animal para técnicas agroecológicas, que aqui nós temos um papel importante no país, com o professor Luiz Carlos Pinheiro Machado e uma série de outros professores que têm construído junto com os assentamentos o Pastoreio Racional Voisin.

Aqui é uma técnica que se adapta a várias realidades do país, mas também outras tecnologias de criação de ovinos e caprinos. E é no semiárido brasileiro que uma série de tecnologias também de convivência com o semiárido e de desenvolvimento de espécies da região Amazônica. Enfim, hoje nós temos condições de dizer que a tecnologia e a capacidade produtiva para alimentar o povo brasileiro a partir da agroecologia, agora, assim como nós vimos na aula passada, nós também não podemos achar que nós vamos desenvolver isso ao largo do Estado, então nós temos alguns desafios centrais que estão principalmente no papel do estado com a agroecologia entendendo que o campesinato brasileiro nas suas várias formas de organização hoje tem muito claro intitulam de vários nomes diferentes, mas hoje os seus programas que incorporaram a agroecologia, mas hoje

tem, o que é agroecologia o único projeto para o campo brasileiro, e nós, no caso do MST, você já tiveram aulas especificamente sobre isso, entendemos que ela é um dos eixos principais da nossa reforma agrária popular nessa constituição de uma reforma agrária que interessa ao campesinato e a classe trabalhadora brasileira, mas então quais são os desafios para que nós tenhamos uma escala de fato nacional?

É a agroecologia, não é mais tecnológico, e hoje o Brasil é um polo de desenvolvimento de agroecologia numa perspectiva que tenha como sujeito político campesinato, nós temos Congresso Brasileiro de agroecologia, nós temos núcleo de agroecologia, nós temos pesquisa de agroecologia sendo feitos nosso território, mas isso não é suficiente. Então é por isso que nós elencamos algumas questões que são centrais para o desenvolvimento da agroecologia. Para além dessa questão técnica, que já está em desenvolvimento, o primeiro grande desafio é a reforma agrária. Porque sem reforma agrária não é possível produzir com agroecologia, porque o agronegócio não vai produzir agroecologia.

Ele pode até fazer um outro pequeno setor do agronegócio fazer alguma técnica orgânica, mas não é esse sistema de produção que vai produzir alimentos saudáveis. O latifúndio não vai produzir agroecologia e para se produzir agroecologia, nesse entendimento de que nós estamos nos alimentar o povo brasileiro e não só um pequeno nicho da população, é necessário a reforma agrária. Junto com a reforma agrária, a defesa dos territórios já conquistados pelo campesinato, então pelas comunidades indígenas, pelos povos indígenas, pelas comunidades quilombolas, pela diversidade do campesinato brasileiro de povos e comunidades tradicionais, a reforma agrária e a defesa do território são o desafio principal, são a base fundamental para que nós desenvolvamos a agroecologia. Não é possível produzir agroecologia no Brasil.

Não é possível fazermos um debate sério responsável sobre produção de alimento saudável do Brasil se nós não entendemos a centralidade da reforma agrária no nosso país. Um segundo desafio é a pesquisa. Então, tem uma série de tecnologias desenvolvidas, mas elas não são suficientes. A agroecologia ela tem uma articulação

profunda entre saber tradicional, o conhecimento empírico historicamente acumulado pelo campesinato, mas também o saber produzido nos estudos pesquisa nas universidades.

Agora, isso não pode ser uma ação individual voluntariosa de um outro pesquisadores. Tem que ser uma política de estado. Isso tem que ter recurso para essas pesquisas. Isso tem que ter laboratórios para pesquisas e mais do que isso, demanda uma matriz de pensamento diferenciada porque uma coisa é você produzir conhecimento pesquisa a tecnologia para o agronegócio que o viés é o lucro e é um processo desenvolvimento científico linear, outra coisa é nós produzimos agroecologia que compreende uma diversidade que está no agroecossistema nesse ecossistema produtivo que é complexo, que tem uma perspectiva de totalidade...

Então esse de banda como água como o latifúndio a revolução verde e o estado brasileiro para o projeto de morte é necessário que o estado brasileiro para um projeto de vida para um projeto de soberania alimentar. Mas também de soberania popular também desenvolva todo um processo de pesquisa uma rede de pesquisa que seja feita concomitantemente com as organizações populares um terceiro elemento que é fundamental é um sistema de financiamento diferenciado para a agroecologia é comum; que, quando nós implementamos a transição agroecológica, por exemplo, se tem uma queda na produtividade no primeiro, no segundo ano.

Se a gente resgatar o que nós já aprendemos sobre a teoria da trofobiose, faz sentido nos dois, três primeiros anos em que nós estamos desintoxicando o solo e que nós estamos reativando a vida do solo. É normal que se tenha uma quebra de produção, bom, então é necessário uma forma de financiamento público que tem consequências positivas para a sociedade, é que consigo estruturar esse programa, esse amplo programa de transição agroecológica. Ao mesmo tempo, é necessário que essas formas, elas não sejam bancarizadas, elas não estejam subordinadas ao interesse do capital financeiro, ela é uma política do estado.

Portanto, tem que ter um financiamento estatal. O quarto desafio é o processo de árvores, beneficiamento, agroindustrialização e comercialização da agroecologia. Na aula anterior, você se lembra o que nós colocamos que um dos elementos que o estado brasileiro proporcionou para a implementação da revolução verde, da modernização conservadora, foi a logística. A logística brasileira, ela do interiorizar. E aí, ela tá voltada para a produção de commodities do agronegócio e do minério.

Então está baseado em rodovias, ferrovias, hidrovias que beneficiam os grandes latifúndios. É necessário se pensar uma outra forma de escoamento dessa produção que deve ser beneficiada em agroindústrias de pequeno, médio e de grande porte sob o controle dos trabalhadores do campo, do campesinato. Isso vai demandar a reconstituição do que nós tínhamos anteriormente na Companhia Nacional de Abastecimento, a CONAB, que antes era voltada para o agronegócio, os grandes silos da CONAB, isso vai demandar, por exemplo, que nós tenhamos entrepostos em cidades polos que recebam a produção agroecológica que possa ser comercializada para a população urbana. É necessário.

E é isso que, nesse momento histórico que nós estamos vivendo agora, está sendo prontamente atacando que é os programas de comercialização institucional, a alimentação das nossas crianças, alimentação escolar. Ela tem que ser não uma parte, mas integralmente agroecológica. Portanto, é necessário que o estado brasileiro promova formas de compra de aquisição desses alimentos da agricultura camponesa, principalmente de base agroecológica.

Então, tem um núcleo de desafios aí que articula beneficiamento, agroindustrialização, escoamento e comercialização muito bem dessas duas aulas. Então, nós tivemos oportunidade de, ainda que dá um de forma muito específica, compreender como que foi constituído historicamente os projetos de morte primeiro da modernização conservadora e mais recentemente e quais são as bases tecnológicas desse projeto e qual que é o projeto

de vida, qual que é o projeto de desenvolvimento de soberania para o povo brasileiro que tá baseado no campesinato na reforma agrária e que tem uma matriz tecnológica muito clara que é da agroecologia. É possível alimentar o povo brasileiro, desenvolveu o nosso país com bases agroecológicas.

Assim, nós vamos enfrentar as várias epidemias que nós temos de câncer, de doenças neurológicas, de várias processos de intoxicação do povo brasileiro. Assim, nós vamos conservar os nossos bens comuns naturais e assim, nós vamos ter condições de desenvolver uma agricultura moderna, agricultura atual de base popular e que atenda às necessidades do povo brasileiro. Então, muito obrigado pela atenção de vocês. A agroecologia depende de muito estudo, a nossa apenas iniciamos a nossa reflexão aqui e espero que nós possamos se somar nesse processo de construção de um projeto de vida para o povo brasileiro, um projeto agroecológico, soberania alimentar e de reforma agrária popular.

Encontro 6. Agroecologia e Internacionalismo

Agroecology and Internationalism

Nívia Regina

E aí [Música] [Aplausos], gostaria de agradecer a coordenação do curso, um beijo a todos e todas é por essa essa possibilidade né da gente poder conversar e de alugar um pouco dessa perspectiva mais internacionalista da agroecologia, é eu também a vontade aqui viu André, apesar de tão pouco nervosa, não tava não, mas quando eu vir, foi vendo. Os nomes Aí vão falar noite né, a qualidade de cor, de abordar alguns elementos em que a maioria de vocês já leram, já comeram, ajudar a construir, elaborar, e também trazer algumas sistematizações que vão principalmente de encontro ao debate, mesmo discutir agroecologia é dentro nesse bojo internacionalista, mas vai trazendo elementos para a contribuir na debaixo da nossa concepção da reforma agrária popular e do projeto também é da Agroecologia dentro do nosso projeto de reforma agrária popular.

Oi, Andreia falou para mim apresentar um pouco da tarefa, eu vou deixar mais por volta de como que a gente faz um pouco conversar, estão me ouvindo bem né? É porque aqui na internet já mostrou-se lambe tal, mas tá todo mundo ouvindo bem, tá dando para entender bem? Nívea, se por acaso travar bem aí não deu para entender, eu te aviso tá, é ótimo, Maravilha. O bom é aproveitar, dá um beijo um monte de gente que tá por aqui né, que povo da Argentina aqui é o tatu aqui, fiquei super feliz de ver né uma galera. Oi

gente, vai lá do Paraná né. Tem bastante gente que a gente vai aproveitando neste momento só para matar a saudade também. Tá bom, vamos lá, eu preparei...

Desse três pontos, na verdade ele não tem uma uma sequência histórica e nem linear né, mas na verdade são três pontos com trazer conteúdo que tem uma certa conexão de diálogo entre eles né, mas a ideia em uma crescente para gente por bem inclusive compreender por que que eu a Nestlé e a Via Campesina e outras organizações é constroem os corpo, bom, então eu vou trazer alguns elementos introdutórios. André falou que vocês passaram né, por um debate do capitalismo no campo né, um debate dentro da economia política né, mas eu vou trazer num processo introdutor alguns elementos.

Desse sistema alimentar, dessa cadeia água Industrial, algumas coisas que nos acenam algumas elementos de complexidade ou dessas múltiplas determinações que a gente tá vendo sobre a forma de organização da vida no campo, a nossa companheira da Via Campesina ao declarar e cantar lá de lighting, ela deixou muito claro isso, né? Então, cadê aquela? Ela coloca, né? Nós estamos presos, né? E ela ao colocar que a gente está preso a uma série de determinações dessa realidade que vão trazendo da agroecologia lápis a tem o escopo. Oi, e a ideia né dessa, nessa diversidade de multideterminações eu vou trazer nessa introdução ainda também alguns elementos já de alguma admiradas é que a agroecologia vai entrando no processo de disputa nível internacional, né?

É nessa etapa inclusive da institucionalização da agroecologia que dimensões e desafios elas vão aparecendo no elemento introdutório. Depois, eu vou trazer um pouco de alguns elementos da agroecologia na Via Campesina. Então, comente a Via Campesina, responda a isso e não de forma homogênea, né? Talvez não coloque a gente tem uma uma forma mais consequente, uma síntese mais unificada disso, né? Ah, e não terceiro. Eu vou

trazer alguns elementos de Cuba, né? Porque por mais que ela tenha os seus desafios, né? É ainda é um espaço importante a perda ainda na atualidade, né?

Tá bom então para iniciar no primeiro. É, eu vou trazer alguns elementos que são elementos é mas não só a Via Campesina com uma série de organizações internacionais a próprio comitê internacional de soberania alimentar acip, aetc, grupião amigos da Terra então várias organizações entre muitas delas inclusive faz esse mapeio, né? É de qual o comportamento da cadeia agroalimentar nesse período o contexto a gente sempre foi muito tensionado, né? É direcionado para uma análise na dentro da discussão da agricultura e da produção de alimentos como mercadoria como alimento mesmo ou como mercadoria, como commodity, sempre numa análise intencionada ou direcionada pelo crescimento populacional, né? Então, há a necessidade da produção e de aumentar a produtividade de alimentos, a possibilidade sempre presente né, da escassez de alimentos.

Então, há a necessidade de aumentar o volume, seja da produtividade do trabalho, seja da produção por área física. E também aumentar o seu processo de escoamento. E são caminhos, esse direcionamento sempre nos levou para caminhos e determinados para o desenvolvimento de tecnologias modernas. Bom, então aí cumpri, né, o papel da ciência moderna, é positivista. Ela foi inclusive, inclusive sendo uma força motriz de dar condições, então é para gente fazer essa caminhada. Mas isso vai criando também um paradoxo que faz parte até o momento da atualidade cada vez mais forte, né, que é a superprodução agrícola de algumas variedades, poucas espécies e variedades, a partir dos países centrais do capitalismo central, então, que a gente chama de comboios entender em uma avassalador panorama da fome, né, e dá subir alimentação, então, cada vez presente nos países periféricos.

Então, esse paradoxo até hoje, né, então, a gente sempre foi intencionado direcionado agricultura responder isso, criando falsos mitos, inclusive, bom, e isso é nos direcionou para algumas ações, é isso também trouxe para historicamente e até o momento atual, momento atual em dimensões maiores, como colocou na sua companheira byte ir na mística, é para impactos nas expressões e nas formas de organização do campeonato, né, então, sua produção, sua reprodução da vida, ela foi sendo pressionada, ela foi sendo incorporada, esse modelo, ela passou por um processo de violações de diversas formas no seu direito, no meio de produção, no seu sistema de produção, na sua forma de definição, é de como produzir, o que produzir, seja do ponto de vista de segurança e soberania alimentar.

E também impactos na sua forma, culturalmente biodiversa, da sua forma de ser e existir, essa é a gente trata isso, que isso faz parte, é de um fundamento do próprio capitalismo. Se a gente for querer precisar historicamente quando isso se tornar de uma forma mais latente, desde o processo da industrialização, do processo da Revolução Industrial, das revoluções industriais mas isso para espaço dos fundamentos do desenvolvimento capitalista que ama permanente necessidade de reprodução ampliada do próprio capital, é que o inclusive empresário chama que é o metabolismo e controlado do capitalismo então capitalismo pra se reproduzir ele não é necessariamente precisa satisfazer as necessidades humanas ele pode alienar suas necessidades humanas ele pode fetichizar suas e é mas é a sua reprodução é para satisfazer o seu próprio desenvolvimento é o que inclusive é caracteriza bem pegando o contexto do sistema alimentar é um sócio metabolismo da cadeia agroindustrial é determinada por essa forma de reprodução permanente e ampliada do capital no campo e na cidade é nesse período recente que a gente passa por um processo do capitalismo financeiro e na consolidação desse capitalismo financeiro esse sociometabolismo do capital atinge processos e esferas bastante complexas é principalmente na agricultura que você tem um processo de reprimarização da economia então você tem na periferia na América já nos países da África então uma prioridade da produção das matérias-primas para exportação.

Então você tem um modelo neo colonizador tá aí novamente vou dar um exemplo do Haiti, é sempre importante, né, para ti hoje tem uma luta, né, porque para ações e contra o processo de neocolonização que passa muito, né, os países do Caribe, os países da mesma América, os países da Sulamérica também é e isso passa por um processo de reconcentração da terra, de Estrangeirização das terras, né? Grandes projetos de infraestrutura, né? Então a gente vive um momento de financeirização da Terra e da natureza. Essa final é realizada perto da natureza onde tudo vira mercadoria, né, a terra, água, os, a biodiversidade e os bens comuns. Você tem um processo, então além de ir com o tempo, ele realmente, né, de ter impactos nas expressões e formas de vida do campesinato.

Você tem uma ação de Violência, né, de espoliação, né, de expulsão, de expropriação, de comunidades originárias. Nemo é indígena, ameríndia, quilombola, é Campesina, o e a destruição do meio ambiente, né, é esse esse processo de financeirização da Terra e da natureza é vai fazendo essa aliança na produção da ciência moderna que vai sustentando as condições disso, né, então vou dar alguns exemplos que que é bem interessante da gente ver e a dimensão que hoje a gente luta e Constrói agroecologia realiza algumas críticas e constrói a a concepção de agroecologia, né. A gente tem um processo de oligopolização e transnacionalização da produção do alimento em toda a cadeia, né, seja da produção, seja da distribuição, seja da comercialização, a gente tem a produção de novas biotecnologias. Então, a gente fala da transgenia dos agrotóxicos, mas a gente pode falar dos micro-organismos geneticamente modificados. A gente pode falar das plantas transgênicas. A gente pode falar da biologia sintética.

A gente pode discutir alguns elementos dessas novas biotecnologias que vão colocando uma complexidade, inclusive do que a gente luta em relação à pauta dos agrotóxicos e transgênicos. Então, como a descrição, esses produtos para exportação, seja agrícola, seja mineral, que são produtos da Bolsa de Valores, são produtos determinados e são organizados dentro da bolsa de valores. A gente tem um processo na América Latina, esse

é um dado interessante que setenta por cento da terra agricultável na América Latina tem sido desmatada, criação da fronteira agrícola Industrial, mas principalmente para a produção, a toalha e para plantio de forragem. Os cereais que a gente planta e produz nos grãos e cereais, sessenta por cento vão para a produção da alimentação animal. Então, você vê, é isso uma das coisas que a gente entende quando a gente pega a Cargill, a George, nós principais, é a primeira transnacional nessa área.

Ela está presente em vários dos nossos países. Você pode pegar é uma unidade, né, mania de luta que a gente tem na Argentina, Brasil Uruguai, Paraguai, enfim, então, nós temos um corpo muito grande desse processo, né? Dê o like localização da produção e da Transnacionalização. Gente pode dar exemplo no mercado, em outros mercados, né? Se a gente for pegar o mercado de agrotóxicos, quatro grandes empresas têm um controle de 84 por cento dos agrotóxicos. E pegar as empresas de sementes, a gente vai ter 65 a 70 por cento também de quatro empresas. E a gente vai trazer da produção avícola e torcida, são controladas por três empresas na produção de carne, nessa 17, né?

E também a Produção do Comércio, do comércio varejo, a gente vai ter também aí principais, 7:00 aí para as transnacionais. A gente pode dar vários nomes aqui, né? A Copa DM, Bugio, e o Marcar Gios é a Côco. Então, são várias transnacionais muito conhecidas por nós e que esse fenômeno da atualidade, da forma contemporânea da agricultura, da financeirização da agricultura, da Terra e da natureza, vai nos colocando uma complexidade muito grande, né? Além disso, na própria indústria da maquinaria, né? Então, a gente veio para salvar a automatização, um processo de digitalização da cadeia Agroindustrial, né, robótica, os drones, nessa tecnologia de satélite, seja a produção de semente, sejam para o uso de produtos químicos sintéticos, é isso, é isso nós vamos construir uma agricultura sem gente, né, uma agricultura com uma expulsão de camponeses, indígenas e comunidades tradicionais.

E para terminar nesse ponto que interessante nessa contemporaneidade que vai nos chamando atenção e é que a gente vive nesse processo da financeirização da natureza, os mercados sobre a natureza, e a terra tão nessa crise do capital que a gente viveu desde 2008, tá vivendo uma crise também é de uma crise de um capital parasitário, né, de um capital sem lastro produtivo. É a forma de buscar esse lastro produtivo desse capital fictício, desse capital financeiro, é avançar para para produção de commodities agrícolas, né, e avançar para uma economia verde para aquisição de terras. Então, por isso que a gente vive nesse período recente uma intenso é mercado da biodiversidade, é um mercado de serviços ecossistêmicos, né, então, né, o CO2 na Bolsa de Valores, né, então o mercado de carbono, o mercado de terras, né, a gente tem uma ampla gama de mês.

E nos países que vão proporcionando de forma jurídica, é esse mercado sobre a natureza sobre a terra, né, é desde aqui é o código florestal, a lei de grilagem são formas de privatização máxima de terras públicas e territórios coletivos, né, para ser então possibilidade de se lastro produtivo desse capital fictício, né. E aí não só para produção de monocultivos agrícolas, mas para também servir de banco imobiliário para o mercado de terras. Nem entra diversos elementos de investimentos, nem de agro, das suas águas estratégicas, é em vão sendo construídos então diversos mecanismos e marcos jurídicos nos países, para dar conta desse processo.

Bom, com as lutas camponesas, elas podem ser um criado camponeses indígenas, quilombolas. Elas são complexificadas. É verdade que também têm se tornado difusas, porque o processo de incorporação, da forma camponesa, quilombola, ameríndia, nas formas e nas águas estratégias do agronegócio transnacionalizado. Mais a muita luta nos territórios, luta em defesa dos territórios, luta em defesa dos bens comuns, luta pela autodeterminação dos povos.

Tão simples se complexifica, nesse período recente. Inclusive, teve duas agendas que muitos de vocês aqui podem explicar participaram dessas duas agendas que a gente fez a nível internacional, que foi a declaração dos direitos campestinos, que foi a necessidade de colocar nos organismos internacionais de reconhecer o direito dos o campestino quando fala dos campestinos de diversos povos e não só cobre os pesquisadores, trabalhadores do campo, é reconhecendo os seus direitos sobre os territórios e suas altas determinações sobre o seu processo produtivo.

É uma outra luta que nós estamos fazendo, ainda que eu seja tratado vinculante, que também é uma briga nos organismos internacionais, que é para se responsabilizar essas empresas transnacionais. E já que elas são transnacionalizadas, é difícil culpabilizá-las a nível local. Então, precisa construir mecanismos internacionais que coloquem a responsabilização dessas empresas transnacionais, sobretudo esse processo, sobre a violência na natureza, sobre a violência no ser humano, sobre a violência da insegurança alimentar, da soberania alimentar. E com isso, sim, é na resistência e na luta de resistência a esse processo todo histórico.

E eu dei ênfase mais a questão de alguns elementos contemporâneos que complexificam isso, porque vocês já viram o capitalismo na agricultura de forma mais completa. A gente vê um número crescente de atores e instituições que têm se posicionado com alguns cuidados, com algumas preocupações desde o processo da revolução verde. Algumas organizações já colocam agroecologia na sua falta, mas é com processos e com visões diferentes, com sentidos diferentes, uma multiplicidade de sentidos e visões que são convergentes ou são divergentes.

Se você já usa redes de agroecologia, movimentos ambientalistas, movimentos populares, ONG, centro de pesquisas, universidades e instituições multilaterais, governos,

corporações. Então, a gente chega hoje, para fazer enfrentamento a tudo isso, com uma gama de sentidos do que é a agroecologia, o que é crítica esse modo, esse modelo de produção, e eu queria chamar atenção histórica de alguns elementos que a gente tem buscado para poder entender muito bem com ele. Nossa virada foi a nossa concepção de que a gente se aproxima taticamente o que que a nossa nossa nossa aliança estratégica dentro do campo da agroecologia é.

Bom, primeiro entender, eu tenho alguns elementos históricos. Se eu vou trazer como síntese aqui três ou quatro, a gente tem uma crítica a alguns desses elementos, mas são os que ganharam corpo e eu vou dizer porque que a gente tem crítica quem é e como síntese ganhou uma certa hegemonia. Alguns elementos históricos do desenvolvimento da agroecologia em alguns países da América Latina: primeiro, o próprio movimento contra a industrialização da produção agrícola, a crítica sobre a revolução verde, né? O segundo, o movimento de contestação, né, pesquisadores e ambientalistas, estudantes e movimentos sociais ou LG, né, que foram construindo uma crítica, principalmente ali na década de 60, 70, é, e movimentos que foram ganhando corpo, né? Como o movimento de contestação a todo esse processo, net inclusive, foi depois denominado de agricultura alternativa.

Isso tem um significado muito grande para gente da Via Campesina e dos das organizações camponesas porque Sagres e ativa foi grande dando, ganhando escopo, né, ganhando o surgimento de grupos novos, grupos e formas de organização social. Inclusive, há várias organizações campesinas na América Latina e foram fazendo aliança com diversas organizações de pesquisas online. Ah, tá, então construir essa luta dentro do campo da Agricultura alternativa é bom. Um terceiro, a agroecologia passou a ser construída como uma reunindo, né, um diversos intelectuais, pesquisadores, organizações, que foi chamando a agroecologia como um corpo de ciência, né, um corpo científico, como uma disciplina, como uma abordagem.

E no início da década de 80, é, e foi inclusive mais vertentes dentro desse campo, né, que ela também foi ganhando além de um sentido de ciência para ver no sentido de movimento social, movimento em luta. Esses três pontos marcaram muito a concepção de um desenvolvimento da agroecologia na América Latina. Vocês devem ter visto alguns elementos desse com Luiz, eu vi algumas pré-aulas, né, dele, mas a gente tem críticas sobre esse caminho, né?

E um ponto último, ponto que é importante, que é um ponto que a gente vê até hoje, que é uma virada até hoje, é um próprio processo da institucionalização da agroecologia. E ela foi acompanhada dessa institucionalização da agroecologia, a gente vai ver mais para frente um pouquinho, ela foi acompanhada de uma diluição, é do sentido da agroecologia, ou isso acirrou uma diluição, é uma dispersão, uma difusão da concepção de agroecologia, principalmente a partir da década de 90.

Bom, né, é políticas públicas, programas governamentais, a gente aqui no final eu espero que, inclusive, os vários países aqui, México, Argentina, Paraguai e Brasil, possa se inscrever e dizer muitos desses programas que foram surgindo nesse período, né, que inclusive nós participamos, assim, nós nos acertamos de vários desses programas, né, é uma um elemento importante no final da já no final da década de 80 e 90, é foi criado no Chile o consórcio latino-americano de agroecologia e desenvolvimento sustentável, aclad, que aí entra duas elementos importantes desenvolvimento rural e sustentável, bom, né, então já tá marcando um pouco do terreno na cola agroecologia vai ganhando força ao vai ganhando expressões, né, como proposição científica, é com também proposição do ponto de vista acadêmica, é acadêmica, do ponto de vista de ensino, né, política de ensino, né, diversos agricultores na América Latina vão sendo apoiados por essas entidades no desenvolvimento rural.

Oi, tá, fazendo parte nesse processo da institucionalização da agroecologia em diversos países, né, e a isso se soma também, que diversos cursos vão surgindo de curso de graduação em uma estrada de doutorado, a sociedade latino-americana também aparece amarela, né.

Então, são organizações que também vão se configurando nesse processo. E, no entanto, havia também na década de 80, 90 é, proposições de uma agroecologia que é motivada por um conjunto de organizações políticas, dentre elas a cloak, que vai surgindo a linda de 93. Ainda bem, no início, muito difuso essa coisa sustentabilidade, né, do desenvolvimento sustentável, de ganhou corpo, né, dentro da nossa concepção, mas de pesquisadores também comprometidos com a construção de um novo modelo de sociedade. E aí foi também ganhando, nesse período, que agroecologia tinha diferentes sentidos, né?

Tem um sentido, na qual, né, alguns ensaios de algumas provocações de que agroecologia. E lá eu faz parte de elementos históricos determinantes e eu, a própria produção camponesa indígena-quilombola, né, é dos povos originários que em conflito em resistência ou às vezes 50 existência com esse outro modelo ou de forma apropriada por esse modelo, mas que sempre existiram tradições andinas e Incas, astecas, indígena, né, amazônica se a gente, se quiser sair da América Latina, podemos ir lá na Índia, hindus, né? A forma indo trouxe uma contribuição riquíssima para pensar agroecologia hoje. Esse conhecimento local sobre o funcionamento dos agroecossistemas.

Alguns pesquisadores também foram defendendo isso, o próprio grafismo, por exemplo, que passou muito tempo no México, o dinheiro que passou também o tempo no México e também a forma lá na Índia e foram colocando esses elementos, né, de Kiev uma forma

o conhecimento é um conhecimento muito próprio dessas comunidades de funcionamento desses das agriculturas, suas formas diferenciadas de realizar agricultura e ouvir inclusive em diversos territórios os outros grandes debates em relação a isso, né? Talvez a gente pudesse chegar numa síntese muito, eu não sei, é uma síntese talvez não tão explicativa, né? Ela é muito pedagógica para a gente entender, mas ela poderia dar uma amplitude de um debate que a gente não tem condições de fazer, mas a gente poderia reunir que a gente tem diferentes divisões que não são essas diferentes visões, elas podem inclusive ser complementares, o nível é, talvez falar das diferentes visões, diferentes sentidos, né, que, moleque, a gente pode reunir três, mas de uma forma muito simplista, assim, muito bruta, né, que é uma agroecologia com uma visão agrônômica, né, é de tentar trabalhar os processos ecológicos na agricultura, né, então olhando os diferentes formas de trabalhar, seja da produção animal, vegetal, mas olhando muito a técnica, né, as tecnologias meio de controle de pragas e doenças, a questão da fertilidade do solo, né, é uma visão da, ainda dentro de uma visão agrônômica mais para uma agricultura sustentável.

E aí, nessa agricultura agroecológica sustentável, cabe tudo, né, então, produção orgânica em pequena escala, em grande escala, na produção de mercado. E uma terceira, o que seria uma concepção mais dentro da ecologia política, né, do que tentar trabalhar um pouco desse elemento como o elemento de uma totalidade de uma realidade em totalidade em movimento, né, e que dialoga com esse processo histórico, né. Então, podemos dizer que 3 é a gente hoje, hoje, se a gente for sair de uma definição da agroecologia nível hoje no campo acadêmico, científico, dos movimentos populares, estudantis, que mais a gente se aproxima, né.

Tem uma definição que a gente se aproximando hoje a gente não é, é satisfeita com ela, que é definição que agroecologia entendida por diversos atores, né, sociais no mundo hoje como uma proposição, como uns copos em cima para vocês tão científica um paradigma agrícola né então uma abordagem científica. Oi, prima, mas também era resultado de uma prática social histórica, na prática camponesa, quilombola, mede para os originais, e

também ela é o movimento em luta. Mas a gente se aproxima com isso, mas a gente tem alguns elementos que a gente quer aprofundar nisso, a gente quer ir mais a fundo nisso, né? Eu vou ter que fazer o seguinte, André, que eu tô vendo que já são quatro horas e na internet está caindo e caiu novamente e agora tá tá normal tá bem boa.

Tá bom, então você me diz quando cai tá, é tem uma parte aqui que eu vou dizer que é a síntese da nossa crítica, né? Por que que a gente vai reunindo algumas críticas? E por que que alguns termos que a gente encontra Via Campesina vai usando e a gente vai revisitando e sistemas e vai dando outros significados ou re-significados? O próprio termo desenvolvimento rural, que é da década de 70, foi uma estratégia para contrabalancear os efeitos negativos dos dos países do terceiro mundo do modelo chamado primeiro, e surgiu como desenvolvimento comunitário. A primeira experiência foi lá na Índia, depois ela sempre ou para 60 experiências, né?

É financiado por que iniciou com o fundo financeiro telefone da são fora e com isso. A ideia era um programa com desenvolvimento comunitário para que poder se trazer para as comunidades um processo de desenvolvimento em harmonia com a participação da comunidade, então desenvolvimento comunitário, mas na verdade era para introduzir os pacotes tecnológicos da agricultura industrializada, da revolução verde, né? Isso ver quantos cursos de que esse país de terceiro mundo tá no culto, tá vindo com fome, né? Tava um processo para subir alimentação de segurança alimentar e o seu não deu certo, isso é, deu problema década de 50, 60, 70, em conta do que pouco se fala, isso, né?

É um programa de logo foi substituído pelo desenvolvimento rural integrado, e esse desenvolvimento rural integrado ele aí com a ideia de ter vai trabalhar pobreza, o problema da pobreza no campo precisava de um preparo humano, então em aí as escolas rurais ensino rural precisava de bom, as assessorias técnicas de extensão rural em que

precisavam de tecnologias, né? É isso foi criando não difusionismo mais agressivo integrado, mas agressivo houve encontros na internacionais como própria conferência da ONU de 72 vai Estocolmo, né, aonde vai sendo discutido muito essa questão ambiental e o surgimento da discussão da sustentabilidade é o ponto de que na década de 80 a gente chega já no termo sustentável, né, pela comissão mundial do meio ambiente é, e aí a tentativa é na análise crítica que a gente faz que foi um processo dinheiro colonização geral dos mais distintos discursos em caráter planetário, porque como a coisa tava difusa, né, então a forma de ganhar uma certa unidade e que vai levar a todos por um mesmo sentido acima dos interesses da classe inclusive, né?

Então dá a impressão de um novo mesmo sustentável, novo, né? É isso ganha um corpo na década de 80 e 90, é isso vai então inclusive entrar como concepção das diversas formas de entendimento, né? Então desenvolvimento sustentável viram sinônimo, né? E inclusive para alguns o sinônimo era de um crescimento econômico sustentável e foi muito criticado por alguns gera um crescimento econômico social cultural, né? Mas que na verdade é a forma desse desenvolvimento era ainda um desenvolvimento com sino de atividades industriais nesse supostamente sustentáveis vinculados a uma globalização do capital do que eu falei anteriormente desse capitalismo, né?

Permanentemente crescente e ampliado, né? E eles estão não houve uma tentativa de metamorfosear na década de 90 esse sentido desenvolvimento rural é e houve um processo de disputa também nesse nome ajudou muitas de nós aqui lembra disso nós não participamos dessa disputa tá mas não tomou alguns acho que a gente disputa tá verde da outros não né a disputa é bom o conceito de sustentabilidade ecológica, como está, é incompatível, né? Então nós precisamos tratar bem, colocar elementos da agroecologia nesse desenvolvimento rural de base agroecológica, desenvolvimento sustentável de base agroecológica. Gente, esse nome vocês vão lembrar de várias coisas, livros que foram lançados com nomes parecidos, temas de eventos que a gente participou, de Congresso.

E aí, essa tem uma crescente influência sobre o conceito de sustentabilidade na agricultura, né? Então uma publicação importante foi a Sustentabilidade Agrícola, uma LAN e uma Ordem Mundial de Transformação, é super meio essas disputas, primeiro Eco-92, nessas lembra que tinha uma discussão, não assistindo as empresas, os governos tô falando sustentabilidade, mas estão falando em crescimento sustentável, não é isso? Mas nem com 92, é. Vou falar bem rapidinho pra gente não ter mais tempo: a Rio + 20, horas a conferência das Nações Unidas, né, pro meio ambiente, desenvolvimento, né, a Assembleia das Nações Unidas, a ONU, é isso passou também por diversas disputas, inclusive a própria falta também a ONU é disputada nisso, contanto que a ONU na década de 90, ela lá que elaborou seu conceito de segurança alimentar, ela amplia, ela já começa a colocar segurança alimentar com o direito não só a caixa de guerra, né, é o simpósio os versos simpósios da fauna.

Olha eu vou chamar atenção para os três últimos, né, o que teve em 2014, com a nossa presença, inclusive da Via Campesina. Esse é o que teve em 2015, né, com a presença das organizações, mais a presença dos governos e antigos organismos que a gente tava acreditando, né? E aí são elementos históricos que eu coloquei, estou só colocando porque a gente entra numa discussão grande dessa conceituação, bom, eu Via Campesina, nesse sentido, como é que é, na Via Campesina é a Via Campesina e diversas organizações parceiras que fazem parte, né? O que estão organizadas aqui no Brasil, por exemplo, na frente Brasil Popular, né? A própria Marcha Mundial de Mulheres foi muito importante nessa discussão, que é o esforço de dar centralidade à discussão do alimento como base da e da sustentação da vida humana e mantendo vivo o legado camponês e dos povos originários, né? Então os camponeses como realizadores do processo de produção e reprodução de uma biodiversidade, de organizar os sistemas agrários.

Só Via Campesina passou, inclusive, eu não vou poder ter tempo de dizer aqui, diversos encontros, né, desde 96, quando ela formulou o conceito de soberania alimentar, né, e no México, em 2007, inclusive, quando ela, que significa em ENEM elenir, ela reforça as alianças e ela profundiza o conceito de soberania alimentar. E nesse, em 2007, que a Via Campesina coloca que as transnacionais são os principais inimigos, né? Pede que o Senhor dos agrocombustíveis, é a própria conferência em 2008 em cima fazia que não precisa dar uma inflexão na agroecologia, ainda que o nome. Olha o nome, gente, na época o nome era agricultura Campesina sustentável, se vocês lembram, né? E aí, vai ser uma discussão muito grande em 2009. Inclusive, tem uma reunião para discutir o conceito de agricultura sustentável dessa agroecologia, né, entre Gerais.

Isso ainda na Via Campesina de forma geral, não é algo resolvido. Porque tem uma discussão da sustentabilidade a partir da produção da agroecologia e então, por exemplo, o país da Europa, né, e os países da ficam pensando na Europa ter uma concepção ainda muito da sustentabilidade é a tia a Coloque por mais que ainda use nome vocês vão ver que em Cuba usa muito esse nome, mas assumir agroecologia partir de outras skopos, né? Quais são esses outros corpos que a Via Campesina assume? Principalmente a Cloc. Por quê que é tô aqui na América Latina, a gente sente que não é muito fácil para os países da e na Europa sentir os camponeses sentir algumas, por mais que seja globalizado essas ações, mas muitas dessas empresas transnacionais têm fundações. Fundações que apoiam e as organizações camponesas apoiam algumas iniciativas da agricultura orgânica então é um processo que não é fácil mesmo, é um processo difuso em disputa, né?

Têm que alguns elementos que principalmente que estão ligados aos nossos processos formativos educativos da agroecologia, principalmente dentro da glote tira um solo nos ajudar talvez. Os encontros de formação dos nossos formadores, mas ajudando na elaboração e na síntese desse processo, né, a impedir me assustei um primeiro encontro Continental de formadores e formadoras em agroecologia em 2009 na Venezuela, né? E nesse primeiro encontro emergiram tensões, né, e debate sobre cosmovisões, escala de

produção, escala da ecologia, diferentes divisões de mão com forma de conhecimento na qual se chegou a síntese da importância de conceber diferentes formas de conhecimento numa perspectiva política, né? Então, Campesina indígena-quilombola ameríndia proletária, né, em 2010, a gente organizou um segundo encontro Continental das Américas em Guatemala.

Foi muito interessante, alguns de vocês aqui que estão presentes que estavam lá, e eu quero, talvez a Dominique Tardin, talvez, é o comprador da Argentina também estava lá, e nesse processo foi um marco para impulsionar um diálogo de reconciliar visões de um materialismo histórico dialético e das cosmovisões, né, com as missões indígenas, cosmovisões quilombolas, né, é ao ponto de a gente começar a construir que a agroecologia, bom, é deixa eu achar aqui para o saltar aqui, achei: agroecologia ele é parte da nossa ancestralidade e da nossa maneira dinâmica e racional de ser parte da natureza, olha aqui profundidade que a gente chega, a gente se reconhece, né? Isso é uma conexão entre o materialismo histórico e uma cosmovisão, porque isso a gente tem uma relação, entre a gente faz parte do metabolismo da natureza, o ser humano faz parte, e uma de nossas formas de luta contra o avanço do capitalismo entre e toda forma de dominação e é uma construção política popular.

Olha só na reconhece que além de camponeses, ele é para além dos camponeses social, cultural, ancestral, científica-econômica estratégia indicasse nem tão a alma a uma um avanço do ponto de vista e o que interessante é que o avanço que diálogo com processo histórico que diálogo com os diversos elementos históricos nós somos constitutivos desses elementos históricos e a gente vai a partir do momento em que a luta se torna mais acirrada para o campesinato negros indígenas.

Isso também vai acertando a nossa concepção de agroecologia isso também vai terminando e sobra determinando a nossa concepção de agroecologia voltando aqui para os nossos encontros para aí para o último bloco da. E é só colar em 2011 a não e em 2011 a gente realizou um primeiro encontro global de produtores de sementes, né? E a gente, em 2012, organizou também o primeiro encontro global de agroecologia e sementes, né? Isso é interessante porque a Via Campesina, para nós, estamos, eu vou colocar um pouco, nós temos várias campanhas. Isso foi, reata, alimentando, lança campanha sementes, né?

Que no Brasil, me chamou excelente Patrimônio da Humanidade. E teve um debate que foi muito interessante na declaração que vão, debate aberto, que foi: agroecologia é uma, é agroecologia campesina, ou é agroecologia campesina agroecológica, tão tudo aqui na cozinha campesina. É, várias. Ecológico ou já, agroecologia, nós temos que referendar que é uma agroecologia campesina, mas na perspectiva da, de uma continuidade da produção agroecológica, né? Porque havia um processo de crítica, né?

E as formas de produção camponesas também estavam introjetadas e corporificadas dessa forma de produção do agronegócio, né? Então, não dá para dizer que só se a campanha camponesa era uma produção agroecológica. Mas isso faz parte de um processo de discussão muito atual, né? É, é bom. E isso foi interessante, que vocês devem, quem leu os materiais que a gente passou, isso foi colocando que o próprio processo de diálogo que nós temos com os organismos internacionais, uma fala ONU, nessas instituições, as universidades, é a gente começa a pontuar alguns elementos dessa nossa concepção.

E a gente começa a dizer, a gente começa a negar que algumas instituições, né? Tem colocado o modelo convencional emirado, agroecologia, como uma possibilidade de conciliação de coexistência, entre esses modelos, né? E agroecologia como ferramenta técnica, né? Então, essa ferramenta técnica, ela pode se pintar de verde e não ali realizar

alguns ajustes nesse modelo convencionais né então a gente começa a também ocupar esses espaços internacionais questionar a unidade de convivência, né, no debate do desenvolvimento sustentável, o debate desenvolvimento rural, né? Bom, a gente, nesse processo, ainda dos encontros, a gente realiza o, um elemento, um foi muito interessante, que foi recente, foi um seminário em 2017.

Eu não sei a quem tava, mas algum de vocês deve ter ido. E na floresta integrante, que foi um encontro continental para construir os processos de formação ecologia. Então, se retoma um pouco desse cenário. E aí, em 2017, apareceram alguns desses elementos que eu coloquei do mercado e da financeirização da natureza e da vida, né? É de forma ampla. A gente realizou também, em Cuba, em 2018, um encontro das escolas de agroecologia. E, é, tá bom. E nisso sim, vai terminar essa parte e fazer ainda mais 15 minutos, André. Eu sei que eu passei do tempo aqui, só para você. Tudo bem, não precisa correr, tá? Pode ficar à vontade, a gente tem um tempinho ainda aí para colocar os elementos necessários, então, eu só vou sair, tanto que eu pulei umas coisas aqui, mas eu só vou dizer bem rapidamente que nessa construção conceitual, a gente, é o que é interessante da Via Campesina, do próprio MSP, é que a gente tem um lastro histórico.

Então, a gente tem um processo de caminhada histórica concreta de materialidade, seja na produção, de fazer, a produção, de fazer, comercialização, de fazer o processo de agroindustrialização, de fazer luta, de fazer ocupação. E a gente tem esse lastro, a gente constrói experiências. Então, a gente e ao chegar nessa concepção mais contemporânea ou mais atual da ecologia, a gente vai fazendo, né? Então, os camponeses sem-terra, né? Vamos, vou fazendo uma prática e vão se transformando. Isso é interessante porque a gente pode lembrar da música, né? Que a gente cultiva e ela continua, a gente é isso o mundo, o movimento Via Campesina, eles vão se transformando, fazendo, né? Então, a gente realizou muitas, inclusive muitas campanhas, né?

A campanha das sementes, né, então, como patrimônio da humanidade, as campanhas da reforma agrária integral e popular. Então, a gente começa a colocar essa forma paulatina do azul negócio, né, do mercado de capitais, né, de concorrer com os nossos territórios. A gente precisa colocar a necessidade não de uma reforma clássica, né, como resultado de conflito pontual, mas uma reforma agrária na sua totalidade a gente coloca a campanha contra os agrotóxicos, nem tão têm nomes diferentes, tem o Pedro da Sil é uniforme, campanha contra os agrotóxicos e pela vida. Em outros lugares, tem outros nomes, né, tem a campanha contra formigação na Argentina, quantos povos em defesa dos povos formigas na própria Argentina, né, agrícola e do agronegócio. Nas escolas, tem a campanha, vai se materializando de forma diferente no Paraguai, né, tem a campanha com os agrotóxicos, muito interessante, tem a campanha contra as transnacionais, né?

Então, todas essas campanhas, é, tem países que se organizam, tem pessoas liberadas, né, para formular, para organizar. Tem grupo de trabalho, GT, é de trabalho, né, uma forma de organização da é importante, né? Então, vem a nossa, o nosso um show assim, é a própria Via Campesina, coloca, dentre as campanhas das lutas, o nosso projeto. A gente tem linhas muito claras, né, que é uma reforma agrária integral e popular, nem com parte de uma construção da soberania alimentar. Uma outra plataforma, né, que é o direito de decidir as políticas com autodeterminação dos povos, uma outra plataforma, né, e desenvolvendo novas relações e valores entre homens e mulheres com a natureza. Então, a outra falta que é o feminismo camponês e popular que esse, né, nós estamos no período recente construindo porque esse debate, né, seja promover dos movimentos feministas e o movimento camponês se torna em outras complexidades, mas a gente assume que a relação de expropriação do capital sobre a natureza e ela também é uma relação de fabricação sobre os corpos das mulheres, né?

Essas mulheres que cuidam da segurança alimentar que tem aí a Via Campesina, nós temos que visitar o conceito de cuidado, né? Porque ela cuida da casa, ela cuida dos mais velhos, ela cuida das crianças, né, da alimentação, lá. Então, a gente além de querer

a divisão, é superar essa divisão sexual do trabalho, a gente também quer ampliar essa concepção de cuidado que é um cuidado coletivo, amo, né, e reconhecer que os corpos das mulheres também sofrem com isso, né? Quando ela ler, quando ela vai cuidar da seleção das sementes, da produção das hortas medicinais, dos canteiros produtivos mesmo, é enfim, da própria seleção de sementes. E com isso, a gente coloca o feminismo camponês popular, o projeto é que a perspectiva feminista na agroecologia, ela parte quase um projeto anti-capitalista, antipatriarcal, mas também antirracista, né?

É um feminismo que ainda edificará campesino, campesina, né, articulado com popular, né, então articulado com setores da classe trabalhadora. Bom, e para terminar, então, bom, em Cuba, eu não vou falar do processo histórico. E vocês, espero muito que vocês tenham visto aqueles dois vídeos, por mais que são vídeos de talheres, né, organizados numa atividade muito bacana, nanap, né, junto com as reuniões da Coloque Vias, encontros internacionais de agroecologia que são lá na em Cuba, e eu vou colocar alguns elementos que são um interessante para gente olhar. Isso é o elemento que ressignifica a nossa concepção de agroecologia e também nos potencializam na concepção da reforma agrária popular, né? Então, a Cuba ela, por quatrocentos anos, né, ela foi notada passou por um processo de um monocultivo é agroexportador em dimensões muito forte, né?

Então, Cuba passou por um processo de colonização depois neocolonização, né? Então isso trouxe algo para a organização dos de base dos recursos naturais muito grandes, né? Mesmo Cuba realizando um processo de revolução em 59, em algumas agendas estavam colocadas. Mas algumas agendas do ponto de vista material passaram por um campo tático e não estrutural. Então, a própria agenda do racismo, né, contra o racismo estava presente desde o das lutas anteriores Martins é. Então ela estava bem presente mas ela acabou ganhando perdendo força já na terceira o processo dá porque como eu passo aprovados processo de revolução as lutas independentes também são lutas revolucionárias e ela perde uma certa força. A pauta ecológica também está presente, né, com os cuidados da natureza, mas ela passa por um campo tático. Esse campo tático, em vez de estar na

agenda do dia desde os processos iniciais, o campo tático é de que no processo de desenvolvimento socialista, a gente também vai desenvolvendo essa concepção ecológica e da relação para com a natureza.

A gente também vai desenvolvendo, por exemplo, um maior protagonismo das mulheres, né, que realmente isso se deu. Mas ela estava presente, mas tinha debilidades no processo da revolução. Ah, é. Então, em Cuba, quando se realiza o processo da agricultura mesmo pós-revolução, ela tem uma parceria muito grande com a União Soviética, né, então muitas vezes usam químicos sintéticos, a União Soviética ali no bloco socialista, maquinário, fertilizantes, agrotóxicos, né.

Tem um artigo que inclusive coloca números, isso não conto de maquinários, quantos toneladas de herbicidas, né, chegou, enfim, né. É bom quando chegou mais ou menos no período especial, ali na no fim do bloco socialista, na crise ele na União Soviética, então, aproximadamente nos últimos de 25, 30, 25 anos no período especial, Cuba encontra um processo muito concreto e com dificuldade de desenvolver um modelo agroquímico, bom, né.

E aí se buscou condições de uma transição de um modelo agrícola. O interessante é que essa transição, ela é uma mescla de coisas, né, então na década de 90, eles vão buscar introduzir o modelo que era presente nas raízes camponesas, então entra em uma questão de memória, de identidade, de ideologia muito interessante e também vai introduzindo a discussão de um modelo de agricultura sustentável, olha, década de 90, né, que isso é discussão tá muito em alta, né, e vai direcionando para uma produção de base agroecológica.

Essa transição proporcionou muitos desafios, né, ela proporcionou gerar conhecimentos para otimizar os sistemas produtivos, então combatendo, que direcionar o seu, sua base produtiva, sua base científica, bom, né, é que foi que começou então a voltar-se para a produção de uma biologia, ou seja, de insumos biológicos, né, e isso também potencializar e fortalecer as capacidades humanas, os talentos humanos. Então, os agricultores também eram cientistas, tão logo as químicas também são laboratórios. Os agricultores também começaram a tentar entender para dar aquela máquina da União Soviética, eu tenho que entender um pouco de física, mecânica, né? E o que é interessante também é que uma ilha que, nesse período histórico, ela sai de um processo de analfabetismo muito grande. Você tem um camponês ao filho de camponeses que estudaram, né, foram para faculdade, né, e estudaram também. Pois é, e você tem então um processo de construção de conhecimento, de diálogo já sabedor, muito interessante, que vai desde e é em reproduzir, né, resgatar o modelo presente nas raízes de camponeses, na memória, na história, da identidade, né, de incorporar, né, capacidades científicas a partir de uma dinâmica dos camponeses e também das instituições de pesquisa. Cuba, no período de dois mil, ela organiza um movimento agroecológico, porque ela entende que a agroecologia, ela precisa para ganhar massificação.

Ela precisa passar por uma definição política organizativa, então, isso significa uma ruptura, mesmo que, mesmo que ela seja uma transição, mas ela, no seu sentido de definição organizativa, ela é uma costura e por isso ela tem que ser construída desde as bases, né? E com isso, Anapu, então, ela organiza, principalmente 2012, pela estrutura e cooperativas, que todo camponês em Cuba tá é numa cooperativa, né? Ela vai então organizando e as cooperativas elas passam ser o espaço mobilizador, impulsionador, espaço político, mobilizador e impulsionador, e organizador do processo, nem tem como instrumento camponês, camponesa, que vocês viram no filmezinho que chegou em Cuba em 95, né, nesse diálogo com nicarágua, ali nos países da América Central e Caribe, o movimento acontecendo, o campesinato, estava muito latente na década de 90, e Cuba então começa a utilizar esse instrumento, né.

Primeiro, ele vai tentar fazer uma experiência com Clara em 95, depois ele expande, né, ao ponto de chegar em 2 mil, nesse período do 2010/2012, como o movimento campesino é algo que faz parte. Então, quando você chega numa cooperativa, você tem lá o coordenador agroecológico, tá cooperativo. E você tem aquele onde estão as cooperativas naquele município, o coordenador do movimento agroecológico o Municipal, provincial e Nacional, então agroecologia se torna parte do processo político organizativo. É bom, é, em algumas coisas que eu vou passar, mas o que é interessante só você tá muito rapidamente, e é que a construção da agroecologia passa por uma ruptura da agricultura convencional, mas ainda há processos coexistentes. Agricultura tradicional, desculpa, convencional, ela está presente, né, ela tem suas forças minimizadas inclusive por essas faltas. Cuba tem um bloqueio muito grande, né, é, e Cuba em certas, é resguardada as medidas, né. Principalmente nas cooperativas, não tanto nosso BP6, é a Cuba que consegue realizar um processo de repensar a organização do trabalho e a produção agrícola, né. E ela vai tentando, oh, intensificar um processo educativo, um processo pedagógico que vai tentando se situar a partir das frutas agroecológicas, que é o grande laboratório, né.

Ela faz um, de dentro de uma perspectiva pedagógica, buscando horizonte a céu cansado da agroecologia, tentando construir um método que conduza efetivamente a conversar agora ecológica que o campo ensina acontecendo e nas suas diferentes práticas e processos formativos.

Bem, é claro, evidentemente, que Cuba conseguiu avanços bastante significativos nisso porque Cuba é um país que passou por um processo de um país socialista que tem uma propriedade de todo o povo sem modalidade estatal não estatal, né, isso tem uma discussão ampla, né, mas você tem uma economia planificada. Você tem uma organização política de massa, você tem o sistema cooperativista, né, então você tem CP, acho que é tudo coletivizada cooperativa de produção agrícola.

Você tem as cooperativas de crédito e serviços e você tem o bebê seis que são as unidades básicas de produção cooperativa. Essas, por exemplo, a gente não vai achar agroecologia. Esse é um desafio que Cuba tem, que são as produções ainda para exportação. Por isso que eu falei que tem modelos de coexistir, das cooperativas e das soberbas seis, né. Cuba desenvolveu muitos métodos e práticas, é por isso que inclusive a gente tá lá, Andreia, a gente tá desde 2006 lá, mas a nossa saída para lá em 2018 era para além do que já existia de parceria na área da educação e infelizmente do dos médicos, não tem mais ela.

Quais os outros elementos no campo da batalha das ideias que a gente precisava buscar para fortalecer a reforma agrária popular, é a agroecologia, é o campo da juventude, da cultura e o campo da educação. Então, são pilares e a nossa tarefa é criar essas articulações, né, ampliar as articulações e parcerias com as instituições de pesquisa, né, fazer parceria como está prevista. Espero que dê certo no ano que vem, né, André? A gente está nessa construção que é vinda de Jesus no Paraná, Rio Grande do Sul, né.

Alguns investigadores vieram para cá e alguns também vão estar indo para Cuba, né. A gente levou onze pessoas que ficaram dois meses em Cuba, né, foram para oito, nove estados, foram para 87 cooperativas, né, fora oito companheiros do setor de produção há 2 meses em Cuba e é isso, para ver o que que vocês de pesquisa estão realizando, o que que é esse projeto Piau, que é um programa de agricultura que tem essa relação direta com as fincas, né, como o processo produtivo em conexão, é o que que é agricultura urbana e suburbana, meio que não é uma produção em pequena escala, você chega na cidade, né, você tem uma produção, né, que contribui para a segurança alimentar das cidades, dos centros urbanos.

E você tem o mesmo campesino campesino, né. E você na atualidade, Cuba aprovou planta, né, que é de soberania e segurança alimentar e a culpa tem muitos desafios. Então, terminando, e nesses desafios é um dos poucos países que têm a segurança alimentar, então Cuba tem uma pobreza forte porque tem poucos elementos do seu desenvolvimento das forças produtivas do capitalismo, mas a culpa não tem, não é o país de miséria, nem é um país que pessoas não tem, essa é uma sociedade de justiça social, de direito e de bem-estar. Nessa de educação, saúde, alimento, então uma coisa que interessante é que o alimento não é mercadoria, alimento, então, contanto que, por exemplo, na planificação do Estado, eles têm que distribuir para três setores, né, que é para auto sustento, para sustento deles, para o consumo social, são as escolas, as creches, escola, creche, hospital, lugar dos abuelos, né, os asilos.

E aí é legal que agricultura as produções orgânicas vão, desculpa agroecológica vão para a produção de algumas doenças, desculpa, por compra, para a luta contra algumas doenças como o câncer, né. Então, tem algumas pessoas com alguns tipos de câncer que só se alimentam de produção agroecológica, né, e tem a própria entrega para o estado, né, que são skorprios, que só seriam os nossos Conab saque que aí entra as feiras locais, os agromercados, o turismo, isso planejado, né, cooperativa quando entrega sua tonelada.

Ela sabe que ela vai entregar tanto para aquilo, tanto para isso, tanto para aqui. Eu entrego para o mercado e compra quem quiser, né, só tem acesso quem tem dinheiro para comprar, né. É bom, acho que é isso. Quero terminar só com uma frase, é uma frase da Via Campesina que eu acho que é importante: "Agroecologia é necessária para que os povos garantam a soberania alimentar e energética, mas para a emancipação humana, além disso, agroecologia é vital para o avanço da luta dos povos para a construção de uma sociedade onde não haja a propriedade privada dos meios de produção e dos bens comuns naturais, senão e não nenhum tipo de opressão e exploração, cujo fim não é acumulação." Então é isso, assim, acho que o sentido é que agroecologia para nós é como tá no material

que vocês viram, é o sentido de resistência de transformação nesse momento histórico. É isso aí.

Encontro 7. Organização de Cadeias Produtivas

Organization of Production Chains - Daniel Mâncio

Aula:

Obrigado e parabéns. Obrigado Neide, brigada Andréia também que tá na sala ainda e as demais pessoas. Boa tarde a todos os camaradas que estão aqui nesta quinta-feira à tarde chuvosa. E aí Dinei! Eu sou paranaense. Dinei, é só que é de Minas Gerais. 15 anos e agora dez anos, e no Espírito Santo então... já as raízes Paranaense... já estão dispersas. Os demais estados do nosso movimento... Mas é camaradas, é uma satisfação estar aqui podendo compartilhar um pouco do debate que a gente vem fazendo. Não é um debate novo dentro do movimento, mas é um debate que agora a gente tenta alinhar e assentar ele sobre o debate geral político da reforma agrária popular. Bom, então eu consigo... Andreia, consigo compartilhar aqui? Queria sim, né? Vou ver se eu consigo.

[Música] E não consegue assim Daniel aqui ó... já estão conseguindo ver minha tela? Ah tá legal, tá legal! Eu soube de um comparado que eu estou vendo então estamos é que tá todo mundo vendo né? Às vezes a internet auxilia pouco, se alguém quiser... entendi pode avisar que tinha umas parando e bom, então esse depósito um debate novo das cadeias produtivas, das linhas de produção, das redes produtivas e a organização da nossa produção é ao longo de várias etapas da dessa produção mas agora a ideia é que a gente possa alinhar ela dentro da Estratégia Geral do movimento da reforma agrária popular, e então só para trazer aqui eu peguei esse aqui lá no site da e no curso, então

fazer um resgate rápido, onde o debate das cabeças do time, mas não pode ficar solto na perspectiva do movimento, nele para dentro de um curso de questão agrária e cooperação e agroecologia, tá me entendendo?

Que hoje é a nossa forma de organizar. Nossa concepção de organização da produção se assenta nesse contexto, então passando por vários debates desde o debate foi o projeto é Popular para o país até o debate mais conceitual das leis fundamentais do capitalismo a questão agrária a reforma agrária popular agroecologia o internacionalismo, e agora a gente traz o debate das cadeias produtivas, então eu queria lembrar que ele tá dentro desse contexto geral estratégico do debate da questão agrária, bom então eu pontuo três questões para gente trazer enquanto objetivo, se aprofundar o entendimento nossa o que da organização da produção na perspectiva das cadeias produtivas e a relação com o movimento, O segundo é objetivo compreender a nossa concepção de cabeça do time e como ela se difere da perspectiva do agronegócio.

O próprio negócio também fala cabeça. Curitiba, né? Então qual que é a nossa diferença, o que que nós usamos essa palavra, esse conceito, e qual que é o conteúdo que temos dentro desse conceito, um lado e coletivamente pelos movimentos. E por último, trazer alguns elementos mais concretos, em campo e alguns exemplos que vão se dar ao longo da nossa discussão. Tão medo é a questão introdutória seria a gente pensar algo ou eu sei que provar equipado já fez essa discussão em questão agrária e reforma agrária, né? Tudo e o desenvolvimento no campo também a gente faz de disputa. E aí vocês já estudaram recentemente isso, né? Então falando que produzir. Como produzir? Para quem produzir? Quem produz, né? E nós estamos falando que é uma disputa, então estamos falando claramente de dois modelos, que é o modelo do agronegócio, né? Que tem seu modo de organizar a produção que passa debaixo das cabeças dos tipos, né? Que envenena, que tem o pacote tecnológico transgênico que mata as pessoas, que explora o ser humano, que degrada os solos, as águas e a biodiversidade nossa.

Bom, e o outro modelo antagônico a esse baseado na agricultura camponesa, né? É enquanto um contraponto com crepe direto ao modelo do agronegócio e a gente se coloca nesse debate da Agricultura Camponesa enquanto um modelo que disputa com agronegócio, não perifericamente, mas disputa porque nós temos a tarefa histórica de alimentar o mundo e se a gente acredita que esse modelo nosso tem que cumprir essa tarefa histórica. Então eu tenho que organizar nossa produção para que dê conta de cumprir a tarefa histórica para a gente não ser conivente com agronegócio, mas eu mostro o modelo de produção é a modelo camponês agroecologia tem que estar sentado no debate disputa de modelo e já o disputar temos que harmonizar temos que dar passos concretos nesse processo estão aqui todas as nossas né é assentamentos do Espírito Santo do Rio Grande do Sul da Bahia nossa produção de arroz nossa produção de chocolate é isso bom então alguns outros dados aqui né que provavelmente já passou também eu vou passar bem rápido né os alimentos produzidos né pela Agricultura Familiar Camponesa né então estamos falando que o Pedro fez certo por cento da produção de mandioca é produzida pela Agricultura Familiar setenta por cento do feijão 46 do Milho quase quarenta por cento do café 34 centro do do Arroz né 20 quase Vinte por cento do trigo e Soja né e também as proteínas né então Leite 58 por cento produzidos pela agricultura camponesa né as aves carne né diabo e cinquenta por cento porco e suínos 59 por cento de gado, o que é, mais ou menos, uns trinta por cento, a gente consegue perceber o papel da Agricultura Familiar e camponesa para alimentação do povo.

É como que a gente dá visibilidade e organiza a nossa produção, sabendo da importância dela do ponto de vista da produção de alimentos e não de qualquer coisa como o agronegócio faz, né? Agronegócio que produz o que é isso não interessa o caro no negócio do agronegócio do buzum para eles, né? Então, se é soja, se é milho, se é eucalipto, se é cana, não faz a menor diferença na perspectiva do modelo de desenvolvimento deles, né? E para nós faz. Nós estamos indo lá em medo. Nós estamos colocando exposição de alimento saudável. E é ainda na perspectiva de assentar o nosso super barato. Alguns conceitos chaves assim que eu acho importante para ver. Primeiro conceito, conceito de

hegemonia e Giovanni quanto uma visão de mundo é predominante de uma sociedade, quer dizer, aquele aquela visão de mundo que coordena o entendimento e o modus operandi uns de uma sociedade.

Então essa hegemonia tem duas formas práticas de se impor ou ser construída, uma pela força da coerção e outra pelo consentimento, pelo convencimento, né? É convencer as pessoas de que o nosso modelo de agricultura se dá conta de alimentar o mundo e é o mais adequado do ponto de vista social, econômico, e ambiental, cultural, ético. Então essa perspectiva da hegemonia enquanto é um aspecto da ideologia e aí trazendo uma frase síntese do da ideologia alemã em Marx, a ideologia dominante é a ideologia da classe dominante. Oi, e a ideologia da classe dominante, ela é hegemônica. Bom, então nós estamos falando que o debate do modelo de produção e até mesmo das cadeias produtivas tem que se assentar em um debate de disputa de hegemonia. O outro conceito chave é o conceito de território.

O que é a capacidade nossa de imprimir themoniya, né, e ter força política hegemônica em um determinado espaço tão grande farol? Mas temos que ter a hegemonia do nosso território, né? Não estamos falando só do nosso assentamento, do nosso acampamento. Nós estamos falando daquele espaço territorial, aquele espaço de treinar, onde nós temos força política, ou seja, onde a gente consegue e é convencer que o nosso modelo de agricultura, o nosso modelo de formação, o nosso modelo de sociedade é o mais adequado.

Então não basta estarmos no assentamento e pelo assentamento enquanto território significa apenas tratamento um acampamento um espaço onde as nossas ideias são dominantes e hegemônicas. Ah, e por isso o estudo e cores para mim o salário não só o cu para disputar esse implementar um pouco a nossa a nossa hegemonia ideológica. E é

bom, é derivado desses conceitos mais chaves, né, trazer um outro elemento importante para nós da reforma agrária popular e a resistência ativa. Não tem novidade, só um resgate, né? Então, reforma agrária popular, uma perspectiva de gente falando na mensagem anterior a gente disputa da e gelo me ligue ou política no território então nós queremos disputar projeto de sociedade vemos que tá projeto de campo projeto de produção.

Projeto modelo de desenvolvimento, então, ter força e ter hegemonia em nosso território, é isso. É o nosso modelo conseguir se destacar e todo mundo que fala, fala do nosso modelo como a referência com um aspecto é política importan tão uma um desdobramento, né? Então, nós estamos falando de hegemonia na perspectiva de disputar o poder de dar a direção a um dado pro o desenvolvimento da agricultura da vidrocamp influir na sociedade local e regional, fazendo a disputa pela hegemonia política ideológica de qual modelo deseja desejamos para o campo brasileiro. Só não basta só estar lá, nosso modelo tem que estar conquistando mentes e corações. É, então, isso é papel da reforma agrária popular, é disso que se assenta o nosso debate, né? A disputa de poder tá falando de poder, né? É uma meta-síntese nossa reforma popular e produção de alimentos saudáveis para toda a sociedade, então, estamos colocando à disposição a produção de alimentos.

E não é qualquer alimento, é alimento saudável, e não é só para nós. É produzir alimentos saudáveis para toda a sociedade, dialogar com a sociedade a partir dos alimentos saudáveis. E aí, ali embaixo, estômago e a alma, porque os alimentos que a gente tenta produzir de forma saudável para toda a sociedade, para dialogar com todas as idades, não é só alimento que enche o bucho, né, mas também o alimento que enche a alma. Nós estamos falando de educação, nós estamos falando de Formação, nós estamos falando de saúde, né. Então, falando de cultura, é isso que é a perspectiva de produção de alimento saudável em todas as suas perspectivas. Não adianta só produzir um arroz orgânico,

agroecológico. Se ID. Oi, gente, nós estamos criando os mesmos monstros do sistema capitalista dos nossos assentamentos e reproduzindo a mesma lógica de funcionamento.

Então, você tem que ter essa perspectiva da alimentação do estômago e da alma. É nesse contexto. Qual é a tarefa do campesinato do ponto de vista de organizar a produção de alimentos saudáveis? O próximo será que é só produzir, só que basta para nós produzir arroz, feijão, milho, café.

É só que basta produzir e é nós estamos entendendo que só produzir não basta, né, que nós tem uma longa caminhada entre a produção e a realização concreta da tarefa do campesinato que é dialogar e de disputar hegemonicamente porque a gente produz arroz e vende para atravessador e ele vai lá e coloca outra, outra marca, outra identidade, outra se perdeu, né, a gente não conseguiu dialogar com a sociedade a partir da nossa produção de arroz nesse caso esse exemplo que eu tô dando então nós fazer um debate para a organização da produção e as cadeias produtivas uma perspectiva de organização das famílias.

Né de dar organicidade ao nosso processo de organização da produção também numa perspectiva de geração de renda e trabalho o aumento da qualidade de vida das famílias assentadas e acampadas, né, mas também tá falando de novas relações sociais de Trabalho através da cooperação envolvendo o debate de gênero de solidariedade de juventude gerações então é esse conjunto de conteúdos que nós temos que trazer para dentro da nossa perspectiva de organizar a produção e as cadeias é do tipo da soberania alimentar, da preocupação com o meio ambiente.

Então, a ideia é agregar valor e distribuir valor ao longo da cadeia produtiva, garantindo essas premissas orgânicas, do movimento de qualidade de vida, de inclusão das mulheres, dos jovens, da soberania alimentar, e da própria cidade, das nossas famílias, do nosso movimento. Como é que tá, assim, o que que é a cadeia produtiva então? E aí, a caneta do tio tava falando, a gente vai, vai, vai retornar, né, é um homem muito genérico, né? O agronegócio, uso de baixo da cabeça de ti, mas a gente não aconselho, mas vamos diferenciar depois, mas ele tem um conceito básico, né, e que a gente pode ver aqui é, em síntese, então, cadeias produtivas ou redes produtivas ou linhas de produção ou sistemas agroalimentares, não têm vários nomes que a gente vê na literatura, nas organizações, para, são conceituais.

Mas, no geral, são conjunto de etapas, é um conjunto de etapas, operações, o mesmo é a luz da organização da produção desde o sul. Os básicos mudas, sementes, os adubos, é passando pela produção propriamente dito, manejo produtivo, né, alento à industrialização, logística e finalizando com a comercialização. Então, essas são as etapas, fase Elo da organização da produção, numa perspectiva de cadeia, de cadeia produtiva.

O que é, tô, como é que a gente vai se separando do nosso debate de cabeça do Chivas ou linhas de produção do debate que o agronegócio faz? Então, qualquer perspectiva do agronegócio abre negócio também, tá preocupado com a produção de commodities, posição de lucro, pensando em de teu controle de todos os elos da cadeia produtiva desde os insumos, né? Então, é à toa que a Monsanto é detentora das sementes transgênicas e dos rios dos adubos e fertilizantes sintéticos, né?

Não é toa que ela é fomenta a produção de soja no Mato Grosso e não é à toa que ela beneficia, água industrializa e comercializa, e tinha uma forma ou de outra, ela integra

toda a cadeia produtiva, verticalizando ela, mas centralizando e concentrando capital em conglomerados, as grandes multinacionais. Esse processo é histórico, ele veio lá na Revolução Verde, na modernização da Agricultura com os complexos agroindustriais, os caí, né, que era a subordinação da Agricultura pelo Capital Industrial, e integrou Agricultura, começou a ditar as regras.

Esse modelo e ele, a gente faz a parte dele quanto que eu pulei aí, né, a gente integrado aí, ele integrado de forma subordinada, né, transferindo renda, sendo subordinado a ele, sendo explorado nosso trabalho, nossas terras, nosso meio ambiente, né, para centralizar, que concentrar capital na mão de três, quatro, cinco grandes multinacionais dos alimentos e da produção agrícola no Brasil e no mundo. Então essa é a perspectiva do agronegócio: integrar de forma subordinada o campesinato ao Complexo Agroindustrial. É então aqui rapidamente, né, acho que todos nós mais ou menos dominamos entendemos o que que é a cadeia produtiva para São 10, né, então você pega aqui, por exemplo, a cabeça do time do café, né?

Nós estamos falando desde os insumos, aliás, máquinas e implementos, a produção de mudas no viveiro, os símbolos agrícolas, os venenos e os Petit lisante, né, a produção propriamente dita, os tipos de Café, né, a indústria de transformação, beneficiamento primário, secundário, agroindustrialização, né, até chegar na comercialização, nas suas mais diferentes formas, exportação, varejo, café torrado e moído, café verde, só só pra gente contextualizar, e para cada é cultura que a gente produzem, existe uma cadeia produtiva mais ou menos organizada, né. Ele sabe que as commodities são as mais organizadas da perspectiva do Capital, então aqui é só para só para ilustrar um pouco esse essa essa ideia de cadeia, então continuando ainda não agronegócio, né, é um método de organização da produção negócio e cria dependência do camponês, é né, ele ele subordina no trabalho, subordinação autonomia subordinada a sua soberania alimentar.

O Camponês decide o que planta como planta para quem planta. Decide o que a Monsanto define que vai ser plantar, né? Esse modelo também aprofunda o êxodo rural, transfere gente do campo à cidade. Qual é o jovem que vai querer ficar no campo, se no campo é o lugar de exploração do agronegócio pelo do campesinato e o agronegócio? Então são questões centrais que nós temos que superar essa subordinação do campesinato ao modelo de organização da produção do agronegócio e por último, aqui, a transferência de renda até. O camponês produz a família camponesa produtos e os transfere aos grandes grupos multinacionais, ficando apenas com os riscos, né? Então aqui, o outro elemento que ilustra que a gente foi pegar, né? Por aqui estão os produtores, os Camponeses, e eles ficam pegando novamente exemplo da cadeia produtiva do café, que foi aonde eu gastei mais tempo estudando durante um período, então é onze por cento da produtividade do valor líquido da produção da xícara de café vendida no mercado, no mercado, numa padaria, numa cafeteria, apenas onze por cento fica na mão do Agricultor, da família agricultora, o resto vai tudo e os outros elos da cadeia produtiva, que normalmente a gente não domina.

Então para produção de insumos, 21 por cento, mudas, adubos. Esse é o primeiro, segundo, beneficiamento, 10%. Terceiro, beneficiamento, que é o processo agroindustrialização, de água, industrialização, esse Cadu, esse caso do café, é torrar e moer o café, junto com a comercialização, sim, quase 60%, ou seja, e é lá que tá ficando o recurso, o recurso que é produzido, o valor produzido e no campo, em 89%, é transferido ou para frente da cadeia produtiva, para beneficiamento em diante, ou para trás, na cabeça do tipo, na compra de insumos, né? Então só pra gente ter uma noção da violência e essa subordinação Econômica é que o agronegócio e as cadeias agroindustriais um ponte sobre o campesinato e nesse debate frango perguntando e realocando a discussão Nossa pelo movimento então a pergunta porque a gente tem que avançar localização das cabeças de ti nem a resposta já foi colocada, né, o risco do camponês sorriu agricultura é uma atividade arriscada o risco fica na família camponesa, mas a renda e a riqueza ficam nas multinacionais, bom, né?

Então, com o risco, a renda, a identidade dos produtos camponeses se perdem ao serem subordinados, né? É a geração de trabalho, exceção da Juventude. Tô dando falando de um processo geracional, manter a juventude no campo significa organizar o campo de forma direito e contemplada com renda, feliz. A tecnologia é o grande das cadeias produtivas para sustentar nosso debate de soberania alimentar, é definir o que vamos produzir, como vão produzir e para quem vamos produzir, né? O primeiro aumentar essa capacidade nossa de definição e é também sobre o debate da autonomia e da organização dos nossos assentamentos, é nossa sentar mesmo, são lugares só de produzir, são gás de viver em lugares de reprodução social do campesinato, então a juventude tentar lá, nossas indústrias têm que tar lá, nossos espaços têm que estar lá, nossas escolas têm que falar, né?

Então vamos ver com a lógica de organização da cadeia produtiva na perspectiva do agronegócio. Esse é o motivo central da nossa, da nossa do nosso debate: se rompe com isso, a gente melhora a nossa renda, melhorar nossa qualidade de vida, né? Então aqui um pouco se a gente tá falando que a gente é diferente do agronegócio, então qualquer nossa concepção, ela já sabe o porquê que a gente tem que organizar a nossa produção na perspectiva das Cabeças das cadeias produtivas agora qual que é a nossa concepção de que difere as Vai fazer igual o agronegócio. E aí, bom, então aí ele resgata nosso debaixo da reforma agrária popular e da própria forma da gente organizar o nosso movimento, né? É por frentes, por setores e etc. Então a gente está falando de dar passos ao longo da cadeia produtiva desde os insumos até a comercialização, mas como uma outra concepção bastão falando que ao longo de toda a cadeia produtiva, agroecologia tem que ser o elemento teórico Central, tem que estar no horizonte de todas as nossas produções, todas, todos. Ah, mas nosso café aqui no Espírito Santo não é orgânico, não é ecológico, mas tem que ter a perspectiva de ser, tem que estar no planejamento da cooperativa, tem que estar no planejamento do setor de produção, tem que estar no planejamento do movimento é um custo médio de longo espaço de tempo até me dar conta de avançar na tarefa histórica que não foi delegado pede implementar cabeças do time agroecológicos.

Bom, né? Um outro elemento central é o lema da infraestrutura, então a tia, a gente está sempre tem toda a infraestrutura, infraestrutura social e produtiva. Toma, estamos falando aqui de água, indústria e tratou de caminhão, mas também estou falando de escola, de refeitório, mas também estão falando campo de futebol, da igreja, qualquer estrutura produtiva ou social que se entendem quanto importante de manter a coesão dentro do assentamento e algumas cidades assentamento e a organização da produção. Então, é, nós estamos falando disso. Então, na nossa organização das cadeias produtivas, as famílias têm que morar em casas boas de se morar. Tô falando que tem que ter pensa técnica a árvore Colour on. Bom, né? E também conhecem cabeça do time, mas que tá só organizados uma pessoa, uma perspectiva de Formação política e ideológica e técnica tecnológica sua formação em Agronomia e Veterinária.

É extremamente difícil para mim pensar na nossa organização da produção, mas também na formação. O que é político é, e não é, eu tiro a gente, isso não se transforma e teologicamente entre objetivo e momento. Então, como é que nós vamos avançar em, né? O outro elemento é a perspectiva da cooperação entre a cooperação das Cabeças do time. As nossas produções são organizadas a partir da cooperação. Ah, e não da atualização, o corporativamente, né, mas a cooperação da distribuição das solos, das. E aí é tão debate bastante importante para a organização da cabeça positivas na Perspectiva lógicas cooperados com infraestrutura produtiva social e também cooperar entre nossos diferentes estados em prestar assentamentos postam aqui nossa grossas espaço de comercialização tocante ao Danilo essa produção focalizando na raiz do contra o estudante na estudante comercialização no mercado convencional brasileiro o nosso dos nossos escritórios de comercialização institucional Nordeste. Ou Nacional em São Paulo nos nossos armazéns do Campo, né, mas também para outros arranjos locais feiras, cestas da reforma agrária etc.

Bom, cada perspectiva de organização da cadeia produtiva vai demandar de frente táticas de acordo com a situação concreta, né, e não tem o debate a gente não vai a explorar aqui

mas que é importante o que a gente a porta mecanismos de crédito e suas modalidades então na perspectiva de compreensão das cabeças dos tios, a gente vê possuindo inclusive o movimento que na pó e enquanto um elemento de aportar é financiamento popular para produção de alimentos saudáveis nas nossas cabeças do tipo. Então é uma ideia mais geral, onde vários elementos compõem a concepção das nossas cabeças positivas. Bom, então aqui algumas fotos que elos da cadeia, sementes, mudas e insumos. Abril Nature pode ser uma referência nossa é os meninos criollos é a palha de café é a água industrialização.

Então, nossos espaços de beneficiamento seja primária o sangue é positiva, né, as nossas espera os demais espaços de comercialização a terra criou no Rio de Janeiro Armazém do campo a Raízes do Campo, enquanto espaço construído por nós pelo movimento para dar conta de ligar a cabeça as cadeias produtivas como um todo, né. Então é aí que tá é o nosso debate é mais central, né, o papel dos espaços de colonização e são fundamentais porque eles são elo mais dinâmico da obrigação nos cá 3 tiras e onde e naquele gasto lá onde se concentra a maior parte da riqueza podia importante dominá-la para conseguir distribuir ao longo da cadeia produtiva e fala mais justa e ia quase sábado e aí nós temos há dois tipos básicos é de cabeça produtivas assim é tipo do sentido assim pensando é da forma de intervenção é a gente fala de mercados de ciclo curto e nós estamos falando daquelas cadeias produtivas que são organizadas diz que tem expressão local por exemplo as hortaliças e as hortaliças a gente tem dificuldade de embalar e transportar de São Paulo para o Paraná. Ah é então são muito importante que são organizadas do ponto de vista local e regional as feiras estaduais às vezes da reforma agrária os armazém do Campo dos Estados né e outras cadeias produtivas que estão vinculados a mercados de circo longo que são as cabeças dos tipos de expressão nacional ou de grandes regiões, bom seguem lógicas diferentes de organização lógica uma mercado local outros mercados nacionais mas são tão importantes quanto tá a nossa identidade ela impressa tanto nascer local + cesta da reforma agrária quanto das nossas Armazém do campo ou na alimentação escolar ou na alimentação institucional na compra institucional nos pa e aí lembrando o elemento né organizar cadeias produtivas não quer dizer que a gente vai perder a perspectiva e é da diversidade da nossa atenção eu quero dizer que elas vão poder só arroz feijão e café não

é dizer que vão dar centralidade no processo dos elos dessas cadeias produtivas todos inclusive daquelas cabeças do time expressão local é bom para gente já ir apontando para os. Finalmente, né, para organizar isso nós precisamos de organização.

Nós falamos da cooperação e da intercooperação. E aí, nós temos as nossas cooperativas e o nosso sistema operativo. Vista enquanto o elemento central da materialidade do processo. E é só através das cooperativas que é possível organizar a produção nesse nível ao longo de toda a cá dentro do time chegar oferecer uma xícara de café no armazém do campo de um café produzido no sul de Minas. É só cinco é possível. Não precisa passar pelas nossas estruturas jurídicas cooperativistas, né? Elas que dão materialidade são só para estreia hoje. A gente tem mais ou menos 150 cooperativas nos nossos assentamentos, né? E muitas delas atuam no mercado mais local, na comercialização mais local e regional, e algumas delas ato em mercados de ciclo longo nacionais, é sobretudo aquelas que conseguem agroindustrializar e que conseguem ter mais tempo, vamos falar se de validade do produto, né, para conseguir deslocar, aguentar o transporte deslocamento de futebol.

De qualquer forma, muitos desafios estão colocados para nós. Há muitos desafios é isso e que a gente pode tratar em outro momento, uma um debate exclusivo sobre os desafios das cooperativas, né? Estão aqui também algumas ilustrações. E como é que a organização das cadeias produtivas tem um impacto direto na nossa identidade, então a gente se ver, eu quando eu vejo café, terra, essa coisa eu me vejo no café porque é um café aqui no Espírito Santo. Eu sei onde produz, o céu onde a industrialização onde beneficia. Eu sei quem tá na em cima do secador, sei quem é o motorista e tratorista, a gente sabe, é só a gente, é a nossa identidade, né? Quem consome o café Guáira sabe a história de luta que teve lá e sabe que aquela história de luta que teve lá no começo do ano faz até o meio do ano agora, né? Faz parte da nossa identidade. Então, as nossas marcas, gosto, produto, eles carregam consigo a identidade camponesa.

Ah, e por isso é importante a lista ter a saudade sobre as cabeças dos dias, nessa perspectiva também da identidade, né? Então aqui para propor ficar feliz nessa duas sair da copa, aí, né, do Paraná, tá aí o açúcar mascavo orgânico, agroecológico, a cachaça agroecológica, né? Então, como é que não é, como é que a gente se sente parte desse processo? É uma pessoa que compra de Maio consumir o nosso produto, ela tem que olhar e Face, olha só que produz no assentamento. Deve ter esse assentamento em 30 anos e hoje tem assentamento, mas há 30 anos, tem que fazer ocupação de terra, aquelas famílias que ocuparam o chão hoje produzem açúcar mascavo orgânico que eu tô consumindo. Então é isso que a gente tem que carregar, essa história de luta, essa história de construção do MST enquanto instrumento da classe trabalhadora. Então, nosso produto não é qualquer mercadoria, e a história e tem família, ele tem era, é tristezas e alegrias no seu processo produtivo, é em felicidades, tem crianças que nasceram em tenha toda essa mística, esta pertença que a gente tem que trazer para nossa cidade, é artesã e no Brasil todo, né?

Essas cooperativas têm tarefas históricas, nossos produtos carregam as tarefas históricas do movimento e disputar o modelo de produção e dialogar com a sociedade e construir hegemonia, porque a pessoa que consome nosso arroz agroecológico, pessoa que te consome nossos produtos, ela tá consumindo o produto da reforma agrária, ela tá curtindo um produto que tem uma estratégia política de intervenção de disputa de modelo contra o agronegócio, né, que é contra o uso de veneno, né? Então, é isso que eu queria trazer aqui essa mensagem da pertença também da organização das nossas da nossa posição é estão a perspectiva das marcas, né? Então, tinha castanha de caju, tamo lá desenvolvendo agora no lá no Ceará, terra conquistada e tá aí, tá nossa marca para essa bandeira, né? O cacau lá na Bahia estamos desenvolvendo também, terra justo, né, montando o mago, indo buscar para eu nosso chocolate com a nossa história, com marcas estaduais, marca várias marcas, às vezes dentro do mesmo estado ou uma marca única Nacional, não importa, que possa que a nossa identidade tem que estar sendo levada junto com os nossos produtos, né?

E o planejamento produtivo nosso tem que ter esse objetivo, tem que passar por esse exemplo aqui e nem para que sobrou para ele não estou ouvindo mais a minha também, só que caiu aquela Daniel. Oi, Eita, tecnologia lá, onde que parou aí, ó? E onde que parou e a um 30 segundos esses lados conseguiu ver e não só vou voltar e não, opa, como é que volta esse daqui, vocês viram? É isso aí, eu e esse foi o último que eu vi e então assim, o que eu queria trazer nesse último, penúltimo slide é a perspectiva nossa, organizativo do movimento, hoje nós temos cadeia, cadeia produtiva de amplitude Nacional, de prezam pelo debate da intercooperação, né? Que são hoje, a gente chama de prioritária em nível Nacional, café, pimenta é o mel, cacau, leite, arroz, soja, feijão, milho, aranhas e é suco de uva, frutas, mandioca, né, as mudas florestais são cabeça dos tipos de amplitude nacional que são importantes e que nós estamos delegando tarefas para pessoa se coordenarem e construírem essa ideia da intercooperação entre os estados e levando a nossa concepção agroecológica operação formação infraestrutura é aqui também e a Andréia tá aqui coordena, né, o programa conta de verdade, que passa por esse de baixo também, não é só a questão das Cabeças do time, mas, mas o programa, hahaha, e o elemento de entendendo do movimento como que nós momento reprodutivo de um mês da cultura.

Então, nós falamos do mel, na falando da castanha enquanto resistência óssea, o pé, nós falamos do leite, do Milho, né, tentando trazer esse lado a produção da semente crioula, dos insumos até a broa de fubá, é o bolo de milho produzido por nós também e consumidos não o problema comida de verdade, ele tem essa perspectiva também, trazer e apresentar para a sociedade a nossa organização da produção na perspectiva de cabeça positiva, então, aqui alguns exemplos que eu acho que se você já deve ter visto, então, entendendo que meu tempo já tá estourado, nenê, né, e mais algumas, algumas experiências, não é expressa vossa do arroz, que o maior produtor de arroz agroecológico da América Latina, né?

E inclui, né, é só da ecologia, da infraestrutura, da agroindústria, da formação, da cooperação, garantido trabalho, renda, jovens, mulheres, habitação, saúde, lazer, né? E o impacto direto da comercialização, das escolas, hospitais, do varejo, das exportações carrega a nossa identidade, carrega nossa marca, nossa bandeira, e hoje é organizada no Rio Grande do Sul, no Paraná, no Maranhão, na Bahia e no Piauí o processo de intercooperação, informação. E o outro exemplo é o café, que também, né, é organizado em seis estados: Paraná, Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia, Rondônia e São Paulo, né? E que tem como objetivo construir identidade do Café da reforma agrária.

Primeira reunião nossa seis anos atrás, a gente não tinha nem um café torrado e moído da reforma agrária, hoje nós temos três marcas, né, e várias experiências de café torrado e moído, né, e com dois objetivos específicos: avançar na comercialização e na recuperação das áreas e na transição agrícola. Com essas são as nossas cabeças, pelo time, e como ela tem, por exemplo, a soja? Tava não há 15, 20 dias atrás da tarde no Mato Grosso do Sul, a gente tava iniciando o plantio da soja orgânica. O tempo do tipo da soja é organizado em vários estados, mas, por exemplo, a sua experiência de soja orgânica em São Paulo, mas no Paraná. Então como é que isso vai dando identidade aos nossos produtos, né? Então, igual ela, a experiência várias outras cadeias produtivas para apresentar exemplos concretos, por exemplo, do cacau na Bahia, onde nós tamos é discutindo a implantação de uma indústria para poder beneficiar 1.000 famílias que produzem cacau. Então a ideia como que dando passo nesse processo de organização da produção e pelo nosso chocolate e o nosso achocolatado com o nosso é chocolate em pó também, né, o nosso níveis e vários outros produtos derivados do cacau. Bom camarada, um pouco isso que eu queria trazer assim em síntese a.

Pré-aula 2

As boas-vindas a todos, se todas, retomando a nossa prosa sobre a organização das cadeias produtivas. Neste módulo, a proposta é a gente tratar um pouco das Linhas políticas do MST no processo de organização produtiva e da produção nos assentamentos e acampamentos ao longo de todo o Brasil. Dentro do movimento, e como apresentado na aula anterior, é no debate da reforma agrária popular algumas linhas políticas construídas coletivamente apontadas coletivamente enquanto desafios para os nossos assentamentos e acampamentos são importantes de serem resgatados. Uma primeira o debate da agroecologia enquanto um elemento central e um o método de organização das cadeias produtivas.

É um segundo elemento está vinculado a agroindustrialização a consolidação e construção de estruturas abra industriais em plantas industriais. Quanto forma também de dar Passos nesse processo de humanização das cadeias produtivas um terceiro elemento e terceira linha política do movimento no processo de humanização das cadeias produtivas é também a infraestrutura social entendendo que não é só a infraestrutura produtiva necessária para organizar as cadeias produtivas a gente precisa é de estrada a gente precisa de escolas a gente precisa de que o assentamento de que o território e o espaço organizado pelas famílias tenha essa possibilidade e as a infraestrutura para produzir mas também para escoar para garantir a formação da Nossa Juventude um quarto elemento a minha política também a gente avançar concretamente nas nossas estruturas de comercialização então aí estamos falando das feiras livres estamos falando das feiras nacionais estaduais e das grandes regiões do Brasil estamos falando dos nossos armazéns do câmpus as nossas lojas da reforma agrária é tamos falando do mercado institucional do pa do pnae estamos falando do mercado convencional estamos falando do mercado solidário né dos amigos do movimento das Universidades das instituições de ensino de

pesquisa que se relacionam através também da produção com os assentamentos acampamento e estamos falando também é da exportação né porque a tarefa do campesinato muito mais do que produzir Como já conversado anteriormente é garantir que essa produção chegue à mesa do Trabalhador, seja em qualquer parte do Brasil e do mundo.

Então, as linhas políticas, elas se dão nesse processo de organização das cadeias produtivas de forma fundamental. Quer dizer, não existe possibilidade de a gente pensar na organização de uma outra cadeia produtiva sem se pensar em como implementar essas linhas políticas. E além dessas quatro linhas apresentadas, só mais duas que são essenciais para nós compreendermos e que são transversais a todo o processo de humanização das cadeias produtivas. Uma delas é o processo de formação, que é um processo que o MST tem enquanto linha política e que faz parte do nosso processo de organização das cadeias produtivas.

Estamos falando de uma formação política, mas também estamos falando de uma formação técnica, uma formação do ponto de vista da gestão, de um ponto de vista de mercado, compreendendo e se apropriando dos elementos centrais para de fato avançar ao longo das cadeias produtivas. O outro elemento central, a versão ao longo de cada elo, de cada etapa das cadeias produtivas, é o processo de cooperação. Então, esse é o elemento central do movimento, construído desde a Gênese do movimento, onde o processo de cooperação se dá ao longo de cada etapa do processo produtivo. E aí a cooperação não encontra um elemento apenas da vontade, mas a cooperação enquanto elemento da Necessidade camponesa de se organizar. Quando a gente pensa em construir uma indústria, a gente não consegue ver possibilidade de construir uma agroindústria. Se não for de forma cooperada, se não consegue ver a possibilidade de construir uma loja da reforma agrária.

Se não for de forma cooperada, estão entendendo esses elos, essas etapas todas enquanto a organização das cadeias dos tiros. Nós temos que a cooperação é um elemento central e transversal ao longo de todo esse processo. Dentro dessas linhas colocadas agora é que a gente chama de linhas políticas que norteiam o nosso a organização das cadeias produtivas. Elas têm uma característica em uma centralidade na organização da comercialização. Quer dizer, como a comercialização enquanto um polo, um eixo mais dinâmico, né, um elo mais dinâmico da organização das cadeias produtivas. Ou seja, quando a gente produz, quando a gente abre industrializa, quando a gente vai comercializar, nós estamos pensando necessariamente para quem nós vamos comercializar. Até esse elo é um elo fundamental na nação na cadeia produtiva, assim como os demais, mas é o elo de maior dinamicidade e que dá conta de puxar e puxar a demanda e construir as necessidades concretas do que produzir. Como produzir e para quem produzir importante uma ênfase bastante importante no processo de organização da comercialização dos seus vários eixos, como colocado anteriormente. A comercialização também enquanto o elo da cadeia produtiva que mais dialoga com a sociedade é na pista direto.

Quer dizer, é no contato direto através da produção e da comercialização do alimento saudável que a gente constrói a possibilidade de dialogar, de mostrar quem são os Camponeses, de mostrar a sua identidade, de mostrar a realidade da reforma agrária enquanto o produtor de alimentos saudáveis. Em conta a grande tarefa do camponês no Brasil, a produção de alimentos saudáveis não só para consumo, é nosso das nossas organizações, mas a produção de alimentos saudáveis para a sociedade como um todo. Só a nossa tarefa é grande e necessariamente exige de nós um esforço muito grande e muita e muito estudo e formação para dar conta a organizar a nossa produção e as nossas cadeias produtivas, né, dá conta também de organizar e já apresentar para a sociedade um novo modelo de produção novo modelo de Campo que é o nosso projeto de Campo enquanto assentamentos acampamentos comunidades camponesas enquanto classe e do campo a organizar as cadeias produtivas uma questão que surge novamente né é quais cadeias produtivas para quais mercados para quais pontos de comercialização a gente vai organizar as cadeias produtivas.

Então, nesse debate nós temos pelo menos dois elementos centrais, os dois são tão importantes quanto o outro mas que são tem suas especificidades então o primeiro elemento são é organizar as cadeias produtivas que a gente chama de ciclos curtos. Então são destinados são cadeias produtivas organizadas destinados para mercados locais e regionais daí aí estamos falando dos hortifrutigranjeiros né que tem suas especificidades porque a organizar essas cadeias produtivas nós estamos tendo em quanto em personalidade um diálogo com a sociedade local e regional então é a forma de construir e de dar Passos ao longo das cadeias produtivas têm essas especificidades bom então pegando como exemplo né nesse processo de diálogo com a sociedade pelos hortifrúteis ou outros produtos característicos de cada região nerd cada localidade cada assentamento de cada campamento de cada estado do Brasil né mas a forma de apresentação nesse produtos tem uma característica própria né se vai ser uma feira ou se vai ser numa escola via mercado institucional ou se vai ser em alguns parceiros ou em algumas lojas nossas da reforma agrária ali no município da região um outro mercado que a gente aponta o processo de organização das cadeias produtivas são os que a gente chama de mercado de ciclo longo né são as cadeias produtivas que a gente tem a tarefa de organizar e garantir um deslocamento da produção.

É uma estrutura logística mais densa e que aí sim exige um nível de organização um pouco mais elaborado. Por que o desafio passa a ser dar Passos ao longo de cada etapa da cadeia, pensando em como que ela vai chegar, por exemplo, num sai de São Paulo da produção dos assentamentos e acampamentos de São Paulo e chegar no armazém do campo lá no Recife, né, ou como que a produção de café no sul de Minas Gerais vai chegar na China ou na Venezuela, né, ou no mercado institucional do Paraná através da realização de editais, etc.

Então essas duas formas de organizar as cadeias produtivas, dois objetivos diferentes, organizar as cadeias produtivas têm a mesma importância apesar das suas especificidades. É uma coisa fundamental e que é um debate bastante pertinente na organização das cadeias produtivas é também como organizar as cadeias produtivas ou redes produtivas em alguns lugares é sem perder a nossa característica camponesa da diversidade. É isso que remete a nós novamente ao processo e de consolidação de construção do modelo da agroecologia enquanto elemento Central nesse processo, seja para ciclos curtos ou para ciclos longos.

O nosso próximo desafio passa se organizar as cabeças motivos para produção de alimentos saudáveis para toda sociedade e quando dizemos saudáveis estamos falando de um modelo pautado nos princípios e os valores da agroecologia. Estamos fazendo uma síntese de todo o conteúdo até agora colocado. Nós temos que a Organização das cadeias produtivas necessariamente tem que abordar em pelo menos três elementos centrais enquanto objetivos: um, organização da produção e das famílias assentadas e acampadas ao longo dos nossos assentamentos e acampamentos; dois, a comercialização direta, ou seja, o elemento central de diálogo com a sociedade através da produção de alimentos; e um terceiro objetivo que a incorporar ao longo da agregação das cadeias produtivas as nossas linhas políticas.

Gente acumulado e coletivamente acumulada ao longo desses 35 anos do movimento sem terra só nós estamos falando de organização das cadeias produtivas e colocamos enquanto um elemento uma linha política importante e transversal ao longo de todo esse processo é a cooperação, a cooperação enquanto o elemento central de organização das cadeias produtivas. Então assim, a cooperação das suas mais amplas formas de cooperação é desde as operações da cooperação mais simples, por exemplo, do mutirão da troca de dias, e que será abordado posteriormente com mais detalhes até o processo de organização das cooperativas em cima. Então esse processo da cooperação e do cooperativismo e da consolidação e construção do sistema cooperativista do MST ele é um elemento Central

no processo de organização produtiva e de organização das cadeias produtivas no movimento sem terra são essas estruturas cooperadas que dão de fato a material e do processo é que criam as condições para que ao avançar na organização de vários elos, várias etapas das cadeias produtivas a gente vai dar conta de cumprir a tarefa de dialogar com a sociedade.

Não existe possibilidade da gente é avançar até a comercialização é se a gente não construir instrumentos jurídicos que garantam é essa comercialização dentro dos Marcos legais das leis brasileiras então o sistema cooperativista do movimento que prever desde de grupos informais de organização da produção passando pelas associações e até mesmo as cooperativas em Quantos elementos e estruturas jurídicas mais complexas da cooperação né então esses esse caminho que dão a materialidade ao processo de organização das cadeias produtivas neste módulo da nossa aula sobre a organização das cadeias motivos O que é objetivo compreender como que é no organizar as cadeias motivos a gente implementa as linhas políticas do movimento e como que a gente dá a materialidade concreta para esse processo de realização das cadeias produtivas contam muito obrigado pelo por ter acompanhado essa aula e a gente se encontra eles proseeia continua a próxima na próxima aula 1.

Pré-aula 3:

De boas-vindas nessa terceira Sertão da nossa aula sobre organização das cadeias produtivas, a ideia para usar um pouco sobre como que organizar às cadeias produtivas e qual sua relação com a identidade do MST é como que a gente trabalha esse processo de organização das cabeças dos fios e como que a gente relacione esse processo com a construção de uma identidade do MST carregada do seu projeto político econômico social e ambiental ao longo desse processo todo.

Bom, então, organizar as cadeias produtivas nas linhas de produção, redes produtivas dentro da nossa assentamentos e acampamentos têm diferenças, é essa diversidade importantes. Enquanto quando a gente pensa em dialogar com a sociedade através dos alimentos produzidos os assentamentos e acampamentos do MST, a gente quer levar também além do alimento em si, mas quer levar também uma mensagem, né, um projeto político, uma proposta política. São os produtos da reforma agrária, não são a mercadoria qualquer, são produtos que carregam consigo uma história de luta, uma história de projeto, uma história de vida, uma história de construção de novas relações sociais no campo, né, de novas relações sociais que se dão não só na organização, mas na relação também com a sociedade, com a natureza e com a própria família. Então a produção é organizada nos assentamentos da reforma agrária.

Elas têm uma identidade, elas carregam consigo essa identidade camponesa construída ao longo do processo de organização do próprio MST. Elas têm também, além da entidade, elas têm também uma tarefa histórica de construir junto à sociedade um modelo de um projeto político do desenvolvimento do campo faltado nessas linhas políticas bronzeadas da aula anterior. Então estamos falando de como que a nossos produtos né

carregue na sua identidade no diálogo com a sociedade o debate da cooperação da agroecologia do respeito ao meio ambiente, né, da produção de renda, da produção de trabalho e na geração de inserção social dos companheiros, das companheiras da juventude, né, como é que carrega consigo a necessidade da gente ter uma nova realidade, uma nova sociedade a partir da produção de alimentos também. Então essa identidade dos produtos da reforma agrária é essa marca do MST enquanto um produtor de alimentos saudáveis para toda a sociedade.

Ela tem particularidades de específicas de cada região. Então a forma como nós vamos organizar as cadeias produtivas incorporando as linhas políticas do movimento, incorporando essa tarefa de dialogar com a sociedade e de construir hegemonia a partir de um novo projeto de reprodução, novo modelo de produção no campo, tem que ser planejado em cada região a partir das suas especificidades. Tão planejamento dessas cadeias do time dessas redes produtivas. Elas têm a semente em corporais seus objetivos estão o objetivo de dialogar com a sociedade a partir da produção de alimentos saudáveis para toda a sociedade. Ela é fundamental e a fundamental que tenha a característica e a cara do MST. Tocando a gente pensa num produto do Movimento Sem Terra a gente pensa logo naquele conjunto de princípios e valores que estão envolvidos ali naquele, aquele produto, né, naquele, aquele alimento que vai alimentar as pessoas a sociedade geral do campo e da cidade e que não pode alimentar só o estômago mas que pode alimentar também um projeto de sociedade, é que pode alimentar também a perspectiva de alteração do modelo de produção que hoje hegemonicamente faltado pelo modelo do agronegócio aonde os venenos é o carro-chefe.

Então quando a gente pensa nos nossos produtos, a gente tem que apontar para uma nova forma de organização do, é uma nova forma de dialogar com a sociedade a partir desse produtos precisa, alimentos. Então, nesse diálogo com a sociedade, é importante a gente ter a clareza de que nós somos uma sociedade em disputa e que a nosso modelo de organização da produção no campo tem que estar inserido nesse modelo de disputas. Nós

temos que mostrar para a sociedade que a nossa produção ela é ancorada em outros princípios, em outros modelos que levam em consideração a relação com a natureza de forma harmônica, a relação de gênero e, quando um elemento central, a inserção da Juventude enquanto um princípio organizativo do movimento, né, a cooperação enquanto elemento chave e transversal para todo o processo de organização produtiva, agroecologia enquanto o elemento chave e um uma forma, o método de construir a nossa agricultura.

São novamente tentando buscar através dos exemplos concretos e construídos ao longo da história do movimento, e é esse exemplo, eles ajuda a nossa materializar o debate é dessa aula, né, quando a gente tá falando de identidade, nós podemos pegar pelo menos dois exemplos bastante significativos do movimento. Mas poderiam ser vários outros, né, mas eu vou focar em dois exemplos bastante importantes para nós hoje. O MST é o maior produtor de arroz agroecológico da América Latina. Então corrente traz essa informação que não foi dita por nós, mas que foi dita pelos mercados latino-americanos, tanto em quantidade quanto em qualidade.

A importância do arroz é organizada pelos assentamentos e acampamentos do MST, sobretudo na região do Rio Grande do Sul, né, é importância disso enquanto elemento de disputa e de projeto político. Quando se fala, quando a gente fala da produção de arroz do MST, está falando do maior produtor de arroz agroecológico da América Latina. Isso carrega consigo uma identidade ba o pé não é só a bandeira do MST ou da cooperativa que tá é aplicada na embalagem do arroz agroecológico, mas sim todo um projeto político de organização das nossas cooperativas pautadas pelos princípios da agroecologia e de novas relações de trabalho no campo, nesse exemplo, a gente tem a clareza de como que algumas linhas políticas do movimento são implementadas através desse processo de organização produtiva.

Então nós estamos falando de um de um produto do Arroz agroecológico do movimento, aonde o debate da ecologia é presente, a formação política, a formação técnica em gestão, em contabilidade e nos vários outros temas ligados à formação técnica pra consolidação desse processo é cooperativista cidade forma bastante intensa, nós estamos falando de uma produção de arroz da micro e esse da totalmente feita através das cooperativas e da famílias organizadas pelas cooperativas. Aí estamos falando de um universo de pelo menos 500 e 600 famílias que se organizam através da cooperação e através da agroecologia para produzir um alimento saudável para toda a sociedade, uma outra linha importante são os a comercialização. Então o arroz agroecológico do MST é encontrado não só nos supermercados e mercados convencionais, mas também nas escolas, dos hospitais, é dialogando com essas com essas crianças, essas pessoas que precisam de saúde.

Então é um arroz que tá nas escolas, hospitais, em vários outros locais aonde se tem esse diálogo levou esse projeto enquanto um projeto o modelo de sociedade e o modelo de produção ao longo desse processo de organização da cadeia produtiva do arroz e da implementação dessas e várias outras linhas o movimento na organização desse produto né, a gente tem também do outro lado aqueles elementos chaves que são fundamentais né, como que a produção de arroz é de fato agregador e melhorou a renda dos trabalhadores assentados e acampados na região do produtora no sul do país. Então isso é nítido, o importante de ser visualizado e percebido pela pelo conjunto da sociedade, como também que nas nossas cooperativas produtoras que beneficiam a agroindustrialização e comercializam o arroz agroecológico do MST como crianças cooperativas a inserção das juventudes, da Juventude, das mulheres ela é importante, como que a gente garante que nossos jovens permanecessem no campo através da implementação de processo de organização das cabeças dos tipos, nesse caso específico do arroz agroecológico.

Um outro exemplo importante também foi MST no processo de organização das cadeias produtivas, é o mais recente da oração da cadeia produtiva do café. Essa cadeia produtiva é organizada em pelo menos três estados, onde se tem assentamentos e acampamentos que produzem Café. Tem enquanto objetivo e enquanto meta de planejamento pelo menos dois elementos centrais: o objetivo geral, que é construir o café da reforma agrária, construir um café pautado nos princípios e valores da MST, que possam ao chegar na mesa do Trabalhador, do Trabalhador. Perceber que aquele café tem especificidades importantes e que trazem consigo e carregam consigo a identidade do MST, um café que dialogue com as famílias através dessa identidade construída.

E para tanto, exige de nós um planejamento bastante detalhado, e componha inclusive esse processo. É um desafio de como trabalhar seis estados para organizar a mesma cadeia produtiva e construir a identidade única do qual é o café da reforma agrária. Enquanto objetivos específicos, um deles é ampliar e garantir a comercialização desse café, e o segundo é avançar na transição agroecológica da produção do Café do MST.

O exemplo do Arroz, né, a organizar a cadeia produtiva do café, é uma organização recente, iniciaram 2014/2015, né, é o desafio colocado para nós de implementação das minhas políticas e a materialidade desse processo através de um planejamento e de uma execução de um planejamento em forma de cooperação e, nesse caso, da cadeia produtiva do café, um conceito novo que o debate da intercooperação, que é como que os diferentes estados e as diferentes cooperativas em cada estado se cooperam entre si para avançar esses três objetivos: objetivo geral de Identidade do Café da reforma agrária e os dois objetivos os estados anteriormente nesta cadeia produtiva do café, é para cada elemento e para cada linha política de atuação na organização da produção proposta pelo MST

Se tem um conjunto de atividades que mostram para nós os avanços em cada uma delas, quer dizer, a organização da cadeia produtiva do café implementa agroecologia enquanto princípio, a cooperação enquanto o valor essencial, a estrutura produtiva e a infraestrutura social enquanto elementos chaves para esse desenvolvimento e para esse avanço, e a formação enquanto um elemento também fundamental importante é ao longo de todo o processo da organização produtiva que mais para frente vamos detalhar esse exemplo mostrando como que esses objetivos na cadeia do café conseguem materializar e implementar uma ampliação da renda do trabalho da inserção da Juventude das mulheres e é ao longo do tempo aí da nossa experiência concreta estão dando continuidade no exemplo da oração na cadeia produtiva do café, é em nível nacional, é compreendendo que são esses seis estados que se encontram periodicamente para avançar no planejamento e implementar um planejamento coletivo do ponto de vista da construção da identidade do nosso café do Café da reforma agrária tendo aqueles dois objetivos que foram colocados, né, objetivo de além de criar a identidade, mas ampliar os canais e o acesso à comercialização e o segundo objetivo específico de aprofundar e avançar no processo de transição agroecológica na cadeia produtiva do café.

Então, esse exemplo é importante porque ele materializou um pouco e mostra para nós como que se implementou através da experiência é concreta é o processo de incorporação de algumas linhas política os sem terra para a organização da produção é dentro da cadeia produtiva do café dessa experiência de organização da cadeia produtiva do café em 6 estados é diferentes é Nossa que no Brasil que são o Paraná Minas Gerais Espírito Santo São Paulo Bahia e Rondônia tô no âmbito da formação na cadeia produtiva do café foram planejadas e executadas pelo menos cinco estratégias do ponto de vista da formação apontando para essa qualificação das famílias produtoras indicada processo ao longo da cadeia produtiva o primeiro foi um curso realizado em três etapas que abordou vários temas importantes do ponto de vista mais técnico do ponto de vista político mercadológico e organizativo né, é trabalhando temas como gestão das cooperativas como a questão contábil e desafios contábeis das cooperativas manejo e produção agroecológica do café o debate sobre os mercados né e os desafios do mercado de uma

commodity tão importante nível mundial e como trabalhar a questão do mercado com a nossa identidade quer dizer o café da reforma agrária no mercado de commodity.

Que tem como implementar as particularidades e a nossa identidade no mercado tão acirrado e competitivo como esse, né? Então, espaços importantes onde todos os estados e cooperativas participaram e podemos avançar bastante nesse entendimento coletivo sobre os passos que devem ser dados ao longo de cada eixo da cadeia produtiva. Um segundo curso que foi construído em vivo, mais aprofundado, né, e que a cadeia produtiva do café teve indicações específicas pela cadeia produtiva mesmo concurso que a gente chama de TGC, que é um curso de gestão de cooperativas, é onde esse aprofunda muito debate sobre todos os eixos de gestão, contabilidade e administração, entendendo que esses elementos eram extremamente importantes e fundamentais para aquelas cooperativas que estão inseridas na cadeia produtiva do Café.

São desafios importantes a serem lidados para dar conta da tarefa de organizar uma cadeia produtiva nesse caso específico do café. Outro elemento que a gente considerou também, o elemento de Formação que foi importante para nós, foi os intercâmbios. Então, em cada Estado, em cada estado que a gente tem a produção de café e havia o beneficiamento e a industrialização de café e a comercialização de café, é todo esse coletivo de famílias se deslocou e foi conhecer então Café do Sul de Minas, o café da Bahia, o café do Espírito Santo e o café do Paraná para entender as especificidades dentro de uma mesma cadeia produtiva, vendo que essas especificidades fazem parte da nossa identidade.

O café da reforma agrária não é um produto único, né? Ele é agroecológico, mas ele também tem o convencional, e ele é o café arábica, e ele é o café Conilon. Continuando com atendimento do campus além desse dessa rodada entre os Estados, nós também tivemos o intercâmbio realizado por um companheiro nosso da cooperativa do Espírito

Santo que está inserida no debate da cadeia produtiva do café, que foi para a Colômbia conhecer como se produz, como se beneficia, como se constrói a cadeia produtiva do café lá na Colômbia e suas características, né, e recentemente também recebemos dois companheiros, um companheiro da Colômbia e uma companheira da Guatemala também vindo estudar aqui no Brasil e conhecer a nossa experiência de organização da cadeia produtiva do café no Brasil, fazendo essa troca para além dos Estados de dentro do Brasil, mas na América Latina, que somos grandes produtores de café e sobretudo de qualidade. Uma quarta são do ano do eixo da formação é que a gente construiu o segundo módulo do curso de organização das cadeias produtivas, focando a cadeia produtiva do café, que também se deu com a composição de todos os estados que compõem esse coletivo.

Um Quinto Elemento foi um curso técnico em agroecologia que realizada que no município de Araras em São Paulo, onde a cadeia produtiva do café é conseguir indicar três companheiros para poder se apropriar e aprofundar o entendimento sobre agroecologia, buscando focalizar o processo de transição agroecológica dentro da produção de café nos vários estados e várias assentamentos e acampamentos do MST no Brasil. No eixo da cooperação e construção das agroindústrias inicia, a gente abre por ele entendendo que a agroindústria enquanto um bem indivisível, ele é necessariamente um grande estimulador do processo da cooperação na cadeia produtiva do café. Pelo menos as mãos no eixo da cooperação foram planejadas estão processo de execução, uma é Assessoria e acompanhamento do complexo de Mondragon, né, do gente chama dos companheiros bascos aí que vêm contribuindo nesse processo de entender.

Melhorar a cadeia produtiva do café e construir instrumentos de intercooperação é um grande desafio, né? Como lidar com as diferenças e diversidades dentro de uma mesma linha de produção, respeitando cada especificidade e apontando para objetivos comuns, como colocado anteriormente. Então, essa Assessoria consultoria é um elemento da cooperação importante para a organização da cadeia produtiva do café. Uma segunda ação conduzida no eixo da cooperação e das agroindústrias foi a aglutinação e a

organização de vários projetos agroindustriais em cada estado que compõe esse coletivo das cadeias da cadeia produtiva do café.

Onde se busca instrumentos para implementar essa construção das agroindústrias, compreendendo a realidade da Bahia, né? Uma articulação mais forte com o governo do estado para tentar implementar e avançar na organização produtiva baseada no processo de agroindustrialização do café baiano. Da mesma forma, no Espírito Santo, criou-se um fundo Capixaba de desenvolvimento da Agricultura Familiar, onde o edital específico é só para organização de estrutura de beneficiamento e administração para cadeia do café. Então, isso foi se dando em todos os estados, Minas Gerais, Paraná, e mais recentemente em Rondônia, um estado que a gente quer aprofundar esse entendimento e sua organização. Então, esse alinhamento e estruturação das agroindústrias se deu também em nada teve um importante retorno para condução e para desenvolvimento desse processo. A terceira ação que foi conduzida por dentro desse eixo da cooperação foi o entendimento e o amadurecimento sobre a estratégia jurídica e contábil na perspectiva das cooperativas, né?

Em cada uma das cooperativas, mas em todas as cooperativas também juntos nesse processo da intercooperação, e entender como que é e como que deve ser a estratégia jurídica de cada cooperativa para lidar com a utilização de uma cadeia produtiva que tem suas especificidades e que difere de algumas outras. No eixo da comercialização, nós conseguimos aprofundar bastante nesse planejamento, tentando buscar quais os canais prioritários de comercialização para que a gente possa colocar o nosso café da reforma agrária e mostrar para a sociedade, dialogar com a sociedade a partir da nossa organização produtiva.

Pelo menos cinco canais de comercialização foram priorizadas e apontados enquanto canais importantes da gente foca e cada um deles com as suas perspectivas e momentos, é para gente alcançar esse mercado. Um deles, uma questão que nos foi bastante importante na discussão, é nosso povo produz o café e consome o café comprado no mercado. Então, como a gente organiza nossa produção, ter o nosso café e fazer com que nossa base assentada acampada possa consumir o nosso café, e para isso, demanda por toda uma estrutura logística bastante grande e importante e que é um desafio muito grande, mas é foi colocado enquanto um mercado potencial e importante para a gente trabalhar mercado que a gente definiu enquanto estratégico e importante foi o que a gente amor de nossos espaços aqui na Escola Nacional Florestan Fernandes, o café que a gente consome é o café da reforma agrária, né, a cola Egidio Brunetto no extremo sul da Bahia, o café que você consome é o café da reforma agrária, seja de qual estado for, mas é um café da reforma agrária, né, nas nossas lojas e armazéns do campo, o café que se consome, que se comercializa são os cafés da reforma agrária, ao garantir que nos nossos espaços com a nossa militância com nossa base social é essa esse produto e essa identidade esteja presente no cotidiano das nossas famílias.

O terceiro canal de comercialização priorizado pela cadeia produtiva do café são as nossas feiras. Então, as nossas feiras em nível Nacional, estaduais e regionais, a tarefa é colocar o café da reforma agrária em todas elas, garantindo que em cada espaço desse aonde o diálogo é muito presente muito próximo dos trabalhadores urbanos, né, que esteja presente de fato o café da reforma agrária trazendo a sua identidade

Então, isso é uma tarefa que nós mesmos pegamos e que temos conseguido garantir todas as nossas atividades de feiras ao longo do Brasil. O quarto canal de comercialização que a gente também colocou como uma prioridade da cadeia produtiva do café, pela forma como ele dialoga com a sociedade, é o mercado institucional. Então, através dos programas de PAA e PNAE conduzidos através de editais em vários municípios e estados aqui do Brasil, a gente disputa esses editais e coloca um produto com a cara da reforma

agrária, padronizado, disponível ao mercado em quantidades bastante importantes para as nossas cooperativas.

Está só com um exemplo: a Prefeitura de Belo Horizonte, Prefeitura de vários municípios hoje compra o café da reforma agrária e disponibilizam os seus espaços da administração pública. Também como exemplo, o exército brasileiro atualmente compra o café da reforma agrária, sobretudo do Espírito Santo, em quantidades consideráveis no Paraná, Brasília, Salvador, em Minas Gerais e no Espírito Santo. E para nós é importante porque dialoga. O café servido dentro dos batalhões hoje é o café da reforma agrária e vem lá com a sua bandeira, com a sua identidade, disputando politicamente um modelo de agricultura e de produção, de organização do café nos assentamentos.

Por último, é um canal de comercialização também bastante importante e bastante difícil para nós e que está sendo priorizado pela cadeia produtiva do café é a exportação. Então, como construir instrumentos e qualidades e padrões e acessos a mercados externos onde a gente possa também levar o nosso café, uma identidade da reforma agrária, para outros países? Então, tivemos uma ação e uma e conseguimos concretizar em 2016 que foi uma exportação para Venezuela no total de 300 mil kg de café torrado e moído, onde a gente conseguiu produzir um café a partir da intercooperação de três estados: Paraná, Espírito Santo e Minas Gerais. É um café consumido na Venezuela, na mesa do trabalhador venezuelano.

Foi um café produzido, beneficiado, industrializado e comercializado pela MST a partir de suas três cooperativas produtoras de café. Também, enquanto ação desse eixo na comercialização na organização produtiva da cadeia do café, é o elemento central que foi definido coletivamente, é o desafio de construir marcas que levem a nossa identidade e que tenham boa aceitação no mercado. Então, hoje nós temos pelo menos duas marcas de

café da reforma agrária que carregam consigo esta organização e velocidade da cadeia produtiva do café: uma que é Aguaí, produzida por uma cooperativa no sul de Minas Gerais chamada Cooperativa Camponesa; a outra, o Café Terra de Sabores, é produzido, industrializado e comercializado pela Cop Terra, uma cooperativa do Espírito Santo que também desenvolveu ao longo desse estímulo da intercooperação uma marca específica.

Da mesma forma, outros estados também estamos fazendo essa discussão. Rondônia já tem uma certa experiência de organização do café e também vem tentando construir uma marca própria. A Bahia, o Paraná, São Paulo também com seus cafés específicos, arábica de qualidade do Estado de São Paulo. Para tanto, percebemos a necessidade de aprofundar nesse eixo da comercialização, estruturando e contratando uma consultoria para construir um plano de mercado, plano de marketing, compreendendo a diferença entre as cooperativas e os diferentes mercados potenciais para cada uma das cooperativas que têm tamanho de produção diferenciada, qualidade diferenciada e, portanto, acessos são potenciais de mercados diferenciados.

Um outro aspecto importante já apontado na cadeia produtiva do café é que a gente planejou e desenvolveu várias ações no eixo da agroecologia, com a tarefa de pensar, estruturar e superar o desafio de implementar a transição agroecológica dentro da cadeia produtiva do café. Foram definidas pelo menos quatro ações prioritárias neste âmbito da agroecologia. A primeira foi a construção de uma unidade demonstrativa experimental na Escola Popular de Agroecologia no Floresta Egidio Brunetto, no extremo sul da Bahia, no município de Prado, onde nos desafiamos a pegar uma área com 50 mil metros quadrados de café e fazer um processo de transição agroecológica massiva, experimental e demonstrativo para todos os estados que compõem essa organização da cadeia produtiva do café.

Uma segunda ação foi um levantamento e sistematização, em todos os estados, de experiências concretas de agroecologia ou de transição agroecológica na produção de café, das mais diferentes formas, desde sistemas mais simples de consociação policultivo até sistemas mais complexos, por exemplo, de sistemas agroflorestais. E esse conjunto de informações reunidas será sistematizado em forma de livro, em forma de cartilha, para poder também orientar não só demonstrar as experiências concretas, mas demonstrar também e aprofundar o processo metodológico de construção dessas experiências, tornando-se um instrumento pedagógico assim como a unidade demonstrativa no extremo sul da Bahia, mas instrumentos pedagógicos que possam servir enquanto orientadores desse processo de transição agroecológica.

Uma terceira ação foi compreender, estudar e implementar também ações do âmbito da certificação orgânica, enquanto um grande desafio de levar junto com a marca do MST também a certificação e a demonstração do nosso produto enquanto produtos orgânicos. Tão com base nessa discussão é algumas questões são importantes da gente refletir, né, e talvez um grande desafio é a gente apontar e compreender o que que nós temos que fazer e para avançar na organização das cadeias produtivas, incorporando todo esse acúmulo e todo esse conteúdo e método político do Movimento Sem Terra.

Primeiro desafio é nosso compreender a importância do processo de organização da produção através das cadeias produtivas, incorporando os aspectos políticos, sociais, econômicos e ambientais. O segundo seria dar-nos conta de definir quais cadeias produtivas e para quais mercados elas poderiam ser organizadas, como forma de dialogar com a sociedade, produzindo renda para os trabalhadores, produzindo inserção da juventude, produzindo e implementando e demonstrando o nosso projeto de organização do campo.

O terceiro seria levantar, estudar, o potencial de fato produtivo de cada uma dessas cadeias prioritárias e o potencial mercadológico e o tipo de cada uma dessas cadeias produtivas que se propõe a ser organizada pelo MST. E um quarto desafio seria de fato a gente dar conta de planejar a organização dessas cadeias produtivas incorporando as linhas políticas do MST enquanto princípios e valores importantes para construir não só um novo formato, novo modelo de produção de alimentos e dessa vez saudáveis para toda a sociedade, mas também construir uma nova sociedade nesse sentido, sabendo que os desafios são muito maiores do que os apresentados aqui, mas a gente tem a tarefa de ampliar, compreender, superar esses desafios e apontar para esse processo de organização das cadeias produtivas, entendendo a sua importância na disputa política do campo. Então vamos nos despedindo, agradeço bastante a oportunidade e espero encontrá-los em outras oportunidades.